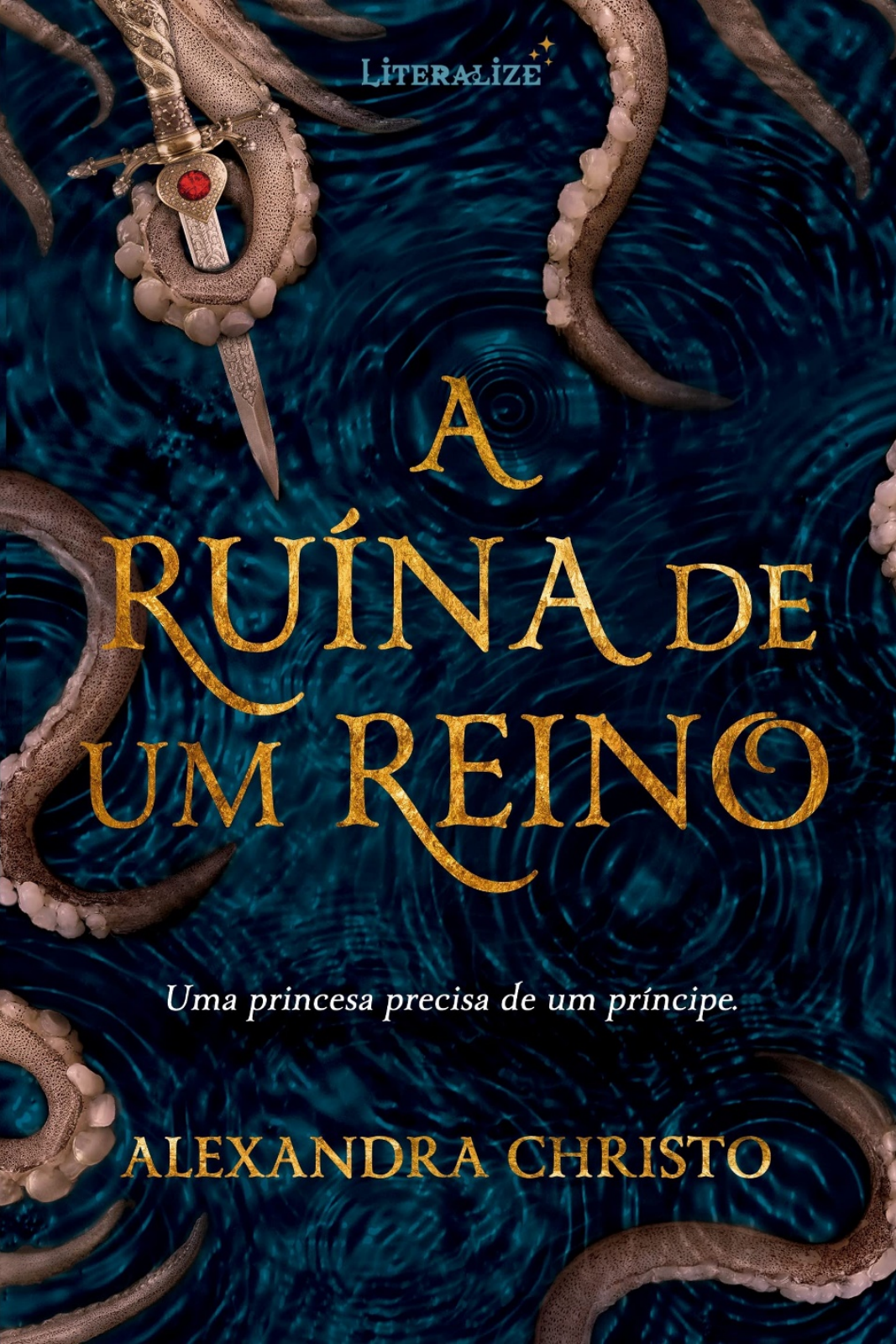




LITERALIZE

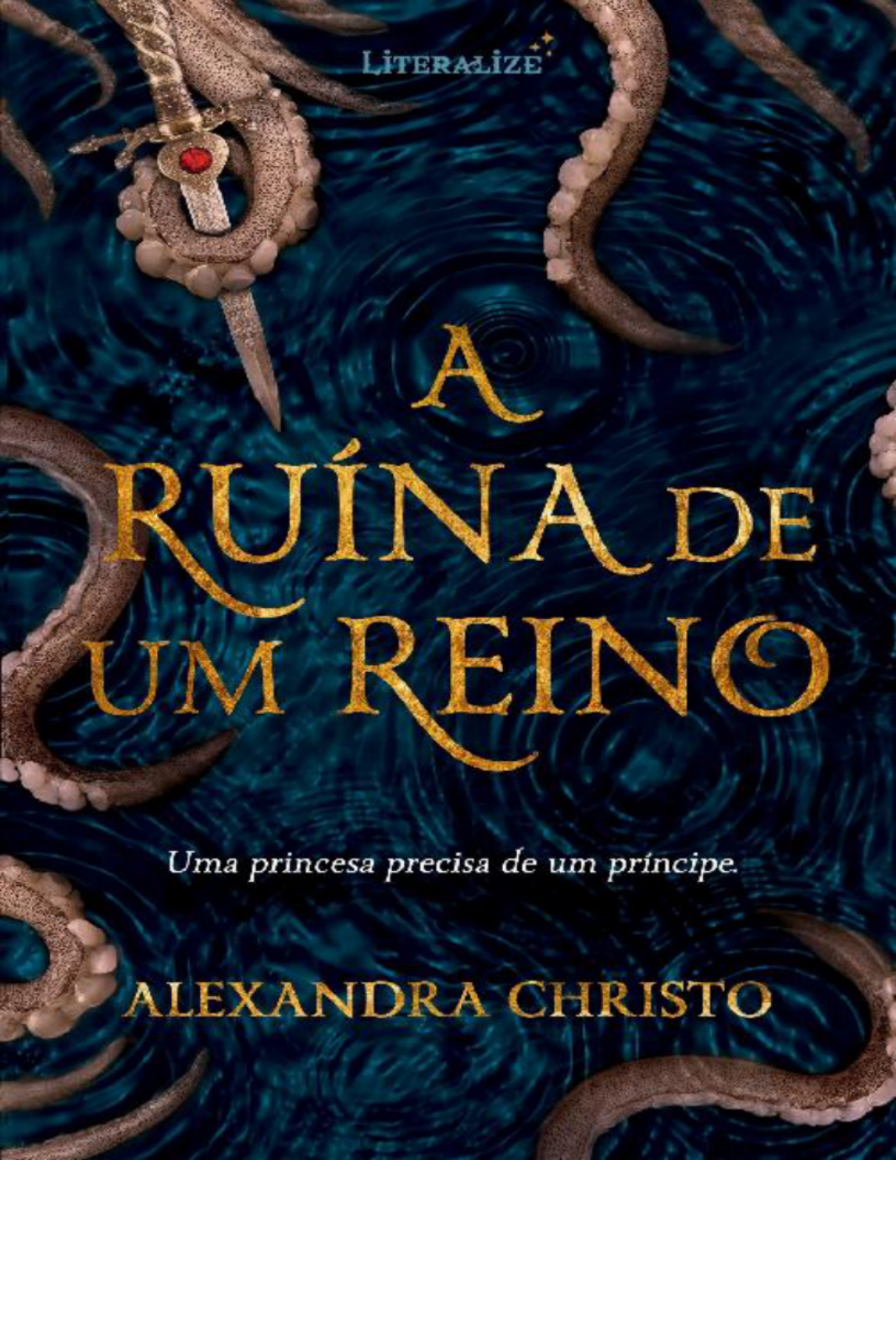
A RUÍNA DE UM REINO

Uma princesa precisa de um príncipe.

ALEXANDRA CHRISTO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

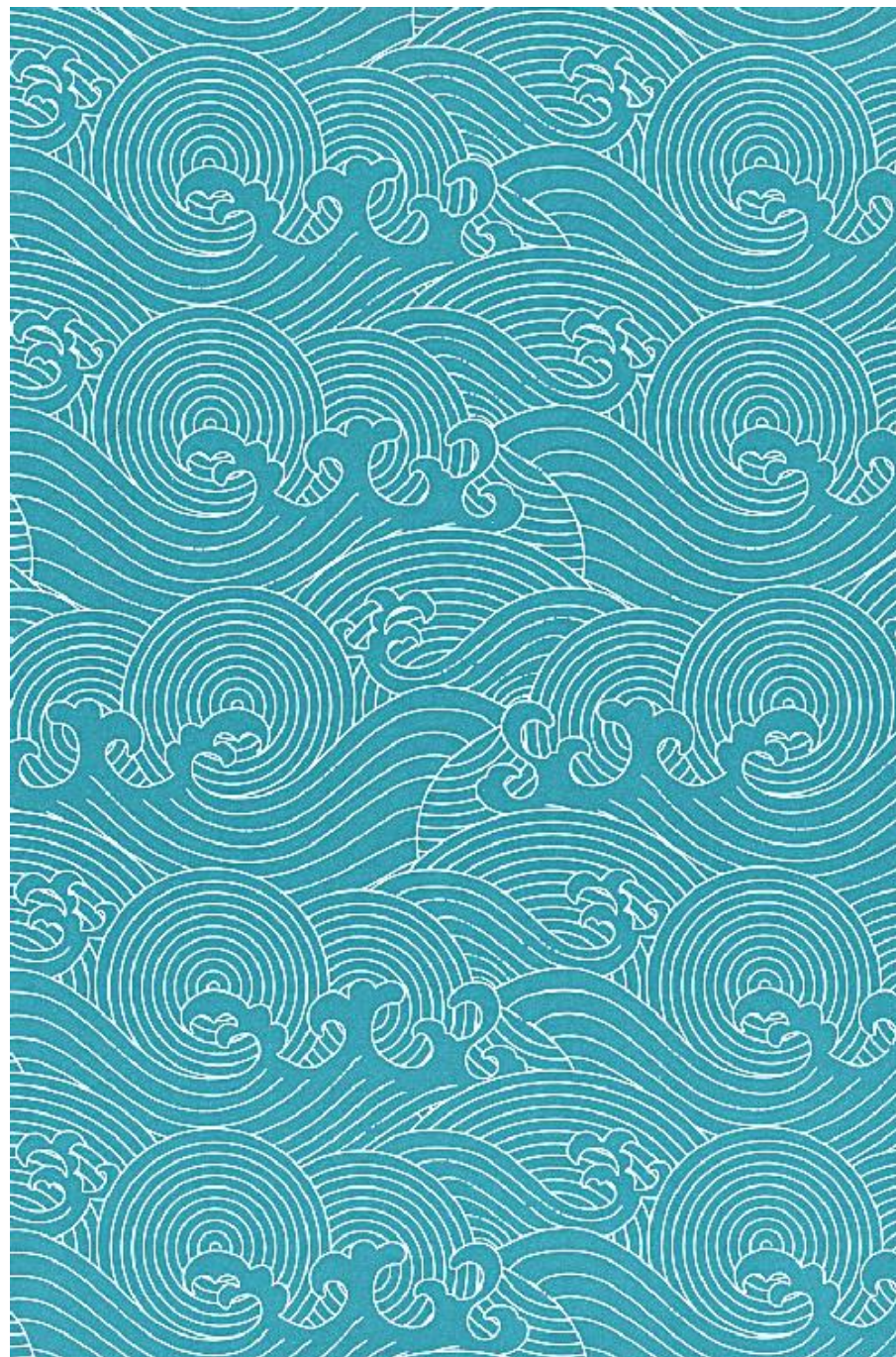


LITERALIZE

A RUÍNA DE UM REINO

Uma princesa precisa de um príncipe.

ALEXANDRA CHRISTO



A RUÍNA DE UM REINO

ALEXANDRA CHRISTO

TRADUÇÃO: MARIANA C. DIAS

Copyright © 2018 by Alexandra Christo.

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução completa ou parcial em todos os formatos.

Título original: To Kill a Kingdom

Coordenação editorial: Thayná Santana

Tradução: Mariana C. Dias

Preparação: Wélida Muniz

Revisão: João Rodrigues

Capa: adaptada do projeto original de Liz Dresner

Projeto gráfico e diagramação: Carolina Porto Ruwer e

Auracebio Pereira (Capítulo 1 — Conteúdo & Design Editoriais)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Christo, Alexandra

A ruína de um reino / Alexandra Christo ; tradução Mariana C. Dias. — 1. ed. -- São Paulo : Editora

Literalize, 2022.

Título original: To Kill a Kingdom

ISBN 978-65-991661-5-0

1. Ficção inglesa I. Título.

22-127911 CDD-823

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos desta edição reservados à

LITERALIZE 

EDITORA LITERALIZE

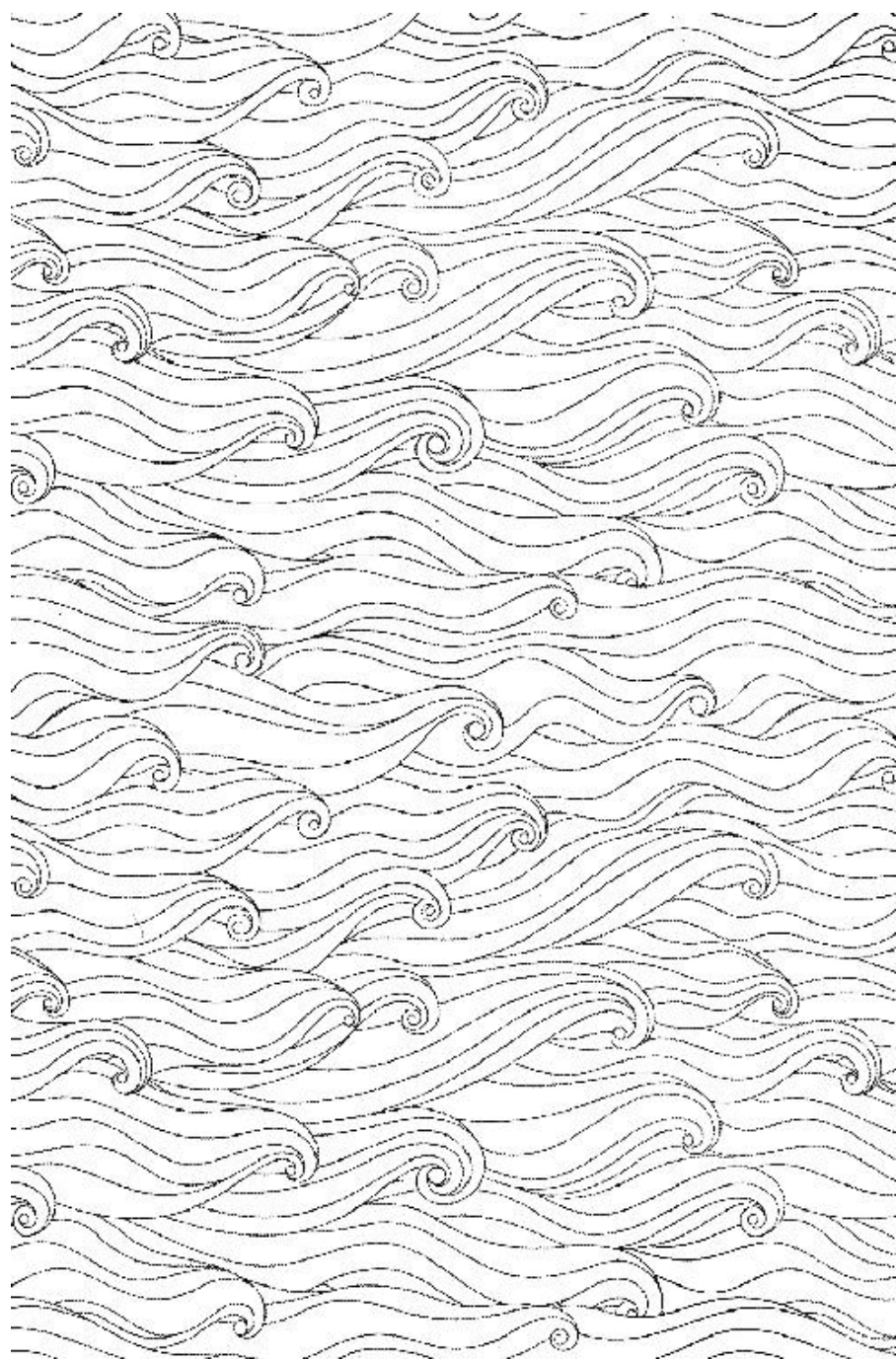
CNPJ 35.384.865/0001-83

São Paulo/SP — Brasil

faleconosco@literalize.com.br

www.literalize.com.br

Para aqueles que eu amo, que nunca tiveram a chance de ver isso acontecer





Eu tenho um coração para cada ano em que estive viva.

Há dezessete deles escondidos na areia do meu quarto. Muitas vezes, uso as unhas para remexer os cascalhos simplesmente para me certificar de que ainda estão lá. Enterrados bem fundo, e ensanguentados. Conto cada um deles para ter certeza de que nenhum foi roubado durante a noite. Não é um medo tão estranho assim de se ter. Corações são poder, e se existe algo que a minha espécie deseja mais do que o oceano, é poder.

Ouvi coisas: histórias de corações perdidos e de mulheres arpoadas ao fundo do oceano como castigo por suas traições. Abandonadas para sofrer até o sangue se transformar em sal e se dissolver na espuma do mar. Essas são as mulheres que sofrem com a caçada da espécie. Sereias que são mais peixe do que pessoa, um tronco que combina com as escamas extravagantes das barbatanas.

Diferente das ninfas do mar, as sereias têm pele azul elástica e membros no lugar do cabelo, e a falta de mandíbula lhes permite esticar a boca a ponto de conseguirem engolir tubarões inteiros. A pele azul-escura é salpicada de barbatanas que se espalham pelos braços e pelas costas. Peixe e pessoa, com a beleza de nenhum dos dois.

Elas podem ser letais, como todos os monstros, mas, enquanto ninfas do mar seduzem e matam, sereias continuam fascinadas pelos humanos. Roubam quinquilharias e seguem navios na esperança de que tesouros caiam do convés. Às vezes, salvam a vida de marinheiros e ganham apenas berloques em troca. E quando roubam os corações que guardamos, não o fazem por poder. Mas porque acham que, se comerem corações o bastante, poderão se tornar humanas.

Eu odeio sereias.

Meu cabelo serpenteia pelas minhas costas, tão vermelho quanto o meu olho esquerdo. Só o esquerdo, obviamente, porque o olho direito de toda ninfa tem a cor do mar em que ela nasceu. No meu caso, é o grande mar de Diábolos, com suas águas cor de maçã e safira. Um pouquinho de cada, a ponto de conseguir não ser nem um nem outro. Nesse mar, está o reino marinho de Keto.

É um fato muito conhecido que as ninfas do mar são lindas, mas a linhagem de Keto é nobre, e isso traz consigo sua própria beleza. Uma magnificência forjada em água salgada e realeza. Temos cílios nascidos de raspas de icebergs e lábios pintados com o sangue de marinheiros. É surpreendente ainda precisarmos de canções para roubar corações.

— Qual deles você vai querer, prima? — pergunta Kahlia, em psáriin.

Ela se senta ao meu lado na pedra e encara o navio ao longe. Suas escamas são de um castanho-avermelhado profundo, e o cabelo louro mal alcança os seios, que estão cobertos por uma trança de alga laranja.

— Você só pode estar brincando — digo. — Sabe muito bem qual deles eu vou querer.

O navio segue preguiçosamente pelas águas calmas de Adékaros, um dos muitos reinos humanos de cujo príncipe jurei me livrar. É menor do que a maioria, feito de uma madeira carmesim que representa a cor do país.

Humanos gostam de ostentar os tesouros para o mundo, mas isso apenas os transforma em alvos para criaturas como Kahlia e eu, que conseguimos identificar com facilidade um navio real. Afinal de contas, é o único da frota com a madeira pintada e a bandeira de tigre. A única embarcação na qual o príncipe de Adékaros sempre navega.

Presa fácil para aqueles que estão a fim de caçar.

O sol pesa nas minhas costas. O calor pressiona meu pescoço e faz o cabelo grudar na pele molhada. Anseio pelo gelo do mar, tão intenso e frio que mais parece uma faca gloriosa nas fendas entre os meus ossos.

— Que pena — diz Kahlia. — Quando eu o estava espionando, senti que estava olhando para um anjo. Ele tem um rosto tão bonito...

— O coração dele deve ser ainda mais bonito.

Kahlia irrompe em um sorriso selvagem.

— Faz eras que você não mata ninguém, Lira — caçoa ela. — Tem certeza de que não está enferrujada?

— Um ano não é uma era.

— Depende do ponto de vista.

Suspiro.

— Então me diga de quem é esse ponto de vista para que eu possa matar a criatura e acabar logo com essa conversa.

O sorriso de Kahlia é impiedoso. Do tipo guardado para momentos quando sou perversa, já que esse é o traço que supõem que as ninfas do mar mais valorizam. Nossa atrocidade é preciosa. Amizade e irmandade são vistas como algo tão estranho quanto terra firme. E lealdade é reservada apenas para a Rainha do Mar.

— Você está meio sem coração hoje, não é?

— Nada disso — digo. — Tenho dezessete deles debaixo da cama.

Kahlia sacode a água do cabelo.

— Tantos príncipes que você já provou...

Ela diz isso como se fosse algo de que se orgulhar, mas porque Kahlia é jovem e roubou apenas dois corações. Nenhum deles da realeza. Isso é a minha especialidade, o meu território. Parte da reverência de Kahlia por mim é por causa disso. A dúvida de se os lábios de um príncipe têm um gosto diferente do dos outros humanos. Eu não sei dizer, já que príncipes são tudo o que já provei.

Desde quando a nossa deusa, Keto, foi morta por humanos, virou costume roubar um coração todo ano no mês de nosso aniversário. É uma celebração à

vida que Keto nos deu, um tributo em vingança à vida que os humanos roubaram dela. Quando eu era nova demais para caçar, minha mãe era responsável pela minha parte, em respeito à tradição. E ela sempre me dava príncipes. Alguns tão jovens quanto eu. Outros velhos e carrancudos, ou filhos do meio que nunca teriam a chance de governar. O rei de Armonía, por exemplo, uma vez teve seis filhos, e, nos meus primeiros aniversários, minha mãe trouxe um deles a cada ano.

Quando, por fim, fiquei velha o bastante para me aventurar sozinha, não me ocorreu ignorar a realeza e mirar nos marinheiros, como o resto da minha espécie faz, nem mesmo caçar príncipes que, um dia, assumiriam o trono. Sou apenas uma seguidora leal das tradições da minha mãe.

— Você trouxe a sua concha? — pergunto.

Kahlia tira o cabelo do ombro para mostrar a concha laranja presa ao redor do pescoço. Outra igualzinha, apenas alguns tons mais suja de sangue, pende da minha garganta. Não parece muita coisa, mas esse é o jeito mais fácil de nos comunicarmos. Se as segurarmos no ouvido, podemos ouvir o som do oceano e a canção do palácio subaquático de Keto, o qual chamamos de lar. Para Kahlia, ela pode usá-lo como um mapa para o mar de Diábolos, caso nos separemos. Estamos bem longe do nosso reino, e levou quase uma semana para nadarmos até aqui. Por Kahlia ter catorze anos, ela tende a ficar perto do palácio, mas eu decidi que isso deveria mudar e, como sou a princesa, meus desejos são lei.

— Não vamos nos separar — diz Kahlia.

Normalmente, não me importaria se uma das minhas primas estivesse encalhada em um oceano desconhecido. No todo, são um grupinho entediante e previsível, com pouca ambição ou imaginação. Desde que a minha tia morreu, elas se tornaram laciais adoradoras da minha mãe. O que é ridículo, pois a Rainha do Mar não existe apenas para ser adorada. Ela existe para ser temida.

— Lembre-se de escolher apenas um — instruo. — Não perca o foco.

Kahlia assente.

— Qual deles? — pergunta. — Ou ele vai cantar para mim quando eu estiver perto?

— Só a gente vai cantar — digo. — Vamos enfeitiçar todos eles, mas, se você puser o foco em apenas um, ele vai se apaixonar por você tão perdidamente que, mesmo enquanto você o estiver afogando, ele vai gritar apenas sobre a sua beleza.

— O feitiço costuma ser quebrado quando eles começam a morrer — comenta Kahlia.

— Só se você focar em todos eles, porque, lá no fundo, eles sabem que nenhum deles é o que o seu coração deseja. O truque é fazê-los acreditar que você os quer tanto quanto eles a querem.

— Mas eles são nojentos — diz Kahlia, apesar de parecer não acreditar nisso tanto quanto gostaria. — Como poderíamos desejar um ser desses?

— Por que você não está mais lidando apenas com marinheiros. Está lidando com a realeza. E com a realeza vem poder. Poder é *sempre* desejável.

— Realeza? — Kahlia fica boquiaberta. — Eu pensei que...

Suas palavras morrem. Ela pensou que os príncipes eram meus e que eu não os compartilhava. Isso não era mentira, mas, onde havia príncipes, havia reis e rainhas, e eu nunca tive muito interesse em nenhum desses dois. Governantes são facilmente depostos. São os príncipes que cativam o meu fascínio: sua juventude, sua lealdade ao povo. A promessa do líder que, um dia, podem se tornar. São a próxima geração de governantes e, ao matá-los, eu mato o futuro. Do jeito que a minha mãe me ensinou.

Seguro a mão de Kahlia.

— Você pode ficar com a rainha. Eu não tenho interesse no passado.

Os olhos de Kahlia se iluminam. O olho direito exhibe o mesmo tom de safira do mar de Diábolos que eu conheço muito bem; mas o esquerdo é de um amarelo untuoso que mal se diferencia do branco, mas que brilha com uma felicidade rara. Se ela roubar um coração no décimo quinto aniversário, com certeza ganhará a clemência da raiva eterna da minha mãe.

— E você fica com o príncipe — diz Kahlia. — O do rosto bonito.

— O rosto dele não faz diferença. — Solto a mão dela. — É o coração que eu quero.

— Tantos corações... — A voz dela soa angelical. — Daqui a pouco você vai ficar sem espaço para enterrá-los.

Umedeço os lábios.

— Talvez — digo —, mas uma princesa precisa de um príncipe.



○ navio tem uma textura áspera sob os meus dedos. A madeira está lascada; a tinta, rachada e descamando ao longo do casco. Ele corta a água de um jeito irregular, como uma faca cega que pressiona e lacera até conseguir atravessar. Há podridão em alguns lugares, e o cheiro me faz franzir o nariz.

É o navio de um príncipe pobre.

Nem toda realza é igual. Alguns se decoram com roupas finas, joias insuportavelmente pesadas e grandes que afundam duas vezes mais rápido. Outros mal se vestem, com apenas um ou dois anéis e coroas de bronze pintadas de ouro. Não que isso importe. Afinal de contas, um príncipe é um príncipe.

Kahlia fica do meu lado, e nadamos, acompanhando o navio rasgando o mar. É uma velocidade estável que conseguimos acompanhar com facilidade. Esta é a espera agonizante, quando os humanos se tornam presas. Algum tempo passa antes de o príncipe finalmente aparecer no convés e lançar os olhos para o oceano. Ele não nos vê. Estamos muito perto e nadamos rápido demais. Do rastro do navio, Kahlia olha para mim, e seus olhos fazem uma pergunta. Com um sorriso que vale tanto quanto um aceno de cabeça, respondo ao olhar da minha prima.

Emergimos da espuma e abrimos os lábios.

Cantamos em perfeito uníssono na língua de Midas, o idioma humano mais comum, e que as ninfas do mar conhecem muito bem. Não que as palavras importem. É a música que os seduz. Nossas vozes ecoam no céu e ecoam através do vento. Cantamos como se houvesse um coro completo da gente e, enquanto a melodia assombrosa ricocheteia e ascende, ela espirala para dentro do coração dos membros da tripulação até, finalmente, o navio desacelerar e parar.

— Você ouviu isso, mãe? — pergunta o príncipe. A voz é alta e onírica.

A rainha está parada ao lado dele no convés.

— Acho que não...

Sua voz falha quando a melodia a acaricia e a leva à submissão. É uma ordem, e todos os humanos têm de parar. O corpo congelado enquanto os olhos investigam o mar. Coloco o meu foco no príncipe e canto com mais suavidade. Em instantes, seus olhos recaem para os meus.

— Deuses — diz ele. — É você.

Ele sorri, e do olho esquerdo escapa uma única lágrima.

Paro de cantar, e a minha voz volta a cantarolar baixinho.

— Meu amor — diz o príncipe. — Eu finalmente te encontrei.

Ele agarra a enflechadura e olha muito além da beirada, o peito achatado contra a madeira, e uma das mãos se esticando para me tocar. O príncipe veste uma camisa bege, os cordões estão soltos no peito; as mangas, rasgadas e meio comidas por traças. A coroa é uma chapa fina de ouro que parece correr o risco de quebrar caso o príncipe se mova rápido demais. Ele parece desolado e pobre.

Mas, por outro lado, há o rosto dele.

Macio e redondo, a pele parecida com madeira envernizada e os olhos de um penetrante tom mais escuro. O cabelo dança e se enrola perto da cabeça, uma bagunça linda de voltas e espirais. Kahlia tinha razão: ele é angelical. Magnífico, até. O coração desse príncipe vai ser um belo de um troféu.

— Você é tão linda — diz a rainha, olhando para baixo na direção de Kahlia, admirada. — Não sei como algum dia considere outro ser bonito.

O sorriso de Kahlia é instintivo quando ela se aproxima da rainha, chamando-a para o oceano.

Eu me viro para o príncipe, que estica a mão para mim em desespero.

— Meu amor — implora ele. — Suba.

Balanço a cabeça e continuo a cantarolar. O vento suspira com o embalo da minha voz.

— Vou até você, então! — grita ele, como se tivesse escolha.

Com um sorriso jubiloso, ele se joga no oceano. Depois do baque de seu corpo, vem um segundo, que sei que é o da rainha, jogando-se à mercê da minha prima. O som das quedas desperta algo na tripulação e, em um instante, estão gritando.

Apoiando-se na beirada do navio, cinquenta deles se agarram às cordas e à madeira, observando o espetáculo abaixo, horrorizados. Mas nenhum deles ousa se jogar para salvar os soberanos. Sinto o cheiro do medo misturado à confusão que chega com a ausência repentina de nossa canção.

Encontro os olhos do meu príncipe e acaricio a sua pele macia e angelical. Gentilmente, com uma das mãos na bochecha e a outra repousada nos ossos finos de seus ombros, eu o beijo. E quando meus lábios provam os dele, puxo-o para baixo.

O beijo se rompe quando estamos fundo o bastante. Minha canção acabou faz tempo, mas o príncipe continua apaixonado. Mesmo enquanto a água enche seus pulmões e a boca se abre em um arquejo, ele mantém os olhos em mim, estampando lá uma paixão gloriosa.

Enquanto se afoga, ele toca os lábios com os dedos.

Ao meu lado, a rainha de Kahlia luta. A nobre agarra a garganta da minha prima e a empurra para longe. Com raiva, Kahlia segura o tornozelo da mulher e a segura muito abaixo da superfície. O rosto da rainha é puro escárnio enquanto ela tenta escapar. É inútil. A força de uma ninfa é potente demais.

Eu acaricio o príncipe moribundo. Meu aniversário é só daqui a duas semanas. O passeio foi um presente para Kahlia: segurar o coração de um nobre em suas mãos e marcá-lo como o seu décimo quinto. Eu não deveria estar roubando um coração quinze dias antes, quebrando a nossa regra mais sagrada.

Mas tem um príncipe morrendo lentamente diante dos meus olhos. Pele escura e lábios azuis como o oceano. Cabelo flutuando atrás dele como alga preta. Algo na pureza dele me faz lembrar da primeira vez que matei. Do garotinho que ajudou minha mãe a me transformar no monstro que sou hoje.

Que rosto bonito, penso.

Passo o polegar pelos lábios do pobre príncipe, saboreando sua expressão pacífica. Então, solto um grito agudo como nenhum outro. É o tipo de barulho que quebra ossos e rasga a pele. Um barulho que deixaria a minha mãe orgulhosa.

Com um único movimento, mergulho o punho no peito do príncipe e arranco o seu coração.



Tecnicamente, eu sou um assassino, mas gosto de pensar que essa é uma das minhas melhores qualidades.

Seguro a faca em direção à lua, admirando o sangue que a enverniza antes que ele penetre o aço e desapareça. Ela foi feita para mim quando fiz dezessete anos, quando ficou claro que matar não era apenas mais um passatempo. *É indecente*, disse o rei, *o príncipe de Midas carregar lâminas enferrujadas por aí*. Então, agora, carrego uma lâmina mágica que bebe o sangue das vítimas tão rápido que mal tenho tempo para admirá-lo. O que é muito mais adequado, ao que parece. Se não um tanto dramático.

Observo a criatura morta no meu convés.

O *Saad* é uma embarcação poderosa que se estende pelo tamanho de dois navios completos; poderia ter uma tripulação de mais de quatrocentas pessoas, mas tem a exata metade do número, pois valorizo lealdade acima de tudo. Lanternas pretas adornam a popa, e o gurupés se estende adiante com uma ponta perfurante. O *Saad* é muito mais que um navio: é uma arma. Pintado de azul-meia-noite, com velas do mesmo tom de creme da pele da rainha e um convés tão polido quanto o do rei.

Um convés que, por ora, é o lar do cadáver ensanguentado de uma ninfa do mar.

— Isso daí não deveria estar derretendo?

Isso é dito por Kolton Torik, meu imediato. Torik entrou há pouco tempo na casa dos quarenta, tem um bigode totalmente branco e uns bons dez centímetros a mais que eu. Cada um dos braços tem o tamanho de cada uma das minhas pernas, e não lhe falta corpo. Nos meses de verão como este, ele usa bermudas cortadas, o tecido desfiado na altura dos joelhos, e uma camisa branca sob um colete preto preso com uma fita vermelha. Isso me diz que, de todas as coisas que ele leva a sério — as quais são, na verdade, a maioria —, o seu papel como um quase-pirata provavelmente não é uma delas. É uma contradição para os membros da tripulação, como Kye, que não leva absolutamente nada a sério, mas se veste como se fosse um membro honorário dos infames ladrões de Xaprár.

— Estou me sentindo estranho só de olhar para essa coisa — diz Torik. — Parece humana da cintura para cima.

— E está gostando do que está vendo da cintura para cima, não é?

Torik fica um tom mais vermelho e desvia a sua atenção dos seios expostos da ninfa.

É claro, entendo o que ele quis dizer, mas, em algum lugar entre os mares, eu me esqueci de como ficar horrorizado. Não tem como ignorar as barbatanas e os lábios ensanguentados, ou os olhos que brilham com duas cores diferentes. Homens como Torik, homens de bem, veem o que essas criaturas poderiam ser: mulheres e garotas, mães e filhas. Mas eu só consigo vê-las como são: monstros e feras, criaturas e demônios.

Não sou um homem de bem. Acho que faz tempo que não sou um deles.

Na nossa frente, a pele da ninfa do mar começa a dissolver. O cabelo derrete em um tom verde-mar, e as escamas espumam. Até mesmo o sangue, que um segundo antes ameaçava manchar o convés do *Saad*, começa a escumar até tudo o que resta é espuma do mar. E um minuto depois isso também desaparece.

Sou grato por essa parte. Quando uma ninfa morre, ela retorna ao oceano, o que significa que não há motivo para nenhuma incineração desnecessária de corpos. Nada de lançar cadáveres apodrecidos no mar. Posso não ser um homem de bem, mas sou bom o suficiente para preferir assim.

— E agora, Capitão?

Kye embainha a espada e se coloca ao lado de Madrid, a minha segunda imediata. Como sempre, ele está todo de preto, trajando um couro cheio de retalhos e luvas que terminam na ponta dos dedos. O cabelo castanho-claro está raspado dos dois lados, como a maior parte dos homens de Omorfíá, onde a aparência é valorizada acima de tudo. O que, no caso de Kye, também inclui a moral. Por sorte dele — e, talvez, de todos nós —, Madrid é especialista em convencer as pessoas a serem decentes. Para uma assassina treinada, ela é estranhamente ética, e o relacionamento dos dois tem sido o bastante para impedir Kye de rolar ladeira abaixo.

Lanço um sorriso para Kye. Gosto de ser chamado de Capitão. Chefe. Qualquer coisa além de Meu Senhor, Meu Príncipe. *Vossa Alteza Real Sir Elian Midas*. Seja lá o que os devotos gostem de cuspir entre as reverências infinitas. “Capitão” combina comigo de um jeito que o meu título nunca combinou. Sou muito mais pirata do que príncipe, de qualquer forma.

Começou quando eu tinha quinze anos e, pelos últimos quatro, não estive em nenhum outro lugar, exceto no oceano. Quando estou em Midas, meu corpo anseia dormir. Há uma fadiga constante que acompanha ter de agir como príncipe em um lugar onde até mesmo as conversas com os membros da corte que me veem como um deles tornam-se exaustivas demais para sequer me manter acordado. Quando estou a bordo do *Saad*, mal durmo. Nunca pareço estar cansado o suficiente. Existe um tamborilar e um latejar constantes. Descargas como relâmpagos que percorrem as minhas veias. Estou alerta, sempre, e tão cheio de energia nervosa que, enquanto o resto da tripulação dorme, eu me deito no convés e conto as estrelas.

Enxergo formas nelas, e dessas formas crio histórias. De todos os lugares que estive e vou estar. De todos os mares e oceanos que ainda vou visitar e de todos os homens que ainda vou recrutar e de todos os demônios que ainda vou matar. A emoção disso tudo nunca acaba, nem quando os mares se tornam letais. Nem

quando ouço a canção familiar que atinge a alma e me faz acreditar no amor como se fosse a primeira vez. O medo apenas me deixa mais sedento.

Como Elian Midas, príncipe herdeiro do trono midano, fico sempre mais que um pouco entediado. Minhas conversas são sobre propriedades e riquezas, a qual baile vou comparecer e qual lady tem o vestido mais elegante, se eu acho que alguma delas vale o contratempo. Cada vez que atraco em Midas e sou obrigado a interpretar um papel, parece uma perda de tempo. Um mês, uma semana, um dia que não posso recuperar. Uma oportunidade perdida, ou uma vida não salva. Mais um nobre que eu poderia muito bem ter entregado à Maldição dos Príncipes.

Mas, quando sou apenas Elian, capitão do *Saad*, eu me transformo. Quando o barco atraca em qualquer que seja a ilha que escolhi para aquele dia, contanto que eu esteja com a minha tripulação, posso ser eu mesmo. Bebo até ficar tonto e brinco com mulheres cuja pele se aquece com a exploração. Mulheres que têm cheiro de rosas e cevada e que, ao ouvirem que sou um príncipe, caem na gargalhada e dizem que isso não vai me fazer ganhar nenhuma bebida de graça.

— Capitão? — chama Kye. — Diga qual é o plano.

Subo correndo os degraus até o convés do castelo, tiro o telescópio dourado do passador do cinto e o levo ao olho contornado com kajaal. Na borda do gurupês, vejo o oceano. Por quilômetros e quilômetros. Pela eternidade, até. Nada, exceto água limpa. Umedeço os lábios, faminto pelas emoções futuras.

Há nobreza em mim, mas, mais do que isso, há aventura. Indecoroso, meu pai havia dito, o herdeiro de Midas ter uma faca enferrujada, ou navegar em mar aberto e desaparecer por meses a cada vez, ou chegar aos dezenove anos sem uma esposa decente, ou usar chapéus em formato de triângulos e trapos com cordões soltos no lugar de fios de ouro.

Era indecoroso ser um pirata e um caçador de ninfas do mar, em vez de um príncipe.

Suspiro e me viro em direção à proa. Tanto oceano... mas, ao longe, longe demais para ser vista, há terra. É onde está a ilha de Midas. O meu lar.

Olho para baixo, para a minha tripulação. Duzentos marinheiros e guerreiros que veem minha missão como honrosa e bravia. Não como aqueles na corte, que ouvem o meu nome e imaginam um jovem príncipe que precisa expurgar a aventura de dentro de si. Esses homens e mulheres ouviram o meu nome e juraram lealdade eterna.

— Tudo bem, seu bando de facínoras desmembradores de ninfas do mar — grito para eles —, virem o barco para a esquerda.

Minha tripulação ruge em aprovação. Em Midas, certifico-me de que sejam mimados com tanta bebida e comida quanto quiserem. Barrigas cheias e camas com lençóis sedosos. Muito mais luxo do que com o que estão acostumados ao dormir no *Saad* ou nas camas recheadas de palha das estalagens que encontramos pelas terras que visitamos.

— Minha família vai querer saber como nos saímos — digo a eles. — Vamos para casa.

Uma trovoadra de pés bate no chão. Eles aplaudem, em triunfo, ao ouvir o anúncio. Sorrio e decido manter a alegria no rosto. Não pretendo vacilar. É uma parte-chave da minha imagem: nunca chateado, nem bravo, nem desencorajado, mas sempre no controle da minha vida e do meu destino.

O navio vira com tudo para estibordo, balançando em uma grande circunferência enquanto a tripulação se apressa por todo o convés, ansiosa pelo retorno à Midas. Nem todos são nativos; alguns são de reinos vizinhos como Armonía ou Adékaros. Países dos quais se cansaram, ou lugares tomados pelo caos após a morte de seus príncipes. São de toda parte, e seus lares não são lugar nenhum, mas é de “casa” que chamam Midas, porque eu o faço. Mesmo que seja uma mentira para mim e para eles. Minha tripulação é a minha família, e, apesar de eu nunca poder dizer em voz alta — e, talvez, nem precise —, o *Saad* é o meu verdadeiro lar.

Estamos indo em direção a apenas mais uma parada.

QUATRO



Em Midas, o oceano brilha dourado. Pelo menos, essa é a ilusão. Na verdade, é tão azul quanto qualquer outro mar, mas a luz se comporta de um jeito diferente. De uma maneira inexplicável. A luz pode mentir.

As torres do castelo se erguem acima da terra, construídas na maior das pirâmides. Feitas de ouro puro para que cada pedra e tijolo seja uma expansão reluzente da luz do sol. As estátuas se espalham pelo horizonte, e as casas nas cidades mais baixas são todas pintadas da mesma cor. Ruas e paralelepípedos luzem amarelos, para que, quando o sol atingir o oceano, reflitam um brilho inconfundível. É só durante o intervalo mais escuro da noite que o verdadeiro azul do mar de Midas pode ver visto.

Como príncipe midano, meu sangue é supostamente feito desse mesmo ouro. Todas as terras nos cem reinos têm os próprios mitos e fábulas sobre a realeza. Os deuses esculpiram a família de Págos a partir da neve e do gelo. Cada geração foi presenteada com cabelo como leite e lábios tão azuis quanto os céus. Os nobres de Eidýllion são descendentes do Deus do Amor, então qualquer um tocado por eles encontra sua alma gêmea. E os monarcas de Midas são feitos de ouro.

A lenda diz que a minha família toda sangra tesouros. É claro, eu já sangrei muito na vida. As ninfas do mar perdem toda a serenidade quando vão de caçadoras a presas e pedaços das unhas delas encrustam meus braços. Meu sangue foi derramado mais vezes do que o de qualquer outro príncipe, e posso atestar o fato de que nunca foi dourado.

Disso, minha tripulação sabe. São eles que limpam as feridas e costuram a minha pele. Ainda assim, divertem-se com a lenda, rindo e assentindo duvidosamente sempre que as pessoas falam do sangue dourado. Nunca trairiam o segredo da minha banalidade.

— É claro — diz Madrid a qualquer um que lhe pergunte. — O capitão é feito dos pedaços mais puros do sol. Vê-lo sangrar é como olhar nos olhos dos deuses.

Kye sempre chega mais perto e abaixa a voz de um jeitinho que só quem sabe todos os meus segredos poderia fazer.

— Depois que uma mulher fica com ele, ela chora lágrimas de metal líquido... por uma semana. Em partes por sentir uma saudade terrível do toque dele e em partes para recuperar o próprio orgulho.

— Sim — adiciona Torik, sempre. — E ele também caga arco-íris.

Eu me demoro no convés do castelo de proa do *Saad*, ancorado no porto de Midas. Estou preocupado com a ideia de colocar os pés em terra firme depois de tantas semanas no mar. Sempre fico assim. Ainda mais estranha é a ideia de que vou precisar deixar as partes verdadeiras de mim no *Saad* antes de seguir para a pirâmide e até a minha família. Faz quase um ano desde que estive aqui e, apesar de eu sentir saudade de todos eles, não parece que passou tempo o bastante.

Kye está de pé ao meu lado. O resto da tripulação começou a caminhada, como um exército marchando em direção ao palácio, mas ele raramente me deixa sozinho, a não ser quando eu peço. Contramestre, melhor amigo e guarda-costas. Ele nunca admitiria o último título, apesar de meu pai ter oferecido a ele dinheiro o suficiente pela posição. É claro, na época, Kye fazia parte da minha tripulação há tempo o suficiente para saber que eu não precisava ser salvo, e já era meu amigo há tempo o bastante para estar disposto a tentar de qualquer maneira.

Ainda assim, aceitou o ouro. Ele aceitava a maioria das coisas simplesmente porque podia. Isso vinha com a realidade de ser filho de um diplomata. Se Kye fosse ser uma decepção para o pai ao se juntar a mim em uma caçada por ninfas, em vez de passar a vida no mundo da política e em negociações entre reinos, então não o faria pela metade. Investiria tudo de si na tarefa. Afinal de contas, a ameaça de acabar deserdado já tinha sido feita.

Ao meu redor, tudo brilha. Construções, calçadas e até as docas. Acima, centenas de pequeninas lanternas douradas flutuam aos céus, celebrando a minha volta para casa. O conselheiro do meu pai é da terra dos adivinhos e profetas, então ele sempre sabe quando estou prestes a voltar. Todas as vezes, os céus dançam com as lanternas reluzentes, como joias ao lado das estrelas.

Inspiro o cheiro familiar da minha terra natal. Midas sempre parece ter cheiro de fruta. Muitos tipos diferentes de uma vez só. Pera-manteiga e pêssegos safira, a polpa adocicada deles misturando-se com a doçura do licor de damasco. E sob tudo isso, há um aroma fraco de alcaçuz, que vem do *Saad* e, mais provavelmente, de mim.

— Elian. — Kye joga um braço sobre o meu ombro. — Nós deveríamos ir andando se quisermos ter algo para comer esta noite. Você sabe que aquele bando não vai deixar nada para batermos um rango se dermos bobeira.

Eu rio, mas soa mais como um suspiro.

Tiro o chapéu. Já troquei a roupa de marinheiro e vesti o único traje respeitável que guardo no navio. Uma camiseta cor de creme, com botões, em vez de um cordão, e uma calça azul-marinho presa por um cinto dourado. Não é muito adequado para um príncipe, mas não há mais traços do pirata no traje. Até tirei o anel com o brasão da família da correntinha ao redor do pescoço e o coloquei no polegar.

— Você tem razão. — Penduro o chapéu no leme do navio. — É melhor acabarmos logo com isso.

— Não vai ser tão ruim assim. — Kye ergue o colarinho. — Você pode acabar gostando das reverências. Talvez até abandone o navio e nos deixe encalhados na terra do ouro. — Ele chega mais perto e bagunça o meu cabelo. —

Não seria uma coisa tão ruim — diz ele. — Eu até que gosto de ouro.

— Um pirata de verdade. — Empurro-o sem entusiasmo. — Mas você pode ir tirando essa ideia da cabeça. Vamos até o palácio, participaremos do baile que, com certeza, darão para me homenagear, e iremos embora antes de a semana terminar.

— Um baile? — A sobrançelha de Kye se ergue. — Que honra, milorde. — Ele se inclina em uma reverência rasante, uma das mãos na barriga.

Eu o empurro de novo. Mais forte.

— Deuses. — Faço uma careta. — Por favor, pare com isso.

De novo, ele faz uma reverência, só que, desta vez, mal consegue segurar a gargalhada.

— Seu desejo é uma ordem, Vossa Alteza.



Minha família está na sala do trono. O cômodo é decorado com bolas flutuantes de ouro, bandeiras estampadas com o brasão de Midas e uma grande mesa cheia de joias e presentes. Ofertas do povo para celebrar o retorno do seu príncipe.

Após abandonar Kye na sala de jantar, vejo a minha família na porta, ainda não totalmente pronta para anunciar minha presença.

— Não é que eu não ache que ele mereça — diz minha irmã.

Amara tem dezesseis anos, olhos de molochie e cabelo tão preto quanto o meu, e está quase sempre salpicado com ouro e pedras preciosas.

— É só que eu acho difícil ele querer algo do tipo. — Amara ergue um bracelete de ouro em forma de pena e o apresenta ao rei e à rainha. — É sério — argumenta ela. — Vocês conseguem ver o Elian usando isso? Estou fazendo um favor a ele.

— Roubar virou favor agora? — questiona a rainha. As tranças em cada lado da franja balançam quando ela se vira para o marido. — O que você acha de mandarmos a nossa filha para Kléftes? Assim ela pode viver com os outros ladrões.

— Eu nem sonharia em fazer isso — diz o rei. — Se eu enviar o meu demoniozinho para lá, verão isso como um ato de guerra quando ela roubar o anel do brasão.

— Até parece. — Eu finalmente entro no cômodo. — Ela seria esperta o bastante para ir atrás da coroa primeiro.

— Elian!

Amara corre até mim e joga os braços ao redor do meu pescoço. Devolvo o abraço e a levanto, tão animado em vê-la quanto ela está em me ver.

— Você está em casa! — diz ela, assim que a coloco de volta no chão. Olho para ela com um desdém fingido.

— Eu fico fora cinco minutos, e você já está planejando me roubar.

Amara me cutuca na barriga.

— Só algumas coisinhas.

Meu pai se levanta do trono, e os dentes brilham em contraste com a pele escura.

— Meu filho.

Ele me envolve em um abraço e me segura pelos ombros. Minha mãe desce os degraus para se juntar a nós. Ela é pequena, mal chega ao ombro do meu pai, e tem feições delicadas, graciosas. Seu cabelo está cortado em uma linha reta na altura do queixo. Os olhos são verdes, contornados por tufos pretos que lambem as têmporas, e lembram os de um gato.

O rei é o oposto dela em todos os aspectos. Grande e forte, com um cavanhaque preso com miçangas. Seus olhos são de um castanho que combina com a pele, e a mandíbula é marcada e quadrada. Com o hierático de Midas decorando o rosto, ele parece um guerreiro até o último fio de cabelo. Minha mãe sorri.

— Estávamos começando a nos preocupar, achando que você tinha se esquecido da gente.

— Só por um tempinho. — Eu beijo a bochecha dela. — Lembrei assim que atracamos. Vi a pirâmide e pensei: “Ah, minha família mora ali. Eu me lembro do rosto deles. Espero que tenham comprado um bracelete para celebrar a minha volta para casa.” — Lanço um sorriso para Amara, e ela volta a me cutucar.

— Você comeu alguma coisa? — pergunta a minha mãe. — Tem uma festa acontecendo no salão de banquetes. Acho que os seus amigos devem estar por lá agora.

Meu pai grunhe.

— Sem dúvida comendo tudo, exceto os nossos utensílios.

— Se quer que eles comam os talheres, basta esculpir tudo em queijo.

— É sério mesmo, Elian? — Minha mãe bate no meu ombro, então ergue a mão para tirar o cabelo da minha testa. — Você parece cansado — diz ela. Eu pego a mão dela e a beijo.

— Estou bem. É isso que dormir em um barco faz com um homem.

Na verdade, eu achava que não parecia cansado até sair do *Saad* e pisar no cimento pintado de ouro em Midas. Um passo, e a vida foi toda drenada de mim.

— Você deveria experimentar dormir na sua cama por mais do que alguns dias por ano — diz meu pai.

— Radames — repreende-o a minha mãe. — Não comece.

— Só estou conversando com o garoto! Não tem nada lá fora, exceto água.

— E ninfas do mar — lembro a ele.

— Rá! — A risada dele é um rugido. — E é trabalho seu caçá-las, é? Se não tomar cuidado, vai nos deixar que nem Adékaros.

Franzo a testa.

— O que você quer dizer com isso?

— Que a sua irmã talvez precise assumir o trono.

— Não temos com o que nos preocupar, então. — Jogo o braço ao redor de Amara. — Ela, com certeza, seria uma rainha melhor do que eu.

Amara segura o riso.

— Ela tem dezesseis anos — chia o meu pai. — Uma criança deveria poder aproveitar a vida sem ter que se preocupar com todo um reino.

— Ah. — Cruzo os braços. — Ela sim, mas eu, não.

— Você é o mais velho.

— É mesmo? — Finjo ponderar isso. — Mas tenho um brilho tão jovial.

Meu pai abre a boca para responder, mas minha mãe apoia uma mão afável no ombro dele.

— Radames — diz ela. — Acho que é melhor o Elian dormir um pouco. O baile de amanhã vai tomar o dia todo, e ele parece cansado de verdade.

Pressiono os lábios em um sorriso tenso e faço uma reverência.

— É claro — digo, e me retiro.

Meu pai nunca entendeu a importância do que eu faço, mas, toda vez que volto para casa, eu me convenço de que, talvez, só uma vez, ele consiga colocar o amor por mim acima do amor pelo reino. Mas ele teme pela minha segurança porque isso afetaria a coroa. Ele já passou anos demais cuidando para que as pessoas me aceitassem como seu futuro soberano para as coisas mudarem agora.

— Elian! — chama Amara, vindo atrás de mim.

Eu a ignoro, dando passadas longas e rápidas, sentindo a raiva ferver sob a pele. Sei que o único jeito de deixar o meu pai orgulhoso é abrindo mão de tudo o que sou.

— Elian — diz ela, com mais firmeza. — Não é principesco correr. Ou, se for, farei um decreto para que não seja, se algum dia eu virar rainha.

Com relutância, paro e a encaro. Ela suspira de alívio e se apoia na parede cheia de glifos entalhados. Ela tirou os sapatos e, sem eles, é ainda mais baixa do que eu me lembro. Sorrio e, quando ela vê, franze a testa e dá um tapa no meu braço. Eu me encolho e estendo a mão até a dela.

— Você o antagoniza — diz ela, aceitando o meu braço.

— Ele me antagoniza primeiro.

— Você será um belo de um diplomata com essas habilidades de argumentação.

Balanço a cabeça.

— Não se você assumir o trono.

— Pelo menos, então, eu ficaria com o bracelete. — Ela me dá um empurrãozinho com o cotovelo. — Como foi a viagem? Quantas ninfas você abateu sendo o pirata incrível que você é?

Ela diz isso com um sorrisinho, sabendo muito bem que eu nunca vou contar nada a ela sobre o meu tempo no *Saad*. Compartilho diversas coisas com a minha irmã, mas nunca o que sinto quanto a ser um assassino. Gosto da ideia de Amara me ver como herói. Os assassinos, na maioria das vezes, são os vilões.

— Quase nenhuma — digo. — Tinha rum demais no meu corpo para que eu sequer pensasse nisso.

— Você é um mentiroso e tanto — diz Amara. — E com tanto, quero dizer que é um mentiroso terrível.

Paramos em frente ao quarto dela.

— E você é uma intrometida e tanto — digo a ela. — Que novidade.

Amara ignora o comentário.

— Você vai ao salão de banquete ver os seus amigos? — pergunta ela.

Balanço a cabeça. Os guardas se certificarão de que a minha tripulação encontre camas boas para passar a noite, e estou cansado demais para pensar em outra rodada de sorrisos falsos.

— Vou para cama — digo a ela. — Como a rainha ordenou.

Amara assente, ergue-se na ponta dos pés e beija a minha bochecha.

— Vejo você amanhã, então — diz ela. — E posso perguntar ao Kye sobre suas aventuras. Acho que um diplomata não vai mentir para uma princesa. — Com um sorriso brincalhão, ela entra no quarto e fecha a porta.

Eu pauso por um momento.

Não gosto muito da ideia da minha irmã trocando histórias com a minha tripulação, mas, pelo menos, posso confiar que Kye vai contar a ela versões com menos mortes e sangue. Ele é excêntrico, mas não burro. Sabe que não me comporta como um príncipe, assim como ele não se comporta como o filho de um diplomata. Esse é o meu maior segredo. As pessoas me conhecem como o caçador de ninfas do mar, e os membros da corte proferem essas palavras com admiração e carinho: “Ah, o Príncipe Elian, tentando salvar a todos nós.” Se compreendessem o que preciso fazer, os gritos terríveis e repugnantes que as ninfas soltam. Se vissem os cadáveres das mulheres no meu convés antes de se dissolverem em espuma do mar, então meu povo não me olharia com tanto afeto. Eu não seria mais um príncipe para eles e, por mais que eu deseje isso, sei muito bem o que está em jogo.



○ O palácio de Keto está bem no centro do mar de Diábolos e sempre foi o lar da realeza. Apesar de os humanos terem reis e rainhas em todo e qualquer canto da terra, o oceano tem apenas uma governante. Uma rainha: a minha mãe. E, um dia, serei eu.

Esse dia vai chegar em breve. Não é que a minha mãe esteja velha demais para governar. Apesar de as ninfas viverem por centenas de anos, não envelhecemos mais do que algumas décadas e, logo, filhas parecem mães e mães parecem irmãs. Fica difícil dizer a idade de qualquer uma de nós. Essa é outra razão para termos a tradição dos corações: a idade de uma ninfa nunca é determinada pelo rosto, mas sempre por quantas vidas ela roubou.

Esta é a primeira vez que eu quebro a tradição, e a minha mãe está furiosa. Olhando-me de cima, a Rainha do Mar parece uma soberana tirana. Para alguém de fora, pode até parecer infinita, como se o reinado dela nunca pudesse acabar. Não parece que ela vai perder o trono daqui a poucos anos.

Como de costume, a Rainha do Mar aposenta a coroa quando junta sessenta corações. Sei o número exato que a minha mãe tem escondido no cofre embaixo dos jardins do palácio. Há um tempo, ela fazia um anúncio todos os anos, orgulhosa da coleção que crescia. Mas parou de fazer tais proclamações quando chegou aos cinquenta. Ela parou de contar, ou, pelo menos, parou de dizer às pessoas que contava. Mas eu nunca parei. Todo ano, conto os corações da minha mãe com tanto rigor quanto conto os meus. Então sei que ela tem três anos até a coroa ser minha.

— Quantas são mesmo agora, Lira? — pergunta a Rainha do Mar, aproximando-se de mim.

Com relutância, abaixo a cabeça. Kahlia continua atrás de mim e, apesar de eu não poder vê-la, sei que está copiando o meu gesto.

— Dezoito — respondo.

— Dezoito — reflete a Rainha do Mar. — É engraçado você ter dezoito corações, sendo que o seu aniversário é só daqui a duas semanas.

— Eu sei, mas...

— Deixe-me te contar o que eu sei. — A rainha se acomoda no trono de carcaças. — Eu sei que você deveria ter levado a sua prima para pegar o décimo quinto coração dela e que, de algum modo, isso se provou ser complicado demais.

— Na verdade, não — digo. — Eu a levei comigo.

— E você aproveitou para pegar algo para você.

Seus tentáculos se estendem ao redor da minha cintura e me puxam para frente. Em segundos, sinto o estalo das costelas sob o aperto.

Toda rainha começa sendo uma ninfa e, quando a coroa chega a ela, sua magia rouba as barbatanas e deixa, no lugar, tentáculos poderosos que gozam de uma força equiparada à de exércitos. Ela se torna mais lula do que peixe e, com a transformação, vem a magia, inabalável e grandiosa. É suficiente para moldar os mares de acordo com os seus desejos. Rainha do Mar e Bruxa do Mar, tudo ao mesmo tempo.

Nunca conheci a minha mãe como ninfa, mas não consigo imaginá-la, algum dia, parecendo tão mundana. Ela tem símbolos e runas antigos tatuados em vermelho na barriga, avançando até as gloriosas maçãs bem marcadas das bochechas. Os tentáculos são preto e carmesim, uma cor que se transforma em outra como sangue esparramado em tinta e, há tempos, seus olhos viraram rubis. Até mesmo a coroa é um adorno majestoso que se eleva em chifres acima da cabeça e desce como galhos pelas costas.

— Não vou caçar no meu aniversário para compensar — rendo-me, com o peito apertado.

— Ah, mas você vai. — A rainha acaricia o tridente preto. Um único rubi, como o de seus olhos, brilha na lança do meio. — Porque o dia de hoje nunca aconteceu. Porque você nunca me desobedeceria nem me prejudicaria de maneira alguma. Não é mesmo, Lira?

Ela aperta as minhas costelas com ainda mais força.

— É claro que não, mãe.

— E você? — A rainha volta a sua atenção para Kahlia, e tento esconder qualquer sinal de desconforto. Se a minha mãe visse a preocupação em meus olhos, seria apenas outra fraqueza a ser explorada por ela.

Kahlia nada para frente. Seu cabelo está preso com uma fita de alga, afastando-o do rosto, e as unhas ainda continuam encrostadas com pedaços da rainha de Adékaros. Ela curva a cabeça no que alguns poderiam interpretar como uma demonstração de respeito. Mas eu sei a verdade. Kahlia nunca olha a Rainha nos olhos, porque, se o fizesse, minha mãe saberia exatamente o que a minha prima pensa dela.

— Eu pensei que ela fosse apenas matá-lo — diz Kahlia. — Eu não sabia que ela também roubaria o coração.

É uma mentira, e sou grata por isso.

— Bem, que grande tola você é por não conhecer a própria prima. — Minha mãe a observa com voracidade. — Não sei se consigo pensar em um castigo ruim o bastante para essa idiotice sem tamanho.

Fecho a mão ao redor do tentáculo que segura a minha cintura.

— Seja lá qual for o castigo — digo —, vai ser meu.

O sorriso da minha mãe estremece, e sei que está pensando em todas as maneiras que isso me faz ser indigna de ser sua filha. Ainda assim, não consigo me segurar. Em um oceano de ninfas que se preocupam apenas consigo mesmas,

proteger Kahlia se tornou um tipo de reflexo. Desde que fomos forçadas a ver a mãe dela morrer. E, através dos anos, enquanto a Rainha do Mar tentava moldar tanto Kahlia quanto a filha em descendentes perfeitas de Keto, esculpindo as nossas arestas até a forma perfeita que ela admira. É o espelho de uma infância que eu preferiria esquecer o quanto antes.

Kahlia é parecida comigo. Parecida até demais, talvez. E, apesar de ser isso o que faz a Rainha do Mar odiá-la, é também a razão pela qual escolhi me importar. Fiquei ao lado dela, protegendo-a das faces mais brutais da minha mãe. Agora, proteger a minha prima não é uma escolha consciente. É instinto.

— Que gentileza da sua parte — diz a Rainha do Mar, com um sorriso desdenhoso. — É por causa de todos os corações que você roubou? Você acabou roubando parte da humanidade deles também?

— Mãe...

— Que lealdade a uma criatura que não é a sua rainha. — Ela suspira. — Eu me pergunto se é assim que você se comporta com os humanos também. Diga-me, Lira, você chora pelo coração partido deles?

Ela afrouxa os tentáculos ao meu redor, enojada. Odeio o que me torno em sua presença: medíocre e indigna da coroa que vou herdar. Em seus olhos, vejo o meu fracasso. Não importa quantos príncipes eu cace, nunca serei o tipo de assassina que ela é.

Ainda não sou fria o bastante para o oceano que me deu à luz.

— Dê para mim, assim poderemos acabar com isso — diz a Rainha do Mar, impaciente.

Franzo a testa.

— Dar para você... — repito.

A rainha estende a mão.

— Não tenho o dia todo.

Levo alguns segundos para entender que ela está falando do coração do príncipe que matei.

— Mas... — Balanço a cabeça. — Mas é *meu*.

Que criança incrível eu me tornei.

Os lábios da Rainha do Mar se curvam.

— Você vai me dar o coração — diz ela. — Agora.

Vendo a expressão em seu rosto, eu me viro e nado até o quarto sem dizer mais nada. Ali, o coração do príncipe está enterrado ao lado de outros dezessete. Com cuidado, cavo entre os cascalhos recém-depositados e tiro o coração do chão. Está coberto de areia e sangue, ainda quente nas minhas mãos. Não paro para pensar na dor que a perda trará antes de nadar de volta à minha mãe e apresentá-lo a ela.

A Rainha do Mar lança um tentáculo e arranca o coração da minha mão aberta. Por alguns instantes, ela me encara, avaliando todas as minhas reações. Saboreando o momento. Então ela o espreme.

O coração explode em uma aglomeração macabra de sangue e carne. Partículas diminutas flutuam como fiapos oceânicos. Algumas se dissolvem.

Outras caem como penas no fundo do mar. Pulsações disparam do meu peito, atingindo-me como redemoinhos quando a magia do coração é roubada de mim. As descargas são tão fortes que as minhas barbatanas emperram em uma concha e rasgam. Meu sangue jorra junto com o do príncipe.

Sangue de ninfa não é nada parecido com sangue de humano. Primeiro, porque é gelado. Segundo, porque queima. Sangue humano escorre e pinga e empoça, mas sangue de ninfa do mar causa bolhas e queimaduras e derrete pele.

Caio no chão e enfo as unhas tão fundo na areia que meus dedos golpeiam uma rocha, e ela arranca a unha toda de uma vez. Estou sem fôlego, puxo enormes arfadas de água, e sou sufocada por elas segundos depois. Penso estar me afogando, e quase rio da ideia.

Uma vez que uma ninfa rouba um coração humano, criamos uma ligação com ele. É uma magia antiga que não pode ser quebrada com facilidade. Ao roubar o coração, tomamos o seu poder e qualquer jovialidade e vida que o humano tinha, nós os absorvemos. O coração do príncipe de Adékaros está sendo arrancado de mim, e qualquer poder que tenha vazado no oceano diante de meus olhos se transforma em nada.

Tremendo, eu me levanto. Meus membros estão tão pesados quanto ferro, e as barbatanas latejam. A gloriosa alga vermelha que cobre os meus seios ainda está enrolada em mim, mas alguns fios se soltaram e dançam pendurados sobre a minha barriga. Kahlia vira o rosto, para impedir que a minha mãe veja sua angústia.

— Maravilha — diz a rainha. — Chegou a hora da punição.

Agora, eu rio de verdade. Minha garganta está áspera, e até mesmo essa ação, o som da minha voz tão envolta em magia, toma energia de mim. Sinto-me mais fraca do que nunca.

— Isso não foi a punição? — cuspo. — Arrancar parte do meu poder desse jeito?

— Foi a punição perfeita — diz a Rainha do Mar. — Acho que eu não poderia ter pensado em uma lição melhor para lhe dar.

— Então o que mais você vai fazer?

Ela sorri com as presas de marfim.

— A punição de Kahlia — diz ela. — Como você mesma pediu.

Sinto aquele peso no peito de novo. Reconheço o brilho terrível nos olhos da minha mãe, já que é um traço que herdei. Um que odeio ver em qualquer outro ser, pois sei exatamente o que significa.

— Tenho certeza de que vou conseguir pensar em algo adequado. — A rainha percorre as presas com a língua. — Algo para ensinar a você uma lição valiosa sobre o poder da paciência.

Luto contra a vontade de escarnecer, sabendo que o resultado não seria nada de bom.

— Não me deixe esperando.

A Rainha do Mar repousa os olhos em mim.

— Você sempre gostou de sentir dor — diz ela.

Esse é o máximo de elogio que vou receber, então sorrio de um jeito repugnantemente apazível e digo:

— A dor nem sempre machuca.

A Rainha do Mar me olha com desdém.

— É mesmo? — As sobranceiras dela se erguem, e a minha arrogância fraqueja um pouco. — Se é isso o que você sente, então não tenho escolha senão decretar que, no seu aniversário, você terá a chance de infligir toda a dor que quiser quando roubar o seu próximo coração.

Eu a olho com cautela.

— Não entendi.

— Só que — continua a rainha —, em vez dos príncipes a que você está tão acostumada a caçar, adicionará um novo tipo de troféu à sua coleção. — A voz dela soa tão perversa quanto a minha nunca foi. — O seu décimo oitavo coração será o de um marinheiro. E, na cerimônia do seu aniversário, com todo o nosso reino presente, você o apresentará a eles, assim como você fez com todos os seus troféus.

Encaro a minha mãe, mordendo a língua com tanta força que meus dentes quase se encontram.

Ela não quer me punir. Ela quer me humilhar. Mostrar ao reino, cujo temor e lealdade conquistei, que não sou diferente deles. Que não me destaco. Que não sou digna de assumir a coroa.

Passei a vida toda tentando ser exatamente o que a minha mãe queria, a pior dentre nós, esforçando-me para mostrar que sou digna do tridente. Eu me transformei na Maldição dos Príncipes, um título que me define ao redor de todo o mundo. Para o reino, para a minha mãe, eu sou impiedosa. E essa falta de compaixão faz com que toda e qualquer criatura do mar tenha certeza de que sou capaz de governar. Agora minha mãe quer tirar isso de mim. Não apenas o meu nome, mas a fé do oceano. Se eu não sou a Maldição dos Príncipes, então não sou nada. Só uma princesa herdando uma coroa, em vez de conquistá-la.



— Não me lembro da última vez que te vi assim.

— Assim como?

— Todo arrumado.

— Todo arrumado — repito, arrumando o colarinho.

— Bonitão — diz Madrid.

Arqueio uma sobrancelha.

— E eu não sou bonito todo dia?

— Geralmente, você não está limpo — diz ela. — E o seu cabelo não está sempre tão...

— Arrumado?

Madrid enrola as mangas da própria blusa.

— Principesco.

Dou um sorrisinho e olho no espelho. Meu cabelo está perfeitamente lambido para longe do rosto. Todo grão de sujeira foi esfregado, então não sobrou sequer um pingo do oceano em mim. Estou usando uma camisa social branca de colarinho alto e um casaco dourado-escuro que parece seda contra a pele. Provavelmente porque é seda. O brasão da família repousa incômodo no meu polegar, e de todo o ouro em mim, o anel é o que parece brilhar mais forte.

— Você continua igual — digo a Madrid. — Só que sem as manchas de lama.

Ela me dá um soquinho no ombro e prende o cabelo preto como a noite com a bandana, revelando a tatuagem de Kléftes na bochecha. É uma marca das crianças levadas pelos navios escravagistas e forçadas a se tornarem assassinas de aluguel. Quando a encontrei, Madrid tinha acabado de comprar a própria liberdade com o cano de uma pistola.

À porta, Kye e Torik esperam. Assim como Madrid, não estão nada diferentes. Torik está com o short desfiado na canela, e Kye, com as bochechas angulosas e o sorriso feito para a malandragem. O rosto de ambos está mais claro, mas nada mais mudou. São incapazes de ser qualquer outra coisa além do que são. Tenho inveja disso.

— Venha com a gente — diz Kye, entrelaçando os dedos nos de Madrid. Ela encara a demonstração nada característica de afeto; como namorados, os dois são ótimos guerreiros; e afasta a mão para passá-la no cabelo.

— Você gosta muito mais da taverna do que daqui — diz Madrid.

É verdade. Uma horda da minha tripulação já foi para o Ganso de Ouro,

com ouro suficiente para beber até o dia raiar. Tudo o que resta são os meus três companheiros mais leais.

— É um baile em minha homenagem — digo a eles. — Não seria muito honroso da minha parte não comparecer.

— Talvez nem percebam. — Enquanto Madrid fala, seu cabelo balança com selvageria em suas costas.

— Obrigado pela parte que me toca.

Kye a cutuca, e ela o empurra com o dobro de força.

— Corta essa — diz ela.

— Pare de deixá-lo preocupado, então — diz Kye a ela. — Vamos deixar o príncipe ser um príncipe para variar. Além disso, preciso de uma bebida, e sinto que estou estragando esse quarto pristino só de estar parado aqui.

Assinto.

— Eu também me sinto mais pobre só de olhar para você.

Kye vai até o sofá mais próximo e joga uma das almofadas com fios de ouro em mim, mas com uma mira tão ruim que ela cai aos meus pés. Chuto-a para longe e tento parecer chateado.

— Espero que sua mira seja melhor com as facas.

— Nenhuma ninfa reclamou — diz ele. — Tem certeza de que está tudo bem se a gente for com você?

Volto a encarar o espelho e o príncipe diante de mim. Imaculado e frio, quase nenhum brilho nos olhos. Como se eu fosse intocável e soubesse disso. Madrid tem razão; eu pareço mesmo principesco. Ou seja, pareço um idiota completo.

Arrumo o colarinho de novo.

— Tenho, sim.



O salão de bailes brilha como o sol. Todos os cantos reluzem e cintilam, tanto que, se eu me concentrar por tempo demais em uma coisa específica, minha cabeça começa a doer.

— Quanto tempo mais você planeja ficar em terra firme?

Nadir Pasha, um de nossos dignitários mais importantes, floreia uma taça dourada de conhaque. Diferentemente dos outros Pasha com que passei a tarde tendo conversas vãs, falando de política ou patentes militares, ele não é tão sem graça quanto o resto. Por isso, sempre o deixo por último quando falo com a corte. Assuntos de estado estão bem longe da cabeça dele, ainda mais em ocasiões nas quais as taças de conhaque são tão grandes.

— Só mais alguns dias — digo.

— Que aventureiro! — Nadir toma uma golada da bebida. — É uma maravilha ser jovem, não é?

A esposa dele, Halina, alisa a frente do vestido esmeralda.

— Pois é.

— Não que eu ou você nos lembremos disso — comenta Pasha.

— Não que você seja capaz de notar qualquer coisa. — Levo a mão de Halina aos meus lábios. — Você brilha mais forte do que qualquer tapeçaria que temos.

A transparência de meu elogio é fácil de ser reconhecida, mas Halina faz uma reverência mesmo assim.

— Obrigada, milorde.

— É uma surpresa você estar disposto a ir tão longe por suas responsabilidades — diz Nadir. — Até ouvi rumores de todas as línguas que você supostamente fala. Sem dúvida, isso vai ajudar em negociações futuras com os reinos vizinhos. Quantas são?

— Quinze — recito. — Quando eu era mais novo, coloquei na cabeça que poderia aprender todas as línguas de cada um dos cem reinos. Acho que falhei esplendorosamente.

— Mas qual é o ponto de uma coisa dessas? — pergunta Halina. — Quase não existe pessoa viva que não fale midão. Estamos no centro do mundo, Vossa Alteza. Qualquer um que não se deu ao trabalho de aprender a língua não é alguém que valha a pena conhecer.

— Você tem razão. — Nadir assente, a contragosto. — Mas, na verdade, Vossa Alteza, eu estava me referindo ao idioma *delas*. A língua proibida. — Ele abaixa um pouco a voz e se aproxima tanto que o bigode faz cócegas na minha orelha. — Psáriin.

A língua do mar.

— Nadir! — Halina bate no ombro do marido, horrorizada.

— Você não pode falar essas coisas! — Ela se vira para mim. — Desculpa por tê-lo ofendido, meu senhor — diz ela. — Meu marido não quis insinuar que o senhor sujaria a boca com uma língua dessas. Ele tomou muito conhaque. As taças são mais fundas do que parecem.

Assinto, nem um pouco ofendido. Afinal de contas, é só um idioma e, apesar de nenhum humano saber falá-lo, nenhum humano alguma vez dedicou a vida a caçar ninfas. Não é nenhum exagero imaginar que eu tinha decidido adicionar o dialeto das minhas presas à minha coleção, mesmo ele sendo proibido em Midas. Mas, para aprendê-lo, eu precisaria manter uma ninfa do mar viva por tempo o suficiente para que ela me ensinasse, e isso não é algo que, algum dia, pretendo fazer. É claro, peguei algumas palavras aqui e ali. *Arith* aprendi rapidinho, que significa *não*, mas há tantas outras... *Dolofónos*. *Choíron*. Posso apenas chutar o que significam. Insultos, maldições, apelos. De certa maneira, é melhor eu não saber.

— Não se preocupe — digo a Halina. — Não é a pior coisa de que já me acusaram.

Ela parece um pouco aturdida.

— Bem — sussurra ela, com delicadeza —, as pessoas fofocam.

— Não só de você — esclarece Nadir, com um suspiro alto. — Mais do seu trabalho. Sem nenhuma dúvida somos gratos por ele, considerando os eventos

recentes. Pensei que o rei estaria orgulhoso de ter você defendendo a nossa terra e a dos nossos aliados.

Minha testa franze com a ideia de o meu pai sentir qualquer coisa perto de orgulho por ter um caçador de ninfas do mar como filho.

— Eventos recentes? — pergunto.

Halina arfa, apesar de não parecer nada chocada.

— Não ouviu as histórias sobre Adékaros?

Tem algo terrível no ar. Ontem mesmo, meu pai falou de Adékaros e de como, se eu não tomasse cuidado, Midas teria o mesmo destino.

Engulo a saliva e tento fingir indiferença.

— É difícil acompanhar todas as histórias que escuto.

— É o príncipe Cristian — diz Halina, como se fosse uma conspiração. — Ele está morto. A rainha também.

— Assassinado — esclarece Nadir. — As ninfas emboscaram o navio dele, e a tripulação não pôde fazer nada. Foi a canção, você sabe como é. O reino está um caos.

O cômodo escurece. Ouro, música e até mesmo o rosto de Nadir Pasha e Halina. Tudo fica desfocado e sufocante. Por um momento, é difícil respirar, quanto mais falar. Nunca conversei muito com a rainha, mas sempre que o *Saad* estava perto de Adékaros, ancorávamos sem pensar duas vezes, e o príncipe Cristian nos recebia de braços abertos. Ele fazia questão de que a tripulação comesse bem, e se juntava a nós na taverna para ouvir as nossas histórias. Quando íamos embora, ele nos dava um presente. Muitos países o faziam, pequenas lembranças que nunca nos eram muito úteis, mas, com Cristian, era diferente. Ele só podia contar com colheitas escassas e empréstimos de outros reinos para sobreviver. Todo presente que ele nos dava era um sacrifício.

— Ouvi dizer que foi a Maldição dos Príncipes. — Halina balança a cabeça, cheia de piedade.

Cerro o punho.

— Quem disse isso?

— A tripulação comentou que o cabelo dela era vermelho como o fogo do inferno — explica Nadir. — Poderia ter sido alguma outra?

Quero argumentar quanto à possibilidade, mas eu estaria me fazendo de idiota. A Maldição dos Príncipes é o maior mostro que conheço, e a única que escapou da morte desde que coloquei meus olhos nela. Fui incansável ao caçá-la pelos mares, procurando o cabelo flamejante do qual ouvi em tantas histórias.

Eu nunca nem sequer a vi.

Estava começando a achar que ela era apenas um mito. Nada além de uma lenda para assustar os nobres ao ponto de abandonarem suas terras. Mas, toda vez que considero a possibilidade, outro príncipe aparece morto. É mais uma razão pela qual não posso voltar a Midas e ser o rei que meu pai deseja. Não posso parar. Não até que eu a mate.

— É claro, como eles poderiam ter certeza? — pergunta Halina. — Não estamos no mês certo para isso.

Percebo que ela está falando a verdade. A Maldição dos Príncipes só ataca no mesmo mês todo ano. E se ela assassinou Cristian, então estava duas semanas adiantada. Isso significa que ela mudou os hábitos? Que nenhum príncipe está a salvo não importa o dia?

Meus lábios se contorceram.

— O mal não segue um calendário — digo, apesar desse mal em particular ter sempre parecido fazer exatamente isso.

Ao meu lado, alguém pigarreia. Viro e vejo a minha irmã. Não sei há quanto tempo ela está parada ali, mas o sorriso amigável em seu rosto me faz supor que ouviu boa parte da conversa.

— Meu irmão. — Ela pega o meu braço. — Venha dançar comigo, por favor?

Assinto, agradecendo a pausa no tipo de conversa política de que Pasha e sua esposa parecem gostar. O que me faz querer ser qualquer coisa, menos educado.

— Não tem nenhum pretendente brigando pela sua atenção? — pergunto a Amara.

— Ninguém que valha o meu tempo — responde. — E ninguém a quem o nosso pai encantador aprovaria.

— Esses são os melhores.

— Tente explicar isso quando a cabeça do garoto estiver em uma tábua de carne.

Eu bufo.

— Então vai ser um prazer — digo a ela. — Nem que seja para salvar a vida de algum garoto incauto.

Eu me viro para Nadir e Halina e faço uma breve reverência, então deixo a minha irmã me levar para a pista de dança.



Apesar do nome, o Ganso de Ouro é uma das poucas coisas em Midas que não foi pintada para combinar com a pirâmide. As paredes têm uma crosta marrom, e as bebidas são do mesmo tom. A clientela é basicamente composta de abrutalhados e, na maioria das noites, vidro é esmagado por pés e sangue mancha as mesas encharcadas de cerveja.

É um dos meus lugares favoritos.

A dona é a Sakura, e ela sempre foi apenas Sakura. Nenhum sobrenome, pelo que sabemos. Ela é bonita e rechonchuda, com o cabelo louro branquíssimo cortado logo acima das orelhas, e olhos finos e inclinados do mesmo tom de marrom das paredes. Usa um batom vermelho escuro o bastante para encobrir os segredos, e a pele é mais clara do que qualquer outra que já vi. A maioria das pessoas chutam que ela é de Págos, um lugar que está constantemente debaixo da neve e quase não vê o sol. Uma terra tão fria em que só os nativos conseguem sobreviver. Dizem por aí que os páguesos raramente migram para os outros reinos, porque acham o calor insuportável. Ainda assim, não me lembro de uma época em que Sakura não era dona do Ganso de Ouro. Parecia que ela sempre esteve ali, ou, pelo menos, desde que comecei a frequentar o lugar. E, por mais linda que ela seja, também é cruel o bastante para que nem ladrões nem delinquentes tentem lhe passar a perna.

Por sorte, Sakura gosta de mim. Sempre que estou em Midas, é de conhecimento geral que visitarei o Ganso de Ouro. Os criminosos não conseguem resistir à chance de conhecer o famoso príncipe pirata, seja para apertar a minha mão seja para tentar me ludibriar nas cartas. Então, quando eu vou lá, Sakura me dá um sorriso que mostra seus dentes retos da cor do leite e me deixa beber de graça. Um agradecimento por eu atrair mais clientes. Isso também significa que a minha tripulação pode ficar até muito depois da hora de fechar para discutir assuntos sensíveis, na calada da noite, com pessoas que eu não ousou levar ao palácio.

Suspeito que, parte disso, seja porque Sakura gosta de estar a par dos meus segredos. Mas isso não me incomoda. Por cada segredo meu que Sakura sabe, sei muitos outros dela. Muito piores. E apesar de ela poder decidir vender os meus melhores segredos para a maior oferta, mantenho os mistérios mais valiosos dela bem guardados. Esperando apenas pelo preço certo.

Hoje, meu círculo íntimo está sentado ao redor da mesa torta no meio da Ganso de Ouro, observando o estranho diante de nós remexer nas abotoaduras.

— As histórias não mentem — diz ele.

— Mas é isso que uma história é — diz Madrid. — Um monte de mentiras de gente fofoqueira e maldosa que tem tempo de sobra. Não é, Capitão?

Dou de ombros e tiro o relógio de bolso do casaco para verificar a hora. É o único presente do meu pai que não é feito de ouro, que não é novo nem *príncipesco*. É sem graça e preto, sem floreios decorativos nem pedras brilhantes e, na parte de dentro da tampa, oposta à face do relógio, tem uma bússola.

Eu sabia que não era uma herança quando meu pai o deu para mim, todas as heranças midanas são de um ouro que nunca perde o brilho, mas, quando perguntei ao meu pai de onde o relógio veio, ele só disse que aquilo me ajudaria a encontrar o meu caminho. E é exatamente o que o objeto faz. Porque a bússola não tem quatro direções, mas duas, e nenhuma representa os pontos cardeais. Norte é para verdade, e Sul, para mentira, com o lugar ao meio indicando a possibilidade de ser qualquer uma delas.

É uma bússola para separar os mentirosos dos leais.

— Minha informação é confiável — diz o homem.

Ele é um dos muitos que me abordaram perto da hora de fechar, garantindo ter informações para caçar a temível Maldição dos Príncipes. Espalhei, depois do baile, que não vou parar até encontrá-la, e que qualquer pista que me ajude na empreitada receberá uma bela de uma recompensa. A maioria das informações foi inútil. Descrições do cabelo chamejante da ninfa, conversa fiada sobre os olhos ou sobre os mares que ela aparentemente frequenta. Alguns até alegaram conhecer a localização do reino marinho de Keto, algo que a minha bússola delatou rapidinho. Além disso, já sei onde o reino fica: no mar de Diábolos. O único problema é que não sei onde o mar de Diábolos fica. Assim como ninguém mais sabe, ao que parece.

Mas esse homem chamou a minha atenção. O suficiente para que quando bateu meia-noite, a hora que Sakura anunciou que estava fechando e gesticulou para que todos fossem embora, acenei para ela, e ela foi fechar as portas comigo e a minha tripulação, e esse homem estranho, ali dentro, antes de seguir para o cômodo dos fundos e fazer seja lá o que ela fazia quando príncipes requisitavam o bar.

O homem se vira para mim.

— Garanto, milorde — diz ele. — O cristal é tão real quanto eu.

Eu o encaro. Ele é diferente do tipo que costumo ver no Ganso de Ouro, refinado de um jeito que parece forçosamente preciso. Seu casaco é de veludo preto, e o cabelo está preso em um rabo de cavalo apertado. Os sapatos do homem estão tão polidos que brilham em contraste com as tábuas do chão imundo. Ele também tem uma magreza incomum, o casaco luxuoso engole os ombros esqueléticos, e a pele escura foi marcada de vermelho pelo sol, igual a quando minha tripulação passa tempo demais no convés em um dia que a navegação foi desafiadora.

O homem tamborila a mesa, impaciente, a ponta das unhas roídas emperra nas rachaduras da madeira.

— Conte-me mais.

Torik joga as mãos para cima.

— Você quer que ainda mais besteira entupa os seus ouvidos?

Kye saca uma pequena faca do cinto.

— Se for o caso — diz ele, manuseando a lâmina —, vai merecer o que está por vir.

Eu me viro para Kye.

— Guarde isso.

— Queremos nos proteger.

— É por isso mesmo que estou dizendo para guardar isso e não para se livrar dela.

Kye dá um sorrisinho e volta a guardar a faca no cinto.

Inclino o meu copo na direção do homem.

— Conte-me mais.

— O Cristal de Keto vai trazer paz e justiça ao nosso mundo.

Um sorriso repuxa os meus lábios.

— É mesmo?

— Vai nos salvar do fogaréu.

Lambo o licor de meus lábios.

— Como? — pergunto. — Seguramos o cristal com força e fazemos um desejo? Ou, talvez, temos que deixar a pedra debaixo do travesseiro e a trocar com as fadas para termos boa sorte?

Kye serve licor em um copinho de dose.

— Mergulhando-o na cera e o acendendo para manter longe as labaredas da guerra — diz ele, deslizando o copo até Madrid.

Ela ri e leva o copinho aos lábios.

— Beijando a coisa, assim talvez ela vire um príncipe que não fale tamanha bobagem — diz ela.

— Ou jogando-a na pilha de merda de que foi feita. — Isso vem de Torik, cujo rosto perfeitamente neutro só me faz rir ainda mais até o único som que pode ser ouvido é o das nossas risadas e os baques altos da minha tripulação batendo a mão espalmada nas mesas.

Então, no meio disso tudo, uma voz baixinha, cadavérica:

— Matando a Rainha do Mar.

Paro de rir.

Meu olhar volta a se fixar no homem, e saco a faca da alça do cinto, sentindo a sede dela de matar. Devagar, eu a levo até a garganta do estranho.

— Repita.

Ele engole em seco quando a ponta da lâmina pressiona a sua jugular. O homem deveria estar com medo. Ele *parece* estar com medo; os olhos estão apertados do jeito certo, e as mãos até tremem quando ele pega o copo. Mas parece ensaiado, porque, quando ele fala, a voz soa tranquila. Nenhum sinal de medo. É como se estivesse acostumado a ter uma faca apontada para a sua garganta.

— O cristal foi concebido para trazer justiça ao nosso mundo ao destruir a Rainha do Mar — explica ele.

— Concebido por quem? — pergunto.

— Pelas famílias originais — diz ele. — Eram os melhores magos da época e, juntas, dividiram todos os territórios do mundo. Cada uma ficou com um canto para si, assim puderam ter paz e nunca foram vítimas das velhas guerras da fronteira.

— Sim — digo, impaciente. — Todo mundo conhece as famílias originais. É um conto de fadas que toda criança nos cem reinos conhece. — Guardo a faca com um suspiro. — Até mesmo os trapaceiros.

— Não é um conto de fadas! — O homem acerta a mesa com os punhos. — O que essas histórias nunca te contaram é que as famílias originais criaram a paz na terra, mas uma batalha foi travada abaixo. Uma deusa governava o oceano, espalhando sua maldade pelas águas. Logo, teve filhos que se tornaram demônios. Criaturas monstruosas cujas vozes levam a morte aos homens.

— Ninfas do mar.

O homem assente.

— Elas podiam se transformar, existir na terra e debaixo dela. Sob o governo da deusa Keto, aterrorizaram a humanidade, então os cem magos combinaram seus poderes e declararam guerra contra o oceano. Depois de uma década de mortes, finalmente conseguiram destruir Keto e enfraquecer os monstros que ela havia criado. De seus restos mortais, conjuraram um objeto que poderia destruir as ninfas para sempre.

— Se isso for verdade — digo —, por que não o usaram?

— Porque as ninfas também elaboraram uma pedra de seus restos. Isso deu à nova rainha delas o poder para controlar sua espécie, e ela prometeu mantê-los longe. Ela até tomou a habilidade das ninfas de andarem em terra como uma demonstração de boa-fé. Sem isso, não eram uma ameaça grande o bastante para que as famílias originais cometessem genocídio. Assim, eles foram misericordiosos e firmaram um tratado: a terra pertencia aos humanos, e os mares, aos demônios. Se algum deles invadissem o território do outro, se tornavam alvos legítimos. O cristal foi escondido para o dia em que os cem reinos não mais conseguissem honrar a barganha.

Ao meu redor, minha tripulação irrompe em risos zombeteiros, mas mal consigo ouvi-los acima do som da minha pulsação ao olhar para a bússola.

Norte.

Decididamente, o ponteiro não está se movendo nem oscilando. Eu a sacudo, descrente, e, quando ela sequer mexe, coloco-a na mesa. O ponteiro continua no mesmo lugar.

Norte.

Verdade.

A essa altura, minha tripulação já voltou com a zombaria, achando furos no mito e repreendendo o estranho por ousar trazer contos de fada para o capitão. Algo em mim, bem ali na superfície, concorda com eles. Aquilo não é nada além

de uma história de criancinha e um desperdício do meu tempo. Algo me diz para ouvir a tripulação e ignorar a loucura. Mas a bússola nunca esteve errada e, bem lá no fundo, sei que é verdade. É a minha chance de finalmente derrotar o monstro.

— Onde está? — pergunto.

Minha voz corta os risos da tripulação, e eles me encaram como se eu tivesse perdido o juízo.

O homem toma a bebida de uma só vez e encontra os meus olhos com um sorriso.

— O senhor mencionou uma recompensa.

Ergo uma sobancelha para Kye. Sem precisar ser convencido, ele mergulha a faca na mesa. O homem se encolhe, encarando horrorizado a lâmina aninhada bem no espaço entre seu polegar e seu indicador. A expressão de medo em seu rosto não parece mais tão ensaiada agora.

— Você vai receber a sua recompensa — diz Kye a ele. — De um jeito ou de outro.

— Está no único lugar em que tinham certeza de que a Rainha do Mar jamais alcançaria — diz o homem, com pressa. — Tão longe do oceano quanto possível. No lugar mais alto do mundo.

Sinto um aperto no peito. O lugar mais alto do mundo. Frio demais para qualquer um se arriscar e sobreviver para contar a história.

— Na Montanha Nublada de Págo — diz o homem.

E, com isso, a esperança se esvai.



Uma semana é tudo o que eu tenho. Daqui a sete dias, farei dezoito anos, e minha mãe vai me forçar a roubar o coração de um marinheiro. Uma criatura melhor do que eu aceitaria a punição e ficaria grata pelo decreto da Rainha do Mar ter se resumido a isso.

Eu não sou uma dessas criaturas.

É idiotice considerar desobedecê-la de novo, mas a ideia de receber ordens quanto a quem eu devo ou não matar me tira do sério. Isso me faz sentir como se eu fosse um cão raivoso que a minha mãe soltaria em cima de quem quisesse. Claro, *já* que a matança de humanos é uma ordem dela, acho que a minha situação sempre foi essa. Eu me acostumei tanto a ser brutal que quase me esqueci de que isso tudo não começou por escolha, mas por obrigação. Mate os humanos. Ajude a acabar com a guerra que eles começaram quando mataram Keto. *Seja uma verdadeira ninfa do mar.*

Por um momento penso se eu ainda seria um monstro desses, caso a minha mãe e aquelas antes dela tivessem declarado paz em vez de guerra. Caso o fim de Keto tivesse significado o fim de nossa batalha e deixado o ódio no passado. Fomos ensinadas a nunca questionar nem pensar em nós mesmas como sendo nada além do que somos, e é inteligente, talvez, ignorar a ideia. Afinal de contas, a punição por se recusar a matar seria inimaginável.

Tranço todo o meu cabelo para um lado. Nadei até o limite do meu mar, tão longe da minha mãe quanto possível sem sair do reino. Não sei no que a minha raiva vai se transformar se eu a vir agora. Não consigo imaginar na irresponsabilidade que eu seria capaz de cometer.

Deito-me no fundo do oceano e cutuco a água-viva ao meu lado. Seus tentáculos roçam a minha barriga e sinto uma explosão maravilhosa de dor. Do tipo que silencia, e acalma, e clareia a mente. É uma libertação como nenhuma outra, e quando a dor desaparece, faço tudo de novo. Desta vez, seguro a criatura ali e deixo seus tentáculos dançarem sobre a minha pele. Relâmpagos sobem pela minha barriga e atingem o meu coração paralisado. Queima e coça, e deixo a mente se enevoar com a agonia.

Não há nada no mundo além da dor e dos raros momentos que existem nesse entremeio.

— Princesa bonita, tão sozinha — soa um sussurro em psáriin. — Querendo dor, querendo osso.

— Osso, não, mas coração — diz outro sussurro. — Olhe dentro, olhe a

fálsca.

Empurro a água-viva para longe e me sento para encarar as duas criaturas flutuando ali perto. São azul-marinho, com barbatanas escorregadias e corpo de enguia. Os braços estão cobertos por guelras pretas como lâminas até os cotovelos, e a barriga forma um músculo grande e rígido que pressiona o peito esquelético. Enquanto falam, a mandíbula frouxa fica tão mole quanto a dos peixes.

Sereias.

— Princesa bonita — diz a primeira das duas. O corpo está coberto de metal enferrujado, sem dúvida catado de navios piratas ou dado a ela como oferenda ao salvar algum humano ferido. Ela o espetou por toda a pele. Broches, e adagas, e moedas com arame farpado, tudo perfurando-a como se fossem joias.

— Quer ser livre — diz a companheira.

— Livre da rainha.

— Ter um coração livre.

— Roubar um coração.

— Roubar o da rainha.

Franzo o nariz para elas.

— Vão seguir um navio humano aos confins da terra até vocês todas se perderem.

A sereia com os metais enferrujados balança o cabelo de tentáculos, e uma bolha de lodo desce até a cauda de enguia.

— Perder-se na terra — diz ela a mim.

— Perder a boa graça.

— Não dá para perder algo que você nunca teve.

Elas riem em silvos.

— Pode ir, então — dizem em uníssono. — Pode ir encontrar o coração.

— Do que vocês estão falando? — pergunto, impaciente. — Que coração?

— Conquiste o coração da rainha.

— Um coração para conquistar o da rainha.

— Para o seu aniversário.

— Um coração que vale por dezoito.

A monotonia delas me irrita. Sereias são seres medonhos, a mente delas funciona com base em mistérios. Os lábios são feitos de charadas. Cansada, digo:

— A Rainha do Mar decretou que eu roubasse o coração de um marinheiro para o meu décimo oitavo aniversário. Do que, tenho certeza, vocês sabem.

Elas inclinam a cabeça no que imagino ser seu jeito de assentir. Sereias são espíãs até o último tentáculo de cabelo. As orelhas ouvem tudo em cada canto do oceano. É aí que está o perigo delas. Devoram segredos com tanta facilidade quanto afrouxam as mandíbulas e engolem navios.

— Vão — digo a elas. — Aqui não é o lugar de vocês.

— Aqui é o limite.

— O limite é o lugar a que pertencemos.

— Você deveria pensar menos no limite e mais no seu coração.

— Um coração de ouro vale muito para a rainha.

A sereia com metais arranca um broche da base da barbatana e o joga para mim. É a única coisa dela que não está enferrujada.

— A rainha — digo, sem pressa, revirando o broche nas mãos — não liga para ouro.

— Ela ligaria para o coração da terra do ouro.

— Um príncipe de ouro.

— Tão brilhante quanto o sol.

— Apesar de não tão divertido.

— Não para a nossa espécie.

— Não para ninguém.

Estou prestes a perder toda a paciência quando entendo o peso de suas palavras. Meu queixo cai ao compreender tudo, e afundo outra vez na areia. O broche vem de Midas, a terra do ouro governada por um rei cujo sangue corre dourado. Um rei a ser sucedido por um príncipe pirata. Um errante. Um matador de ninfas do mar.

Encaro as sereias, com seus olhos pretos sem pálpebras que parecem uma órbita sem fim. Sei que não são confiáveis, mas não posso ignorar o brilhantismo brutal das palavras. Seja lá quais segundas intenções tenham, não importarão se eu for bem-sucedida.

— O príncipe midano é o assassino da nossa espécie — digo. — Se eu levar o coração dele à rainha no meu próximo aniversário, então poderei reconquistá-la.

— Um coração digno para a princesa.

— Um coração digno para o perdão da rainha.

Volto a olhar o broche. Ele brilha como uma luz que nunca vi. Minha mãe quer me negar o coração de um príncipe, mas o coração *daquele* príncipe seria o suficiente para apagar qualquer ressentimento entre nós. Eu poderia dar continuidade ao meu legado, e a rainha não teria mais que se preocupar com a nossa espécie sendo caçada. Se eu fizer isso, nós duas teremos o que desejamos. Ficaremos em paz.

Jogo o broche de volta para a sereia.

— Não vou me esquecer disso — digo a ela — quando eu for rainha.

Dou uma última olhada nas criaturas, observando os lábios espiralarem em sorrisos, e nado em direção ao ouro.



Quatro dias vasculhando a biblioteca do castelo, e não encontrei absolutamente nada. Vários escritos detalham o gelo mortífero da Montanha Nublada e ilustram, de maneira bem explícita, aqueles que morreram durante a escalada. O que não é um ótimo começo. O único fio de esperança parece ser que a família real é feita de um gelo ainda mais frio do que o restante dos nativos. Existe até uma tradição em Págos na qual os nobres são obrigados a escalar a montanha quando atingem a maioridade para provar sua linhagem. Não há registro de um único membro da família real ter falhado na missão. Mas, já que não sou um príncipe páguesso, o detalhe não é nada encorajador.

Devo ter deixado passar alguma coisa. As lendas que se danem. Acho difícil acreditar que haja alguma particularidade na linhagem de Págos que os permita resistir ao frio. Sei melhor do que ninguém que não devo acreditar nos contos de fada das nossas famílias. Se fossem verdade, eu poderia vender o meu sangue e comprar alguma informação útil.

Os páguesos devem ser feitos mais de carne e osso do que de frio e gelo. Se for o caso, então deve haver alguma explicação para como sobrevivem à escalada. Se eu quiser ter alguma esperança de vingar a morte de Cristian, preciso descobrir a resposta. Com a informação, poderei encontrar uma forma de matar a Maldição dos Príncipes e a Rainha do Mar. Se eu conseguir, as ninfas que restarem não terão magia para protegê-las. Talvez até percam algumas de suas habilidades. Afinal de contas, se a Rainha do Mar tem um cristal igual ao que está escondido na Montanha Nublada, então roubá-lo deve tomar alguns dos dons que o objeto concedeu à espécie dela. Acabariam enfraquecidas, no mínimo, e ficariam expostas a um ataque. Depois de um tempo, não importa se muito ou pouco, poderíamos encurralar os demônios restantes nos confins do mundo, onde não conseguiriam machucar ninguém.

Fecho o livro e a brisa me faz tremer um pouco. A biblioteca sempre está fria, janelas abertas ou não. Parece ter algo na própria estrutura que foi idealizado para me fazer estremecer. A biblioteca se estende por quinze metros, com estantes brancas que vão do chão até os arcos elevados do teto. O chão é de mármore branco, e o teto de cristal puro cobre toda a área. É um dos únicos lugares em Midas intocados pelo ouro. Nada, senão uma branquitude vasta, desde as cadeiras pintadas, passando pelas almofadas encorpadas, até as escadas que levam aos volumes bem lá em cima. A única cor está nos livros, couro, e tecido, e pergaminho, e no conhecimento que guardam. É o que eu gosto de chamar de

Cômodo da Metáfora, porque é a única explicação para a vastidão de branco. Todos somos uma tela em branco, esperando sermos preenchidos pela cor da descoberta.

Meu pai é muito dramático.

Esperava que algo nos livros me ajudasse. O homem no Ganso de Ouro tinha tanta certeza da história, e a minha bússola, tanta certeza da verdade... Não tenho dúvida de que o Cristal de Keto está por aí, mas o mundo não parece saber nada a respeito dele. Livros e livros de textos antigos, e nenhum deles me diz nada. Como algo pode existir se não há registro nenhum?

Contos de fada. Estou atrás de malditos contos de fada.

— Achei que encontraria você aqui.

Olho para o rei.

— Não é de se surpreender que eu não volte para casa mais vezes — digo —, já que você tem um conselheiro me monitorando sempre que estou no castelo.

Meu pai coloca uma mão carinhosa na minha nuca.

— Você esqueceu que é meu filho — diz ele, como se eu pudesse um dia me esquecer. — Não preciso de um adivinho para me dizer o que você está aprontando.

Ele puxa a cadeira ao meu lado e estuda os diversos textos sobre a mesa. Se pareço deslocado no castelo, então meu pai com certeza parece deslocado no branco puro da biblioteca, vestido em ouro cintilante, com olhos escuros e pesados.

Suspirando, o rei recosta na cadeira, assim como eu.

— Você está sempre em busca de algo — diz ele.

— Tem sempre algo a ser encontrado.

— Se não tomar cuidado, a única coisa que você vai encontrar é perigo.

— Talvez seja exatamente o que estou procurando.

Meu pai estende o braço e tira um dos livros da mesa. Foi cuidadosamente encadernado em couro azul, e o título, gravado em cinza-claro. Há marcas de dedos na poeira de onde eu o tirei da prateleira.

— *As lendas de Págos e outras histórias da cidade do gelo* — lê ele. Em seguida toca a capa. — Quer dizer que você está pensando em congelar até a morte?

— Eu estava pesquisando uma coisa.

Ele devolve o livro à mesa com força demais.

— Pesquisando o quê?

Dou de ombros, sem vontade de dar ao meu pai mais razão para me prender em Midas. Se eu contar a ele que quero caçar um cristal mágico numa montanha que poderiam roubar todo o meu ar em segundos, nem morto ele me deixaria ir embora. Ele encontraria um jeito para manter o herdeiro em Midas.

— Nada — minto. — Não se preocupe.

Meu pai considera a minha resposta, os lábios castanho-avermelhados formam uma linha dura.

— É obrigação do rei ficar preocupado quando o herdeiro dele é tão temerário.

Reviro os olhos.

— Ainda bem que você tem dois, então.

— É também o trabalho de um pai ficar preocupado quando o filho nunca quer voltar para casa.

Hesito. Posso nem sempre concordar com ele, mas odeio a ideia de o meu pai se sentir culpado pela minha ausência. Se o reino não fosse um problema, eu levaria o meu pai comigo. Levaria todos eles. Pai, mãe, irmã, e até o conselheiro real, se ele promettesse manter as adivinhações para si. Eu os colocaria no convés como se fossem bagagem, e mostraria a eles o mundo até o olhar deles ser capturado pela aventura. Mas não posso, então lido com a dor da saudade, que é muito melhor do que a dor de sentir saudade do oceano.

— É por causa do Cristian? — pergunta o meu pai.

— Não.

— Mentiras não são respostas.

— Mas soam tão melhor.

Meu pai apoia a mão grande no meu ombro.

— Quero que você fique aqui desta vez — diz ele. — Você passou tanto tempo no mar que se esqueceu de como ser você mesmo.

Sei que devo contar a ele que é a terra que me rouba de quem sou e que é o mar que traz isso de volta. Mas fazer essa confissão ao meu pai só causaria mágoa.

— Tenho um trabalho a fazer — digo. — Quando ele estiver concluído, vou voltar para casa.

A mentira tem um gosto horrível na minha boca. Meu pai, rei de Midas e, portanto, rei das mentiras, parece saber disso. Ele sorri com tanta tristeza que eu me curvaria se já não estivesse sentado.

— Um príncipe até pode figurar em um mito ou em uma lenda — explica ele —, mas não pode viver nele. Ele deve viver no mundo real, onde pode criá-los. — Ele parece solene. — Você deveria dar menos importância aos contos de fadas, Elian, ou acabará se tornando um deles.

Quando ele vai embora, penso se o conselho deveria ser terrível, ou lindo. Seria realmente tão ruim tornar-se uma história que é sussurrada para crianças no meio da noite? Uma canção que cantam um para o outro enquanto brincam. Outra parte das lendas midanas: sangue dourado e um príncipe que, uma vez, navegou pelo mundo em busca do monstro que ameaçava destruí-lo.

E é quando eu percebo.

Sento-me um pouco mais ereto. Meu pai me disse para parar de viver dentro dos contos de fadas, mas talvez seja exatamente isso o que preciso fazer. Porque o que aquele homem me contou no Ganso de Ouro não é um fato que pode ser impresso entre as páginas de livros técnicos ou biográficos. É uma história.

Sem perder tempo, abandono a cadeira e vou até a seção infantil.



Tem gliter e tesouros em todos os cantos de todas as ruas. Casas de telhados de sapê compostos de fios de ouro, lanternas elegantes com revestimentos mais reluzentes do que a própria luz que emitem. Até a superfície da água se transformou em um amarelo-leitoso, e o clima está agradável com o sol da tarde.

É tudo demais. Brilhante demais. Quente demais. Opulento demais.

Aperto a concha ao redor do pescoço para me reequilibrar. Ela me faz lembrar de casa. Minha espécie não tem medo do príncipe assassino deles; mas não suportamos a luz. O calor que corta o frio do oceano deixa tudo mais quente.

Aqui não é lugar para ninfas do mar. É lugar para sereias.

Espero ao lado do navio do príncipe. Não tinha certeza de que a embarcação estaria ali, a matança levou o príncipe a tantos reinos quanto fez comigo. E, caso estivesse, eu não sabia se a reconheceria. Tenho apenas os ecos repugnantes das histórias para me basear. Coisas que ouvi de passagem das raríssimas ninfas que viram o navio do príncipe e conseguiram escapar. Mas, assim que o encontrei nas docas midanas, eu soube.

Não é exatamente como nas histórias, mas tem a mesma ambientação sombria de cada um dos contos. Os outros navios no porto se parecem mais com esferas que com barcos, mas o dele tem uma ponta longa e afiada na frente. É muito maior do que qualquer outro, com um casco que mais parece o céu da noite, e um convés tão escuro quanto a minha alma. É um veleiro digno de um assassino.

Ainda o admiro nas profundezas das águas quando uma sombra aparece. O homem pisa na amurada do navio e olha para o mar. Eu deveria ter conseguido ouvir seus passos, mesmo debaixo da água. Ainda assim, ele chega de repente, uma das mãos agarra as cordas como apoio, e ele respira fundo e devagar. Estreito os olhos, mas, sob o brilho do ouro, é difícil enxergar muita coisa. Sei que é perigoso sair da água quando o sol ainda está tão forte, mas tenho que olhar mais de perto. Devagarinho, emergo na superfície e apoio as costas no casco molhado do navio.

Vejo o cintilar da insígnia real de Midas em seu polegar e lambo os lábios.

O príncipe midano veste as roupas da realeza de um jeito meio negligente. As mangas da camisa estão enroladas até os cotovelos, e os botões do colarinho, abertos, para que o vento possa atingir seu coração. Não parece muito mais velho que eu, mas os olhos estão exaustos e inflexíveis, olhos de inocência perdida, mais verdes do que alga, em uma busca constante. Até mesmo o oceano vazio é uma

presa para o príncipe, e ele o observa com uma mistura de suspeita e admiração.

— Senti saudade — diz ele ao navio. — Aposto que você também ficou com saudade de mim. Vamos encontrá-lo juntos, não é? E, quando o encontrarmos, mataremos cada um dos malditos monstros desse oceano.

Arranho os lábios com as presas. O que o faz pensar que tem o poder de me destruir? É uma mera fantasia com um massacre, e me pego sorrindo. Que perverso esse é, despojado de toda a inocência que vi nos outros. Não é um príncipe inexperiente e ansioso, seu potencial é de guerra e selvageria. Vai ser uma maravilha segurar o coração dele. Lambo os lábios de novo e os afasto, abrindo caminho para a minha canção. Mal tenho a chance de respirar fundo antes de ser arrastada para baixo da água.

Uma sereia flutua na minha frente. Ela é uma mistura de cores: rosa, e verde, e amarelo, como se houvesse manchas de tinta na pele. A barbatana serpenteia e ondula, e a armadura esquelética de escamas de cavalos-marinhos se projeta da barriga e dos braços.

— Meu! — diz ela, em psárrin.

Sua mandíbula se estica como uma tromba e, quando rosna, dobra-se em um ângulo doloroso. Ela aponta para o príncipe acima da água e bate no peito.

— Você não tem direito nenhum aqui — digo a ela.

A sereia balança a cabeça. Ela não tem cabelo, mas a pele no escalpo é um caleidoscópio e, quando a criatura se move, as cores cascateiam dela como luz.

— Tesouro — diz ela.

Se algum dia tive paciência, ela acabou de se esgotar.

— Do que você está falando?

— Midas é nossa — guincha a sereia. — Observamos e coletamos e juntamos tesouros quando caem, e ele é tesouro e ouro e *não é seu*.

— O que é meu — digo —, sou eu quem decido.

A sereia balança a cabeça.

— Não é seu! — grita ela, e se atira na minha direção.

Ela agarra e puxa o meu cabelo, cravando as unhas nos meus ombros e me chacoalhando. Ela grita e morde. Enterra os dentes no meu braço e tenta arrancar nacos de pele.

Nada impressionada com o ataque, seguro a cabeça da sereia e a esmago com a minha. Ela cai para trás, seus olhos sem pálpebra arregalados. A criatura flutua por alguns segundos, atordoada, então, solta um guincho altíssimo e parte para cima de mim de novo.

Assim que colidimos, uso força para levar a sereia até a superfície. Ela ofega tentando respirar, pois o ar é um veneno tóxico para suas guelras. Rio quando ela segura a garganta com uma das mãos e tenta me arranhar com a outra. É uma tentativa de dar dó.

— É você.

Meus olhos disparam para cima. O príncipe de Midas nos encara, horrorizado e tomado pelo fascínio. Seus lábios se inclinam um trisco para a esquerda.

— Olhe só para você — sussurra. — Meu monstro, veio me encontrar.

Eu o observo com a mesma curiosidade com que ele me avalia. O jeito com que o cabelo bagunçado roça a mandíbula sombreada e cai sobre a testa quando o príncipe se inclina para nos ver melhor. A covinha profunda na bochecha esquerda e a expressão de admiração no rosto. Mas, nos segundos que opto por tirar os olhos da sereia, a criatura aproveita a oportunidade e empurra nós duas para frente. Acertamos o casco do navio com tanta força que toda a embarcação range com o nosso poder. Tenho pouco tempo para entender o que aconteceu antes de o príncipe tropeçar e cair na água ao nosso lado.

A sereia me puxa para baixo de novo, mas, assim que vê o príncipe na água, afasta-se, encantada. Ele afunda como uma pedra no solo do mar raso, em seguida se esforça para levar o corpo de volta à superfície.

— Meu tesouro — diz a sereia. Ela chega mais perto e segura a mão do príncipe, mantendo-o debaixo da superfície. — O seu coração é ouro? Tesouro e mais tesouro e ouro.

Sibilo uma risada monstruosa.

— Ele não fala psáriin, sua tola.

A sereia vira a cabeça para mim, 180 graus completos. A criatura solta um guincho infernal, então, finaliza o círculo e se volta outra vez ao príncipe.

— Eu coleciono tesouros — continua ela. — Tesouros e corações, mas como um só. Agora como ambos e me transformo no que você é.

O príncipe se debate, enquanto a sereia o mantém preso debaixo da água. Ele chuta e soca, mas ela está transfixada. A criatura acaricia a camisa dele, e suas unhas rasgam o tecido, arrancando sangue. Em seguida, a mandíbula se afrouxa até um tamanho inimaginável.

O príncipe para de se mexer, e seus olhos começam a se fechar devagar. Ele está se afogando, e a sereia planeja roubar o coração dele para si. Roubá-lo e comê-lo, na esperança de se transformar no que ele é. De barbatanas para pernas. De peixe para algo mais. Ela roubará o que preciso para reconquistar o respeito da minha mãe.

Estou tão furiosa que nem penso antes de esticar o braço e enterrar as unhas no crânio da sereia. Em choque, ela solta o príncipe, e ele flutua de volta à superfície. Afundo ainda mais as unhas. A sereia se debate e arranha as minhas mãos, mas sua força não é nada comparada à de uma ninfa. Ainda mais à minha. Ainda mais quando tenho uma presa na mira.

Meus dedos pressionam mais fundo o crânio da sereia, desaparecendo dentro da pele arco-íris. Sinto o osso duro do esqueleto. A sereia fica imóvel, mas eu não paro. Enterro os dedos mais um pouco e puxo.

A cabeça dela cai no chão do oceano.

Penso em levá-la para minha mãe, como um troféu. Enfiá-la em uma lança em frente ao castelo de Keto, um aviso para todas as sereias que ousem desafiar uma ninfa. Mas a Rainha do Mar não aprovaria. As sereias são suas súditas, seres inferiores ou não. Lanço mais uma olhada de desdém para a criatura antes de nadar até a superfície em busca do meu príncipe.

Encontro-o na mesma hora, na beira de uma pequena faixa de areia perto das docas. Ele tosse com tanta violência a ponto de sacudir todo o seu corpo. Cospe grandes goladas de água, e cai de barriga. Nado até tão próximo da costa quanto posso, depois me arrasto pelo resto do caminho, até somente a ponta da minha barbatana tocar a água rasa.

Estendo a mão e seguro o tornozelo do príncipe, puxo-o para mim para que o seu corpo fique na mesma altura que eu.

Chacoalho o ombro dele e, quando ele não se move, eu o rolo de costas. A areia está grudada nas bochechas douradas, e os lábios estão ligeiramente abertos, molhados pelo mar. Ele parece estar quase morto.

A camisa se agarra à pele, e sangue escorre pelos cortes que a sereia abriu. O peito mal se move com a respiração e, se eu não pudesse ouvir o fraco bater de seu coração, teria certeza de que ele não passava de um lindo cadáver.

Coloco a mão em seu rosto e arrasto a unha do canto do olho até a bochecha. Uma fina linha vermelha borbulha em sua pele, mas ele nem se mexe. Sua mandíbula é tão afiada que poderia me cortar.

Devagar, deslizo o braço sob a camisa e pressiono a mão em seu peito. O coração dele bate desesperado sob a minha palma. Apoio a cabeça ali e escuto a percussão com um sorriso. Posso sentir o cheiro do oceano nele, uma salmoura inconfundível, mas misturado logo abaixo está o mais suave dos aromas de erva-doce. Ele tem o cheiro do alcaçuz dos pescadores. Do óleo açucarado que usam para atrair o pescado.

Eu me pego desejando que o príncipe estivesse acordado, para que eu pudesse ter um vislumbre daqueles olhos de alga antes de lhe roubar o coração e dá-lo à minha mãe. Levanto a cabeça do peito dele e paio a mão sobre seu coração. Minhas unhas agarram a pele do príncipe, e me preparo para afundar o meu punho.

— Vossa Alteza!

Ergo a cabeça em um estalo. Uma legião de guardas reais corre pelas docas em nossa direção. Volto a olhar para o príncipe, e os olhos dele começam a abrir. Sua cabeça pende na areia, e ele foca o olhar. Em mim. Seus olhos se estreitam quando ele nota a cor do meu cabelo e o único olho combinando. Não parece preocupado com as unhas enterradas em seu peito, nem com medo da morte iminente. Em vez disso, parece resoluto. E estranhamente satisfeito.

Não tenho tempo para pensar no que isso significa. Os guardas estão se aproximando rapidamente, gritando por seu príncipe, armas e espadas a postos. Todas apontadas para mim. Olho para o peito dele mais uma vez, para o coração que cheguei tão perto de conquistar. Então, mais rápido do que a luz, eu me arremesso de volta ao oceano e me afasto dele.



Meus sonhos estão cobertos de sangue que não é meu. Nunca é meu, porque sou tão imortal nos sonhos quanto aparento ser na vida real. Sou feito de cicatrizes e memórias, nenhuma das quais têm qualquer relação com a realidade.

Faz dois dias desde o ataque, e o rosto da ninfa do mar assombra as minhas noites. Ou o pouco que me lembro dela. Sempre que tento me lembrar de um momento específico, tudo o que vejo são os seus olhos. Um que se parece com o pôr do sol, e outro, com o oceano que tanto amo.

A Maldição dos Príncipes.

Eu estava meio tonto quando acordei na costa, mas poderia ter feito algo. Pegado a faca escondida no meu cinto e deixá-la beber o sangue da criatura. Esmagado o punho contra a bochecha dela e a prendido no chão, enquanto um guarda buscava o meu pai. Eu poderia ter matado aquele monstro, mas não o fiz, porque ela é uma maravilha. Uma criatura que me eludiu por tanto tempo e que, por fim, apareceu. Deixe-me apreciar um rosto do qual tão poucos homens viveram para falar.

Meu monstro me encontrou, e vou reencontrá-la rapidinho.

— É um ultraje!

O rei irrompe no meu quarto, seu rosto está vermelho. Minha mãe vem logo atrás dele, vestindo um *kalasiris* verde e uma expressão exasperada. Quando ela me vê, franze a testa.

— Ninguém soube me dizer nada — diz meu pai. — De que servem os guardas marinhos se não guardam o maldito mar?

— Querido. — Minha mãe apoia a mão gentil no ombro dele. — Eles estão de olho nos navios que estão na superfície. Não me lembro de termos dito a eles para nadarem debaixo da água e procurarem ninfas.

— Não deveríamos precisar dizer o óbvio! — Meu pai está indignado. — É de iniciativa que aqueles homens precisam. Ainda mais no que envolve o seu futuro rei. Deveriam saber que aquela cadela do mar viria atrás dele.

— Radames — repreende-o minha mãe. — Seu filho prefere sua preocupação à sua raiva.

Meu pai se vira para mim, como se tivesse acabado de me notar, apesar de ali ser o meu quarto. Vejo o exato segundo em que ele enxerga a linha de suor que encharca a minha testa e escorre do meu corpo para os lençóis.

A expressão dele suaviza.

— Você está se sentindo melhor? — pergunta. — Posso chamar o médico.

— Estou bem. — A rouquidão na minha voz expõe a mentira.

— Não parece.

Eu o dispenso com um aceno de mão. Odeio que, de repente, eu me sinta uma criança de novo, precisando do meu pai para me proteger dos monstros.

— Acho que ninguém parece bem antes do café da manhã — digo. — Mas aposto que ainda consigo seduzir qualquer uma das mulheres da corte.

Minha mãe me lança um olhar de advertência.

— Vou dispensar todos eles — diz o meu pai, continuando como se a minha moléstia não lhe tivesse feito parar por um momento. — Cada um daqueles arremedos de guardas marinhos que temos.

Eu me apoio na cabeceira da cama.

— Acho que você está exagerando.

— Exagerando! Você poderia ter sido morto no seu próprio reino em plena luz do dia.

Eu me levanto da cama. Cambaleio um pouquinho, oscilando sobre meus pés, mas me recupero rápido o suficiente para que ninguém perceba.

— Eu não os culpo por não a terem visto — digo, pegando a camisa do chão. — É preciso ter um olho treinado.

O que é verdade, a propósito, mas duvido que o meu pai se importe. Ele nem sequer parece se lembrar de que os guardas marinhos ficam de olho na superfície, atentos a embarcações inimigas, e que não são obrigados, de maneira alguma, a buscar demônios debaixo da água. O *Saad* é o lar dos poucos homens e mulheres do mundo que são loucos o bastante para tentarem.

— Um olho como o seu? — zomba o meu pai. — Então vamos contratar alguns daqueles patifes com quem você zanza por aí.

Minha mãe fica animada.

— Que ideia maravilhosa!

— Não é, não! — argumenta o meu pai. — Eu estava sendo irônico, Isa.

— Ainda assim, foi a coisa menos tola que te ouvi dizer em dias.

Sorrio para eles e vou até o meu pai, apoiando uma mão reconfortante no ombro dele. A raiva desaparece de seus olhos, e ele assume uma expressão parecida com resignação. Sabe tão bem quanto eu que só tem uma coisa a ser feita, eu devo partir. Suspeito que metade da raiva dele venha da consciência disso. Afinal de contas, Midas é um santuário que o meu pai vende como um porto seguro contra os demônios que caço. Um refúgio, para onde posso voltar se algum dia precisar. Agora, o ataque fez dele um mentiroso.

— Não se preocupe — digo. — Vou me certificar de que as ninfas sofram por isso.

Só percebo o quanto acredito nessas palavras quando as pronuncio. Meu lar está maculado com o mesmo perigo que o resto da minha vida, e não gosto nada disso. O lugar das ninfas é no mar, e as duas partes de mim, o príncipe e o caçador, permaneciam separadas. Odeio que a fusão delas não seja porque fui corajoso o bastante para acabar com o fingimento e contar aos meus pais que não pretendo me tornar rei e que, sempre que estou em casa, me sinto uma fraude.

Contar como penso com cuidado em cada palavra e ação antes de dizer ou fazer qualquer coisa, só para garantir que seja a coisa certa. Meus dois lados foram jogados um contra o outro porque a Maldição dos Príncipes me obrigou. Ela deu início a algo que eu deveria ter sido corajoso o bastante para ter feito por conta própria.

Eu a odeio por isso.

No convés do *Saad*, mais tarde naquele dia, minha tripulação está reunida ao meu redor. Duzentos homens e mulheres com fúria nos olhos ao verem o arranhão abaixo do meu olho. É o único ferimento que conseguem ver, apesar de haver muitos outros escondidos sob a camisa. Um círculo de unhas bem onde o coração fica. Pedacos da ninfa ainda incrustados no meu peito.

— Eu dei a vocês ordens perigosas no passado — digo à minha tripulação. — E vocês as cumpriram sem reclamar. Bem... — Abro um sorriso para eles — ... a maioria de vocês.

Alguns deles dão um sorrisinho na direção de Kye, e ele os saúda com orgulho.

— Mas, dessa vez, é diferente. — Respiro fundo, me preparando. — Preciso de uma tripulação de cerca de cem voluntários. É sério, aceitarei qualquer um que tiver interesse, mas acho que vocês sabem que, sem alguns de vocês, essa jornada não será possível. — Olho para o meu engenheiro-chefe, e ele assente com compreensão silenciosa.

O resto da tripulação me encara com expressões igualmente claras de fidelidade. As pessoas dizem que você não pode escolher sua família, mas eu fiz exatamente isso com cada um dos membros do *Saad*. Escolhi todos a dedo, e os que eu não escolhi, me procuraram. Escolhemos uns aos outros, cada um dos maltrapilhos que somos.

— Seja lá quais votos de lealdade vocês fizeram, não os cobrarei de vocês. Sua honra não está sendo testada, nem julgaremos ninguém que não se voluntariar. Se obtivermos sucesso, cada um dos membros da tripulação será recebido de braços abertos quando voltarmos a navegar. Quero deixar isso claro.

— Chega de discursos! — grita Kye. — Diga logo qual é o ponto para que eu possa decidir se coloco ou não as ceroulas na minha trouxa.

Atrás dele, Madrid revira os olhos.

— Não se esqueça da bolsa de mão.

Sinto o riso nos lábios, mas o engulo e continuo:

— Alguns dias atrás, um homem me procurou com a história de uma pedra rara que tem o poder de matar a Rainha do Mar.

— Como assim? — pergunta alguém na multidão.

— Impossível! — grita outra voz.

— Certa vez, me disseram que navegar com uma tripulação de delinquentes e esquisitões pelos mares para caçar os monstros mais letais do mundo não era possível — falo. — Me disseram que todos morreríamos em uma semana.

— Não sei quanto a vocês — diz Kye —, mas o meu coração ainda está batendo.

Lanço um sorriso a ele.

— O mundo foi levado a acreditar que a Rainha do Mar não pode ser morta por armas feitas pelo homem — digo. — Mas essa pedra não foi feita por humanos; foi concebida pelas famílias originais, usando a mais pura magia delas. Se a usarmos, a Rainha do Mar poderá ser morta antes mesmo de passar o tridente para a Maldição dos Príncipes. Isso vai arrancar todo e qualquer poder de toda a raça delas de uma vez por todas.

Madrid avança até a frente, abrindo caminho a cotoveladas. Kye vem atrás dela, mas ela mantém seu olhar sério em mim.

— Certo, entendi o que você disse, capitão — diz ela —, mas não deveríamos estar nos preocupando com a Maldição dos Príncipes?

— A única razão pela qual ainda não a transformamos em espuma é porque não conseguimos encontrá-la. Se matarmos a mãe dela, então ela vai mostrar a cara. Sem mencionar que é a magia da rainha que dá às ninfas suas habilidades. Se destruírmos a rainha, todas enfraquecerão, incluindo a Maldição dos Príncipes. Os mares serão nossos.

— E como encontramos a Rainha do Mar? — pergunta Kye. — Eu te seguiria até os confins da terra, mas o reino delas está no meio de um mar perdido. Ninguém sabe onde fica.

— Não precisamos saber onde o reino delas fica. Não precisamos saber nem onde o mar de Diábolos fica. A única coisa de que precisamos saber é como navegar até Págos.

— Págos — Madrid repete a palavra com a testa franzida. — Você não pode estar considerando *isso*.

— É onde o cristal está — digo a ela. — E assim que o tivermos, a Rainha do Mar virá atrás de nós.

— Então a gente só precisa ir até o reino do gelo e pedir ao povo da neve para entregá-lo a nós? — pergunta alguém.

Hesito.

— Não exatamente. O cristal não está *em* Págos. Está *em cima* de Págos.

— Na Montanha Nublada — Kye esclarece para o resto da tripulação. — Nosso capitão quer que escalemos até o topo da montanha mais fria do mundo. A montanha que matou todos os que tentaram.

Madrid bufa quando o burburinho começa.

— E — adiciona ela — tudo isso por um cristal mítico que pode ou não fazer a criatura mais temível do mundo bater à nossa porta.

Encaro os dois, nada surpreso com o teatrinho da dupla, ou com a dúvida repentina em suas vozes. É a primeira vez que me questionam, e não pretendo me acostumar à sensação.

— É mais ou menos isso mesmo — digo.

Há uma pausa, e dou o meu melhor para não me mexer nem fazer nada, exceto parecer inabalável. Como se pudessem confiar em mim. Como se eu tivesse a mínima ideia do que estou fazendo. Como se talvez eu não fosse acabar fazendo todos eles serem mortos.

— Bem... — Madrid se volta para Kye. — Parece divertido.

— Acho que você tem razão — diz ele, como se me acompanhar fosse um inconveniente que ele nunca havia considerado antes. Ele se volta para mim. — Conte com a gente, então.

— Suponho que posso tirar um tempinho para ajudar também, já que você pediu com tanta educação — grita outra voz.

— Não consigo dizer não para uma oferta tão tentadora, capitão!

— Bem, se todos estão tão animados assim...

Muitos deles gritam e assentem, prometendo suas vidas a mim com um sorriso. Como se tudo não passasse de um jogo. Com cada nova mão que se levanta, vem uma gritaria estrondosa daqueles que já concordaram. Gritam pela possibilidade da morte e pela companhia que terão na empreitada. Eles são insanos e maravilhosos.

Estou acostumado com a devoção. Quando as pessoas da corte me olham, vejo a lealdade impensada que surge quando não refletem demais. Algo natural àqueles que nunca questionaram a ordem bizarra das coisas. Mas, neste momento, quando a minha tripulação olha para mim, vejo o tipo de lealdade que conquistei. Como se eu merecesse o direito de liderá-los para onde eu bem entender.

Neste momento, tenho só mais uma coisa a fazer antes de zarparmos para a terra do gelo.



○ Ganso de Ouro é a única constante em Midas. Cada centímetro de terra parece crescer e mudar enquanto estou fora, com pequenas evoluções que nunca me parecem graduais, mas o Ganso de Ouro continua do jeito que sempre foi. Não plantaram flores douradas do lado de fora como todas as outras casas fizeram, conforme era costume, com os resquícios delas ainda visíveis nas profundezas das flores silvestres que as engolem. Nem erigiram pilares de arenito, nem penduraram sinos de vento, nem remodelaram o telhado para ter uma ponta como a das pirâmides. É uma atemporalidade intocada, então sempre que volto e algo em meu lar está diferente, posso ter certeza de que esse algo nunca será o Ganso de Ouro. Nunca será a Sakura.

Está cedo, e o sol ainda é um laranja-leitoso. Achei melhor visitar a espelunca do Ganso de Ouro enquanto o resto de Midas ainda dorme. Não parecia sensato pedir um favor à sua dona nascida do gelo quando havia pencas de clientes bêbados nos escutando às escondidas. Bato à porta de sequoia, e uma farpa entra no nó dos meus dedos. Consigo arrancá-la assim que a porta é aberta. Do outro lado, Sakura não parece nada surpresa.

— Eu sabia que era você. — Ela espia atrás de mim. — A tatuada não veio junto?

— Madrid está preparando o navio — digo a ela. — Vamos zarpar hoje.

— Que pena. — Sakura pendura um pano de prato no ombro. — Você não é nem de longe tão bonito quanto ela.

Não discuto.

— Posso entrar?

— Um príncipe pode pedir favores na soleira, como todo mundo.

— Não tem uísque na sua soleira.

Sakura sorri, os lábios vermelho-escuros se curvam para o lado. Ela estende os braços, gesticulando para eu entrar.

— Espero que os seus bolsos estejam cheios.

Entro, e não afasto o olhar dela. Não é como se eu achasse que Sakura fosse tentar algo fatídico, tipo me matar bem aqui no Ganso de Ouro, não quando o nosso relacionamento é tão lucrativo para ela. Mas tem algo em Sakura que sempre me incomodou, e não sou o único. Não existem muitas pessoas que possam administrar um bar como o Ganso de Ouro, com clientes que colecionam pecados como se fossem pedras preciosas. Brigas e pancadaria são constantes, e a maioria das noites mais sangue é derramado do que uísque. Ainda

assim, quando Sakura diz chega, homens e mulheres param. Dão uma ajeitada nos respectivos colarinhos, cospem no chão encardido e continuam a beber como se nada tivesse acontecido. Sem dúvida, ela é a mulher mais assustadora de Midas. E não tenho o costume de dar as costas a mulheres assustadoras.

Sakura vai para trás do balcão e serve uma dose de líquido âmbar num copo. No que me sento de frente para ela, Sakura leva o copo aos lábios e toma um gole rápido. Uma mancha de batom vermelho turvo suja a borda, e noto que o momento é fortuito.

Sakura desliza o copo até mim.

— Satisfeito? — pergunta ela, para mostrar que a bebida não está envenenada.

Posso explorar os mares em busca de monstros que são capazes de literalmente arrancar o meu coração, mas isso não significa que não sou cuidadoso. Não há nada que eu coma ou beba quando estamos atacadados que não tenha sido provado por alguém primeiro. Geralmente, essa responsabilidade é de Torik, que se voluntariou assim que o aceitei a bordo, e insiste que não está colocando a vida em risco, pois até mesmo o pior dos venenos não poderia matá-lo. Levando em conta apenas o mero tamanho dele, estou disposto a concordar.

Kye, é claro, recusou a responsabilidade. *Se eu morrer salvando sua vida*, disse ele, *então quem vai te proteger?*

Observo o batom borrado de Sakura e dou um sorrisinho, e giro o copo para evitar a marca antes de tomar um gole de uísque.

— Pode deixar os escrúpulos de lado — diz Sakura. — Peça logo.

— Sabe por que estou aqui, então?

— O reino inteiro está falando da sua ninfa. — Sakura apoia as costas na prateleira de bebidas. — Não pense que há uma única coisa que aconteça por aqui da qual eu não saiba.

Seus olhos estão mais afiados do que nunca, e apertados de um jeito que me diz que há pouquíssimos segredos meus de que ela não sabe. Um príncipe pode até ter o luxo da discrição, mas um pirata, não. Sei que muitas das minhas conversas foram roubadas por estranhos e vendidas para quem pagasse mais. Por um tempo, Sakura foi uma dessas vendedoras, trocando informações por ouro sempre que a oportunidade aparecia. Então, é claro, tomou o cuidado de escutar o homem que veio me procurar na calada da noite, contando histórias do lar dela e dos tesouros que o lugar esconde.

— Quero que você venha comigo.

Sakura ri, e o som não combina com a expressão séria em seu rosto.

— Isso é uma ordem do príncipe?

— É um pedido.

— Então não vou.

— Sabe... — Limpo a mancha do copo. — Seu batom está borrado.

Sakura dá uma olhada na marca vermelho-escura na borda do copo e pressiona um dedo nos lábios. Quando sai limpo, ela o encara. Posso vê-la com clareza agora, como a coisa que sempre soube que ela é. A mulher com rosto cor

de neve e lábios mais azuis do que o olho de qualquer ninfa do mar.

Um azul reservado para a realza.

Os nativos de Págos são diferentes de todas as outras raças nos cem reinos, mas a família real deles é uma raça a parte. Esculpidos de grandes blocos de gelo, a pele é muito mais pálida; o cabelo, muito mais branco; e os lábios, do mesmo azul do brasão.

— Faz tempo que você sabe? — pergunta Sakura.

— É por isso que deixei você se safar tantas vezes — digo a ela. — Não quis revelar o seu segredo até encontrar um jeito de tirar proveito dele. — Ergo o copo em um brinde. — Vida longa à princesa Yukiko de Págos.

A expressão de Sakura não muda com a menção de seu nome verdadeiro. Em vez disso, ela me olha sem esboçar reação, como se fizesse tanto tempo que nem ela reconhece mais o próprio nome.

— Quem mais sabe? — pergunta.

— Ainda não contei para ninguém. — Dou uma ênfase desnecessária no *ainda*. — Mas não entendo por que você se importa. Seu irmão assumiu a coroa há mais de uma década. Não é como se você tivesse um trono a reivindicar. Você pode ir aonde quiser e fazer o que quiser. Ninguém quer assassinar uma nobre que não pode governar.

Sakura me encara com franqueza.

— Sei muito bem disso.

— Então por que o sigilo? — pergunto. — Nunca ouvi falarem de uma princesa desaparecida, então só posso supor que a sua família sabe onde você está.

— Eu não sou uma fugitiva — diz Sakura.

— Então o que você é?

— Algo que você nunca será — sibila ela. — Livre.

Repouso o copo com mais força do que pretendia.

— Que sorte a sua, então.

É fácil para Sakura ser livre. Ela tem quatro irmãos mais velhos com direito ao trono antes dela, e nenhuma das responsabilidades que o meu pai gosta de me lembrar que ainda pesam em meus ombros.

— Fui embora assim que Kazue assumiu a coroa — diz Sakura. — Com três irmãos para aconselhá-lo, eu sabia que não teria sabedoria nenhuma a oferecer que fosse diferente da deles. Eu tinha vinte e cinco anos e nenhum interesse na vida de uma nobre que nunca governaria. Disse isso a eles. Disse que eu queria conhecer outras coisas além de neve e gelo. Eu queria cor. — Ela olha para mim. — Eu queria ver ouro.

Bufo.

— E agora?

— Agora, eu odeio esse tom vil.

Rio.

— Às vezes, sinto a mesma coisa. Mas aqui continua sendo a cidade mais bonita de todos os cem reinos.

— Você tem mais experiência nisso que eu — disse Sakura.

— Ainda assim, você ficou.

— É difícil encontrar um lar.

Penso na verdade do que ela disse. Entendo melhor do que ninguém, porque nenhum lugar para onde viajei jamais pareceu um lar de verdade. Até mesmo Midas, que é tão bonita e cheia de tantas pessoas que amo. Eu me sinto seguro aqui, mas não é como se fosse o meu lugar. O único lugar que posso chamar de lar, e ter certeza disso, é o *Saad*. E ele está sempre em movimento, sempre mudando. Difícilmente duas vezes no mesmo lugar. Talvez eu o ame porque ele não pertence a lugar nenhum, nem mesmo a Midas, onde foi construído. E, ainda assim, ele também pertence a todos os lugares.

Giro o restinho do meu uísque e olho para Sakura.

— Então seria uma pena se as pessoas descobrissem quem você é. Ser uma imigrante páguesa é uma coisa, mas ser uma nobre sem país é outra. Como as pessoas a tratariam?

— Pequeno príncipe. — Sakura lambe os lábios — Você está tentando me chantagear para conseguir um favor?

— É claro que não — digo, apesar de a minha voz insinuar o contrário. — Estou apenas constatando que seria inconveniente se as pessoas descobrissem. Ainda mais considerando os seus clientes.

— Seria inconveniente para eles — corrige Sakura. — Tentariam me usar, e eu teria que os matar. Provavelmente eu teria que matar metade deles.

— Acho que seria ruim para os negócios.

— Mas ser um assassino tem dado tão certo para você.

Não reajo a isso, mas a minha falta de emoção parece ser a reação exata que Sakura deseja. Ela sorri, tão linda, mesmo a zombaria sendo óbvia. Penso que é uma pena ela ter o dobro da minha idade, porque fica deslumbrante quando está sendo perversa e selvagem sob toda aquela fachada.

— Venha comigo para Págos — digo.

— Não. — Sakura se afasta de mim.

— Não, você não vai?

— Não, não é isso o que você quer me pedir.

Eu me levanto.

— Me ajude a encontrar o Cristal de Keto.

Sakura volta a se virar para mim.

— Agora sim. — Não há qualquer sinal de um sorriso no rosto dela agora. — Você quer que um páguesso o ajude a escalar a Montanha Nublada e a achar o seu conto de fadas.

— Não é como se eu pudesse simplesmente chegar lá e escalar a montanha mais letal sem fazer ideia de com o que estarei lidando. Seu irmão me deixará entrar? Se você estiver ao meu lado, poderá me aconselhar quanto ao que devo fazer. Me dizer qual é o melhor caminho a tomar. Me ajudar a convencer o rei a me dar salvo-conduto.

— Sou especialista em escalar montanhas. — A voz de Sakura goteja sarcasmo.

— Você teve que fazer isso no seu décimo sexto aniversário. — Tento disfarçar a impaciência. — Todo páguesso real teve que escalar. Você poderia me ajudar.

— Meu coração é tão bondoso.

— Estou pedindo...

— Você está *implorando* — diz ela. — E implorando por algo impossível. Ninguém, exceto a minha família, consegue sobreviver à escalada. Está no nosso sangue.

Bato os punhos na mesa.

— Os livros de contos de fada podem até vender a ideia, mas eu sei. Tem que haver outra rota. Uma trilha secreta. Um segredo mantido pela sua família. Se você não quiser vir comigo, pelo menos, me conte o que é.

— Não adiantaria nada.

— O que isso quer dizer?

Ela passa a língua pelos lábios azuis.

— Se o cristal realmente estiver na montanha, então, com certeza, está escondido no domo trancafiado do castelo de gelo.

— Um domo trancafiado — digo, sem demonstrar interesse. — Você acabou de inventar isso?

— Conhecemos muito bem as lendas escritas em todos esses livros infantis — diz ela. — Faz gerações que minha família tenta achar um jeito de entrar naquele domo, mas não tem outra entrada além da que está em plena vista, e não tem como a forçarmos. Foi trancado por mágica, talvez pelas próprias famílias originais. Precisamos é de uma chave. Um colar que a nossa família não sabe mais onde está. Sem ele, não importa quantas montanhas você barganhe para serem escaladas, nunca vai conseguir encontrar o que procura.

— Deixe que eu me preocupo com isso — digo. — Encontrar tesouros perdidos é uma especialidade minha.

— E o ritual necessário para libertar o cristal da prisão? — pergunta Sakura. — Acho que você leu sobre isso também, não leu?

— Nada específico.

— É porque ninguém o conhece. Como você planeja conduzir um ritual antigo, se nem mesmo sabe o que é?

Para ser sincero, pensei que Sakura fosse preencher essas lacunas.

— O segredo deve estar no seu colar — digo a ela, esperando ser verdade. — Pode ser uma inscrição simples que temos de ler. E, se não for, pensaremos em outra coisa.

Sakura ri.

— Digamos que você esteja certo — começa ela —, e digamos que as lendas sejam fáceis de encontrar. Digamos até que colares perdidos e rituais antigos também sejam. Digamos que os mapas e as rotas sejam a parte mais complicada. Quem garante que eu vou te ajudar com isso?

— Eu poderia vazar a sua identidade para todo o mundo. — As palavras têm um gosto mesquinho e infantil nos meus lábios.

— Que golpe baixo — diz Sakura. — Tente de novo.

Faço uma pausa. Sakura não está recusando ajudar. Está me dando a oportunidade de fazer com que valha a pena para ela. Todo mundo tem o seu preço, até mesmo a princesa páguesa esquecida. Só tenho que descobrir qual é o dela. Dinheiro parece irrelevante, e a ideia de oferecer qualquer quantia a ela me deixa enojado. Sakura poderia tomar como um insulto, ela é da realeza, afinal de contas, ou me vê mais como um garotinho do que como um capitão, o que claramente sou em sua presença. Tenho que dar a ela algo que mais ninguém pode. Uma oportunidade que Sakura nunca terá outra vez e assim nem sequer sonhará em deixar passar.

Penso no quanto somos parecidos: dois nobres tentando escapar do próprio país. Só que Sakura não quis deixar Págos por desgostar de ser princesa, mas porque o trabalho tinha se tornado inútil quando o irmão assumiu a coroa.

Ninguém quer assassinar uma nobre que não pode governar.

Sinto algo ruim na boca do estômago. No coração, Sakura é uma rainha. O único problema é que ela não tem um país. Entendo, então, o que a missão custará se eu realmente quiser ir adiante.

— Posso fazer de você uma rainha.

Sakura arqueia uma sobrancelha branca.

— Espero que você não esteja ameaçando matar os meus irmãos — diz ela —, porque os páguesos não se voltam um contra o outro por causa de uma coroa.

— Nada disso. — Eu me recomponho da melhor forma possível. — Estou te oferecendo um país totalmente diferente.

Uma expressão lenta de compreensão abre caminho pelo rosto de Sakura. Com falsa modéstia, ela pergunta:

— E que país seria esse, Vossa Alteza?

Isso vai significar o fim da vida que amo. O fim do *Saad* e do oceano e do mundo que vi duas vezes por completo, e que veria de novo mais milhares de vezes. Eu teria a vida de um rei, como o meu pai sempre quis, com uma rainha nascida da neve governando ao meu lado. Uma aliança entre gelo e fogo. Seria ainda mais do que o meu pai havia imaginado... e tudo não valeria a pena no final? Por que teria eu que continuar esquadrinhando o mar depois de todos os monstros terem sido destruídos? Talvez eu fique satisfeito governando Midas, uma vez que eu souber que o mundo está fora de perigo.

Mas, mesmo enquanto listo as razões pelas quais esse é um bom plano, sei que todas são mentiras. Sou um príncipe no papel, mas nada mais. Mesmo que eu consiga derrotar as ninfas e trazer paz ao oceano, o meu plano é continuar no *Saad* com a tripulação, se ainda quiserem me acompanhar, não mais em busca de algo, mas em movimento. Qualquer coisa diferente disso me faria miserável. Ficar parado, em um lugar de cada vez, vai me fazer miserável. No meu coração, sou tão selvagem quanto o oceano que me criou.

Respiro fundo. Serei miserável, então, se for esse o preço.

— Este país. Se houver um mapa que mostra uma rota secreta para subir a montanha e que a minha tripulação e eu possamos evitar congelar até a morte

durante a escalada, então será uma troca justa. — Estendo a mão para Sakura. Para a princesa de Págos. — Se você me der esse mapa, farei de você a minha rainha.



Cometi um erro. Tudo começou com um príncipe, como na maioria das histórias. Assim que senti a vibração de seu coração sob os meus dedos, não consegui mais esquecê-la. E, por isso, observei da água, esperando que ele reaparecesse. Mas dias se passaram e, quando ele apareceu, não se aproximou do oceano sem uma legião em seu rastro.

Cantar para ele das docas era arriscado demais, com a promessa de que guardas reais e transeuntes viriam em socorro do jovem caçador. Mas, com a tripulação ali, era outra coisa. Pude sentir a diferença naqueles homens e mulheres e em como acompanhavam o príncipe, moviam quando ele se movia, paravam e o ouviam absortos sempre que ele falava. Um tipo de lealdade que não pode ser comprado. Pulariam no oceano atrás dele e sacrificariam a vida pela dele. Como se eu fosse aceitar uma troca dessas.

Então, em vez de atacar, observei e os ouvi falar de histórias, de pedras com o poder de destruir mundos. O Segundo Olho de Keto. Uma lenda que a minha mãe caça desde o início do reinado. Os humanos falam de ir até o reino do gelo em busca da pedra, e sei que essa seria a minha melhor oportunidade. Se eu o seguisse até o mar de neve, as águas lá seriam frias demais para qualquer humano sobreviver, e a tripulação do príncipe não poderia fazer nada, senão vê-lo morrer.

Eu tinha um plano. Mas o meu erro foi achar que a minha mãe não tinha.

No que eu observava o príncipe, a Rainha do Mar me observava. E, quando me aventurei nas docas midanas em busca de comida, minha mãe revelou a sua presença.

O cheiro da profanação é podre. Uma linha de cadáveres, tubarões e polvos estava espalhada na água, formando uma trilha para eu seguir. Nado entre os corpos dos animais com os quais eu teria me banqueteadado em qualquer outro dia.

— Estou surpresa por você ter vindo — diz a Rainha do Mar.

Minha mãe parece majestosa, pairando em um círculo de carcaças. Restos mortais pingam dos símbolos em sua pele, e os tentáculos balançam letais ao lado dela.

Minha mandíbula fica tensa.

— Eu posso explicar.

— Imagino que você tenha muitas explicações nessa sua cabecinha — diz a rainha. — Mas, é claro, não estou interessada nelas.

— Mãe. — Minhas mãos se fecham em punhos. — Eu tenho uma razão para ter saído do reino.

Uma imagem do príncipe dourado surge na minha mente. Se eu não tivesse hesitado na praia e me preocupado tanto em saborear o cheiro doce de sua pele, não precisaria estar dando explicações. Teria apenas que apresentar o coração dele, e a Rainha do Mar seria misericordiosa.

— Você salvou um humano. — Sua voz soa tão monótona quanto a noite.

Balanço a cabeça.

— Isso não é verdade.

Os tentáculos da rainha se chocam com o fundo do mar, e uma onda forte de areia passa por mim, derrubando-me. Seguro a tosse quando um seixo fica preso na minha garganta.

— Você me insulta com as suas mentiras. — Ela ferve de raiva. — Você salvou um humano, e não qualquer humano, mas aquele que nos mata. É porque você vive para me desobedecer? — ela pergunta. Então, solta um rosnado enojado. — Ou talvez o seu coração tenha amolecido. Garotinha tola, enfeitiçada por um príncipe. Diga-me, foi o sorriso dele? Foi o que despertou o seu coração e a fez cair presa de um amor à primeira vista como se você fosse uma sereia qualquer?

Minha mente dá voltas. Mal consigo ficar indignada com a confusão. *Amor* é uma palavra que quase não ouvimos no oceano. Existe apenas na minha canção e nos lábios dos príncipes que matei. E nunca a ouvi da boca da minha mãe. Eu nem tenho certeza do que ela significa. Para mim, sempre foi uma palavra que os humanos valorizam por razões que não compreendo. Nem sequer existe um jeito de dizê-la em psárin. Ainda assim, minha mãe está me acusando de sentir exatamente aquilo. Seria a mesma lealdade que sinto por Kahlia? Uma força que me motiva a protegê-la sem pensar duas vezes? Se for o caso, então a acusação dela é ainda mais inacreditável, porque tudo o que eu quero é matar o príncipe e, apesar de eu talvez não saber o que o amor é, tenho certeza de que não é isso.

— Você está enganada — digo.

O canto dos lábios da rainha se curva em repugnância.

— Você assassinou uma sereia por ele.

— Ela estava tentando comer o coração dele!

Ela estreita os olhos.

— E por que — pergunta ela — isso seria algo ruim? Deixe a criatura pegar o coração imundo dele e engoli-lo de uma só vez.

— Ele era meu — argumento. — Um presente para você! Uma oferenda para os meus dezoito anos.

A rainha faz uma pausa para compreender o que ela disse.

— Você caçou um príncipe para o seu aniversário — diz ela.

— Sim. Mas, mãe...

Os olhos da Rainha do Mar escurecem e, em um instante, um dos tentáculos se estende e me arranca do fundo do mar.

— Sua coisinha insolente!

Os tentáculos se fecham ao redor da minha garganta, apertando até o oceano virar um borrão. Sinto um arrepio de medo. Eu sou letal, mas a Rainha do Mar é

algo a mais. Algo a menos.

— Mãe — rogo.

Mas a rainha apenas aperta com mais força ao som da minha voz. Se ela quisesse, poderia partir o meu pescoço ao meio. Arrancar a minha cabeça como arranquei a da sereia. Talvez, até o meu coração também.

A rainha me arremessa no fundo do mar e me agarra pelo pescoço, tocando o local frágil, apenas para rechaçar a minha mão quando os ossos estalam e latejam com o contato. Acima de mim, a rainha se eleva, imponente como uma sombra escura. Ao nosso redor, a água perde a cor, ficando cinza e, depois, escoando até o preto, como se o oceano estivesse manchado com a fúria dela.

— Você não é digna de ser a minha herdeira — sibila a Rainha do Mar.

Quando abro a boca para falar, sinto apenas um gosto ácido. O sal do oceano foi substituído pela magia escaldante que queima pela minha garganta. Mal consigo respirar em meio a dor.

— Você não vale a vida que recebeu.

— Pare — suplico.

Mal um sussurro, mal uma palavra. Um estalo no ar mascarado de voz, assim como foi com a minha tia Crestell antes de ela ser morta.

— Você acha que é a Maldição dos Príncipes — ruge a Rainha do Mar, às gargalhadas —, mas você é a salvadora do príncipe.

Ela ergue o tridente esculpido dos ossos da deusa Keto. Ossos como a noite. Ossos de magia. No centro, o rubi do tridente aguarda as ordens.

— Vejamos — desdenha a rainha —, se há alguma esperança de redenção sobrando em você.

Ela toca a base do tridente no chão, e sinto uma dor diferente de tudo o que eu poderia ter imaginado. Meus ossos estalam e se realinham. Sangue jorra da minha boca e dos meus ouvidos, escorrendo pela minha pele. Minhas guelras. A barbatana se parte, rasgando-me bem no meio. Quebrando-me em duas. As escamas, que uma vez brilharam como estrelas, são decepadas em segundos, e, abaixo do meu peito surge uma batida que nunca senti. Parece milhares de punhos me socando de dentro para fora.

Aperto o peito, unhas se cravam lá, tentando arrancar aquilo de mim. Libertá-lo. A coisa presa aqui dentro e que soca tão desesperadamente para ser solta.

Então, no meio disso tudo, a voz da minha mãe soa:

— Se você é a poderosa Maldição dos Príncipes, então vai conseguir roubar o coração do príncipe mesmo sem a sua voz. Sem a sua canção.

Tento me agarrar à consciência, mas o oceano está me sufocando. Sal e sangue arranham a minha garganta por dentro até que eu só consiga arfar e me debater. Mas aguento firme. Não sei o que vai acontecer se eu fechar os olhos. Não sei se algum dia voltarei a abri-los.

— Se você quiser voltar — rosna a Rainha do Mar —, então me traga o coração dele antes do solstício.

Tento me concentrar, mas as palavras dela viram ecos. Sons que não

compreendo. Não consigo entender, não consigo me concentrar neles. Fui destroçada e não é o suficiente para ela.

Meus olhos começam a fechar, o breu do mar borrando no fundo dos meus olhos. A água salgada espirala em meus ouvidos até não restar nada além do torpor. Com uma última olhada para a sombra embaçada da minha rainha, fecho os olhos e me entrego à escuridão.



A pirâmide desaparece atrás do horizonte. O sol está subindo mais e mais alto, ouro contra ouro. Navegamos adiante, deixando a cidade brilhante para trás, até o oceano se tornar azul novamente e os meus olhos se ajustarem à vasta expansão de cor. Sempre leva um tempo. No começo, os azuis estão abafados. O branco das nuvens salpicado com bronze, enquanto o cintilar remanescente de Midas flutua pelos meus olhos. Mas, logo, o mundo rebenta de volta, vívido e implacável. O laranja-coral dos peixes e o azul-campainha do céu.

Tudo ficou para trás de mim. A pirâmide, e a minha família, e o acordo que fiz com Sakura. E diante de mim: o mundo. Pronto para ser conquistado.

Aperto o pergaminho. O mapa das passagens escondidas por toda a grandiosa Montanha Nublada, mantido em segredo pelos nobres páguesos. É o que garante a segurança deles quando sobem a montanha para provar sua dignidade ao povo. Barganhei o meu futuro por isso, e tudo de que preciso agora é o colar páguesso. Ainda bem que sei exatamente onde procurar.

Não falei nada do noivado para a minha família. Estou guardando a surpresa para depois que eu for morto. Contar à tripulação já foi aborrecimento o bastante, e se as gracinhas mortificantes deles não tivessem sido problema o suficiente, o ultraje de Madrid por eu ter me usado como barganha foi. Ter passado metade da vida sendo vendida de navio a navio a deixou com um foco inflexível em todo e qualquer aspecto da liberdade.

O único conforto que eu poderia oferecer, e parecia estranho ser eu a oferecer conforto nessa situação, é que não tenho intenção nenhuma de levar a barganha adiante. Não que eu esteja planejando quebrar a promessa. Não sou esse tipo de homem, e Sakura não é o tipo de mulher que aceitaria uma traição. Mas há algo que pode ser feito. Um outro acordo que dará a nós dois o que queremos. Só preciso adicionar outro participante ao jogo.

Estou em pé no tombadilho, vistoriando o *Saad*. O sol desapareceu, e a única luz vem da lua e das lanternas que tremeluzem a bordo do navio. Sob o convés, a maior parte da minha tripulação esquelética, um nome adequado aos meus voluntários, está dormindo. Ou contando piadas e histórias obscenas em vez de cantigas de ninar. Os poucos que restam no convés estão parados e desanimados de um jeito que raramente os vejo.

Estamos navegando em direção a Eidýllio, uma das poucas paradas que temos antes de chegarmos à Págos, e a parte mais importante do meu plano. Eidýllio tem o único substituto da minha mão prometida a quem Sakura consideraria aceitar.

No deque, Torik está jogando cartas com Madrid, que alega ser a melhor em qualquer jogo que o meu imediato conseguir imaginar. A partida é silenciosa, marcada apenas por inaladas fortes de ar sempre que Torik traga o cigarro. Aos pés dele, está o meu engenheiro-assistente, que desaparece sob o convés de vez em quando apenas para reaparecer, sentar-se no chão e continuar a costurar os buracos de suas meias.

A noite traz à tona algo diferente em todos eles. O *Saad* é o seu lar e estão seguros aqui, finalmente capazes de abaixar a guarda por poucos e raros momentos. Para eles, o mar nunca é o perigo de verdade. Mesmo lotado de ninfas, e tubarões, e monstros que podem devorá-los por completo em questão de segundos. O perigo de verdade são as pessoas. São imprevisíveis. Traidoras e mentirosas. E, no *Saad*, estão a um mundo de distância.

— Então esse mapa vai nos levar até o cristal? — pergunta Kye.

Dou de ombros.

— Talvez só até a nossa morte.

Ele apoia a mão no meu ombro.

— Seja um pouco mais confiante — diz ele. — Você ainda não nos levou por nenhum caminho errado.

— Isso só mostra que ninguém vai estar preparado quando for o caso.

Kye me lança um olhar de desdém. Temos a mesma idade, mas ele tem um jeito engraçado de me fazer sentir mais novo. Mais como o garoto que sou do que como o capitão que tento ser.

— Os riscos são assim mesmo — diz Kye. — É impossível saber quais valem a pena até ser tarde demais.

— Você está ficando bem poético na sua velhice — digo a ele. — Só vamos esperar que você tenha razão e que o mapa seja realmente útil para nos ajudar a não congelar até a morte. Gosto muito dos meus dedos das mãos e dos pés.

— Ainda não consigo acreditar que você barganhou o seu futuro por um pedaço de pergaminho — diz Kye. A mão está na faca, como se simplesmente falar de Sakura o fizesse pensar em uma batalha.

— Não era você que estava me dizendo que riscos podem valer a pena?

— Não os do tipo que te arranjam um casamento profano com uma *princesa*. — Ele diz a última palavra como se ela fosse suja e como se a ideia de eu me casar com outra nobre nem sequer devesse ser considerada.

— O seu argumento é válido — digo a ele. — Mas vou oferecer um prêmio ainda melhor do que a minha mão para a Sakura. Por mais improvável que pareça. Essa é a verdadeira razão de estarmos indo para Eidýllio, então ainda não fique tão resignado assim com o meu destino. Eu tenho um plano; o mínimo que você pode fazer é ter fé.

— Mas os seus planos sempre acabam em cicatrizes.

— As mulheres amam cicatrizes.

— Não quando são marcas de mordida.

Dou um sorrisinho.

— Duvido de que a rainha de Eidýllio vá comer a gente.

— Tem muita terra entre a gente e ela — diz Kye. — Tempo suficiente para eu ser devorado em algum lugar do caminho.

Apesar do receio, Kye não parece incomodado por eu falar por alto. Ele nunca parece se importar com respostas elusivas e vagas, quase irreverentes. É como se a emoção da caça estivesse justamente no desconhecido. Muitas vezes, compartilhei do sentimento. Quanto menos eu sabia, maiores eram as chances de descoberta. Mas, agora, queria eu saber mais do que o que estava escrito no livro infantil escondido na mesa da minha cabine.

O texto fala do topo mais alto da Montanha Nublada, do ponto mais afastado do mar e do palácio que foi feito do último suspiro da deusa marinha Keto. Um lugar santo onde apenas os nobres páguesos podem entrar em suas peregrinações sagradas. É lá que se sentam em oração e adoram aos deuses que os esculpiram. É lá que passam dezesseis dias. E é lá, no centro desse lugar divino, que fica o cristal. Provavelmente.

A missão toda está baseada em rumores e boatos, e o único lado positivo disso é que o colar desaparecido impediu que Sakura e a família dela tivessem entrado no domo trancado. Não é como se eu fosse conseguir usar o cristal se já estivesse na posse dele. Só de imaginar a conversa com o rei de Págos, sinto minhas pernas tremerem. *O senhor faria a gentileza de deixar a mim e a minha tripulação pirata pegarmos emprestado, só por alguns dias, uma das fontes mais poderosas de magia do mundo? Depois que eu tiver matado a minha inimiga imortal, prometo que a trarei de volta.*

Pelo menos, se for eu a encontrar o cristal, estarei na vantagem. Mas, apesar do leve reconforto que isso traz, a conversa de Sakura sobre domos escondidos e chaves perdidas em formato de colares deixa as coisas mais complicadas. Se eu não conseguir encontrar o colar, então barganhei tudo por nada. Por outro lado, o fato de a família dela ter estado procurando o objeto por gerações sem sucesso algum não quer dizer muita coisa. Afinal de contas, nenhum deles sou eu.

— Quer jogar alguma coisa? — Madrid me olha. — Ao que parece, o Torik não sabe perder.

— E você só sabe roubar — diz Torik. — Ela guarda cartas na manga.

— A única coisa que eu tenho na manga são truques e talento.

— E aí está! — Torik aponta. — Veja bem. Truques.

Do chão, o engenheiro-assistente olha para eles.

— Eu não vi roubalheira nenhuma. — Ele passa a agulha por um par de meias de retalhos.

— Ara! — Torik dá um peteleco fraquinho na orelha dele. — Você estava ocupado demais bordando.

— Eu estou *costurando* — argumenta ele. — E se não quiser que eu continue fazendo isso, vou jogar vocês todos no mar.

Torik resmunga.

— Arrogante — diz ele. Então, se volta para mim. — Tudo o que eu ganho aqui é arrogância.

— É tudo o que você dá aos outros, também — digo a ele.

— Eu dou o meu coração e a minha alma — protesta Torik.

— Erro meu — digo. — Eu não sabia que você tinha nenhuma dessas coisas.

Ao meu lado, Kye dá um risinho.

— É por isso que ele sempre perde — comenta. — Não tem coração, por isso não tem imaginação.

— Você tome cuidado para que eu não tenha nenhuma ideia de te atirar direto no mar — Torik chama a atenção dele. — O que você acha, capitão? Precisamos mesmo de outro caçador de ninfas nesta missão?

— O Kye também cozinha — diz Madrid, devolvendo a ordem ao convés.

Torik balança a cabeça.

— Aposto que podemos jogar as redes e pegar os nossos próprios peixes para a janta. Podemos grelhá-los sem qualquer ajuda do seu namoradinho.

Madrid não se dá ao trabalho de responder e, no que estou prestes a responder por ela, algo à distância chama a minha atenção. Uma sombra estranha no meio do oceano. Uma silhueta na água. Semicerro os olhos e tiro o telescópio dourado da alça no cinto.

Para Kye, digo:

— Noroeste. — E o meu amigo tira um binóculo pequeno do próprio cinto. — Está vendo? — pergunto.

— É um homem.

Balanço a cabeça.

— Pelo contrário. — Semicerro os olhos contornados de preto, que estão praticamente colocados na lente. — É uma garota.

— O que uma garota está fazendo no meio do maldito oceano? — Torik sobe os degraus, vindo em nossa direção.

No convés principal, Madrid guarda as cartas na embalagem. Seca, ela diz:

— Talvez esteja pescando o próprio peixe para a janta.

Torik a olha atravessado.

— Tem tubarões por aqui.

— Ficam uma delícia com arroz.

Reviro os olhos.

Ainda bem que a garota está flutuando e não afundando. Mas é estranho ela não estar fazendo mais nada. Simplesmente, está ali, no oceano, sem nada nem ninguém ao redor. Respiro fundo e, no mesmo instante, a garota vira na direção do navio. Parece impossível, mas, neste momento, juro que ela está olhando direto para mim. Para dentro de mim.

— O que ela está fazendo?

Eu me viro para Kye.

— Ela não está fazendo nada — digo. — Só está parada.

Mas quando volto a olhar, ela não está mais lá. Em seu lugar, há uma quietude mortal.

— Kye! — grito, correndo para a beira do navio. — Em frente, a todo pano. Dê a volta e prepare a boia. Acorde o resto da tripulação e os deixe a postos. Pode ser uma armadilha.

— Capitão, não seja imprudente! — grita Torik.

— Deve ser uma emboscada — concorda Madrid.

Eu os ignoro e sigo em frente, mas Kye coloca a mão enluvada no meu ombro, segurando-me.

— Elian, pare. Pode haver ninfas na água.

Minha mandíbula fica tensa.

— Não vou deixar ninguém morrer por causa de uma ninfa maldita.

Kye endireita os ombros.

— Então me deixe ir em seu lugar.

Madrid faz uma pausa e, mais devagar do que o normal, iça a arma sobre o ombro.

Apoio a mão em cima da de Kye. Seu gesto não tem nada a ver com heroísmo, porque ele quer salvar a garota que está se afogando, e tudo a ver com lealdade. Porque o que ele realmente quer é me salvar. Mas, se tem uma coisa no mundo de que não preciso, é ser salvo. Arrisquei a minha vida vezes o bastante para saber que tenho sorte.

— Não me deixe afogar — digo.

Então, pulo.

A água me faz lembrar de unhas. Uma legião terrível de ferros cortantes perfura a pele até a minha respiração ficar presa e travada no peito. Não consigo imaginar como as águas páguesas serão em comparação. Não consigo imaginar o país deles, e a montanha, e os meus dedos ainda nas mãos enquanto a escalo.

Nado ainda mais fundo e deixo a minha cabeça girar.

Está tão escuro debaixo da água que, quanto para mais longe eu nado, mais duvido que alcançarei a superfície de novo. Mas, à distância, mesmo enterrado sob o oceano, posso ouvir o ronco do *Saad*. Posso sentir a água sendo puxada e cortada enquanto o meu navio me persegue. É quando eu a vejo.

Mergulhando até o fundo do mar, olhos fechados e braços estendidos como asas. Uma garota nua com cabelo até os cotovelos.

Nado em direção a ela por uma eternidade. Mais perto e mais fundo, até parecer que ela vai atingir as pedrinhas antes de eu alcançá-la. Quando as minhas mãos finalmente se fecham ao redor do pulso dela, me pego estremecendo com o quanto a garota está gelada. Mais gelada do que o oceano.

Ela é mais pesada do que eu esperava. Uma pedra naufragada. Peso morto. E não importa com quanta força eu a puxe para cima, o quanto as minhas mãos afundem em sua barriga e os meus braços espremam as suas costelas, ela não se move. Preocupo-me com a possibilidade de ser tarde demais, mas não posso suportar a ideia de deixá-la para os tubarões e monstros.

Com uma explosão de ar, rompo a superfície da água.

O *Saad* está próximo e, dentro de segundos uma boia é jogada ao meu lado. Deslizo-a sobre a garota, amarrando o seu punho flácido na corda para que a tripulação possa puxá-la primeiro.

É estranho ver um corpo sem vida ser erguido ao navio. A pele está muitíssimo pálida em contraste com a madeira escura do *Saad*, um pulso preso

na boia e o outro pendurado sem qualquer amparo abaixo. Quando a minha tripulação me puxa para cima, não paro para recuperar o fôlego. Vou direto até ela. Cuspo água salgada no convés e caio de joelhos ao lado da garota, desejando que ela se mova. É cedo demais. Cedo demais na nossa jornada para termos um corpo em nossas mãos. E por mais que eu goste de pensar que me acostumei com a morte, nunca vi uma mulher morta antes. Pelo menos, não uma que não fosse metade monstro.

Olho para a garota inconsciente e me pergunto de onde ela veio. Não tem nenhum navio à distância e nenhuma terra firme no horizonte. É como se ela tivesse aparecido do nada. Nascido do próprio oceano.

Desabotoo a minha camisa encharcada e a coloco sobre o corpo nu da garota, como um cobertor. O movimento repentino parece acordá-la e, arfando, seus olhos se abrem. São tão azuis quanto os lábios de Sakura.

Ela fica de bruços e tosse o oceano para fora, ofegando até parecer que não há mais água dentro dela. Quando se vira para mim, a primeira coisa que noto são as sardas, que têm forma de estrelas. Constelações salpicadas em seu rosto como as que eu nomeio enquanto o resto da tripulação dorme. Seu cabelo está grudado nas bochechas, um vermelho profundo e escuro. Apagado e muito perto do castanho. Ela parece jovem, mais jovem do que eu, talvez, e, inexplicavelmente, quando me estende a mão, permito-me ser puxado até ela.

Ela morde a boca, com força. Está rachada e furiosamente pálida, assim como a pele. Há algo na atitude, como se houvesse algo selvagem nela. Tem algo em seus olhos de oceano e na forma como ela acaricia o meu colarinho. Algo familiar e hipnótico. Ela sussurra alguma coisa, uma única palavra gutural que soa estranha em seus lábios. Não consigo entender, mas o que quer que seja, me deixa tonto. Chego mais perto e coloco a mão em seu pulso.

— Não entendi.

Ela se senta, bambeando, e agarra o meu colarinho com mais força. Então, mais alto, repete.

— *Gouroúni* — cospe ela, como uma arma. O rosto se contorce. Uma mudança repentina da garota inocente para algo muito mais cruel. Quase assassino. Recuo, mas, pela primeira vez, não sou rápido o bastante. A garota ergue a mão trêmula e a desce na minha bochecha. Com força.

Caio para trás.

— Capitão! — Torik vem em meu socorro.

Desconsidero a mão e encaro a garota. Ela está sorrindo. Uma sombra de satisfação pintada nos lábios muito, muito pálidos antes de os olhos se agitarem e fecharem e a cabeça atingir o convés.

Esfrego a minha mandíbula.

— Kye. — Não tiro os olhos da garota do oceano. — Traga a corda.



Quando acordo, estou presa à amurada.

Corda dourada está enrolada ao redor de um dos meus pulsos, laçando-o na barreira de madeira que tinha vista para o convés. Sinto o gosto da bílis ainda queimando. E estou com frio, o que é a sensação menos natural no mundo, porque passei a vida toda no meio do gelo. Agora, o frio me deixa entorpecida e tinge a minha pele de azul. Anseio pelo calor, e o brilho fraco do sol no meu rosto me deixa em êxtase.

Mordo o lábio, sentindo os novos dentes cegos contra a pele. Com um suspiro trêmulo, olho para baixo e vejo pernas. Coisinhas horríveis e pálidas que estão cruzadas de um jeito estranho debaixo de mim, salpicadas por hematomas. Alguns são manchas grandes; outros, tão pequenos quanto a pontinha do dedo. E os pés, também, com dedos rosados devido ao frio.

Minhas barbatanas se foram. Minha mãe me amaldiçoou. Quero morrer.

— Ah, que bom, você está acordada.

Afasto a cabeça da amurada e vejo um homem me encarando. Um homem que também é um príncipe cujo coração, uma vez, esteve ao meu alcance. Ele me observa com olhos curiosos, o cabelo preto ainda está molhado nas pontas, pingando nas roupas imaculadamente secas.

Ao seu lado, está um homem maior do que todos que já vi. Sua pele é quase tão preta quanto o casco do navio. Está parado ao lado do príncipe, a mão no punho de uma longa espada que pende de uma fita presa ao colete. E mais dois: uma garota de pele marrom com tatuagens espalhadas pelos braços e nas laterais das bochechas, brincos gigantes de ouro e um olhar desconfiado. Na defensiva, ao seu lado, está um rapaz de traços fortes que tamborila a faca em seu cinto.

Lá do convés, muitos outros olham para mim.

Vi seus rostos. Momentos antes de o mundo escurecer. O príncipe me salvou de um afogamento? Essa ideia me deixa furiosa. Abro a boca para dizer que ele não tem direito algum de me tocar, ou que deveria ter me deixado afundar no oceano que chamo de lar só para irritar a minha mãe. Só porque ela merecia. Que a minha morte fosse uma lição para ela.

Em vez disso tudo, digo, no meu melhor midão:

— Você nada bem.

— Você, não — retruca ele.

Ele parece achar graça e não sente nem um pouco de medo da criatura letal diante dele. O que significa que ele é um idiota, ou não sabe quem eu sou.

Provavelmente, os dois. Apesar de eu não achar que o príncipe perderia tempo me amarrando à amurada se planejasse me matar. Me pergunto a que ponto o feitiço da minha mãe alterou a minha aparência para que ele não me reconhecesse.

Olho para os outros, que observam o príncipe cheios de expectativa. Esperando as ordens e o veredito dele. Querem saber o que o jovem planeja fazer comigo, e posso sentir o quanto estão aflitos pela minha identidade permanecer um mistério. Gostam de estranhos ainda menos que eu e, ao encarar cada um de seus rostos encardidos, sei que vão me jogar no mar, caso o príncipe dê a ordem.

Olho para ele e tento encontrar as palavras certas no idioma de Midas. O pouco que falei na língua deixou um gosto estranho na minha boca, as vogais todas se misturando de um jeito lento demais. Tem o gosto exato de como soa, de calor e ouro. Minha voz não parece minha. Meu sotaque é pesado demais para conectar as palavras, então a língua sibila nas letras que me são estranhas.

Com cuidado, digo:

— Você sempre amarra mulheres ao seu navio?

— Só as bonitas.

A garota tatuada revira os olhos.

— O próprio Príncipe Encantado — diz ela.

O príncipe ri, e o som me faz lambear os lábios. Minha mãe o quer morto, mas ela quer que eu faça isso num corpo humano para provar que mereço ser a futura governante do mar. Se eu conseguir chegar perto o bastante...

— Me desamarre — dou a ordem.

— Você deveria me agradecer antes de ladrar ordens — diz o príncipe. — Afinal de contas, eu te salvei e te vesti.

Olho para baixo e percebo que é verdade. Uma enorme camisa branca arranha as minhas pernas, o tecido encharcado se agarra ao meu novo corpo.

— De onde você é? — pergunta o príncipe.

— Alguém te jogou no mar enquanto você tirava a roupa? — pergunta a garota.

— Talvez eles a tenham jogado no mar *porque* ela estava tirando a roupa — diz o rapaz com a faca.

Isso arranca gargalhadas dos outros.

— Perdoe-nos — diz o príncipe. — Não é todo dia que encontramos uma garota nua se afogando no meio do oceano. Ainda mais sem nenhum outro navio à vista. Ainda mais uma que me ataca logo depois que eu a salvo.

— Você mereceu.

— Eu estava te ajudando.

— Exatamente.

O príncipe considera o que eu disse e, em seguida, tira uma pequena engenhoca redonda do bolso. Parece algum tipo de bússola e, quando volta a falar, seus olhos estão fixos nela, a voz enganosamente tranquila.

— Não consigo identificar seu sotaque — diz ele. — De onde mesmo você é?

Uma sensação estranha se aloja no meu peito. Desvio os olhos do objeto, odiando como me sinto quando olho para aquela coisa. Como se ela estivesse me encarando.

— Me solte — digo.

— Qual é o seu nome? — pergunta o príncipe.

— Me solte.

— Parece que você não sabe muito midão. — Ele balança a cabeça. — Primeiro, me diga qual é o seu nome.

Ele alterna o olhar entre mim e a bússola, analisando, enquanto tento pensar em uma mentira. Mas não há esperança, porque não conheço nenhum nome humano com o qual mentir. Nunca me demorei o bastante para ouvi-los, e diferente das sereias que espionam os humanos sempre que podem, nunca me importei em aprender mais sobre as minhas presas.

Com um cuspe feroz, digo:

— Lira.

Ele desce os olhos até a bússola e sorri.

— Lira — repete, guardando o pequeno objeto. Meu nome soa melódico em seus lábios. Menos parecido com a arma que foi quando eu o disse. — Sou o Elian — diz ele, apesar de eu não ter perguntado. Um príncipe é um príncipe e seu nome é tão irrelevante quanto sua vida.

Apoio a mão livre no topo da amurada e me levanto. Minhas pernas tremem violentamente, e cedem abaixo de mim. Bato com força no convés e solto um silvo de dor. Elian observa, e só após uma breve pausa é que estende uma mão desconfiada. Incapaz de suportá-lo pairando sobre mim, eu a pego. Seu aperto é forte o bastante para me reerguer nos meus pés instáveis. Quando quase tropeço de novo, suas mãos voam até o meu cotovelo e me seguram firme no lugar.

— É o choque. — Ele pega a própria faca e corta as cordas que me prendem à amurada. — Você vai recuperar o equilíbrio rapidinho. Respire com calma.

— Eu teria mais equilíbrio se não estivesse nesse navio.

Elian ergue uma sobrancelha.

— Você era muito mais encantadora quando estava inconsciente.

Estreito os olhos e pressiono a mão em meu peito para me equilibrar. Sinto o bater vagaroso do meu coração e, em questão de segundos, sou levada de volta a Midas. Quando estive tão perto de roubá-lo.

Elian fica tenso e, devagar, afasta a minha mão do meu peito, apoiando-a outra vez na amurada. Ele enfia a mão no bolso da calça e tira dali um pequeno colar de corda. A correntinha é de um azul cintilante, que brilha como a água sob o sol. É líquido transformado em alguma outra coisa, liso demais para ser gelo e sólido demais para ser oceano. Reluz contra o ouro da pele de Elian e, quando o príncipe abre a mão, revela o pingente pendurado nela. Pontas afiadas e curvas manchadas de vermelho-caranguejo. Meu queixo cai e toco o pescoço, onde a minha concha do mar uma vez esteve. Nada.

Furiosa, pulo para cima de Elian, com as mãos formando garras. Mas as minhas pernas estão instáveis demais, e a tentativa quase me manda de volta ao

chão.

— Calminha aí, donzela. — Elian agarra o meu cotovelo para me manter de pé.

Arranco o meu braço das mãos dele e mostro os dentes.

— Me devolva — ordeno.

Ele inclina a cabeça.

— Por que eu faria isso?

— Porque é meu!

— É mesmo? — Ele passa o polegar pelos vincos da concha do mar. — Pelo que eu saiba, este é um colar para monstros, e você, com certeza, *não* parece ser um deles.

Cerro os punhos.

— Quero que você me devolva.

Estou enfurecida com o midão na minha língua. Os sons suaves são exóticos demais para demonstrar raiva. Estou me coçando para lançar as lâminas afiadas do meu idioma contra ele. Rasgá-lo com os espinhos do psáriin, língua em que cada palavra pode ferir.

— O que isso aqui vale? — pergunta Elian.

Eu o encaro.

— Como assim?

— Nada é de graça no oceano — explica ele. — Quanto o colar vale para você?

— Sua vida.

Ele ri e, ao seu lado, o homem gigantesco solta uma risada bem-humorada. Não sei o que foi tão engraçado, mas, antes que eu possa perguntar, Elian diz:

— Acho que a minha vida não vale tanto assim para você.

Ele está tão errado...

— A minha, então — digo.

E é verdade, porque o colar é como vou encontrar o caminho de volta para casa. Ou, pelo menos, é como posso pedir ajuda. Se não puder me levar de volta ao meu reino como humana, então posso, pelo menos, evocar Kahlia. Ela pode falar com a Rainha do Mar por mim e implorar para que ela ponha um fim à punição, para que eu não tenha que fazer isso.

— Sua vida — repete Elian. Ele dá alguns passos na minha direção. — Tome cuidado para quem você diz isso. Um homem mais perverso que eu pode te fazer cumprir a sua palavra.

Eu o empurro.

— E você é um homem bonzinho?

— Gosto de pensar que sou.

Ele segura a concha contra a luz do sol. Sangue contra céu. Vejo a curiosidade em seus olhos enquanto ele se pergunta o que uma naufraga está fazendo com uma bugiganga daquelas. Pondero se ele sequer sabe para o que ela serve, ou se é apenas algo que viu no pescoço das ninfas que assassinou.

— Por favor — digo, e os olhos de Elian disparam até mim.

Nunca usei essas palavras, em nenhuma língua, e, apesar de ser impossível Elian saber disso, ele parece perturbado. Tem uma rachadura na bravata. Afinal de contas, sou uma garota seminua sendo mantida prisioneira, e ele, um príncipe humano. Nobre por nascimento e destinado a liderar um império. O cavalheirismo está em suas veias, e tudo o que preciso fazer é lembrá-lo disso.

— Quer que eu implore? — pergunto, e a mandíbula de Elian fica tensa.

— Se você simplesmente me contar por que o tem, eu devolvo.

Ele parece sincero, mas eu sou mais esperta. Piratas são mentirosos por causa do trabalho, e os nobres, por causa do sangue. Sei disso por experiência.

— Minha mãe me deu — digo.

— Um presente. — Elian pondera a resposta. — Passado de geração em geração desde quando? Você sabe o que isso faz ou como funciona?

Ranjo os dentes. Eu deveria saber que as perguntas não teriam fim até ele arrancar a verdade de mim. Eu a daria a ele de bom grado em qualquer outro dia, mas estou indefesa nesse navio sem a melodia da minha voz para deixá-lo submisso. Mal consigo ficar de pé sozinha. A concha é a minha última esperança, e ele está me negando isso.

Pulo para cima dele outra vez. Sou rápida, mesmo como humana, e meus dedos se fecham ao redor de seu pulso em um instante. Mas, de algum modo, Elian é mais rápido e, assim que a minha mão prende a dele, a faca do príncipe está no meu pescoço.

— É sério. — Ele pressiona a lâmina com força na minha garganta, e sinto um pequeno talho de dor. — Isso não foi nada inteligente.

Aperto a mão ao redor do pulso dele, recusando-me a soltar. O corte no meu pescoço arde, mas já senti e causei dores piores. Seu rosto tem uma expressão astuta quando o olho com desprezo, nada como os príncipes doces e gentis que matei antes. Aqueles cujos corações estão enterrados debaixo da minha cama. Elian é tão guerreiro quanto eu.

— Capitão! — Um homem emerge do convés inferior, com os olhos arregalados. — Os radares avistaram uma!

Sem perder tempo, Elian olha para o garoto que tem a faca.

— Kye — diz ele. É só um nome, só uma palavra. Mesmo assim, o rapaz assente abruptamente e pula os degraus até os conveses abaixo.

Em um segundo, Elian arranca a lâmina da minha garganta e a embainha.

— Em suas posições! — grita. Ele prende a concha ao redor do próprio pescoço e corre até a beirada do navio.

— O que vocês estão fazendo? — pergunto.

Elian se vira para mim, há um brilho ardiloso em seus olhos.

— É o seu dia de sorte, Lira — diz ele. — Você está prestes a conhecer a sua primeira ninfa.



Observo os humanos pulando de uma ponta a outra do navio, puxando cordas e gritando palavras e nomes que não entendo muito bem. Em algum momento, o rapaz com a faca, Kye, tropeça e corta a palma da mão. Sem perder tempo, a garota tatuada arranca a bandana da cabeça e a joga para ele antes de correr até o timão e puxá-lo para a esquerda. O navio vira rápido demais para que eu mantenha o equilíbrio, e volto a cair no chão.

Solto um grito agudo e frustrado, e procuro o meu captor nos conveses. O príncipe Elian se esgueira sobre a borda, um braço enrolado em uma corda, e o outro segurando aquele objeto misterioso contra a luz.

— Calma — diz ele à tripulação. — Mantenham o navio firme.

Ele sussurra algo para si mesmo. Um monte de midão que não consigo discernir, muito menos entender; em seguida, o príncipe sorri para a bússola e grita:

— Torik, agora!

O homem grande se debruça para os conveses abaixo e berra para a tripulação. Assim que o estrondo da sua voz estremece os meus ossos, um assobio agudo rasga o ar. Levo as mãos às orelhas. Não é bem um barulho, parece mais uma lâmina atravessando o meu crânio. Um som tão estridente que sinto como se os meus tímpanos fossem explodir. Ao meu redor, os humanos parecem não ter sido afetados. Assim, com uma careta, abaixo as mãos e tento esconder o desconforto.

— Eu vou pular — grita Elian, por cima do ombro. Ele joga a bússola para a garota. — Madrid, abaixe a rede quando eu der o sinal.

Ela assente, e ele tira um pequeno tubo do cinto e o coloca na boca. E desaparece. O príncipe mergulha quase sem fazer barulho, tão silencioso que tropeço até a beirada do navio para me certificar de que ele realmente pulou. Como esperado, ondulações empoçam a superfície da água, e o príncipe some de vista.

— O que ele está fazendo? — pergunto.

— O papel dele — responde Madrid.

— Que papel?

Ela tira uma pequena balestra do cinto e posiciona a flecha na haste.

— De isca.

— Ele é um príncipe — observo. — Ele não pode ser a isca.

— Ele é um príncipe — diz ela. — Então é ele que decide quem é a isca.

Kye entrega a ela uma aljava cheia de flechas e me lança um olhar cauteloso.

— Se está tão preocupada, podemos te jogar no lugar dele.

Ignoro ambos os comentários e as expressões hostis. A mesquinhez humana não tem limites.

— Com certeza, ele não vai conseguir respirar por muito tempo — digo.

— Cinco minutos de ar — diz Madrid para mim. — É para isso que o tubo serve. Uma coisinha bem útil que o capitão arranjou há um tempo lá em Efévresi.

Efévresi. A terra da invenção. É um dos poucos reinos dos quais tomei o cuidado de me manter longe, tendo cautela com as maquinarias que patrulham as águas. Redes feitas de relâmpagos e drones que nadam mais rápido do que qualquer sereia. Navios que mais parecem bestas, com conhecimento e inteligência próprios.

— Quando o capitão voltar aqui para cima, você vai testemunhar algo maravilhoso — diz Kye para mim.

— Monstros não são maravilhosos — comenta Madrid.

— Vê-los morrer é bem maravilhoso. — Kye lança um olhar enfático na minha direção. — É o que acontece com os nossos inimigos, sabe.

Madrid bufa.

— Fique de olho no sinal do capitão — diz ela.

— Ele mandou você fazer isso.

Ela sorri.

— E, tecnicamente, querido, a minha posição supera a sua.

Kye coça o rosto com o dedo do meio, o que, aparentemente, não é um gesto lisonjeiro, pois, no segundo seguinte, o queixo de Madrid cai e ela pega impulso para acertar o ombro dele. Kye desvia sem dificuldade, então, agarra a mão dela no meio do golpe, puxando-a para si. Quando Madrid abre a boca para dizer algo, o rapaz pressiona os lábios nos dela e rouba um beijo. Como um ladrão roubando um momento. Eu meio que espero vê-la acertá-lo com a besta, eu faria isso, mas, quando ele se afasta, a garota apenas o empurra de levinho. O sorriso dela é impiedoso.

Eu me viro para o outro lado e uso a amurada como apoio. O sol cozinha as minhas pernas nuas, e o vento murmura no meu ouvido. Ao meu redor, o zumbido estridente se abrandou até virar um eco débil, fazendo tudo parecer quieto demais. Tranquilo demais. Debaixo do mar, nunca é sereno assim. Sempre há gritos, e brigas, e violência. Sempre há o oceano movendo-se constantemente e evoluindo para algo novo. Nunca parado e nunca o mesmo. Na terra, neste navio, tudo continua estável demais.

— Ignore o Kye — diz Madrid. Ela para ao meu lado. — Ele é sempre assim.

— Assim como?

— Ridículo — diz, e logo se vira para ele. — Se o sonar falhar de novo, vá lá embaixo e mostre a sua faca para aquele engenheiro.

— O sonar? — pergunto.

— É esse zumbido — explica ela. — Não nos incomoda muito, mas as ninfas enlouquecem. Atinge o sistema nervoso delas e as incapacita.

Kye limpa a terra de debaixo da unha do polegar com a faca.

— Isso as impede de cantar suas cançõezinhas e de afogar todo mundo.

Ranjo os dentes. Típico dos humanos usarem truques sujos de tecnologia para lutar a guerra por eles. Nunca ouvi falar de algo que pudesse tirar os poderes de uma ninfa, mas passar pela experiência de ter o meu crânio sendo rasgado pelo som fez ser fácil de acreditar naquele pormenor. Imagino o quanto seria excruciante ouvi-lo em forma de ninfa. Se chegaria perto da magia da minha mãe.

— Sei que parece que o nosso número não impressiona — diz Madrid. — Geralmente, a tripulação é bem maior, mas estamos numa missão meio especial. O capitão nos cortou pela metade para pôr em prática o capricho mais recente dele.

Eu a olho com desconfiança.

— Eu não perguntei nada sobre a tripulação.

Ela ri e tira um cacho do rosto. Sem a bandana, o cabelo saiu do controle.

— Imaginei que você tivesse perguntas — diz ela. — Não é todo mundo que acorda e descobre que está no infame navio caçador de ninfas do mar na companhia do príncipe dourado. Sem dúvida você deve ter ouvido só do melhor e do pior de nós. Quero que você saiba que apenas metade das histórias são verdade.

Ela sorri na última parte, como se fôssemos velhas aliadas. Como se ela tivesse motivo para ficar confortável ao meu lado.

— Você não pode continuar a bordo do nosso navio sem saber como as coisas funcionam — diz Madrid.

Kye faz um barulho depreciativo.

— Acho que o capitão não quer nenhum estranho sabendo como tudo aqui funciona.

— E se ela virar parte da tripulação?

— Se vestir a camisa do capitão fizer de alguém parte da tripulação, então metade das garotas de Eidýllio estariam navegando com a gente.

— Ótimo — diz Madrid. — Precisamos de mais sangue feminino.

— Já temos bastante sangue derramado no convés por conta das ninfas.

— Espuma do mar não conta — responde ela, mordaz, e o olhar desdenhoso que Kye tinha exibido ao falar de mim desaparece e dá lugar a um sorriso minúsculo.

— Você gosta de inventar regras conforme lhe convém, não é, amor?

Madrid dá de ombros e se vira para mim, os braços rabiscados abertos como asas.

— Bem-vinda ao *Saad*, Lira — diz ela.

Então, Elian irrompe do oceano.

Para o meu alívio instantâneo, o som do sonar dissipa e, apesar de deixar um zumbido nos meus ouvidos, a dor diminui na mesma hora. Os lábios de Kye se abrem em um sorriso e, ao mesmo tempo, Elian respira fundo, deixando o navio em frenesi. Da água, uma rede é içada até a superfície, transformando o oceano em ondas poderosas. Dentro, uma criatura se debate e sibila, sua barbatana

enrolada é a única coisa entre ela, o príncipe e o coração dele.

Elian está sentado do outro lado, faca em mãos, observando a ninfa. Ela tenta arranhá-lo, mas a rede é larga, e os dois estão a pelo menos um metro um do outro. Ainda assim, o príncipe parece alerta, uma das mãos agarrada à rede para manter o equilíbrio, e a outra apertando a faca.

— Se vocês tiverem um minutinho — grita Elian ao navio. — Eu não ligaria de subir a bordo.

— Mexam-se! — grita Torik para o restante da tripulação. — Eu quero aquela maldita rede aqui em cima para ontem.

Kye se apressa até ele e puxa a corda que prende a rede. Ele se inclina para trás para que o corpo sirva de contrapeso. Abaixo, a ninfa guincha tão venenosamente que mal consigo entender o psáriin em sua boca. Ela está sangrando, mas não consigo ver de onde. O vermelho parece cobrir grande parte dela, como tinta sobre a pele. Enquanto a rede é trazida ao navio, ela continua a se debater, e o apito soa outra vez. Cerro as mãos ao lado do corpo para me impedir de levá-las aos ouvidos. A ninfa perdeu o controle. Suas mãos voam até o rosto, e ela arrasta as unhas pelas bochechas, tentando arrancar o barulho de dentro de si. Seus gritos soam como a própria morte. Um som que faz os dedos dos meus pés recém-formados se dobrarem.

Kye puxa a corda com mais força, seus braços pingando suor. Quando a rede finalmente alcança o topo, ele entrega a corda a outro tripulante, e corre até o príncipe. Em questão de segundos, a rede é desenrolada, e Elian, liberto.

Kye e Madrid o seguram pelos cotovelos e o arrastam para longe do perigo. Vejo que os braços do príncipe estão cortados. Talhos iguaizinhos ao dia que a sereia tentou roubar seu coração de mim. Sem perder tempo, Kye rasga a manga da sua camisa e segura a mão de Elian. Está perfurada com buracos profundos. O sangue é vermelho-escuro, nada parecido com o ouro de que ouvi falar. A visão me faz congelar no lugar.

— Você está louco? — grita Kye. Ele usa a camisa como uma bandagem improvisada. — Não acredito que você entrou naquela coisa.

— Não teve outro jeito. — Elian balança a mão como se sacodisse o machucado para longe. — Ela não caiu na tentação.

— Poderia ter atingido uma artéria — diz Madrid. — Nem pense que vamos desperdiçar pontos em você se for acabar sangrando até a morte.

Elian dá um sorrisinho em resposta à insubordinação. Tudo é um jogo para ele. Lealdade é zombaria. Devoção é afinidade, em vez de medo. Ele é um enigma disfarçado de governante, capaz de rir da ideia de deslealdade como se isso nunca pudesse vir a ser uma opção. Não consigo imaginar algo assim.

— Se for continuar fazendo isso — diz Kye —, deveríamos investir em redes mais seguras.

Olho para a rede em questão e quase sorrio. É uma teia de fios e vidro. Cacos trançados um ao outro para que o metal retorcido possa criar uma cela em pouquíssimo tempo. É monstruoso e glorioso.

Dentro, a ninfa lamenta.

— Ela é esperta — diz Elian, vindo até mim. — Geralmente, o barulho as confunde tanto que fico parado perto da rede e elas vêm voando. Mas essa daí nem sequer considerou fazer isso. Só entrou depois que eu entrei.

A tripulação se reúne com as armas a postos.

— Ela estava tentando enganar você — digo, e Elian sorri.

— Bem, ela pode ser mais esperta, mas nunca vai ser mais rápida.

Bufo com a arrogância dele, e me volto para a criatura que o príncipe capturou em sua teia. Estou quase ansiosa para ver qual ninfa foi idiota o bastante para cair numa armadilha dessas, mas, ao ver o rosto dela, uma sensação estranha se aloja no meu peito.

Eu a conheço.

Uma barbatana lustrosa de tom carvão que mancha o convés. Cabelo escuro e frio preso às bochechas, e unhas muitíssimo afiadas. Ela rosna, exibindo as presas e batendo a barbatana com violência contra a rede. No fundo, o apito cantarola e, sempre que penso que ela está prestes a cantar, ela se lamuria. Dou um passo para frente, e ela semicerra os olhos. Um marrom, o outro uma mistura de azul e sangue. Talhado por uma cicatriz que se estende até o lábio.

Maeve.

— Tome cuidado — diz Elian, a mão pairando sobre o meu braço. — Elas são letais.

Eu me viro para ele, mas o príncipe está olhando para a ninfa do mar, seus olhos de alga mais afiados do que as unhas dela.

— Aidiastikó gouroúni — rosna Maeve.

Porco nojento.

Suas palavras são um eco das que falei quando Elian me salvou do afogamento.

— Fique calma — digo a ela, então faço uma careta quando percebo que ainda estou falando midão.

No que os olhos da ninfa encontram os meus, eles estão cheios do mesmo ódio que sempre sentimos uma pela outra. Isso quase me faz rir. Pensar que, até mesmo como estranhas, nossa animosidade é palpável demais, expandindo-se além dos limites do conhecimento.

Maeve cospe no convés.

— Vadia humana imunda — diz ela, em psáriin.

Por instinto, avanço para frente, mas Elian me puxa de volta pela cintura. Eu o chuto com violência, desesperada para alcançar a garota insolente diante de mim. Ninfa ou não, não vou deixar o insulto passar.

— Pare. — A voz de Elian é abafada pelo meu cabelo. — Se quiser se matar, um de nós pode fazer um trabalho muito mais limpo.

— Solte a garota. — Kye ri. — Quero ver como isso vai acabar.

Eu me contorço contra Elian, arranhando os braços dele como o animal que sou.

— Depois do que ela acabou de me chamar — digo —, vai acabar com o coração dela no chão.

Maeve gargalha e usa os dedos para desenhar um círculo psáriin na palma da mão. Quando os meus olhos se arregalam com o insulto, ela ri ainda mais. É um símbolo reservado para os mais inferiores dos seres. Para as sereias que estão largadas e morrendo enquanto as suas barbatanas são grampeadas na areia como punição. Para humanos indignos da presença de uma ninfa. Fazer esse gesto para a linhagem real é passível de morte.

— Mate-a. — Estou fervendo de raiva. — *Áschimi ligo skýla*.

— Lixo humano! — guincha Maeve em resposta.

A respiração de Elian está quente no meu pescoço enquanto ele luta para me controlar.

— O que foi que você disse?

— Vadiazinha nojenta — traduzo em midão. — *Tha sas skotóso ton eafió mou*.

Eu mesma vou te matar.

Estou prestes a me soltar, mas, no segundo que Elian tira as mãos da minha cintura, elas apertam o meu ombro. Ele me gira, e sou jogada no chão do convés mais baixo. Quando ele se inclina sobre mim, o cheiro de alcaçuz está fragrante em seu hálito.

Eu o ignoro, e estou prestes a passar por ele, mas o príncipe é rápido demais, até mesmo para mim, e bloqueia o meu caminho, me empurrando de novo para a madeira envernizada. Devagar, ele leva a mão até o painel ao lado da minha cabeça, me encurralando.

— Você fala psáriin.

A voz soa rouca, os olhos tão escuros quanto o sangue que escorre da sua mão. Atrás dele, a tripulação está de olho em Maeve, mas, a cada poucos segundos, todos lançam olhares furtivos na nossa direção. Em meio à minha loucura, me esqueci. Ou, talvez, me lembrei. Cuspi meu idioma como se fosse a coisa mais natural do mundo. Algo que, para um humano, nunca seria.

Elian está tão perto que se eu prestasse atenção, ouviria seu coração batendo. Se eu ficasse quietinha, sentiria as batidas pulsando no ar entre nós. Olho para o seu peito, onde os cordões da camisa se afrouxaram e revelaram um círculo de unhas. Meu presente de despedida.

— Lira — diz ele. — É melhor você ter uma explicação muito boa.

Tento pensar numa resposta, mas, pelo canto dos olhos, vejo Maeve ficar imóvel com a menção do meu nome. De repente, está me encarando com os olhos semicerrados, inclinando-se tanto para frente que a rede perfura seus braços.

Eu sibilo, e Maeve se joga para trás.

— *Prinkipissa!* — diz ela.

Princesa.

Ela balança a cabeça. A ninfa estava pronta para morrer nas mãos dos piratas, mas, agora que está encarando os olhos de sua princesa, o medo finalmente desaparece de seu rosto.

— Você a entende — diz Elian.

— Eu entendo muitas coisas.

Eu o empurro, e ele gesticula para que a tripulação me deixe chegar perto da prisioneira.

— *Parakaló* — grita Maeve, quando me aproximo. — *Parakaló!*

— O que ela está dizendo? — pergunta Madrid.

Ela aponta a arma para Maeve, assim como toda a tripulação o faz. Espadas e balas, atrás das quais se esconderem, porque humanos não têm a força inata necessária para se defenderem. Só que, ao contrário das outras, a arma de Madrid não é bem uma arma. Em algum momento, ela descartou a besta em prol de algo muito mais fatal. Ouro polido brilha na forma de um rifle, mas uma longa lança descansa logo abaixo, a ponta banhada na mais pura das pratas. Ainda assim, apesar de ter uma arma tão elaborada, Madrid não parece ansiosa para atacar. Parece que preferiria não sujar as mãos com um assassinato.

Eu me volto para Maeve e observo o medo se acomodar em seus olhos. Nunca houve nada entre nós que sequer chegasse perto de tolerância, mas foi só recentemente que começamos a nos considerar inimigas. Ou melhor, Maeve começou a me considerar uma inimiga, e eu gostei do elogio.

Compreendo o seu olhar confuso, agitado pelo sangue e sombreado pelas cicatrizes. Eu a ceguei, não faz muito tempo, com a ponta cega de um pedaço de coral. Agora, sempre que ela pisca, o olho direito continua aberto. Aliás, não consigo lembrar por que fiz isso. Maeve disse algo, talvez. Fez algo de que desgostei o suficiente para puni-la. Na verdade, ela poderia ter feito qualquer coisa e, ainda assim, não teria importado, porque, acima de tudo, eu queria machucá-la. Pela razão que fosse, ou por razão nenhuma. Eu queria ouvi-la gritar.

É assim no mar. Brutal e impiedoso. Cheio de crueldade sem fim que não tem recompensa alguma. Houve um tempo em que eu não queria nada além de matar Maeve, mas eu temia tanto a ira da minha mãe que não levei aquele desejo a cabo. Agora, a oportunidade está aqui. Talvez não de matá-la sozinha, mas de observar outra pessoa fazê-lo. O inimigo da minha inimiga.

— Conte para gente o que ela está dizendo — demanda Kye.

— Ela não está dizendo nada. — Encaro Maeve. — Ela está implorando.

— Implorando.

Elian está ao meu lado, uma expressão ilegível em seu rosto ao repetir o que eu disse. Ele segura a faca na mão machucada e, quando o sangue pinga na lâmina, desaparece. Metal bebendo metal. Posso sentir a feitiçaria fluindo dali como trovão. Os sussurros de uma arma implorando ao príncipe que derrame mais sangue para que ela possa se alimentar. Está encharcada o bastante para cantar como uma das minhas melodias, mas Elian não sucumbe ao refrão. Sua expressão é hesitante, e faz muito tempo desde que vi algo parecido nos olhos de um assassino. Ainda assim, Elian encara Maeve como se a ideia de ela implorar faz tudo parecer errado. Vil.

— Ela está implorando — diz ele. — Você tem certeza?

— *Parakaló* — repito. — Quer dizer “por favor”.



Nunca matei uma criatura que implorasse.

Enquanto a ninfa do mar se encolhe no meu convés, estou mais do que ciente de que ela é um monstro. Está choramingando, mas até o barulho soa perverso. Uma mistura de silvos e lamentos roucos. Não sei por que ela está tão assustada, sendo que, minutos atrás, uma rede feita de vidro e espinhos mal a fez tremer. Parte de mim quer se sentir orgulhoso pela minha reputação finalmente ter me precedido. Outra parte, talvez a parte mais inteligente, tem certeza de que isso não é algo do que se orgulhar.

Olho para Lira. O cabelo cor de terra de cemitério gruda em seus ombros conforme ela balança com o navio. Tem algo em sua estrutura esguia que a faz parecer ameaçadora, como se cada ângulo fosse uma arma. Ela mal pisca para a ninfa, que agora está desfigurada com cortes profundos. Quando a encaro, não vejo nada da garota irada que tirei do oceano. Seja lá qual feitiço ameaçou me transfixar quando a resgatei está quebrado agora, e posso ver com clareza que ela não é nenhuma donzela indefesa. É algo além, e isso me deixa curioso demais para o meu próprio bem.

O psáriin que ela falou perdura no ar. Uma língua proibida na maioria dos reinos, incluindo no meu. Quero saber como ela aprendeu, quando foi que chegou perto o suficiente das criaturas, por que ela mantém um dos colares delas preso, como um troféu, ao redor do pescoço. Quero saber tudo.

— Você vai matá-la? — pergunta Lira.

Não há mais falsas gentilezas quando ela tenta falar o meu idioma. Não sei de onde ela veio, mas não importa de qual reino seja, claramente não gosta do meu.

— Sim.

— Vai ser rápido?

— Sim.

Ela bufa.

— Que pena.

A ninfa choraminga de novo e repete um monte de psáriin. É tão rápido e gutural que mal compreendo as palavras. Ainda assim, uma delas fica presa na minha mente, mais clara do que as outras. *Prinkipissa*. Seja lá o que signifique, ela disse com medo e reverência. Uma combinação que não estou acostumado a ver. No meu reino. Aqueles que me reverenciam não me conhecem bem o suficiente para me temerem. E aqueles que me temem me conhecem bem o suficiente para não cometerem a burrice de me adorar.

— Sua faca — diz Lira.

Minha mão se fecha ao redor do punho. Meu ferimento pinga, e sinto a lâmina absorver tudo. Nenhum sangue é desperdiçado.

— Ela tem uma magia estranha.

Olho para ela sem rodeios.

— Acho que você não está em posição de dizer o que é ou não é estranho.

Lira não responde e, no silêncio dela, Kye dá um passo adiante.

— Capitão — diz ele. — Tome cuidado. Ela não é confiável.

Em um primeiro momento, penso que ele está falando do monstro em nosso convés, e estou prestes a dizer que não sou nenhum idiota quando percebo que não é para a ninfa que Kye está olhando. Lira está na mira dele.

Se tem uma coisa no mundo que Kye nunca teve é tato. Mas Lira não presta atenção à acusação. Ela nem sequer olha de relance para ele, como se a alegação não fosse nada mais do que a água do oceano pingando dela.

— Cuidarei dela — digo a Kye —, quando eu estiver pronto.

— Talvez você devesse estar pronto agora.

Bato a ponta da faca no dedo e dou um passo adiante, mas Kye segura o meu braço. Olho para as mãos dele, agarrando o tecido da minha camisa. A maior qualidade de Kye é que ele é tão desconfiado quanto eu sou descuidado. Ele não gosta de surpresas, e supõe que qualquer possível ameaça é uma ameaça à minha vida. Todo aviso é uma promessa. Mas por ele fazer isso por mim, não preciso perder tempo me preocupando. Além do mais, passar a vida no oceano me ensinou a ver o que os outros não enxergam e a esperar o que não esperam. Sei muito bem que não devo confiar em uma estranha num navio pirata, mas se apoiar no instinto é bem melhor do que se apoiar na dúvida.

— Você não ouviu o que acabei de dizer? — pergunta ele.

Com cuidado, tiro a mão de Kye do meu braço.

— Posso te garantir que não tem nada de errado com o meu ouvido.

— Só com o seu bom senso, então — diz Lira.

Eu a observo jogar o cabelo para longe do rosto.

— O que foi que você disse? — pergunto.

— Se você tivesse um pingo de bom senso, já a teria matado. — Lira aponta para a ninfa. — O coração dela poderia estar esfriando na sua mão.

Kye arqueia a sobrancelha.

— Cacete — diz ele. — Que tipo de navio jogou essa garota para fora?

Ao lado dele, Madrid ajeita a postura, sem deixar a arma vacilar enquanto os pés se movem. Está ansiosa, e posso sentir tanto quanto posso ver. Madrid nunca quer matar, não importa se é monstro ou humano. Em Kléftes, ela matou o suficiente para toda uma vida e, numa reviravolta do destino, isso incutiu nela ainda mais moral e escrúpulo do que antes. Nenhum desses dois tinha lugar no *Saad*. Mas ela é a melhor atiradora que tenho e, se eu ignorar os seus princípios, ela é uma das minhas melhores chances de não morrer.

— São as ninfas que roubam corações — diz Madrid a Lira. — Não a gente.

A faca brilha na minha mão.

— Eu já roubei um montão de corações.

Observo a ninfa, me aproximando tanto quanto posso sem rasgar as botas na rede. Penso em Cristian se afogando no oceano, a farsa de um beijo em sua boca. Pelo que sei, essa poderia ser a ninfa que fez aquilo. Havia uma outra com a Maldição dos Príncipes; fiquei sabendo através das histórias que se espalharam pelo meu reino. A assassina de Cristian poderia estar no meu navio.

A ninfa diz algo para Lira, e me pergunto se está implorando de novo. Se Cristian implorou, ou se ele estava tão enfeitiçado pela ninfa que morreu de bom grado.

— Contenha-a — digo.

Uma lança é atirada da arma de Madrid, perfurando o meio da barbatana da ninfa. Prendendo-a ao meu navio. Resisto ao desejo de olhar pra Madrid, conhecendo bem o olhar resignado que encontrarei em seu rosto. Por mais que seja uma boa atiradora, Madrid é uma pessoa ainda melhor.

Chuto pedacinhos da rede para longe e me agacho ao lado da criatura aprisionada. Essa parte sempre me faz me sentir menos humano, como se o jeito que mato cruzasse um limite moral.

— Quero que você me conte uma coisa — digo. — E eu ficaria grato se o fizesse na minha língua.

— *Poté den tha.*

A ninfa se debate sob a lança que a prende ao *Saad*. Está banhada em prata tinita, que é fatal para a espécie dela. O veneno coagula devagar no ponto de entrada, impedindo que o ferimento escorra pelo meu navio e, dado tempo suficiente, parando seja lá o que reste do coração que ela deve ter.

— Isso não é midão — digo a ela. Pego a bússola, de olho nos traços que não se movem no rosto dela. — O que você sabe do Cristal de Keto?

Os lábios da ninfa se abrem, e ela olha para Lira, balançando a cabeça.

— *Egó den tha sas prodósei.*

— Lira — digo. — Você faria a gentileza de traduzir?

— Eu nunca fui acusada de ser gentil antes.

A voz dela soa mais próxima do que eu gostaria, e me mexo quando vejo a sombra pairando ao lado da minha. Ela é tão rápida quanto silenciosa, capaz de passar despercebida até por mim. É desconcertante, mas empurro a ideia para o fundo da mente antes de pensar demais naquilo. É perigoso estar distraído com um monstro tão perto.

Lira se agacha ao meu lado. Por um momento, fica em silêncio. Seus olhos azuis-tempestade se estreitam para a lança no meio da barbatana da ninfa. Ela parece estar tentando tomar uma decisão. Talvez em dúvida entre estar enojada com a nossa violência e se deveria esconder o fato, mas não vejo nenhum sinal de repulsa. Por outro lado, uma máscara é a coisa mais fácil de se vestir. Não tem nada nos meus olhos, apesar da sensação ruim que sobe pela garganta por causa dos gritos da ninfa. Deixo aquilo de lado, como faço com tudo. Um capitão não pode se dar ao luxo de sentir culpa.

Lira se levanta e mal consegue parar de pé conforme olha para a criatura moribunda.

— Talvez ajude — diz ela — se você arrancar o outro olho dela.

Estremeço, e um sorriso pressiona o canto dos lábios pálidos de Lira. Não sei se porque a ninfa está muito assustada, ou se Lira simplesmente está satisfeita com a minha expressão. Se ela disse o que disse apenas para ver como eu reagiria.

— Eu a privaria do seu sorriso vitorioso — digo.

Lira ergue uma sobancelha.

— Ela é sua inimiga. Não quer vê-la sofrer?

Ela me olha como se eu tivesse perdido todo o juízo. Minha tripulação tem o costume de me olhar do mesmo jeito, mas, geralmente, não nos dias em que me recuso a torturar alguém. Há muitas coisas que o mundo pode dizer sobre os caçadores de ninfa no *Saad*, mas uma coisa que nunca seria verdade é que gostamos do estilo de vida. Do oceano, sim, mas jamais da morte. É um mal necessário para manter o mundo em segurança e, por mais desonroso que seja matar, o ato atende a um propósito. Se eu começar a gostar da matança, então me tornarei a exata coisa da qual estou tentando proteger o mundo.

— Os soldados não gostam da guerra — digo.

Lira comprime os lábios, mas, assim que abre a boca para dizer algo, sou arremessado de costas. Minha cabeça racha no chão, e dor explode na têmpora.

A ninfa está em cima de mim.

Ela arranha e morde, soltando um uivo pavoroso. Desvio de seus ataques enquanto ela tenta desesperadamente arrancar um naco de mim. Sua barbatana é uma confusão de sangue coagulado, rasgada bem no meio. Deve ter se dilacerado para fugir.

— Não tenho como dar um tiro certo! — diz alguém. — Vou acertá-lo.

— Nem eu!

— Madrid! — grita Kye. — Madrid, atire agora!

— Não consigo! — Ouço o som de uma arma sendo arremessada no chão.

— Essa droga emperrou de novo.

Luto embaixo da criatura maléfica. Seu rosto são presas, e ódio, e nada mais. Está faminta por uma parte minha. Coração ou não, ela vai se resignar com o que puder arrancar.

O peso dela faz pressão, esmagando as minhas costelas. Um estalo, então mal consigo respirar em meio a dor. Ao redor, minha tripulação grita tão alto que é quase incompreensível. No que as vozes se transformam em barulho, meus braços queimam de agonia. A ninfa é forte demais. Mais forte do que eu, muito mais.

Então, tão repentinamente quanto chegou, o peso desaparece. Minha respiração volta num sopro.

Kye agarra os ombros demoníacos dela e arranca a ninfa de mim. Ela escorrega e desliza pelo convés antes de colidir com a parede da cabine. Minha tripulação pula para longe do caminho e deixa o corpo voar por eles. O som do impacto sacode o *Saad*.

A ninfa enterra as unhas no convés, ombros arqueados. Ela silva e avança. Sem perder tempo, agarro a minha faca. Ignoro a dor furiosa nas costelas e deixo a lâmina mirar, leve como pena ainda na minha mão, e a arremesso. Ela desliza

pelo que restou do coração da criatura.

A maior parte do sangue forma bolhas na pele dela, mas o restante que ameaça escorrer pelo meu convés é rapidamente bebido pela faca. A ninfa do mar grita.

Assim que Kye me levanta, recupero o fôlego de modo bem discreto, não ousando demonstrar que fiquei surpreso. Mesmo que esteja óbvio. É o meu trabalho esperar o inesperado, e fui burro o bastante para dar as costas para uma assassina.

— Você está bem? — pergunta Kye, procurando feridas. Ele encara o sangue no meu braço. — Eu deveria ter agido mais rápido.

O olhar em seu rosto me destrói tanto quanto a ninfa, então sacudo os ombros, tomando cuidado para não fazer uma careta quando a dor nas minhas costelas se intensifica a cada segundo.

— São os ossos do ofício — digo e me viro para Madrid. — Sua besta emperrou de novo?

Madrid recolhe a arma descartada e estuda o mecanismo da lança.

— Eu não sei o que aconteceu — diz ela. — Vou ter que levar lá para baixo para arrumar de novo.

Ela começa a ir para o outro lado do convés, mas para abruptamente, para quando percebe que o corpo da ninfa está bloqueando a porta. Madrid engole a saliva e aguarda com paciência. Todo mundo faz isso. Silêncio total até o momento em que a ninfa começa a desaparecer. A visão nunca deixa de maravilhá-los, mesmo depois de todo esse tempo. Mas não olho para a criatura sem vida virando espuma no meu convés. Já vi centenas de monstros morrerem. Em vez disso, me viro para a garota estranha que tirei do oceano.

Lira não está mais sorrindo.



Maeve dissolve em nada.

Matar uma ninfa não é como matar uma sereia. Os cadáveres apodrecidos destas mancham o fundo do mar e os esqueletos se fundem aos corais, mas nós nos dissolvemos na coisa exata de que somos feitas. No oceano, e na espuma, e no sal que corre em nossas veias. Quando desaparecemos, não resta nada para sermos lembradas.

Pensei que ficaria grata quando Maeve morresse, mas a batalha entre as nossas espécies continua, e acabei de ajudar os humanos em sua missão de nos massacrar. Pelo menos, o príncipe não arrancou o coração dela antes de matá-la. Nunca liguei muito para lendas, a não ser que eu fosse a lenda em questão, mas até mesmo eu conheço as histórias. Histórias nas quais é dito que o humano que segurar o coração de uma ninfa ficará imune à nossa canção. Dizem que é por isso que virarmos espuma do mar quando morremos, que não é uma maldição para nos apagar do mundo, mas uma bênção de Keto para garantir que os humanos nunca roubem os nossos corações.

Depois que Maeve desaparece, sou levada para baixo dos conveses até um quarto sem janelas que fede a erva-doce e ferrugem. As paredes não são paredes, mas cortinas grossas que pendem de um teto envernizado. As pontas úmidas chegam até o chão, e no que o navio avança, elas balançam e revelam fileiras infinitas. De livros, armas e ouro. Cada cortina tem o próprio segredo. No meio, há um grande cubo feito de vidro preto. É tão grosso quanto eu sou longa, com dobradiças e trincos de ouro puro. Do mesmo tipo que o broche da sereia-enguia era feito. É algum tipo de prisão e não parece ser feita para humanos. Ou, se for, foi encomendada para o pior tipo de pessoa.

No reino de Keto, não fazemos prisioneiros. Trair a Rainha do Mar significa abrir mão da própria vida, então não temos escolha, exceto ser o que a minha mãe diz que somos. Decidir por algo diferente não nos oferece uma segunda chance; minha punição é prova disso.

Eu me viro para Elian.

— Por que estou aqui embaixo?

A cada momento que passa, ele sorve mais do oceano. Uma túnica de couro marrom pende sobre a camisa, cordões pretos e desfiados amarrados no pescoço. As pernas são metade calça e metade longas botas marrons que vão até os seus joelhos. Uma alça cruza do seu ombro até a cintura, e dela pende um sabre enorme. A faca está escondida logo atrás, longe dos olhos de estranhos. Ainda sinto o cheiro do sangue de Maeve nela.

— Você parece ser uma pessoa bem vivida — diz Elian. — Não consigo descobrir o porquê?

Atrás dele, Kye e Madrid são guardiões resolutos. Menos de um dia no navio e já sei quem são os mais leais ao príncipe. Ou seja, já sei qual é a maior fraqueza dele.

— Pensei que príncipes gostassem de salvar moças em perigo.

Elian ri, dentes branquíssimos contrastando com o rosto bonito.

— Você é uma donzela agora? — pergunta ele. — Engraçado, porque você não parecida nada com uma quando tentou me arranhar e me tirar do caminho para atacar a ninfa.

— Achei que matar ninfas era o que o pessoal desse navio fazia.

— Geralmente, não com as próprias mãos.

— Nem todo mundo precisa de facas mágicas para fazer o trabalho sujo por eles.

— Nem todo mundo sabe falar psárrin — diz ele.

Mantenho um sorrisinho recatado no rosto, interpretando muito bem o meu papel.

— Tenho talento para idiomas.

— Seu midão diz outra coisa.

— Tenho talento para idiomas interessantes — corrijo, e os olhos verdes de Elian se enrugam.

— E o seu próprio idioma? — pergunta ele.

— É melhor.

— Como assim?

— Combina mais comigo.

— Não quero nem imaginar o que isso quer dizer.

Elian passa por mim e pressiona a mão no vidro frio do cubo. Enquanto os dedos se abrem sobre a suposta prisão, quase posso sentir o gelo dela através dele. A ninfa em mim anseia por sentir a frieza sob os dedos e experimentar o gelo como estou acostumada. A humana em mim treme.

— Onde é o seu lar? — pergunta Elian.

Ele está de costas para mim, e vejo os seus lábios se moverem no reflexo. Ele se observa, evitando o meu olhar. Por um momento, acho que a pergunta não é para mim. Talvez esteja perguntando a si mesmo. Um príncipe que não sabe qual reino reivindicar. Então Kye pigarreia, e Elian dá meia-volta. Quando o faz, seu rosto é apenas luz.

— E aí? — pergunta ele.

— Eu não achei que fosse ser interrogada.

— A cela não deixou tudo claro?

— Não vi cela nenhuma. — Arqueio o pescoço, bisbilhotando atrás dele, como se eu não tivesse notado a minha prisão iminente. — Seu charme deve tê-la mascarado.

Elian balança a cabeça para esconder o sorriso.

— Não é uma cela qualquer — diz ele. — Lá atrás, quando comecei tudo

isso, e muito antes de eu saber o que estava fazendo, mandei construí-la com a intenção claríssima de usá-la para prender a Rainha do Mar. — Ele arqueia a sobancelha. — Acha que ela conteria você?

— Você vai me jogar em uma cela? — pergunto.

— A não ser que diga de onde veio — diz ele. — E por que foi embora.

— A escolha não foi minha.

— Por que você estava no meio do oceano sem nenhum navio?

— Fui abandonada.

— Por quem?

Não hesito quando respondo:

— Todo mundo.

Com um suspiro, Elian se inclina para trás e pressiona a sola do pé contra o vidro. Ele pondera as minhas palavras escolhidas com cuidado, revirando-as na mente como o timão de um navio. Não gosto do silêncio que se segue, nem do peso que a calma do príncipe deixa no lugar. É como se o ar esperasse pelo som de sua voz antes de ousar se dispersar e se tornar respirável. Eu também espero, tentando antecipar qual será o seu próximo movimento. A situação é insuportavelmente familiar. Diversas vezes parei diante da minha mãe, mordendo a língua enquanto ela decidia como eu viveria a minha vida. O que eu faria, quando eu mataria e quem eu seria. Apesar de ser estranho observar um humano deliberar sobre o meu destino, não é tão esquisito esperar o meu destino ser decidido por outra pessoa além de mim.

Escondida sob as minhas mentiras veladas, está a verdade. Fui abandonada, e agora estou em um navio com humanos que me matariam se soubessem o que sou. Abaixo da superfície, minha mãe governa um reino que deveria ser meu e, se alguém questionar aonde fui, ela cuspirá quaisquer mentiras para que eu seja esquecida: arpoada por um marinheiro de passagem, morta por uma simples sereia, apaixonada por um príncipe humano. Isso vai transformar a minha memória mais em piada do que em lenda, e a lealdade do meu reino se dissolverá tão rápido quanto foi com a Maeve.

Eu serei nada. Terei nada. Morrerei como nada.

Encaro o meu colar ainda pendurado no pescoço de Elian. Não duvido de que, se eu pressionar a orelha no osso vermelho, ouvirei o oceano e o som da risada da minha mãe reverberando por lá.

Eu me viro, enojada.

— Atracaremos em Eidýllio daqui a três dias. — Elian se afasta do vidro. — Tomarei a minha decisão quando chegarmos lá.

— E até lá?

Um sorriso lento se espalha em seu rosto. Ele dá um passo para o lado para revelar toda a glória da cela.

— Até lá.

Logo depois da ordem tácita, Madrid agarra o meu cotovelo. Do outro lado, as mãos de Kye se fecham ao redor do meu braço. Luto contra eles, mas os apertos são inexoráveis. Dentro de segundos, sou içada do chão e arrastada em

direção à cela. O tanto que me debato não serve de nada para desviá-los do caminho.

— Me soltem! — exijo.

Tento chutá-los com movimentos desajeitados, mas o meu corpo está espremido entre os dois, deixando pouquíssimo espaço para respirar ou me mexer. Jogo a cabeça com tudo para trás e me sacudo, furiosa com a falta de controle. Como o meu corpo é frágil e fraco agora. Na forma de ninfa, eu poderia tê-los rasgado ao meio com apenas um golpe. Mostro os dentes e abocanho o ar, errando a orelha de Kye por milímetros. Ele nem sequer pisca. Estou tão impotente quanto me sinto.

Alcançamos a cela, e eles me jogam lá dentro como se eu não pesasse nada. Atinjo no chão, e quando me apresso de volta à entrada, as palmas das minhas mãos encontram uma parede. Meus dedos se espalham na superfície, e percebo que não é vidro, afinal de contas, mas cristal sólido. Soco-o incansavelmente. Do outro lado, Elian cruza os braços. Meu coração humano bate revoltado no peito, mais forte do que os meus punhos na parede da prisão.

Aponto um dedo acusatório contra ele.

— Você quer que eu fique aqui até Eidýllio?

— Eu te quero na água — diz Elian. — Mas não é como se eu pudesse te fazer andar na prancha.

— Seu cavalheirismo não permite?

Elian caminha até a parede ali perto e afasta uma das cortinas para revelar uma alavanca circular.

— Perdemos a prancha faz anos — diz ele. Então usa uma voz muito mais baixa. — E eu perdi meu cavalheirismo quase na mesma época.

Ele gira a alavanca e as sombras tomam conta de tudo.



Só existe noite dentro da cela de cristal. O quarto está coberto por uma umidade escura e, apesar de a prisão parecer impenetrável, posso sentir o odor almiscarado do ar pesado que vem do mundo lá fora. De vez em quando, alguém aparece com comida, e tenho direito a alguns raríssimos instantes de luz de lanterna. Quase fico cega, e quando não preciso mais semicerrar os olhos, as luzes são apagadas e uma bandeja de peixe agride os meus sentidos. Não chegam perto de ter o gosto dos bacalhaus e dos tubarões-brancos, mas devoro tudo em minutos.

Não sei há quanto tempo estou na cela de cristal, mas a promessa de Eidýllio pesa em mim. Quando chegarmos, o príncipe vai tentar me jogar em terra firme com humanos que não sabem nada do oceano. Pelo menos, aqui, posso sentir o cheiro salgado de casa.

Quando durmo, sonho com corais e corações ensanguentados. Quando acordo, não há nada senão escuridão e o lento bater das ondas no casco do navio. Na primeira vez que matei um humano, estava tão claro, que não consegui tirar a cabeça da água sem entrecerrar os olhos. A superfície mal ondulou e, dentro de

segundos, o sol derreteu quaisquer estilhaços do gelo do meu reino que perdurava na minha pele.

O garoto era um príncipe de Kalokaíri, e eu tinha doze anos.

Kalokaíri não passa de um lindo deserto no meio de um mar desolado. É a terra do verão infinito, com ventos que carregam o aroma da areia. Naquela época, minha lenda ainda não tinha surgido, então a realeza navegava com o mesmo receio de qualquer outro humano.

O príncipe estava coberto de branco, com tecido roxo enrolado bem justo ao redor da cabeça. Ele era gentil e destemido, e sorriu para mim muito antes de eu cantar. Quando brotei do oceano, ele me chamou de *ahnan anantias*, que em kalokaírano significa “pequena morte”.

O garoto não ficou assustado, nem quando mostrei os dentes e sibilei do mesmo jeito que ouvi a minha mãe fazer. Roubar o coração dele não foi um trabalho tão desagradável. Ele quase veio de boa vontade. Antes de eu iniciar a canção, ele esticou a mão para me tocar e, depois dos primeiros versos atrapalhados, ele desceu sem pressa do veleiro ancorado e caminhou até estar fundo o bastante para me encontrar.

Deixei-o se afogar primeiro. Enquanto a respiração desacelerava, segurei a mão dele, e só quando tive certeza de que estava morto foi que pensei em seu coração. Fui cuidadosa na ocasião. Não queria que houvesse sangue demais quando a família o encontrasse. Que pensassem que ele tinha sofrido, sendo que morreu de modo tão pacífico.

Enquanto eu lhe tomava o coração, perguntei-me se estariam procurando por ele. Teriam percebido que o príncipe havia desaparecido do barco? Acima da superfície da água, estariam gritando o seu nome? Será que a minha mãe gritaria daquele jeito se eu nunca mais voltasse? Eu sabia a resposta. A rainha não se importaria se eu desaparecesse para sempre. Herdeiros eram coisas fáceis de se arranjar, e a minha mãe era a Rainha do Mar em primeiro lugar, e nada em segundo. Eu sabia que ela só se importaria com o fato de eu não ter arrancado o coração do garoto enquanto ele ainda estava vivo. Que ela me puniria por não ter sido monstruosa o bastante. E eu estava certa.

Quando cheguei em casa, ela esperava por mim. Ao redor dela estavam os outros membros da nossa linhagem real, posicionados em um semicírculo perfeito, esperando a minha entrada. A irmã da Rainha do Mar estava bem na frente, pronta para me cumprimentar, e cada uma de suas seis filhas espiralavam atrás dela. Kahlia era a última, bem ao lado da minha mãe.

Assim que a Rainha do Mar me viu, ela soube o que eu tinha feito. Vi em seu sorriso, e tive certeza de que ela sentiu o cheiro em mim: o fedor do meu arrependimento por ter matado o príncipe kalokaíreno. E não importou nada o quanto tentei evitar olhar para ela, a rainha sabia que eu estive chorando. As lágrimas tinham havia muito sido levadas pela água, mas os meus olhos continuavam vermelhos, e eu havia feito um trabalho bom demais ao tentar esfregar o sangue das mãos.

— Lira — disse ela. — Meu docinho.

Repousei a mão trêmula em seu tentáculo estendido e a deixei me puxar lentamente até o seu abraço. Kahlia mordeu o lábio enquanto a rainha analisava as minhas mãos limpas.

— Você trouxe algum presente para a sua querida mamãe? — perguntou a Rainha do Mar.

Assenti, e enfiei a mão na rede presa ao redor da minha cintura.

— Eu fiz o que a senhora mandou. — Segurei o coração do jovem príncipe, erguendo-o acima da cabeça para presenteá-la, como se fosse o troféu que ela desejava. — Meu décimo segundo.

A Rainha do Mar acariciou o meu cabelo, seu tentáculo liso deslizando pelo meu couro cabeludo e ao longo da minha coluna. Tentei não piscar.

— É verdade — disse a Rainha do Mar. Sua voz soou suave e lenta, como o som da brisa ao alvorecer. — Mas parece que você não me ouviu muito bem.

— Ele está morto — disse a ela, pensando que, com certeza, esta era a coisa mais importante. — Eu o matei e arranquei o seu coração. — Segurei-o um pouco mais alto, empurrando-o na direção do peito dela, para que a rainha pudesse sentir a quietude do coração do príncipe contra a frieza de si mesma.

— Ah, Lira. — Ela segurou o meu queixo, deslizando a garra do polegar pela minha bochecha. — Mas eu não te mandei chorar.

Não soube dizer se ela se referia ao momento em que matei o príncipe, ou se era para eu não chorar naquele instante, em seu aperto, com a nossa linhagem real vendo. Mas os meus lábios tremeram com o mesmo medo das minhas mãos e, quando a primeira gota caiu do meu olho vermelho, minha mãe exalou um lamento sentido. Ela deixou a lágrima escorrer até o polegar, então, chacoalhou-a da pele como se fosse ácido.

— Eu fiz o que a senhora mandou — repeti.

— Eu te mandei fazer um humano sofrer — disse a Rainha do Mar. — Pegar um coração ainda batendo e arrancá-lo. — Um tentáculo deslizou sobre o meu ombro e ao redor do meu pescoço diminuto. — Eu te mandei ser uma ninfa.

Quando ela me jogou no chão, lembro-me de ter sentido alívio. Sabendo que, se ela fosse me matar, teria me esmagado em seu aperto. Eu aguentaria uma surra. Poderia sangrar e ser humilhada. Se levar alguns golpes acalmasse a minha mãe, então não seria tão ruim assim. Eu teria me safado sem maiores problemas. Mas fui tola ao achar que ela optaria por punir apenas a mim. Que bem faria dar uma bronca na filha sendo que poderia moldá-la, em vez disso?

— Kahlia — chamou a minha mãe. — Você poderia me fazer um favor?

— Irmã. — Minha tia avançou, o rosto de repente ficou triste e cheio de dor. — Por favor, não.

— Veja bem, Crestell — disse ela. — Você não deveria interromper a sua rainha.

— Ela é minha filha.

Odeio me lembrar de como os ombros de Crestell se curvaram para frente quando ela falou. Como se já estivesse se preparando para o golpe.

— Quietinha agora — arrulhou a minha mãe. — Não vamos brigar na

frente das crianças.

Ela se virou para mim e estendeu o braço para a minha prima. Foi como se estivesse apresentando Kahlia, do mesmo jeito que eu tinha feito com o coração de Kalokaíri. Não me mexi.

— Mate-a — disse a Rainha do Mar.

— Mãe...

— Arranque o coração dela enquanto ela ainda grita, como você deveria ter feito com o príncipe humano.

Kahlia choramingou, assustada demais para se mover ou sequer chorar. Ela olhou para a mãe, depois para mim, piscando uma dezena de vezes. A cabeça balançou de forma violenta de um lado ao outro.

Foi como olhar em um espelho. Ver o terror no rosto de Kahlia era como ver uma versão de mim mesma, cada gota de pavor que eu sentia sendo refletida nos olhos dela.

— Não posso — confessei. Então falei mais alto: — Não me obrigue.

Eu me afastei, balançando a cabeça com tanto fervor que o rosnar da minha mãe se tornou um borrão.

— Sua criança estúpida — disse ela. — Estou te oferecendo redenção. Você sabe o que vai acontecer se você se recusar?

— Eu não preciso me redimir! — gritei. — Eu fiz o que a senhora mandou!

A Rainha do Mar apertou o tridente, e toda a pose que lhe restava desapareceu do rosto. Os olhos foram se tornando sombras, cada vez mais escuras, até eu só conseguir ver a escuridão neles. O oceano gemeu.

— Esta *humanidade* que te infectou tem que ser domada — disse ela. — Você não enxerga, Lira? Os humanos são uma praga que assassinou a nossa deusa e que visam nos destruir. Qualquer ninfa que demonstre simpatia por eles, que imite seu amor e sua tristeza, tem que ser purificada.

Franzi a testa.

— Purificada?

A Rainha do Mar empurrou Kahlia até o fundo do mar, e me encolhi quando as mãos dela atingiram a areia.

— Ninfas não sentem afeto nem arrependimento — sibilou a minha mãe. — Não sentimos empatia pelos nossos inimigos. Nenhuma ninfa que sinta essas coisas poderá ser rainha. Ela sempre será defeituosa. E uma ninfa defeituosa não tem a permissão de viver.

— Defeituosa — repeti.

— Mate-a — disse a minha mãe. — E não falaremos mais nisso.

Ela afirmou aquilo como se fosse o único jeito de eu poder compensar os meus pecados contra a nossa espécie. Se Kahlia morresse, então eu seria uma ninfa de verdade digna do tridente da minha mãe. Não seria impura. As emoções que eu estava sentindo eram uma doença, e ela me oferecia a cura. Uma escapatória. Uma chance de me livrar da humanidade que ela alegava ter me infectado.

Só que, antes, Kahlia precisava morrer.

Eu me aproximei da minha prima, cerrando as mãos atrás das costas para que a Rainha do Mar não visse o quanto elas tremiam. Eu me perguntei se ela sentia o cheiro de sangue das meias-luas que eu havia estampado nas palmas das minhas mãos.

Kahlia chorava quando me aproximei, uivos altíssimos de pavor vertendo dos seus lábios pequenos. Não tenho certeza do que eu planejava fazer ao chegar perto dela, mas sabia que não queria matá-la. *Pegue a mão dela e nade*, pensei. *Fujam para o mais longe possível da Rainha do Mar*. Mas eu sabia que eu também não faria aquilo, porque os olhos da minha mãe eram o oceano, e ela nos veria onde quer que nos escondêssemos. Se eu levasse Kahlia, nós duas seríamos mortas por traição. Então as minhas escolhas eram estas: pegar o coração da minha prima, ou pegar a mão dela e deixar que morrêssemos juntas.

— Pare — pediu Crestell.

Ela se colocou à frente de Kahlia, criando uma barreira entre nós. Seus braços estavam esticados em defesa, presas à mostra. Por um momento, tive certeza de que ela atacaria, que me rasgaria com suas garras e acabaria com aquela loucura de uma vez por todas.

— Mate a mim — disse ela.

Empalideci.

Crestell agarrou a minha mão, que pareceu pequena demais na dela, mas nem de longe tão delicada, e a pressionou em seu peito.

— Pegue-o — disse ela.

Minhas primas arfaram ao nosso redor, com o rosto contorcido em pavor e luto. A escolha delas era ver a mãe morrer ou ver a irmã ser morta. Titubeei diante da minha tia, pronta para gritar e nadar até o mais longe que eu pudesse. Mas, então, Crestell lançou um olhar a Kahlia, que estremeceu no fundo do mar. Um olhar preocupado, furtivo, rápido o bastante para que a minha mãe não percebesse. Quando os seus olhos focaram nos meus, estavam cheios de súplica.

— Pegue-o, Lira — disse Crestell. Ela engoliu em seco e ergueu o queixo. — É assim que as coisas têm que ser.

— Isso — arrulhou a minha mãe às minhas costas. Não tive de me virar para saber que um sorriso atravessava o rosto dela. — Seria uma substituição e tanto.

Ela colocou a mão no meu ombro, unhas arranhando a minha pele, prendendo-me no lugar antes de baixar os lábios até a minha orelha e soltar um sussurro entre nós:

— Lira — disse a minha mãe, tão baixinho que a minha barbatana se curvou. — Purifique-se e me mostre que o seu lugar é realmente no oceano.

Defeituosa.

— Quais serão as suas últimas palavras, irmã? — perguntou a Rainha do Mar.

Crestell fechou os olhos, mas sei que ela não fez aquilo para se impedir de chorar, mas para selar a fúria em seu interior, impedindo-a de brunir suas íris. Queria morrer como uma súdita leal e manter as filhas a salvo da vingança da minha mãe. De mim.

Quando Crestell voltou a abrir os olhos, um de um azul puríssimo, e outro de um tom miraculoso de roxo, ela se concentrou apenas em mim, e em mais ninguém.

— Lira — disse ela. A voz rouca. — Torne-se a rainha que precisamos que você seja.

Não era uma promessa que eu poderia fazer, porque eu não tinha certeza de que seria capaz de ser o tipo de rainha que o reino da minha mãe precisava. Eu teria que não ter emoções, espalhar terror, em vez de senti-lo e, enquanto a minha respiração estremecia, eu simplesmente não tive certeza de que tinha o que era necessário.

— Não vai prometer? — perguntou Crestell.

Assenti, apesar de eu achar que era mentira. E a matei.

Foi naquele dia que me tornei filha da minha mãe. E, assim que aconteceu, foi quando me tornei a mais monstruosa dentre todas nós. A ânsia de agradá-la se espalhou por mim como uma sombra, lutando contra todas as vontades que eu sabia que ela interpretaria como fraquezas. Cada vislumbre de arrependimento e simpatia que fossem levá-la a acreditar que eu era impura.

Anormal. *Defeituosa*. E, em um piscar de olhos, a criança que eu era se transformou na criatura que sou.

Forcei-me a pensar apenas em quais príncipes agradaria mais à minha mãe: o destemido ágriosyno, que tentou por décadas encontrar Diábolos sob a equivocada noção de que acabaria com a nossa espécie, ou um príncipe de Mellontikós. Profetas e adivinhos que escolheram se manter longe da guerra, raramente ousando deixar um navio tocar a água. Brinquei com a ideia de trazê-los para a minha mãe como mais outra prova de que meu lugar era ao lado dela.

Com o passar do tempo, esqueci-me de como era ser fraca. Agora que estou aqui, presa em um corpo que não é meu, eu me lembrei. Fui de ser a arma menos favorita da rainha a uma criatura que nem sequer pode se defender. Um monstro sem presas nem garras.

Passo a mão nas pernas machucadas, mais pálidas do que a barriga de um tubarão.

Meus pés arqueiam para dentro no que um frio terrível serpenteia por mim, e carocinhos começam a ericar na minha pele nova. Não entendo o que é isso, e não entendo como posso ter ido de percorrer o oceano em disparada a cambalear entre humanos.

Solto um suspiro frustrado, e acaricio a pele sobre as minhas costelas. Nada de guelras. Não importa quão fundo eu respire, a pele não se parte, e o ar continua a formar vapor para dentro e para fora dos meus lábios. Minha pele ainda está molhada, e a água parou de escorrer dela. Em vez disso, penetra cada poro e traz consigo um frio insuportável. O tipo de frio que cria mais caroços por toda a minha pele, rastejando das pernas até os braços frágeis.

Não consigo evitar começar a temer a água fora desta cela. Se Elian me jogasse para fora do navio, quanto tempo levaria para eu me afogar?

As lanternas brilham, fracas o bastante para darem aos meus olhos humanos

tempo para se ajustarem. Elian pressiona uma chave na cela de cristal, e uma seção da parede desliza ao abrir. Ignoro o instinto de ir atrás dele, lembrando-me da facilidade com que ele me encurralou quando tentei atacar a Maeve. Ele é mais forte do que eu agora, mais ágil do que lhe dei crédito. Neste corpo, a força não é a resposta.

Elian coloca um prato na minha frente. É um caldo grosso da cor de água de rio. Carne pálida e alga verde flutuam no topo, e o cheiro sobrepujante de erva-doce sobe no ar. Minha barriga ronca em resposta.

— Kye e eu pescamos tartarugas marinhas — explica. — Fedem até não poder mais, mas são deliciosas.

— Estou sendo punida — digo em uma versão fria de midão. — Quero que você me diga o porquê.

— Você não está sendo punida — diz ele. — Está sendo observada.

— Por que eu falo psáriin? — pergunto. — Saber falar um idioma virou crime agora?

— É um idioma banido na maior parte dos reinos.

— Não estamos em um reino.

— Errado. — Elian se apoia na moldura da porta. — Estamos no meu reino. O *Saad* é o meu reino. Todo o oceano é o meu reino.

Ignoro o insulto de um humano tentando reivindicar o que é meu e digo:

— Ninguém me deu uma lista de regras quando embarquei.

— Bem, agora você sabe. — Ele revira a chave no dedo. — É claro, eu poderia arranjar um lugar mais confortável para você dormir se parasse de ser tão evasiva.

— Eu não sou evasiva.

— Então me conte como você sabe falar psáriin. — A curiosidade na voz trai os movimentos relaxados. — Me diga o que você sabe sobre o Cristal de Keto.

— Você salvou a minha vida, e agora está negociando conforto em troca de informação? A gentileza desapareceu tão rápido que chega a ser estranho.

— Sou muito volúvel — diz Elian. — E tenho que proteger o *Saad*. Não posso simplesmente confiar em qualquer um que suba a bordo. Precisam ter uma história boa o bastante primeiro.

Eu rio daquilo.

Se tudo de que preciso é uma história, então vai ser fácil. O Segundo Olho de Keto também é uma lenda em nossas águas. A Rainha do Mar o caçou por anos quando começou o reinado dela. As rainhas anteriores o taxaram de causa perdida desde o princípio, mas a minha mãe sempre teve fome demais por poder. Reencenou as histórias do ritual para libertar o olho, de novo e de novo, em uma aposta para encontrar alguma pista de sua localização. Contos que gerações tinham ignorado, ela fez questão de memorizar. Sua obsessão significava que eu também os conhecia. Ela, uma vez, me disse que o olho era a chave para acabar com todos os humanos, assim como era a chave dos humanos para acabar com todas nós. Penso em seu tridente carvão de osso e no amado rubi que repousa lá no meio: a verdadeira fonte da magia da Rainha do Mar. Dizem que o olho é o

gêmeo dele, roubado da minha espécie e escondido aonde nenhuma ninfa consegue chegar.

Minha mãe sabe tudo sobre o olho, exceto como encontrá-lo. Por isso, depois de muitos anos, ela desistiu da caçada. Mas o fracasso em ser bem-sucedida onde as predecessoras falharam sempre a irritou.

Eu pauso, uma ideia tomando vida dentro de mim.

O olho está escondido onde nenhuma ninfa consegue chegar, mas, graças à minha mãe, isso não se aplica mais a mim. Se Elian puder me levar até lá, então poderei usar o olho para fazer com que o maior medo da Rainha do Mar se realize. Se ela realmente acha que sou indigna de governar, provarei o exato oposto ao usar o Segundo Olho de Keto para destroná-la. Para destruí-la, da mesma forma que ela tentou me destruir.

Umedeço os lábios.

Se Elian está caçando o olho, então está fazendo isso com fé nas histórias. E se um homem pode caçá-las, então ele pode ouvi-las. Só preciso convencer o príncipe de que sou útil, e ele vai acabar me deixando subir ao convés e me afastar dos grilhões da minha cela. Se eu conseguir chegar perto o suficiente, não vou precisar das minhas unhas para arrancar o coração do príncipe. Farei isso com a faca dele. Assim que ele assegurar o meu lugar como governante do oceano.

— A Rainha do Mar roubou a minha família — digo a Elian, adicionando à minha voz a mesma melancolia que ouvi nos chamados dos marinheiros ao verem seus governantes morrer. — Estávamos em um barco de pesca, e eu fui a única sobrevivente. Eu as estudo desde criança, venho aprendendo todo o possível através de livros e histórias. — Mordo o lábio inferior. — Quanto ao idioma, não finjo ser fluente, mas sei o bastante. Foi fácil aprender com uma delas como minha prisioneira. Meu pai conseguiu aleijá-la antes de ele mesmo morrer, e assim pude mantê-la prisioneira.

Elian suspira, nada impressionado.

— Se você for mentir — diz ele —, se esforce mais.

— Não estou mentindo. — Finjo ficar ofendida com a acusação. — Uma delas foi machucada durante o ataque contra a minha família. Somos de Polemistés.

Com a menção da terra dos guerreiros, Elian dá um passo para frente. Ele enfia a mão no bolso e tira dali um pequeno objeto circular. A mesma bússola que pegou quando falamos no convés acima. Uma corrente fina e delicada de ouro pende do punho e, quando ele a abre, as pontinhas tilintam juntas.

— Você acha mesmo que vou acreditar que você é de Polemistés? — pergunta Elian.

Tento não me ofender com a pergunta; no momento, eu também não acreditaria que sou uma guerreira, mas não defendo a minha causa. Não gosto de como Elian observa a bússola, como se estivesse contando com ela para avaliar algo. A cada mentira que atravessa os meus pensamentos, quase consigo sentir o objeto se esgueirando e rastejando para dentro das profundezas aguçadas da minha

mente. Arrancando as mentiras como raízes de alga. Parece impossível, mas sei o quanto os humanos gostam de seus truques.

— Minha família é toda de caçadores — digo, com cuidado. — Que nem você. A Rainha do Mar queria vingança porque ela se sentiu injustiçada.

O espaço entre nós fica saturado com a magia fantasmagórica da bússola, e conjuro uma imagem do rosto de Maeve para provar ao objeto estranho que o que eu disse, tecnicamente, não é mentira.

— Eu torturei uma de suas ninfas para conseguir algo de que eu precisava — digo.

— O que aconteceu com a ninfa?

— Morreu — conto a ele.

Elian olha para a bússola, e franze a testa.

— Você a matou?

— Você acha que não sou capaz?

Ele suspira com a minha resposta evasiva, mas é difícil deixar de notar a sua expressão intrigada enquanto o príncipe brinca com a possibilidade de acreditar em mim.

— A ninfa — diz ele. — Ela te contou do cristal?

— Ela me contou um monte de coisas. Me faça uma oferta que valha a pena, e talvez eu te conte tudo.

— Que tipo de oferta?

— Um lugar no seu navio e nesta caçada.

— Você não está em posição de negociar — diz Elian.

— Minha família estuda ninfas há gerações. Eu te garanto que sei mais delas do que você sequer poderia imaginar. E você já viu que posso falar a língua delas — digo. — Isto não é uma negociação, é um acordo.

— Não sou chegado a fazer acordos com garotas em celas.

Torço os lábios em um sorriso cruel.

— Então faça o favor de me soltar.

Elian ri, saca uma pistola e balança a cabeça mais uma vez.

— Sabe — diz ele, ao se aproximar da cela —, acho que gosto de você. O problema... — Ele bate a arma na minha prisão. — ... é que existe uma diferença entre gostar e confiar em alguém.

— Eu não sei como é isso. Nunca experimentei nada do tipo.

— Quando chegarmos a Eidýllio — diz Elian —, poderemos brindar a isso.

A ideia já é o suficiente para me fazer estremecer. Eidýllio é uma terra devotada ao romance. Celebram o amor como se fosse poder, mesmo que o sentimento tenha matado muito mais humanos do que eu. Preferiria estar cercada pelo ouro ofuscante de Midas do que estar em um reino onde as emoções são moedas de troca.

— Confia o suficiente em mim para me comprar uma bebida?

Elian guarda a pistola e volta à alavanca.

— Quem disse que sou eu quem vai comprar?

— Você prometeu que me libertaria! — grito para a figura em retirada.

— Eu te prometi um lugar mais confortável para viver. — A mão de Elian faz um floreio sobre a alavanca. — Vou pedir para Kye te trazer um travesseiro.

Dou uma última olhada em seu sorrisinho torto antes de a lanterna escurecer e a última partícula de luz ser arrancada do cômodo.



Quando a luz rompe na costa de Eidýllio, há um clarão rosa que abala o céu. O sol cintila no horizonte, circundado por um tom milagroso de vermelho exíguo, como coral derretido. Sou puxada das profundezas da minha cela direto para a luz, onde há uma explosão de cor e calor, diferente de tudo o que eu já vi na vida. Há luz em cada canto da terra, mas, em Eidýllio, ela parece mais próxima da magia. Magia como a que foi colocada na lâmina de Elian e no tridente de cinzas da minha mãe. Sonhos moldados em algo mais poderoso que a realidade.

Do outro lado das docas, a grama é da cor dos peixes neon goby. Um prado fluando na água. Troncos de zimbro brotam como fogos de artifício, gotas de chuva se agarram às pontas deles em pingos indestrutíveis. São orbes de luz guiando o caminho de volta a terra.

Percebo que estou quente. É uma sensação nova, bem diferente das cócegas que o gelo me fazia quando eu era ninfa, o que eu amava, e do frio extremo que senti nos dedos dos meus pés humanos, a bordo do *Saad*. Eu me livrei da camisa molhada de Elian, que grudou e secou em mim como se fosse uma segunda pele. No momento, estou com um vestido branco esfarrapado, preso na cintura com um cinto tão grosso quanto as minhas duas pernas. E botas pretas imensas que ameaçam engolir os meus novos pés por completo.

Madrid se aproxima de mim.

— A liberdade está ao seu alcance — diz ela.

Eu a olho com desdém.

— Liberdade?

— O capitão planejou te soltar quando chegássemos aqui, não foi? Sem lesão, sem infração.

Eu reconheço o ditado. É uma frase kléfta, o reino dos ladrões: *sem ofensas, sem problemas*, usada por piratas que saqueiam navios passantes e qualquer terra onde atracam. Se ninguém é morto, os kléftos não acham que um crime tenha sido cometido. Seus piratas são leais à própria natureza e não se importam com missões nobres nem com declarações de paz. Navegam atrás de ouro, e de prazer, e da dor que causam ao roubar os dois primeiros itens. Se Madrid é de Kléftes, então Elian escolheu bem a tripulação. Os piores dos piores para serem os seus melhores.

— Estou vendo que você confia muito no seu príncipe — digo.

— Ele não é o meu príncipe — diz Madrid. — Ele não é príncipe nenhum aqui neste navio.

— Nisso, eu acredito — digo a ela. — Ele nem sequer foi educado quando

ofereci ajuda.

— Vamos ser sinceras — diz Madrid. — Você só está querendo ajudar a si mesma.

— Tem alguém vivo que não está?

— O capitão. — A voz dela exhibe uma fagulha de admiração. — Ele quer ajudar o mundo.

Eu rio. O príncipe quer ajudar um mundo condenado. Enquanto a minha mãe viver, guerra é tudo o que teremos. A melhor coisa que Elian pode fazer pela própria segurança é me matar, assim como matar qualquer um em quem ele não possa se dar ao luxo de confiar. Em vez disso, ele me manteve como prisioneira. Desconfiado o bastante para me trancar, mas não brutal o suficiente para tirar a minha vida. Demonstrou misericórdia, e seja fraqueza seja força, é chocante de qualquer maneira.

Observo Elian descer do navio, sem se preocupar com a naufraga que poderia abandonar com muita facilidade. Ele sai em disparada e salta o restante do caminho, então, quando os pés tocam os tufos de grama, pequenas gotas explodem no ar como chuva. Ele tira o chapéu e faz uma reverência profunda para a terra. Em seguida ergue uma das mãos bronzeadas, bagunça as mechas do cabelo preto e volta a colocar o chapéu com um floreio. Ele separa um segundo, e estuda a paisagem com as mãos presas aos quadris.

Consigo ouvir a expiração dele lá do alto do convés do *Saad*. A alegria do príncipe é como um sopro estranho de vento passando por nós. A tripulação sorri quando o veem encarar o oceano de grama e zimbro e, à distância, uma parede feita de luz. Um castelo surge acima do contorno da cidade, como uma miragem.

— Ele sempre faz isso — diz Kolton Torik.

A presença dele lança uma sombra ao meu lado, mas, por todo o augúrio que o imediato de Elian poderia trazer consigo, ele não é nada como o pirata terrível que poderia ser. Sua expressão é gentil e relaxada, as mãos estão enfiadas nos bolsos de um short desfiado. Quando fala, sua voz é grossa, mas suave, como o eco depois de uma explosão.

— Eidýllio é um dos lugares preferidos dele — explica Torik.

Acho difícil acreditar que o príncipe seja romântico. Ele parece que acharia essa ideia tão ridícula quanto eu. Eu saberia em um instante que Midas não era o reino preferido dele; homens não criam um lar se já o têm. Mas apostaria em Ágrios, uma nação de intrépidos. Ou no reino guerreiro de Polemistés, que escolhi para ser a minha origem. Terras para soldados à beira do abismo da guerra. Lutadores e assassinos que não veem utilidade em fingir ser nada além disso.

Eu não teria adivinhado que o infame caçador de ninfas tinha humanidade nele.

— É um dos meus preferidos também — diz Madrid, inalando o ar. — Eles têm ruas cheias de padarias, com corações de chocolate escorrendo caramelo em cada esquina. Até os cartões deles têm um cheiro doce.

— Por que é o preferido *dele*? — Aponto para Elian.

Kye arqueia uma sobrançelha.

— Chuta.

— Do que mais se precisa na vida quando se tem amor? — pergunta Madrid.

Kye bufa.

— É disso que as crianças o estão chamando hoje em dia?

Madrid dá um golpe nele e, quando Kye esquiva, ela estreita os olhos.

— Esta deveria ser a terra do romance — diz ela.

— Romance é para os nobres — diz Kye, e Torik joga uma bolsa vazia no meio do círculo improvisado deles.

Ele tirou a camisa, e vejo que os braços nus estão cobertos por tatuagens em mosaico, nem sequer um pedacinho de pele foi poupado da colcha de retalhos colorida. No ombro, uma cobra encara o chão. Amarela, dentes à mostra, silvando quando o bíceps dele flexiona.

— E o que o capitão é, então? — pergunta ele.

— Um pirata. — Kye atira a espada na bolsa. — E todos nós sabemos por que os piratas vêm a Eidýllio.

Madrid lança um olhar fulminante a ele.

Arrisco uma outra olhadela para o príncipe. O vento quente balança a cauda de seu casaco, e quando ela é empurrada para trás, a ponta da faca dele chama a minha atenção. A arma fragmenta o tom crescente do sol, e uma veiazinha preta rasteja metal acima e captura a luz. Bebe-a até não haver nenhuma centelha de vida na lâmina. Mordo o canto do lábio inferior e imagino como seria ter em mãos algo tão poderoso.

Uma faca que absorve vida e luz.

A postura de Elian fica rígida. Os nós dos dedos empalidecem em seus quadris, e a cabeça tomba um tantinho para trás em direção ao navio. Em direção a mim. Como se pudesse sentir os meus pensamentos. Quando ele se vira, o movimento é bem lento, mas cheio de propósito, e leva alguns segundos para os olhos dele encontrarem os meus em meio à tripulação. Ele me encara, sem nem piscar e, assim que penso que o príncipe vai erguer a mão e fazer um sinal para Madrid atirar em mim, ou para que Kye me jogue de volta na cela de cristal, ele dá um sorrisinho. O lado esquerdo da boca se ergue, e a ação, de alguma forma, parece um desafio.

E logo a expressão some, e Elian se vira para analisar o restante da tripulação. Quando o faz, o sorriso amplo é verdadeiro e largo ao ponto de fazer as covinhas aparecerem nas bochechas bronzeadas.

— Já sabem como funciona — diz a todos, subindo outra vez no convés. — Tudo o que for afiado ou fatal vai para as bolsas. — Ele olha para mim. — Você acha que cabe ali?

Lanço a ele um olhar feroz, e a tripulação relutante saca as espadas dos cintos. Tiram flechas dos sapatos. Revelam facas nas dobras da calça. Erguem armas que estavam escondidas na cintura. A certa altura, Kye tira as botas e as joga lá dentro. O sol colorido reflete a luz da adaga escondida na sola antes de ser enterrada sob

uma quantidade imensa de armamento.

Há piratas se desarmando na minha frente. Camada a camada, largam suas proteções, descamando-se como se fosse uma segunda pele. Quando terminam, cada um deles se move, apoiando mãos desconfortáveis nos quadris ou as esticando até as armas que não estão mais lá.

Madrid leva o polegar até a boca e morde a unha com força, já Kye estrala os dedos. Os estalidos são tão rítmicos quanto as ondas.

— Por que vocês estão fazendo isso? — pergunto, encarando a pilha de armas.

Se eu conseguir surrupiar uma, então posso usá-la contra o príncipe caso ele tente qualquer coisa, mas, neste vestido, não há lugar para esconder nada. Suspiro, frustrada, sabendo que não vou conseguir chegar perto o bastante com uma arma em plena vista.

— Nada de armas em Eidýllio — explica Madrid. Ela tira as duas últimas lâminas gêmeas de cada uma das mangas.

— É a lei — continua Kye. — Você não pode tocar o solo da cidade se estiver armado, então guardamos as nossas armas, levamos tudo até o muro e deixamos as bolsas com as sentinelas.

— Por que vocês simplesmente não as deixam no navio?

Madrid olha para baixo, para o seu arpão descartado, horrorizada.

— Não se preocupe — sussurra ela para a engenhoca fatal. — Ela não sabe do que está falando.

Kye dá um sorrisinho e chuta um dos sacos com certo carinho.

— Não podemos arriscar deixar os nossos melhores metais no navio. Se outro grupo atracar aqui, podem decidir vasculhar tudo. É claro — diz ele, lançando um olhar significativo na minha direção —, seria muita burrice alguém tentar irritar o capitão do *Saad*.

Elian bate a mão no ombro de Kye. Um canudinho de açúcar preto está pendurado no canto da sua boca, trazendo consigo o cheiro familiar da erva-doce.

— Mas você não pode confiar a sua vida à possibilidade de as pessoas não serem burras — diz Elian. — É assim que você acaba com uma faca nas tripas.

Torik ergue o saco cheio de armas do chão e resmunga.

— Tudo bem, então — diz ele. — Cara ou coroa para decidir qual dos imbecis vai querer ajudar a carregar isso aqui.

Kye tira uma moeda de ouro do bolso. Uma pirâmide foi gravada na face da frente, então eu imediatamente sei que é de Midas. O brasão real é inconfundível.

— Cara você perde, coroa eu ganho. — Kye joga a moeda para cima, mas ela esbarra em Torik antes de ter a chance de cair. Assim que ela atinge o convés aos pés de Torik, Kye grita por cima do ombro: — Acho que é o meu dia de sorte!

— Eu vou ficar com esse ouro, seu merdinha — diz Torik, recolhendo a moeda e lustrando-a na camisa antes de embolsá-la.

Elian gesticula para Madrid ajudar Torik com os sacos e dá uma mordida no doce. Assim que o braço sai de sua lateral, vejo a faca ainda presa sob a cauda do casaco.

Aponto para a lâmina.

— Você não respeita as suas próprias regras?

— As regras não são minhas — diz Elian. — Além disso — ele tamborila o punho da faca, a zombaria nítida na sua voz —, eu tenho imunidade diplomática.

Kye ri lá da grama.

— É assim que vamos chamar a rainha Galina agora? — pergunta ele. — É melhor você avisar Vossa Alteza Real que o título dela mudou.

— Acho que eu não quero fazer isso.

— Quando você vai vê-la? — pergunta Madrid, jogando a outra alça do saco de armas sobre o ombro. — Você sabe muito bem que, assim que ela ficar sabendo que atracamos, vai mandar os guardas te escoltarem até o palácio.

— Ela sempre quer se certificar de que estamos bem acomodados — diz Elian.

Madrid bufa.

— Você quis dizer que ela sempre quer ficar de olho na gente.

Elian dá de ombros, despreocupado, e pressiona a mão na concha. Tento agir com indiferença, mas a ideia de ela estar nas mãos do príncipe me deixa tonta de raiva. O reino marinho de Keto permanece escondido dos humanos desde o início dos tempos, perdido em um labirinto de oceano e magia tecido pela própria deusa. O segredo de sua localização é a nossa melhor frente de defesa nessa batalha interminável, e ter esta vantagem destruída por ele, por minha causa, seria impensável.

Mesmo que as conchas não funcionem com humanos, Elian não é como a maioria deles. Não há como dizer quanta destruição ele deixaria em seu encalço caso capturasse uma ninfa e a forcesse a usar os poderes para levá-lo ao nosso reino. Duvido que haja algum limite para o desejo dele de eliminar a minha espécie da face da terra. Seus movimentos são tão imprevisíveis quanto os seus motivos, e se aprendi algo nesses últimos dias é que o príncipe tem um jeitinho de sempre conseguir o que quer. Não estou preparada para deixá-lo segurar as chaves do meu reino por tempo o suficiente para perceber o que ela é.

Elian me leva do navio até o prado flutuante, a mancha aparentemente perpétua de sujeira se franze na testa dele. O príncipe nunca parece estar perfeito. Todo vislumbre dele está maculado por um desalinho inusitado, visível mesmo quando ele está de pé no meio de uma tripulação tão improvisada. Parece que é o jeito de ele se encaixar entre os ladrões e patifes que coletou, de uma forma parecida com a que eu me transformei no ideal da minha mãe de uma ninfa de verdade. E, por causa disso, sei que as tentativas dele são inúteis. A majestade não pode ser desfeita. Direitos de nascença não podem ser mudados. Corações sempre são feridos pela nossa verdadeira natureza.

— Quando chegarmos ao muro, poderemos discutir o seu futuro — diz Elian.

Cerro os punhos, chocada com a audácia dele e com o fato de que estou sendo forçada a tolerá-la. Nunca a rainha, sempre a súdita.

— Discutir o meu futuro? — repito.

— Você disse que queria vir com a gente, e quero ter certeza de que você é útil. Você não pode ser simplesmente uma prisioneira ocupando espaço no meu convés.

— Eu estava abaixo do convés — lembro a ele. — Em uma cela.

— Isso foi hoje de manhã — diz ele, como se aquilo tivesse acontecido há tanto tempo que merecia ser esquecido. — Tente não guardar rancor.

O sorrisinho que ele me dá é mais do que apenas provocador, e eu sibilo, não me dignando a responder. Em vez disso, passo rapidamente por ele e me certifico de bater o ombro com tanta força quanto posso no dele. Quanto antes eu tiver o coração do príncipe, melhor.



O muro não é feito de luz, mas de pétalas de rosas. São imaculadamente brancas e, quando a luz do sol reflete nas folhas delicadas, elas cintilam como estrelas. No começo, é difícil dizer se são parte do muro, ou se elas mesmas são o muro. Lasquinhas de flores diminutas, de alguma forma, criam a barreira ao redor dos limites da capital de Eidýllio. Quando nos aproximamos, vejo a ponte levadiça de mármore sólido começar a descer, separando as flores no meio.

Assim que entramos na cidade, sou atingida pelo cheiro de pão doce e de bala de hortelã. Barraquinhas do mercado se enfileiram nas ruas curvas de paralelepípedo, cada pedra parece uma onda. Na entrada, um comerciante se inclina sobre um barril de chocolate bem cremoso e o mexe com uma colher que tem quase a altura dele. Clientes lambem mel quente dos dedos e deixam leite pingar nas camisas sociais de cetim.

Quando abro a boca para suspirar, o ar carameliza na minha língua.

Nunca estive em uma cidade humana, e fico impressionada com a fartura. Quantas pessoas. Que infinidade de cores e cheiros e sabores. Como as vozes se distorcem em sussurros e rugidos, conforme os pés batem nos paralelepípedos. Quantos corpos se movem e colidem. Há certa insanidade enervante em tudo isso. Como eles respiram com tão pouco espaço? Como eles vivem em meio a tanto caos? Contra a minha vontade, chego mais perto de Elian. Há conforto em sua presença e na despreocupação que ele finge sentir. Como se o príncipe pudesse se encaixar em qualquer lugar se realmente desejasse.

As sentinelas parecem reconhecê-lo. Sorriem e cumprimentam o príncipe com reverências rápidas antes de abrirem o saco de armas que Torik joga no posto deles. Apesar de a faca de Elian ter sido coberta pelo casaco, não está totalmente escondida, e ele nem sequer tenta disfarçar que está armado.

As sentinelas se aproximam da tripulação, embora com cuidado, e começam a revistar o primeiro membro. Apalpam os bolsos e passam as mãos pelas costuras das roupas, procurando quaisquer armamentos escondidos. Quando chega a vez de Madrid, ela sacode as sobancelhas de forma zombeteira, e Kye revira os olhos.

As sentinelas seguem pelo grupo, pulando Elian. Parece que ele tinha razão

quanto à imunidade, como a chamou. Ou a influência de Elian se estendia muito além do próprio reino de Midas, ou a rainha Galina de Eidýllio tinha mesmo uma quedinha por piratas.

Um sentinela se aproxima de mim e gesticula para que eu abra os braços. Ele é, pelo menos, duas cabeças mais alto que eu, com uma barba laranja falhada que desce até o pescoço. Sua pele é branca como osso de peixe, uma versão menos imaculada da minha, ou do que um dia ela foi antes da maldição da minha mãe. Ainda não vi o meu novo eu. Prefiro continuar cega em relação ao quanto a humanidade estragou um rosto que costumava afundar navios.

O sentinela se aproxima mais um passo, e sinto cheiro de fumaça rançosa em seu uniforme.

— Toque em mim — digo a ele — e quebrarei todos os seus dedos.

Os olhos percorrem o meu corpo, notando como o vestido branco e amassado se agarra de um jeito estranho aos meus ombros ossudos. Ele parece decidir que não sou uma grande ameaça, porque logo agarra os meus braços e os afasta como se fossem asas.

Uso o desrespeito dele a meu favor, confiante de que, mesmo sem a minha força, ainda sou fatal. Posso não ter as barbatanas, nem mesmo a minha voz, mas sou filha de minha mãe. Sou a criatura mais fatal dos cem reinos.

Giro o meu braço esticado para trás, passando por baixo das mãos do sentinela, e puxo o pulso dele, em seguida lanço o meu cotovelo para cima e me preparo para acertá-lo bem no meio da sua fuça presunçosa. Quando me movo, há um baque satisfatório, mas não é o som de osso quebrando.

É o som do meu corpo sendo lançado ao chão.

O guarda agarrou o meu braço e me jogou com força o bastante para que o meu cotovelo fosse arranhado pelo cascalho. A dor corta a minha pele, e sinto uma fúria que nunca senti na vida. Eu poderia tê-lo matado com apenas uma mão se aqui fosse o oceano. Uma canção. Mas, agora, estou me curvando enquanto o meu braço lateja sob o meu peso. Como posso esperar derrotar um assassino de ninfas treinado se não consigo nem lidar com um guarda patético?

Faço cara feia, e o sentinela leva a mão aos quadris, meio que tirando a espada do cinto. Seus camaradas pegam as pistolas. Posso ver a raiva nos olhos deles, enquanto pensam em me fazer pagar por tentar atacar um dos seus. Mas eles nem se mexem. Em vez disso, olham para o príncipe.

Elian os encara com uma expressão indiferente. Ele está sentado na bancada do posto das sentinelas, com uma perna pendurada na madeira envernizada, o joelho apoiado na dobra do cotovelo. Em uma das mãos, ele segura uma maçã da cor dos botões de rosa.

— Nossa, que boas-vindas mais calorosa — diz ele, e salta da bancada.

O sentinela limpa o nariz com as costas da mão.

— Ela tentou *bater em mim* — rosna.

Elian dá uma mordida na maçã.

— Ela também ameaçou quebrar os seus dedos — diz ele. — Você deveria agarrar a garota de novo e descobrir se ela estava blefando.

— Eu só estava tentando encontrar alguma arma. Precisamos revistar todos os que entram no reino. É a lei.

— Nem todos. — Enquanto Elian leva a mão de volta à cintura, há um vislumbre da faca que parece nunca sair da vista dele. Se os guardas não a notaram antes, notaram-na agora. É óbvio que é exatamente o que Elian queria.

O sentinela estremece.

— Ela poderia estar escondendo uma arma — argumenta ele, mas há menos convicção na voz.

— Sei. — Elian assente. — Tantos lugares em que ela poderia tê-la escondido... — Ele se vira para mim e estende a mão. — Entregue a balestra que você tem debaixo da saia, e eles a deixarão passar com um tapinha no pulso.

A voz dele é inexpressiva e, quando apenas o encaro em resposta, Elian se vira para o sentinela e joga os braços para o alto, como se eu estivesse dando uma de difícil.

— Vocês vão ter que jogá-la nas masmorras — diz Kye, aparecendo ao lado de Elian. Não tenho muita certeza se ele está brincando. — É claro que ela faz parte de alguma máfia de contrabandistas de elite.

Elian se volta para ele e arqueja, levando a mão no coração.

— Deuses — diz ele, abaixando a voz até um sussurro conspiratório. — E se ela for uma *pirata*?

Kye bufa e, depois de alguns segundos, percebo que também estou sorrindo.

Não consigo me lembrar da última vez que ri de verdade. Estive tão focada em satisfazer a minha mãe que encontrar alguma alegria que pertencesse apenas a mim parecia um absurdo. Não que importasse; eu poderia ser um monstro perfeito e nada mudaria. Se eu a decepciono, sou um fracasso. Mas, se eu sou bem-sucedida e provo o meu valor como governante, é um pecado ainda pior.

Penso em qual expressão ela vai vestir quando eu a presentear com o Segundo Olho de Keto e descartá-lo como uma luva.

As sentinelas nos deixam passar e, quando saem do caminho, a cidade abre os braços. Ninguém tira um segundo sequer para olhar para mim. Eu me misturo às pedras, tornando-me uma com todos os outros rostos no mercado. Sou completamente insignificante pela primeira vez. É tão libertador quanto é irritante.

— Dê uma boa olhada — diz Elian. — Este pode ser o seu novo lar.

O chapéu dele pende da sua cintura, enganchado ao punho da faca. Escondendo a arma e chamando atenção para ela ao mesmo tempo. Ele quer ser notado. É incapaz de ser esquecível.

Cruzo os braços.

— Você realmente me deixaria aqui se não achasse que sou útil o bastante?

— Eu prefiro “abandonar” — diz ele. — Desertar. Descartar. Jogar longe sem nenhuma piedade. — Ele afasta dos olhos uma mecha dos bastos cabelos pretos. — Você tem que admitir que Eidýllio é melhor que a prancha — diz ele. — Ou que uma cela.

Neste exato momento, acho que não prefiro nenhuma das opções. A sensação

de terra sob os meus pés é estranha, e a estabilidade repuxa minha barriga em diversas direções. Anseio pela torrente de água nas minhas barbatanas ou até pelo balanço do *Saad*. Tudo na terra é parado demais. Permanente demais.

— Você não tem saudade?

Não sei por que estou perguntando, como se Elian e eu tivéssemos algo em comum. Eu deveria ir embora enquanto posso. Deveria matá-lo enquanto posso. Dane-se a espera até ele me levar ao olho. Dane-se tentar derrotar a minha mãe. Eu deveria simplesmente pegar o coração dele como me foi ordenado, assegurando o meu lugar como herdeira dela outra vez. Se eu voltar com armas humanas o suficiente, com certeza posso vencê-lo.

Em vez disso, simplesmente digo:

— Do oceano.

E Elian semicerra os olhos.

— Ele continua lá — diz.

— Longe demais. Faz três horas que estamos caminhando.

— Nunca está longe demais. Você está se esquecendo de que este lugar todo é o delta de um rio.

Meu midão é limitado e, quando eu o encaro sem entender a menção ao delta de um rio, Kye solta um suspiro alto em uma barraquinha ali perto.

— Ah, fala sério. — Ele lambe o chocolate do dedo. — Não me diga que você não sabe nada de geografia cêntupla.

— É como Kardián foi feita — explica Madrid. O cabelo está preso no alto, em dois rabos de cavalo, e, quando ela fala, ergue os braços para puxá-los ainda mais para cima. — O delta de um rio se formou de Eidýllio, e os primos da família real decidiram que mereciam uma nação só deles. Então o tomaram e se declararam rei e rainha.

— Meu tipo de gente. — Kye ergue o punho no ar, como em um brinde.

— Seu tipo de gente não é o tipo de gente de ninguém — diz Madrid. — Você é singularmente idiota.

— Você me conquistou no *idiota* — diz Kye, e em seguida se volta para mim. — Tudo o que separa Kardián e Eidýllio são rios e estuários. Eles são tudo o que a gente vê por aqui.

Lembro-me dos comentários de Torik no *Saad*, de que Eidýllio era o reino preferido de Elian. Na hora, não consegui imaginar a razão; o príncipe rebelde apaixonado pela terra do amor parecia, no melhor dos casos, esquisito e, no pior, ridículo. Mas, agora, eu entendo.

— É por isso que você gosta daqui — digo a Elian. — É porque o oceano nunca está muito longe.

Ele sorri, mas assim que está prestes a responder, Torik coloca a mão no ombro dele.

— Precisamos seguir caminho, capitão. O Serendipidade só segura os nossos quartos por duas horas após o pôr do sol.

— Podem ir — diz Elian a ele. — Estarei logo atrás de vocês.

Torik dá um aceno rápido e, quando se vira para ir em frente, o resto da

tripulação o segue. Exceto Kye, que se demora na beirada da multidão com uma expressão imperscrutável. Ele aperta a mão de Madrid, só uma vez, então observa até ela desaparecer. Quando a garota não pode mais ser vista, ele se volta para Elian e para mim, o rosto assumindo uma severidade repentina.

Parece que o príncipe quase nunca é deixado desprotegido.

— Eu te devo uma — diz Elian. — Ou, tecnicamente, você me deve uma, já que salvei você de se afogar. Mas não sou de ficar cobrando dívidas. — Há um resquício de sorriso em seus lábios quando ele tira a minha concha do pescoço. Algo parecido com esperança me domina. Meus dedos se contraem na lateral do corpo. — Aqui — diz ele, e a joga para mim.

Assim que a concha escarlate toca a minha mão, o poder me inunda. Meus joelhos quase cedem quando sinto uma força descomunal voltar. Meus ossos ficam mais rígidos; minha pele cristaliza. Por alguns segundos, meu coração definha ao que era antes. Então há um sussurro que aos poucos se transforma em um zumbido. Posso ouvir o chamado do mar de Diábolos e do reino de Keto. Posso ouvir o meu lar.

E logo desaparece. Assim como os meus poderes.

A adrenalina some tão rápido quanto veio. Meu corpo esmorece e a pele fica quente e macia. Ossos tão fáceis de serem quebrados. Coração vermelho e batendo outra vez.

O oceano está quieto.

— Lira.

Ergo o olhar para encontrar o de Elian. Ainda não consegui me acostumar ao som do meu nome no sotaque dele. Como uma das canções que eu costumava cantar. Uma melodia tão doce quanto letal.

— Se você está com saudade do oceano — diz ele —, Reoma Putoder é a água mais próxima que você vai encontrar. No fim de semana, a população joga pedras na cachoeira, fazendo votos por seus amores perdidos. O acesso é proibido no restante da semana, mas não duvido de que você consiga dar um jeito de contornar isso.

Ele indica que vai passar por mim, e eu dou um passo ao lado.

— Espere — digo. — Pensei que você tivesse dito que queria que eu me provasse digna de seguir viagem com vocês. Eu disse que tenho informações do cristal que você procura. E, agora, de repente, você não vai mais nem considerar um acordo?

— Já fiz acordos o bastante ultimamente — diz Elian. — A última coisa de que preciso é de uma retardatária na missão. Ainda mais uma em quem não posso confiar. Além disso, você não pode me oferecer nada de que eu já não saiba. — Com um floreio gracioso, Elian coloca o chapéu de volta na cabeça e o inclina na minha direção. — Se você for até Reoma Putoder — diz ele —, tente não se afogar desta vez.

Elián não volta a olhar para mim antes de se virar e abrir caminho pelo mercado, indo em direção a Kye. Tenho um vislumbre deles parados juntos e num piscar de olhos, eles desaparecem na multidão.



Demoro quase uma hora para encontrar Reoma Putoder. Não peço ajuda, parte porque o meu orgulho não aguentaria outro humano me resgatando. Mas, em maior parte, porque a minha paciência não aguentaria outro humano falando comigo. Já fui parada mais de uma dúzia de vezes pela população me oferecendo comida e roupas mais quentes, como se eu precisasse daquilo neste calor sufocante. Parece que uma garota perambulando sozinha, usando vestido amarrutado e botas velhas de pirata os deixa angustiados.

Aposto que arrancar o coração deles seria ainda mais angustiante.

Reoma Putoder é uma cachoeira com uma lagoa toda branca que, em algum lugar à distância, deságua no oceano. Eu a ouvi antes de vê-la, perdida nos infinitos becos de padarias, o cheiro dos assados grudando na minha pele como perfume. Ela soava como trovão, e alguns segundos hesitantes passaram enquanto eu me certificava de que era realmente o que eu pensava. Mas, quanto mais perto cheguei, mais reconhecível o som ficou. Água tão poderosa que enviou arrepios por todo o meu corpo.

Sento-me quietinha no leito da cachoeira, as pernas pendendo na margem da lagoa. Está tão quente que, vez ou outra, tenho que tirar os pés e descansá-los na grama orvalhada. No fundo da água, acomodadas na areia que mais parece neve, há milhares de moedas de metal vermelho. Elas espiam entre os cascalhos como gotículas de sangue.

Passo o polegar pela concha. Pressioná-la na orelha não resulta em nada além de um silêncio insuportável. Estou tentando desde que Elian me deixou no mercado. Na caminhada até a cachoeira, eu, com uma boa dose de desespero, segurei-a junto à orelha, esperando que, com o tempo, ela falaria comigo de novo. Houve alguns momentos em que quase me enganei, querendo muito acreditar que eu podia ouvir o eco de uma onda. O estrondo de uma tempestade marítima. A risada borbulhante da minha mãe. Na verdade, o único som era um zumbido nos meus ouvidos. Todo aquele poder se foi. Uma visão de mim mesma perdura diante de mim por tempo suficiente para que a sede volte. Pergunto-me se é mais um dos truques da rainha. Permitir que eu ficasse com a concha para poder me provocar com os ecos do meu legado destruído.

Aperto-a com mais força. Quero senti-la estilhaçar a minha pele, rachar e ruir até virar nada. Mas, quando abro a mão, ela está intacta, sem dano nenhum, e tudo o que resta é uma marca na palma. Com um grito, ergo o braço muito acima da cabeça e jogo a concha na água. Ela pousa com uma estatelada decepcionante, e afunda preguiçosamente até o fundo. Vejo cada segundo de sua descida lenta até que, por fim, ela se acomoda no leito da lagoa.

Então, há um brilho. Fraquinho no começo, mas logo se espalha em orbes e brasas. Recuo. Todas as vezes que usei as conchas do mar para me comunicar com ninfas, ou mesmo como se ela fosse uma bússola até o meu reino, raramente presenciei isto. Ela me chama como se pudesse sentir o meu desespero, estendendo seu alcance pela água para buscar outra da minha espécie. Em vez de

uma arma, está agindo como um farol.

Logo, quase no mesmo instante, Kahlia aparece. O cabelo louro da minha prima está espalhado na água, caindo no rosto de um jeito que os olhos não encontram os meus.

Fico de pé em um salto.

— Kahlia — digo, espantada. — Você está aqui.

Ela assente e estende a mão. Descansando contra os dedos longos e espinhosos dela, está a concha. Ela a joga na grama aos meus pés.

— Ouvi o seu chamado — diz ela, baixinho. — Já pegou o coração do príncipe?

Franzo a testa, enquanto a cabeça dela continua curvada.

— Qual é o problema? — pergunto. — Você não pode olhar para mim?

Quando Kahlia se limita a balançar a cabeça, sinto uma pontada de dor. Antigamente, ela me admirava com tanta veemência que isso fez a minha mãe odiá-la. Durante toda a minha vida, Kahlia permaneceu sendo a única em nosso reino com quem eu me preocupava e, agora, não consegue nem me olhar nos olhos.

— Não é isso — diz Kahlia, como se pressentisse os meus pensamentos.

Ela ergue a cabeça, e há um sorriso ténue nos lábios finos e rosados enquanto a minha prima, em uma atitude nada típica dela, remexe o corpete de alga marinha que cobre o seu peito. Ela analisa a minha forma humana e, em vez de ficar assustada ou enojada, parece apenas curiosa. Ela inclina a cabeça, o olho amarelo-leitoso arregalado e brilhante. Mas o seu outro olho, o que combina com o meu tão perfeitamente, está fechado e com um imenso hematoma preto.

Cerro os dentes, rilhando osso contra osso.

— O que aconteceu?

— Foi necessária uma punição — diz ela.

— Pelo quê?

— Por te ajudar a matar o príncipe de Adékaros.

Dou um passo ultrajado para frente, mas meus pés vacilam na beira da lagoa.

— Eu recebi a punição.

— A pior parte — diz Kahlia. — É por isso que ainda estou viva.

Um arrepio me percorre. Eu deveria saber que a minha mãe não ficaria satisfeita punindo apenas uma ninfa quando poderia punir duas. Por que me fazer sofrer sozinha? É uma lição que ela me ensinou diversas vezes antes. Primeiro com Crestell, depois com a sobrinha.

— A Rainha do Mar é muitíssimo misericordiosa — digo.

Kahlia me oferece um sorriso amarelo.

— O príncipe ainda está com o coração dele? — pergunta. — Se você o trouxer, tudo acabará. Você poderá voltar para casa.

A esperança desesperada em sua voz me faz estremecer. Ela está com medo de voltar ao mar de Diábolos sem mim, porque, se eu não estiver lá, então ninguém vai protegê-la da minha mãe.

— Quando nos encontramos pela primeira vez, eu estava fraca demais para

matá-lo. Eu tinha quase me afogado.

Kahlia sorri.

— Como ele é? — pergunta ela. — Comparado com os outros?

Pondero contar a ela sobre a bússola de Elian que identifica a verdade, sobre a faca que é tão afiada quanto o seu olhar, bebendo todo o sangue que arranca dos outros. Sobre como ele tem cheiro de pescador e de sal do oceano. Em vez disso, digo algo totalmente diferente. Algo que ela vai achar muito mais divertido.

— Ele me prendeu em uma cela.

Kahlia se engasga com a risada.

— Isso não parece muito principesco — diz ela. — Os nobres humanos não deveriam ser hospitaleiros?

— Ele tem coisas mais importantes com as quais se preocupar, imagino.

— Tipo o quê? — A voz soa sedenta quando ela tira um pedaço de alga do braço.

— Tipo caçar lendas — explico.

Kahlia me lança um olhar zombeteiro.

— Você não costumava ser uma delas?

Ergo as sobranceiras em resposta à cutucada, grata por ver parte do brilho voltar ao resto dela.

— Ele está procurando o Segundo Olho de Keto — digo.

Kahlia nada para frente, jogando os braços na grama encharcada aos meus pés.

— Lira — diz ela. — Você está planejando algo perverso, não está? Vou ter que adivinhar?

— Só depende do quanto você gosta de ser súdita da sua querida tia.

— A Rainha do Mar não pode esperar devoção quando ela prega o oposto — diz Kahlia, e sei que está pensando em Crestell. A mãe que entregou a vida pela dela em um ato de devoção do qual a minha mãe só conseguiu caçoar.

Não me surpreende que Kahlia esteja ansiosa para se rebelar contra a Rainha do Mar. A única coisa que sempre me surpreendeu é sua lealdade irrefreável a mim. Mesmo depois do que eu fiz. Do que me obrigaram fazer. De alguma forma, a morte de Crestell nos uniu em vez de nos separar, como a rainha havia esperado que fosse. Não posso evitar me sentir toda convencida com o olhar ardiloso no rosto de Kahlia. Esperada ou não, a demonstração de lealdade é muitíssimo satisfatória.

— Se o príncipe me levar até o olho, então o poder dele vai me tornar páreo para a Rainha do Mar. — Eu encaro a minha prima. — Posso impedi-la de sequer ousar tocar em qualquer uma de nós duas de novo.

— E se você não conseguir? — pergunta Kahlia. — O que será de nós então?

— Eu não vou falhar — digo. — Tudo o que preciso fazer é compartilhar alguns segredos nossos para que o príncipe confie em mim, então serei bem-vinda a bordo.

Kahlia parece duvidar.

— Você está fraca agora — diz ela. — Se o príncipe descobrir quem você é,

pode matá-la como matou Maeve.

— Você ficou sabendo? — pergunto, apesar de que eu não deveria estar chocada. A Rainha do Mar pode sentir a morte de cada uma das ninfas, e agora que está mantendo Kahlia tão perto de si na minha ausência, não duvido de que a minha prima tenha estado lá quando a minha mãe a sentiu morrer.

Kahlia assente.

— A Rainha do Mar não se importou, como se não tivesse sido nada.

A hipocrisia disso me impressiona. Minha mãe demonstrou mais emoção quando eu matei uma reles sereia do que quando uma da nossa espécie foi eviscerada no convés de um navio pirata. Nossa morte não passa de um incomodozinho para ela. Imagino se a verdadeira razão para matarmos os humanos não é tanto pelo bem da nossa espécie, mas para que ela possa parar de vivenciar a inconveniência da nossa morte. Somos descartáveis nessa guerra. Cada uma de nós pode ser substituída com facilidade. Até mesmo eu.

Talvez, especialmente eu.

— Isso vai mudar em breve — digo. Inclino-me para frente e coloco a mão no braço de Kahlia, minha palma é um estranho cobertor quente sobre o gelo da pele dela. — Vou roubar o olho, e também o trono da Rainha do Mar.



No palácio, é sempre difícil dizer quem está com a mente sã.

Estou parado sozinho no hall de entrada e ajusto o colete preto. Pareço principesco, que é exatamente como odeio estar, mas, sempre, como a rainha Galina me quer. O sol em Eidýllio desapareceu há algum tempo e, com ele, o céu riscado de tinta esmaeceu até os tons da meia-noite. Dentro do palácio, as paredes são de um vermelho suave, mas, sob a luz de tantos candelabros, parecem quase laranja. Como sangue aguado.

Tento não pegar a minha faca.

A loucura se move numa velocidade brutal aqui, e até mesmo eu não sou rápido o bastante para detê-la. Eu me sinto inquieto aqui, sem a minha tripulação ao meu lado, mas trazê-los quebraria um pacto entre as famílias reais do mundo todo. Deixá-los saber de um segredo que nunca deveria ter sido conhecido, especialmente por piratas. Então, em vez de trazer a tripulação, menti para eles. Ando mentindo para todos ultimamente. Sussurro histórias da banalidade da vida pirata para a minha irmã. Dou uma piscadela quando conto à minha tripulação sobre a rainha Galina e sobre como ela gosta de me ter apenas para si.

Só Kye sabe a verdade. Este é o único aspecto positivo de ser o filho de um diplomata no qual nós dois conseguimos pensar: estar ciente de segredos reais, ou ficar a par dos podres dos líderes mundiais para usar quando conveniente. É algo em que o pai de Kye é especialista. E o filho, que geralmente faz questão de ser um paradoxo na própria linhagem de classe-alta, manteve a característica. É a única coisa que ele herdou do pai.

— Você tem certeza de que não me quer lá? — perguntou ele, a caminho do Serendipidade.

Olhei para trás para ver se Lira ainda estava parada bem no meio da praça do mercado, mas o lugar estava movimentado demais e nós, longe demais, e ela era muitíssimo esquiva para se fazer notar em meio a uma multidão.

— Eu preciso que a rainha Galina confie em mim — disse eu. — E você estar lá não vai ajudar.

— Por quê?

— Porque ninguém confia em diplomatas.

Kye assentiu, como se aquele fosse um ponto válido, e enfiou as mãos nos bolsos.

— Mesmo assim — disse ele. — Seria bom você ter um plano B, caso Galina não goste do seu plano de manipular o reino dela.

— A confiança que você tem em mim é comovente.

— Nada contra o seu charme — disse ele. — Mas você acha mesmo que ela vai cair nessa?

— Tudo o que você disse é um ataque direto ao meu charme. — Acertei o ombro dele com o meu. — De qualquer forma, vale a pena tentar. Se existe alguma esperança de que a rainha Galina possa me ajudar a me esquivar de uma aliança matrimonial com alguém mais do que capaz de me matar enquanto durmo, então vou arriscar.

— Você diz isso como se a Galina não fosse perfeitamente capaz de te matar enquanto você está acordado.

Ele tinha razão, é claro. Kye tinha o hábito de sempre ter razão, ainda mais quando havia mulheres perigosas envolvidas. Ainda assim, eu o deixei para trás com os outros, porque, por mais que ter um plano B fosse interessante, não havia qualquer chance de Galina deixar um pirata entrar em seu palácio.

Olho para baixo, para a camisa, e verifico se os botões estão fechados, só por precaução; há alguns pecados que não serão tolerados. Então endireito a postura. Penteio o cabelo para trás com a mão. Já sinto falta do meu chapéu e das minhas botas e de todo o resto que mantém o *Saad* comigo, mesmo enquanto está atracado.

Mas Galina odeia piratas, muito.

Ela confia mais em mim quando pode ver o príncipe de ouro em vez do capitão do mar. Apesar de haver um punhado de coisas que jamais vou compreender em relação a ela, esta não é uma delas. Eu mal confio em mim mesmo quando estou de chapéu.

— Ela está esperando você.

Um guarda emerge das sombras. Ele está coberto da cabeça aos pés por uma armadura vermelha, não há sequer um pedacinho de pele à mostra. Seus olhos flutuam sem rumo em um mar de tecido vermelho. É essa a realidade para a maioria dos guardas e dos criados. Nunca há uma chance de serem tocados diretamente.

Eu o observo com cautela.

— Eu estava te esperando — digo a ele. — A porta parece pesada demais para eu abrir sozinho.

Não sei dizer se ele sorri ou se faz careta para mim, mas, com certeza, o homem nem pisca. Depois de me avaliar por um mero segundo, dá um passo para frente e leva a mão à porta.

O cômodo é diferente. Não apenas do restante do palácio, mas de como era quando estive aqui pela última vez. As paredes de mármore empretecaram e estão cobertas por cinzas bolorentas e pelo cheiro de queimado. O teto espirala até uma altura infinita, estriado com grandes vigas de madeira, e a cor desapareceu de todos os lugares, exceto do chão. É a única coisa vermelha, polido até brilhar.

E, no canto mais distante, em um trono muito parecido com um coração ensanguentado, a rainha de Eidyllio sorri.

— Olá, Elian.

O guarda fecha a porta, e a rainha Galina gesticula para que eu me aproxime.

O cabelo preto escorre por sua cintura e vai até o chão em cachos estreitíssimos. Está entrelaçado com pétalas de rosa que derramam dela como penas diminutas. A pele negra escura se mistura com o vestido de cetim que começa no queixo e termina muito além dos dedos do pé.

Ela estende a mão para mim, dedos abertos como uma teia de aranha.

Eu a avalio por um momento, então ergo uma sobranceira, porque ela deveria ser mais esperta. Ou, pelo menos, estar ciente de que eu sou esperto.

A lenda de Eidýllio diz que qualquer um que tocar um membro da família real encontrará, instantaneamente, a sua alma gêmea. O segredo de Eidýllio, do qual apenas as famílias reais dos cem reinos — e a família de Kye, ao que parece — estão a par, é um pouquinho diferente. Porque a habilidade, passada às mulheres da família, não ajuda os homens a encontrarem amor, mas a perderem a vontade própria por completo. Subjugados por uma devoção e um desejo infinitos até se tornarem fantoches irracionais.

Eu me sento no sofá macio em frente aos tronos, e Galina deixa a mão cair com um sorrisinho. Ela se reclina e estica as pernas sobre os ladrilhos.

— Você veio me visitar — diz Galina. — O que significa que você deve estar querendo alguma coisa.

— O prazer da sua companhia.

Galina ri.

— Nenhum de nós dois é uma companhia prazerosa.

— O prazer da sua companhia e uma barganha mutualmente benéfica.

Galina se endireita um tantinho no assento.

— Uma barganha, ou um favor? Prefiro muito mais os favores — diz ela. — Ainda mais quando deixam príncipes em débito comigo.

O rosto de Sakura passa pela minha mente, e volto a pensar na barganha que fiz com ela. Meu reino em troca de dar um fim à praga que são as ninfas.

— Já tenho dívidas o suficiente com a realeza — digo.

— Estraga-prazeres — provoca Galina. — Não vou pedir muito. Só uma região ou duas. Talvez um beijo.

Geralmente, eu tolero o joguinho de gato e rato por mais tempo. Eu a deixo brincar comigo com as ameaças veladas de pele contra pele, como se ela algum dia fosse ousar me transformar em um de seus brinquedinhos. Num dia normal, fingiríamos. Eu, estar assustado pela possibilidade de ela me tocar. E Galina, ser corajosa o suficiente para sequer considerar fazer isso. Mas a verdade é que, de todas as falhas dela — e, da última vez que contei, havia muitas —, Galina não se alegra nada com as próprias habilidades. Isso até mesmo fez o rei se voltar contra ela quando ele se cansou de proteger o segredo dela em prol de um casamento que não oferecia nenhuma intimidade.

Galina não segurou a mão dele nem chegou perto o bastante para que as peles se tocassem, nem dividiram uma cama na noite de núpcias nem em nenhuma outra noite depois dessa. Dormiam em lados opostos do palácio, em alas separadas, com criados separados, e comiam basicamente do mesmo jeito: em lados opostos de uma mesa grande o bastante para que vinte pessoas se sentassem.

Esse era o tipo de informação que não deveríamos saber, mas, quando o rei tomava umas, ele tagarelava bastante a respeito dessas questões.

Ao contrário de suas predecessoras, Galina não tem qualquer desejo de forçar um amor para assegurar herdeiros. Ela não quis que o marido fosse perdendo a cabeça por causa da devoção, então, em vez disso, ele foi perdendo o juízo devido à ganância. O homem queria mais do que ela podia oferecer, o reino dela, se fosse possível, o que resultou em um golpe de estado mais sanguinário que a maioria das guerras.

Desde a traição, Galina parece ter escolhido uma vida ainda mais solitária. *Não haverá um segundo marido*, disse ela às outras famílias regentes. *Eu não tenho interesse nenhum em ser traída novamente nem em passar minha maldição adiante a qualquer criança*. Assim, em vez disso, ela abriga pupilos de Orfaná, que é o lar de todas as crianças indesejadas.

Não dar continuidade a sua linhagem já é bem ruim, mas escolher governar sozinha fez o país dela sofrer. Com Kardiá ganhando poder, Galina precisa de alguém ao seu lado para fazer as coisas que o dom a impede de fazer, como estabelecer conexões com as pessoas e oferecer a simpatia que ela aprendeu a temer demonstrar. E eu preciso de alguém que possa me livrar do meu acordo com Sakura.

Caminho em direção ao trono e estendo um pedaço de pergaminho.

Desta vez, estou ansioso demais para brincar de teatrinho. A relutância de Galina em se casar outra vez me diz tudo de que preciso saber e, em uma reviravolta fortuita do destino, apresenta uma solução um tanto interessante para um dos meus muitos problemas. É muito raro o carma me conceder tais favores.

Galina pega o pergaminho de mim, e seus olhos esquadrinham o papel, primeiro com um franzir confuso da testa, depois com um sorrisinho intrigado. É exatamente o tipo de reação pela qual eu esperava.

— Príncipe Elian — diz ela. — Como você conseguiu colocar as mãos em algo assim?

Dou um passo para frente, tão perto quanto posso chegar sem arriscar a minha sanidade.

— Do mesmo lugar em que você pode conseguir tudo o que sempre quis.



As coisas estavam indo bem. Ou melhor, tinham se transformado em uma baita confusão, e eu estava chegando bem perto de deixar as rugas transparecerem. Galina bancou a desentendida, mas havia uma sede inegável em seus olhos que me deu esperança. *Mutualmente benéfica*, ponderou ela, citando as minhas palavras de volta a mim.

O apoio dela significaria menos uma coisa com que me preocupar nesta missão impossível. E com Lira finalmente fora do meu navio, eu também tinha uma pessoa a menos com a qual me preocupar em confiar. Tudo resolvido praticamente com uma tacada só.

Eu me esforço para tirar o rosto de Lira da cabeça enquanto caminho pelas ruas vazias de Eidýllo. Quando devolvi a concha, algo esquisito apareceu em seus olhos. Como se eu fosse idiota e incrível ao mesmo tempo. Como se eu fosse tolo, e ela estivesse grata por isso.

Respiro fundo e pressiono a palma das mãos nos olhos, tentando afugentar o sono. Quando ela me disse que a Rainha do Mar se vingou da família dela, pareceu sincera o bastante; e a bússola, apesar de instável, havia apontado para o norte. Mesmo assim, ainda não consegui me livrar da sensação de que algo não está certo. Que não importa quais verdades ela possa ter dito, há mentiras escondidas lá no fundo.

Atravesso a rua abandonada do mercado, que está cheia de migalhas de torta. A noite está quente e agradável, mesmo com a lua cobrindo o céu. As estrelas aqui são mais claras do que na maioria dos reinos, e tenho que me esforçar a continuar andando. Para não ficar parado as admirando. Para não me deitar nos paralelepípedos e pensar em suas histórias, do jeito que faço a bordo do *Saad*.

Sigo em direção à Serendipidade. Nos hospedamos ali todas as vezes que atracamos em Eidýllo, porque é uma hospedaria e uma taverna, e há pouquíssimas coisas que não podem ser resolvidas com um bom sono e com rum. No caminho até lá, uma sinfonia de passos se arrasta atrás dos meus. Diminuo o ritmo e entro em um beco ali perto, cheio de banquinhos abandonados por mercadores. É estreito, e uma fileira de estrelas está suspensa acima como postes de luz.

Eu me apoio na parede, sentindo os tijolos quentes nas minhas costas. Os passos ficam incertos, procurando algo. Há um breve momento de trepidação, em que o mundo fica em silêncio e tudo o que eu escuto é o arquejo baixinho do vento. Então os passos me seguem para dentro do beco.

Não espero o agressor atacar. Saio da escuridão com a mão a postos sobre a faca. Pronto para estripar quem foi tolo o suficiente para tentar emboscar o capitão do *Saad*.

Uma garota está parada, metade nas sombras, cabelo vermelho-escuro colado nas bochechas. Quando me vê, ela apoia as mãos nos quadris, exasperada. Seus olhos me invadem que nem veneno.

— Por que você está se escondendo? — pergunta Lira. — Eu estava tentando te seguir.

Solto um longo suspiro e embainho a faca.

— Tenho quase certeza de que me livrei de você mais cedo.

Lira dá de ombros, nem um pouco ofendida, e paro para considerar o que seria necessário ser feito para tirá-la do prumo. A garota desconsidera todo e qualquer comentário como se fosse apenas um incômodo. Como se tivesse coisas bem melhores para fazer do que se preocupar com o que eu ou qualquer membro da minha tripulação pensasse.

Lira me avalia.

— Por que, do nada, você está parecendo um príncipe? — pergunta ela.

— Eu sou um príncipe — digo, e me movo para passar por ela.

Lira acompanha o meu passo.

— Normalmente, não.

— E o que você sabe quanto ao que é normal? — O rosto de Lira permanece inexpressivo e, mais uma vez, falho em causar qualquer impacto. Então ela revira os olhos, como se estivesse fazendo uma concessão. *Tudo bem, vou fingir que estou irritada. Só para satisfazê-lo, Vossa Alteza.*

— Você tem razão — diz Lira a mim.

Ela puxa o tecido do vestido. É uma coisa velha e esfarrapada que Madrid encontrou enfiada em um baú abaixo dos conveses. Uma peça clandestina da pilhagem de um navio pirata. Tenho quase certeza de que, um dia, ele foi bonito, assim como tenho quase certeza de que o estivemos usando para limpar o arpão de Madrid ao longo do ano. Foi o melhor que pudemos fazer tão em cima da hora, a não ser que Lira quisesse ser vestida igual a um pirata, o que eu duvidava.

Mesmo assim, olhando para ela agora, o homem decente que habita em mim se sente um tanto quanto envergonhado.

Lira para de caminhar e agarra as bainhas do vestido com ambas as mãos, então se curva até o chão em uma mesura debochada. Eu também paro, e a fulmino com olhar. Ela bufa, o que é o mais próximo de um riso que ouvi dela.

— A Rainha Galina não gosta muito de piratas — digo a ela, no que me viro e volto a andar. Lira me segue. — Não é como se eu gostasse de me vestir assim.

Puxo o colarinho, que de repente parece apertado ao redor do meu pescoço. O silêncio reina, e Lira para de andar. Eu me viro para ela, há uma pergunta em meu olhar, mas ela apenas me encara.

— Aqui — diz ela, e faz que vai pegar a minha faca.

Recuo e a agarro pelo pulso antes de ela sequer ter alguma chance. Lira me lança um olhar de desprezo, como se eu fosse ainda mais idiota do que ela imaginava. Sinto a pulsação dela batendo sob o meu polegar antes de a garota se soltar devagarinho.

Lira tenta pegar a faca de novo, com hesitação, e, desta vez, eu permito. Posso notar que ela está gostando de me ver desconfiado, como se este fosse o melhor elogio que eu pudesse lhe fazer. Quando a sua mão toca a faca, há uma faísca em meu peito, como a peça de uma engrenagem sendo afrouxada em uma máquina. Sempre estive conectado à lâmina de um jeito que não sei bem como explicar. Quando Lira a toca, sinto um frio repentino passar do metal para os meus ossos. Eu observo a garota com olhos fixos, não arriscando nem piscar. A garota hesita com a lâmina nas mãos, como se considerasse todas as possibilidades que o objeto poderia lhe conceder. Em seguida, inspira e rapidamente corta uma linha reta pela minha manga abaixo.

A lâmina arranha a pele, mas, por algum milagre, não derrama sangue.

Tomo a faca dela.

— O que você pensa que está fazendo? — pergunto, analisando o corte abaixo do meu ombro.

— Agora você parece um pirata — diz ela, e continua andando.

Incrédulo, aperto o passo para alcançá-la. Estou prestes a dizer que ela vai

pagar por aquilo, seja com dinheiro, o que duvido que ela tenha, seja com a vida, mas ela se vira para mim e diz:

— Eu vi a Reoma Putoder.

— Você fez um desejo?

— Talvez eu tenha roubado um.

Ela diz isso com um sorriso mordaz, mas, quando a frase perde o efeito, ela ergue a mão para brincar com a concha que lhe devolvi. Parece anormalmente brilhante em seu pescoço. Ela a toca, contemplando-a, e reconheço o gesto. É algo que fiz milhares de vezes com o anel de sinete com o brasão da minha família. Sempre que penso nas pessoas que abandonei, ou nos fardos de um reino o qual jamais me sentirei pronto para governar. Se a história de Lira for verdade, então o colar provavelmente pertencia à ninfa que matou a família da garota. Um talismã para lhe lembrar da vingança que deve levar a cabo.

— Eu ainda quero ir com você — diz ela.

Luto para continuar dando longas passadas regulares. O Serendipidade aparece à frente; outra construção em uma fileira de casas parecidíssimas. Tem três andares a mais do que as outras, com tijolinhos laranja e uma placa pendurada na silhueta do Deus do Amor. Do lado de fora, um grupo de mulheres fuma charutos sentadas em bancos largos de carvalho, com jarras enormes de vinho quente aos pés.

Paramos na entrada, e ergo uma sobranceira.

— Para vingar a sua família?

— Para acabar com essa guerra de uma vez por todas.

— Estamos em guerra? — Estendo a mão até a porta. — Que dramático.

Lira apanha a minha manga rasgada.

— Isso precisa acabar — diz ela.

Eu me encolho com o contato, resistindo ao impulso de pegar a faca. Não existe momento algum no qual eu não precise estar atento.

Afasto o ombro do aperto de Lira e mantenho a voz baixa.

— Não volte a cometer o erro de pensar que pode tocar em mim — digo. — Sou o príncipe herdeiro de Midas e capitão de um dos navios mais letais do mundo. Se fizer isso de novo, umas poucas noites em uma cela vão parecer um presente divino.

— A Rainha do Mar tirou tudo o que era meu — cospe Lira, ignorando a ameaça. Há um vinco fundo entre as suas sobranceiras e, quando a garota balança a cabeça, parece estar tentando se livrar da ruga. — Você não pode nem imaginar a dor que ela causou. O Cristal de Keto é o único jeito de consertar isso.

Ela sibila a última parte. A forma bruta e rouca que a voz ataca o midão, como se as palavras não fossem o bastante para transmitir o que ela está sentindo, faz a minha cabeça vagar. Lira tem tanto dentro de si que não consegue colocar para fora. Pensamentos e sentimentos os quais nunca há maneiras que bastem para expressá-los.

Engulo em seco e tento me recompor.

— Você disse que sabe de coisas que ninguém mais sabe. Tipo o quê?

— Tipo o ritual que você deve fazer se quiser libertar o Cristal de Keto de seu esconderijo — diz ela. — Aposto a minha vida que você não tem a menor ideia de nada disso.

Não deixo a surpresa transparecer no meu rosto. Até mesmo Sakura não tem a menor ideia de que ritual precisamos fazer, e o cristal está escondido no reino dela. Quais são as chances de uma passageira clandestina no meu navio ser a pessoa com a última peça do meu quebra-cabeça? Não é possível que eu seja tão sortudo assim.

— Você tem o costume de usar a sua vida como garantia — digo.

— Isso quer dizer que você vai aceitar a proposta? — pergunta Lira.

Eu seria um tolo caso aceitasse e confiasse em uma estranha que afirma saber o exato segredo de que eu não sei. Não sobrevivi todo esse tempo colocando a minha vida nas mãos dos meus ex-prisioneiros. Mas não aceitar o acordo me faria ser ainda mais tolo. Lira sabe falar psáriin. Ela tem experiência caçando ninfas. E se eu a deixar ir, e depois não conseguir sequer libertar o cristal quando eu o encontrar? Se eu nadar e nadar apenas para acabar morrendo na praia. O ritual é a única parte da missão que eu não faço ideia de como fazer, a não ser improvisar, e, agora, Lira está oferecendo um plano em uma bandeja de ouro.

Se Kye estivesse aqui, ele me diria para nem sequer considerar a sugestão. *Já vai tarde*, disse ele quando deixamos Lira nas ruas de Eidýllio, certos de que nenhum de nós voltaria a vê-la. *Já tenho um trabalho para te proteger sem adicionar donzelas letais à lista*. E ele não estava errado. Kye tinha jurado me proteger, não apenas ao meu pai, cujo dinheiro ele havia aceitado mais para se divertir do que para selar qualquer acordo, mas a mim. A ele mesmo. E Kye nunca fez pouco caso do trabalho. Mas eu também tenho um trabalho, uma missão, e sem a ajuda de Lira, eu poderia acabar deixando o mundo vulnerável aos males da Rainha do Mar e de sua raça.

— E aí? — pressiona Lira. — Vai aceitar o acordo?

— Eu te disse que não faço acordos — digo. — Mas talvez eu possa acreditar na sua palavra.

Abro a porta da Serendipidade, e Lira entra na minha frente. Sou atingido pelo cheiro familiar de metal e gengibre, e milhares de lembranças passam pela minha cabeça, cada uma mais vil que a outra. De todas as impressões que um nome pode dar, o da Serendipidade não diz nada de sua verdadeira natureza. É um antro para apostadores e para os tipos de homens e mulheres que nunca veem a luz do dia. Preferem a luz da lua, longe das cores ornadas da cidade. São sombras, com dedos grudentos por causa das dívidas e do vinho forte o bastante para fazer alguém cair morto ao tomar apenas uma jarra.

Parte da minha tripulação lota a grande mesa redonda ao fundo, e eu sorrio. Quando saí para visitar a rainha Galinha e fechar um acordo pelo meu futuro, uma onda esquisita de mal-estar tomou conta de mim. Como se eu estivesse mareado, se eu pudesse sentir algo assim. Nauseado de terra firme, só se for. Estar separado deles, ainda mais durante uma tarefa tão importante, me deixou exausto. Ao vê-los agora, eu me sinto revitalizado.

— Só para você saber — digo a Lira —, se estiver mentindo, posso acabar te matando.

Lira inclina o queixo para cima, olhos insolentes e azuis demais para que eu olhe direto para ela. Num primeiro momento, não tenho certeza de que ela vai dizer algo em resposta, mas, então, ela umedece os lábios, e eu sei que é porque a garota pode sentir o gostinho doce de seja lá qual insulto está prestes a atirar.

— Talvez — diz ela, enquanto a luz suspira em sua pele —, eu acabe te matando primeiro.



A neblina entra pela janela aberta, como espirais de fumaça de charuto. Com ela, vem o cheiro do amanhecer enquanto o céu cor-de-rosa mal permanece escondido atrás da linha do horizonte do oceano. O tempo se perde aqui de um jeito diferente de qualquer outro lugar no reino, ou no mundo. A Serendipidade existe numa dimensão própria, com pessoas que nunca poderiam pertencer a nenhum outro lugar. Ali, tudo são negócios, e atende apenas a comerciantes que nunca poderiam abrir barracas para suas mercadorias.

Torik solta um assobio baixo ao dar outra rodada de cartas. Os dedos deslizam por elas como manteiga, espalhando-as pela mesa em pilhas perfeitas ao lado dos montinhos de moedas vermelhas. Quando ele termina, Madrid dedilha o baralho sem esboçar reação, como se as cartas em si não importassem, apenas o que faz com elas. Madrid é muito boa em se adaptar, e nunca está satisfeita em jogar com a mão que recebe. Gosto de dizer que fui eu quem lhe ensinou, mas há diversas coisas que Madrid foi forçada a aprender antes de ela mesma escolher o *Saad*. Quando se é levada por um navio escravagista de Kléftes, você aprende rapidinho que, para sobreviver, não pode se curvar para o mundo; tem que o fazer se curvar para você.

Para a infelicidade de Madrid, a revelação dela é que ela não tem nada a revelar. Nunca está disposta a terminar da mesma forma que começa e, apesar de isso significar que não posso adivinhar as suas cartas como faço com a maioria das pessoas, saber que a garota não vai se acomodar facilita adivinhar o que ela vai fazer em seguida.

Lira nos observa predatoriamente, olhos disparando cada vez que uma mão se move ou que uma moeda cai do topo de uma pilha. Noto que ela vê as mesmas coisas que eu; sempre que alguém coça a bochecha ou engole com força de mais. Diminutas gotas de suor e lábios trêmulos. A entonação com que pedem outra taça de vinho. Ela percebe tudo. Não apenas isso, mas faz notas de tudo. Arquivando os sinais e os tiques de todos, seja lá por qual razão. Mantendo-os seguros, talvez, para usá-los outra vez.

Quando Kye desliza uma fileira de moedas vermelhas para o centro da mesa, observo Lira. Ela inclina o lábio ligeiramente para a direita e, apesar de não poder ver as cartas, não tem ângulo possível para ela fazer isso, a garota sabe tudo o que ele tem na mão. E ela sabe que ele está blefando.

A atitude dela chama a minha atenção e, quando Lira me pega encarando, seu sorriso desaparece. Estou com raiva de mim mesmo por causa disso. Nunca

sou rápido o bastante ao avaliar esses momentos pelo tempo que seria necessário para desmembrá-los e ver como a garota age. Quais são os motivos dela. O que ela está tramando.

Empurro minhas moedas até o meio da mesa.

— Está quieto demais aqui — diz Madrid.

Ela pega a garrafa de vinho e enche a sua taça um pouquinho a mais, até o vermelho escorrer pela borda. Se Madrid é uma boa atiradora, ela é uma beberona ainda melhor. Em todos esses nossos anos juntos, nunca a vi perder o equilíbrio depois de uma noite de bebedeira.

Madrid beberica o vinho com cuidado, saboreando a safra antiga de uma maneira que nenhum de nós jamais pensaria em fazer. Isso me lembra das aulas de degustação de vinhos que o meu pai me forçou a ter como parte do meu treinamento real. Porque nada grita tanto “rei de Midas” quanto saber diferenciar um bom vinho de algo destilado na taverna de um beco escuro.

— Cante “Costa de marés” — sugere Torik, mordaz. — Talvez isso acabe com a luz do sol.

— Se estamos votando, “Breve cantiga do rum” serve. Na verdade, qualquer coisa com rum.

— Você não pode votar — diz Madrid a Kye, em seguida ela arqueia uma sobrancelha para mim. — Capitão?

Dou de ombros.

— Cante o que você quiser. Nada vai abafar o som da minha vitória.

Madrid mostra a língua.

— Lira? — pergunta ela. — O que eles cantam na sua terra?

Por alguma razão, Lira acha a pergunta engraçada.

— Nada de que vocês fossem gostar.

Madrid assente, como se fosse mais um fato do que um insulto.

— “Ninfa lá embaixo” — diz ela, olhando para Kye com um sorriso relutante. — Tem rum nela.

— Por mim, tudo bem, então.

Madrid se joga outra vez na cadeira. Sua voz irrompe bem alto, palavras se misturam e incorrem no idioma nativo de Kléftes. Tem certa extravagância na forma que ela canta, se é o tom ou o sorriso enternecedor no rosto de Kye enquanto ela brame a melodia, não sei dizer, mas não consigo evitar tamborilar o meu joelho ao ritmo da sua voz.

Ao redor da mesa, a tripulação a acompanha. Cantarolam e murmuram as partes de que não conseguem se lembrar, e rugem cada vez que o rum é mencionado. As vozes dançam uma com a outra, colidindo desajeitadas ao longo dos versos. Cada um canta no idioma do próprio reino, o que traz um pouco do lar deles para a tripulação desconjuntada, lembrando-me de um tempo, há muito passado, quando não estávamos juntos. Quando éramos mais estranhos do que família, não pertencendo a nenhum dos lugares para os quais viajavamos e nunca tendo os recursos para irmos a algum de que talvez nos sentíssemos parte.

Depois de terem cantado três estrofes, quase espero que Lira participe com a

versão de Polemistés, mas ela permanece de boca fechada, curiosa. Observa com uma pequenina ruga na testa, como se não conseguisse entender o ritual muito bem.

Eu me inclino na direção dela e mantenho a voz em um sussurro:

— Quando você vai cantar algo?

Ela me empurra para longe.

— Não chegue tão perto assim — diz ela. — Você está fedendo a beça.

— Fedendo a quê?

— A pescador — diz ela. — Àquele óleo que eles passam nas mãos e àqueles docinhos idiotas que eles mastigam.

— Alcaçuz — digo com um sorrisinho. — E você não respondeu à minha pergunta. Vai nos agradecer com a sua voz em algum momento?

— Confie em mim, nada me deixaria mais feliz.

Eu me recosto na cadeira e abro os braços.

— Quando você quiser.

— Eu quero que você me diga tudo o que sabe do Cristal de Keto.

Sempre voltamos a isso. Estamos em Eidýllio faz dois dias, e Lira tem sido incansável em suas perguntas. Sempre querendo respostas, mas nunca revelando nada. Alguém, é claro, tem que dar o primeiro passo. E admito que estou cansado de esperar que seja ela.

— Tudo o que sei é que está em Págos — digo, ciente dos olhares atravessados que Kye está lançando na minha direção. Se dependesse dele, Lira só voltaria a embarcar no *Saad* se fosse para voltar para a cela. — Está no topo da Montanha Nublada — explico. — Em um palácio sagrado feito de gelo.

— Você tem uma bela de uma habilidade de fazer o saber muito parecer com o saber pouco.

— Você tem uma bela de uma habilidade de fazer o não saber nada parecer com o saber tudo — digo a ela. — Você ainda não me contou sobre o ritual.

— Se eu te contar, você não vai ter nenhum motivo para me manter por perto. E não vou abrir mão da melhor vantagem que tenho para que você possa me deixar encalhada aqui.

Ela tem razão. O melhor hábito que tenho é manter comigo apenas o que posso usar. E Lira, com certeza, é algo que eu posso usar. Até mesmo pensar nisso me faz soar pirata demais para o meu gosto, e imagino a decepção profunda que o meu pai sentiria se soubesse que cheguei ao ponto de considerar pessoas como um meio para um fim. Moedas de troca que negocio como dinheiro de verdade. Mas Lira está em uma posição incomum: a garota sabe o que ela é, e está mais do que feliz em seguir o roteiro, se isso lhe garantir o que deseja.

— Me conte outra coisa, então. — Compro uma carta da pilha. — O que você sabe do cristal?

— Para começo de conversa — diz ela, em tom de repreensão —, não é um cristal, é um olho. O olho de rubi da grande deusa marinha, roubado das ninfas para que a nova rainha delas e as suas predecessoras nunca mais fossem capazes de deter o mesmo poder que Keto.

— Me conte algo de que eu não sei.

— Tudo bem — diz, como se eu tivesse lançando um desafio. — O tridente da Rainha do Mar é feito dos ossos de Keto, e o segundo olho de Keto é o que o alimenta com poder. Quando a deusa foi morta, sua filha mais leal estava por perto. Ela não conseguiu impedir a morte de Keto, mas deu um jeito de roubar um dos olhos antes de os humanos terem a chance de pegar os dois. Com isso, e com as pouquíssimas partes de Keto que restaram, ela forjou o tridente e se tornou a primeira Rainha do Mar. Esse tridente tem sido passado de geração em geração para a filha mais velha de toda Rainha do Mar. Elas o usam para controlar o oceano e todas as criaturas dele. Desde que a rainha esteja em posse dele, todo e qualquer monstro no mar pertence a ela. E se a rainha encontrar o outro olho, ela o usará para escravizar os humanos do mesmo jeito que faz com as criaturas do mar.

— Que história emocionante. — Kye encara as próprias cartas. — Você acabou de inventar tudo isso?

— Eu não espalho historinhas — diz Lira.

— Você só espalha mentiras, então?

Pressiono os dedos nas têmporas.

— Pare com isso, Kye.

— Vou parar depois que a deixarmos encalhada aqui como havíamos planejado.

— Planos mudam — diz Lira.

— Vamos deixar algo bem claro — diz Kye a ela. — Se você acha que agora faz parte da tripulação só porque conseguiu dar um jeito de arranjar um lugar nessa missão, você está enganada. E enquanto você estiver no *Saad*, eu estarei de olho em cada passo que você der. Ainda mais se for perto do Elian. Bastará um passo em falso para você voltar para aquela cela.

— Kye — chamo a atenção dele.

Lira aperta o canto da mesa, parecendo prestes a perder o controle.

— Você está me ameaçando? — pergunta ela.

— Ninguém está ameaçando ninguém — digo.

Kye larga as cartas sobre a mesa.

— Na verdade, é exatamente isso que estou fazendo.

— Bem, que ótimo — digo a ele. — Agora que você contou para a garota que é contratado para me proteger, talvez possa ficar quietinho por cinco segundos para que eu possa fazer uma pergunta a ela. — Eu me volto para os olhos arregalados do novo membro da tripulação, ignorando a irritação no rosto de Kye. — O que você quis dizer com *escravizar os humanos do mesmo jeito que faz com as criaturas do mar*? — pergunto.

Lira afrouxa o aperto na mesa e deixa o olhar empedernido se desviar de Kye.

— As ninfas não são uma espécie livre — diz ela.

— Você está tentando me dizer que elas são só incompreendidas? Não, espere aí, deixe-me adivinhar: na verdade, elas amam os humanos e querem ser como nós, mas a Rainha do Mar controla a mente delas?

Lira nem sequer pisca em resposta ao meu sarcasmo.

— É melhor ser uma guerreira leal do que uma prisioneira traidora — diz ela.

— Então quando eu matar a Rainha do Mar, elas poderão me caçar por livre e espontânea vontade — digo. — Que maravilha.

— Como você sequer vai se deslocar pela Montanha Nublada, em Págos, para pegar o olho? — pergunta Lira.

— Nós — corrijo-a. — Você quis fazer parte disso, lembra?

Ela suspira.

— As histórias dizem que apenas a família real de Págos pode escalá-la. — Ela me olha, cética. — Você até pode ser nobre, mas não é páguesso.

— Obrigado por ter notado.

Deslizo mais moedas vermelhas até o meio da mesa, e Torik joga as mãos para cima.

— Malditos sejam todos vocês. — Ele fica desanimado, virando as cartas em uma declaração dramática. — Vocês acabaram com as minhas cartas.

Sorrio e pego duas das cartas dele para mim: uma que eu quero, e outra que eu quero que todos pensem que eu quero. Divido o restante entre Kye e Madrid, e eles não hesitam em me lançar olhares afrontosos por ter arruinado a jogada deles.

— Eu tenho um mapa — digo a Lira.

— Um mapa — repete ela.

— Tem uma rota secreta montanha acima que nos economizaria semanas de viagem. Tem até lugares para descanso com tecnologia para acendermos fogueiras rapidamente para afastar o frio. Isso não vai ser um problema.

Lira balança a cabeça, lenta e calculadamente, como se estivesse tentando montar um quebra-cabeça que não dei a ela.

— Como você conseguiu o mapa? — pergunta.

— Com o meu encanto.

— Não, é sério.

— Eu sou muito encantador — digo. — Até mesmo convenci esse grupo todo aqui a sacrificar a vida por mim.

— Nada do que eu fiz foi por você. — Madrid nem sequer tira os olhos das cartas dela. — Foi para treinar a minha mira.

— Foi pela emoção das experiências de quase-morte — diz Kye.

— Foi para jantar peixe todos os dias. — Torik estica os braços em um bocejo. — Deus sabe que não temos peixe o suficiente todo e qualquer dia do ano.

Eu me viro para Lira.

— Está vendo?

— Está bem, Príncipe Encantado — diz ela. — Não importa o que seja, tenho certeza de que vai se virar contra você mais tarde. Prefiro aproveitar esse pormenor quando for a hora do que ouvir qualquer coisa agora.

— Sempre tão cínica.

— Sempre tão pirata — retruca ela.

— Você diz isso como se fosse um insulto.

— Você deveria supor — diz ela — que tudo o que eu lhe digo é um insulto.

Um dia, o mundo não vai ter mais sorte para te entregar de mão beijada.

Ela cruza os braços, e eu prego o sorriso mais arrogante possível no rosto, como se estivesse desafiando o mundo, com o destino a reboque, a me pegarem. Apesar de eu saber que isso acontecerá um dia, não posso deixar que mais ninguém enxergue essa possibilidade. Ou as coisas se encaixam, ou desmoronam, mas, de qualquer maneira, preciso manter a fachada.



O rosto de Kahlia está me assombrando. Eu a vejo na beira de Reoma Putoder, cabisbaixa, tentando esconder os machucados. Envergonhada com a possibilidade de eu ver a dor que a minha mãe lhe infligiu durante minha ausência. Posso sentir o gosto daquilo na boca como se fosse uma dança. A angústia de Kahlia perdura no fundo da minha garganta, igualzinho ao dia em que segurei o coração de Crestell na palma da minha mão.

Perambulo pelo convés, observando a tripulação seguir com a rotina. Riem enquanto patrulham a água e jogam cartas enquanto carregam as armas. Todos parecem tão em paz, nenhuma saudade de casa está disfarçada em seus olhos. É como se não se importassem por serem arrancados de seus reinos vez após vez; enquanto eu sinto mais falta do meu a cada dia. Como conseguem reivindicar, com tanta facilidade, um lar nômade para si?

— Você está pensando demais — diz Madrid, sentando-se ao meu lado.

— Estou compensando pelas pessoas neste navio que nem sequer pensam.

Madrid prende o braço numa teia de cordas e se balança sobre a amurada. Os pés balançam na beirada conforme o *Saad* desliza adiante.

— Se estiver falando do Kye — diz ela —, então podemos concordar.

— Você não gosta dele? — Espalmo a beirada do navio. — Vocês não estão acasalados?

— *Acasalados?* — Madrid fica boquiaberta. — O que nós somos, cavalos? Nós somos companheiros — diz ela. — Há uma grande diferença aí, sabe.

A verdade é que eu não sei. Quando o assunto é relacionamento, não sei de muita coisa. No meu reino, não há tempo para conhecer alguém nem para formar laços. Humanos falam de *fazer amor*, mas as ninfas são simplesmente arregimentadas. Fazemos amor do mesmo jeito que fazemos guerra.

No oceano, há apenas tritões. A maior parte deles trabalha como guarda para a minha mãe, protegendo o reino marinho de Keto. São os guerreiros mais fortes entre todos nós. Criaturas cruéis e letais, mais vis que as suas equivalentes sereias. Mais brutais do que eu.

Ao contrário das ninfas, os tritões não têm qualquer conexão com a humanidade. Ninfas parecem humanas, então há uma parte de nós conectada a eles. Ou, talvez, são eles que se parecem conosco. Viemos metade do mar e metade deles e, às vezes, eu me pergunto se é daí que o nosso ódio surgiu.

Os tritões não têm esse problema. São feitos de mais oceano do que qualquer uma de nós, feitos das espécies mais letais de peixe, com caudas de tubarões e

monstros marinhos. Não têm qualquer desejo de interagir com a terra, nem para fins de guerra. Eles existem, sempre, no fundo do mar, onde ou são soldados solitários e disciplinados da guarda, ou criaturas descontroladas que vivem soltas nos arrabaldes do oceano.

Sob ordem da Rainha do Mar, são com essas criaturas que acasalamos. Antes de eu ser tomada pela maldição, estava prometida ao Comedor-de-Carne. Os tritões não têm tempo para nomes e outras baboseiras, então os chamamos do que são: Espectro, Peleiro, Comedor-de-Carne. Enquanto sereias são peixes da cabeça ao rabo, botando ovos para serem fertilizados fora do corpo, as ninfas não são tão sortudas assim. Temos que acasalar. E é a brutalidade e a selvageria dos tritões que fazem deles uma combinação digna para criar mais representantes da nossa raça assassina. Pelo menos, é isso o que a minha mãe diz.

— Estou feliz pelo capitão ter concordado em te deixar ficar — diz Madrid.

Afasto as lembranças do meu lar e olho para ela com curiosidade.

— Por que você ficaria feliz?

— Precisamos começar a superá-los em número.

— Como assim?

— Aumentar o número de mulheres — diz ela. — Desde que viramos a Tripulação Esqueleto, tem tido testosterona demais a bordo.

— Acho que seria mais seguro vocês terem saído para essa missão com uma tripulação completa.

Ela dá de ombros.

— O capitão não quis arriscar a vida deles.

— Ou não pôde confiar neles.

Madrid se ergue e volta ao convés do navio, as botas-de-fada pisam forte no chão de madeira.

— Ele confia em todos nós.

Tem uma pitada defensiva na voz dela, e seus olhos se entrecerram um tantinho.

— Você está chateada? — pergunto, erguendo uma sobrancelha. Humanos são tão emotivos.

— Não — diz Madrid. — É só que você não deveria dizer coisas desse tipo. Alguém pode acabar ouvindo.

— Tipo quem?

— O Kye.

— Porque ele e o Elían são bons amigos?

— *Todos* nós somos bons amigos. — Madrid joga as mãos para cima. — Pare de fazer isso.

— Eu não estou fazendo nada.

— Você está sendo enxerida.

Parece algo tão bobo de que ser acusada no meio de tudo o que está acontecendo. Estou planejando roubar de volta o meu direito de nascença, trair a minha mãe e, depois, arrancar o coração de Elían para que nenhum humano jamais seja uma ameaça digna de nos causar preocupação. Ainda assim, de

alguma maneira, Madrid acha que meus comentários sobre as amizades dela são o problema. Será que os humanos têm uma palavra para o que vou me tornar quando eu os apunhalar pelas costas?

— Do que você está falando? — pergunta Kye, saindo da cabine abaixo do convés.

Ele me olha com uma mistura de desconfiança e curiosidade. É uma mudança drástica da atitude despreocupada que ele costuma demonstrar a todo o resto da tripulação. Se tem alguém neste navio que eu não consegui convencer da minha utilidade, esse alguém é o pseudo guarda-costas de Elian. Eu poderia vazar até a última gota de informação que tenho sobre a Rainha do Mar, poderia até dizer a ele onde o mar de Diábolos fica, e Kye ainda não me acharia alguém digna de se ter por perto. As ameaças dele em Eidýllio voltam à minha mente. Ele olha para mim como se estivesse apenas me esperando cometer um deslize e revelar qualquer coisa que ele possa usar para convencer ainda mais Elian de que não sou confiável. Seja neste navio ou no oceano da minha mãe, nunca houve um tempo em que eu não tive que me provar, em que não tive que me preocupar em cair em desgraça por conta de alguma atitude minha.

— Aparentemente, sou uma enxerida — digo a Kye.

Madrid bufa.

— Pelo menos ela sabe receber críticas.

— Que bom — diz Kye. — Eu tenho muitas críticas para fazer.

— Falando em coisas para fazer — Madrid olha para o meu vestido com uma careta —, não quer trocar as suas roupas em um futuro próximo? Sinceramente, você não pode querer ficar presa nesta coisa pelo resto da viagem.

— Que viagem? — diz Kye. — Estamos numa missão sacra para salvar o mundo e destruir a Rainha do Mar, e não deveríamos estar levando um peso morto com a gente.

Madrid assente.

— É claro — diz ela —, mas também não deveríamos fazer Lira vestir o trapo que uso para limpar as coisas.

Toco a bainha do vestido branco. Está desfiando perto da dobra, fios se desprendem do tecido como pele descascando. O material não é mais tão branco, está mais para um cinza desbotado, coberto pelas cinzas da fumaça e por fuligem que não quero nem imaginar de onde veio.

— Ela pode se vestir sozinha — murmura Kye. Seus olhos cascateiam pelo vestido amassado até as pontas ensebadas do meu cabelo ruivo. — Mas, se estiver planejando fazer algo — diz ele —, comece dando um banho nela.

— Um banho — repito.

Ele suspira.

— Água quente e sabão. Presumo que isso exista no lugar de onde você veio.

Madrid enrola as mangas da camisa até os cotovelos, revelando relógios de sol e poesia pintados em cada centímetro de pele. As tatuagens nas mãos e no rosto são bem simples, mas não há como ignorar as que circundam os braços, indo além dos cotovelos e, provavelmente, também se enrolando ao redor dos ombros.

A marca dos piratas kléftos. Assassinos profissionais. Apesar de eu ter assumido que ela fosse de Kléftes, nunca sequer imaginei que Elian escolheria uma assassina para fazer parte da tripulação. Para um homem que nega estar em guerra, ele, sem dúvida, escolhe muito bem seus soldados.

Madrid me dá um empurrãozinho e abaixa a voz.

— A água não é quente — diz ela. — Mas o Kye não estava mentindo com relação ao sabão.

— É melhor do que pular no oceano — argumenta Kye. — A não ser que você queira que eu construa uma nova prancha.

— Não — digo. — Vamos deixar isso para a próxima vez que você me ameaçar.

Ele faz cara feia.

— Se o capitão não estivesse de olho, eu te jogaria de verdade no mar.

Reviro os olhos e volto o olhar para o convés superior, de onde Torik conduz o navio. Elian se recosta na amurada ao lado de seu imediato. A mesma amurada na qual estive amarrada. Seu chapéu paira bem perto das sombras dos olhos, sua postura é despreocupada e casual. A bota esquerda está enganchada atrás da direita, e os braços estão cruzados. Mas até mesmo eu consigo notar a diferença entre parecer relaxado e realmente estar relaxado. É a característica de um verdadeiro assassino: nunca exibir o fogo interior.

Ele nos observa com olhos de águia, que se voltam a Torik vez ou outra para continuarem a conversa. Na maior parte do tempo, ele conversa comigo com olhares. Ele nem sequer hesita em me estudar, porque claramente quer que eu saiba que todo e qualquer movimento meu está sendo observado. Não sou confiável, e Elian não quer que eu me esqueça disso. É inteligente, apesar de ser um pouco irritante, mas, quanto mais ele me observa e vê que não estou fazendo nada, mais complacente ele fica. Em algum momento ele vai se esquecer de olhar para mim. Em algum momento ele vai confiar tanto em mim que vai pensar que não precisa me observar.

— Ele não se importa por eu poder vê-lo — digo.

— O navio é dele — diz Kye.

— E eu não sou uma convidada?

— Você não é uma prisioneira. — Não deixo de perceber a decepção na voz dele.

Por alguma razão, isso me faz rir.

— Ele vai acabar entediado por ficar de olho em mim o tempo todo.

Madrid franze a testa, linhas vincam as tatuagens.

— O capitão não fica entediado — diz ela. — Não é do feitio dele.

Inspiro o ar gelado por um bom tempo, e volto a olhar para a água.

— Qual é o nosso próximo destino?

— Psémata — diz Kye.

— A terra da inverdade.

— Algo com o que você tem familiaridade? — pergunta ele, e Madrid o soca no ombro.

— Na verdade, a minha mãe me fez aprender sobre a maioria dos reinos — respondendo, com sinceridade. — Ela pensou que me seria útil saber mais... — paro de repente, antes de *das minhas presas* escapular dos meus lábios — ... história.

— E o que você aprendeu? — pergunta Kye.

Lanço um olhar apressado para Elian, que se reclina ainda mais na amurada, apoiando os cotovelos na madeira.

— O bastante.

— E quantas línguas você fala?

Olho para Kye com cuidado, ciente de que isso está começando a parecer um interrogatório.

— Não muitas.

Nunca houve razão alguma para eu aprender mais do que midão e alguns outros dialetos comuns que perduram nos reinos. Minha língua, apesar de todas as suas limitações, era mais do que o suficiente. Sério, eu poderia ter optado por não falar midão. Tem um monte de ninfas que não aprendem o idioma, apesar de estar muito difundido no mundo humano. Nossas canções roubam corações independentemente de em qual língua estejam.

Ainda assim, acho que tenho sorte por saber de tudo isso agora. Se não fosse o caso, o príncipe teria me matado assim que abri a boca. Uma humana que só sabe falar psáriin não seria exatamente o melhor dos disfarces.

— O capitão fala quinze línguas — diz Madrid, admirada.

— Não se esqueça de limpar a baba que caiu no seu ombro. — Kye aponta para o braço dela. — Bem aqui.

Madrid afasta a mão dele com um tapa.

— Eu quis dizer que é impressionante, porque eu só sei duas.

— Sei — diz ele. — Com certeza foi isso.

— Por que alguém ia querer falar quinze línguas sendo que a maior parte do mundo fala midão? — pergunto.

— Não deixe o capitão te ouvir falando isso — avisa Madrid. — Ele é todo a favor da *preservação da cultura*. — Ela diz a última parte revirando os olhos, como se não houvesse nada de que gostaria mais do que ver a própria cultura virar cinzas. — Ele estudou em Glóssa, mas, no fim, percebeu que ninguém consegue ser fluente em todas as línguas, exceto um de seus nobres.

— Lira não precisa saber de toda a vida do capitão — diz Kye, cauteloso. — Não quando ela poderia estar experimentando alguma roupa que não feda a graxa de arma.

Madrid sorri.

— Tudo bem — diz ela, e estala os dedos para mim. — O que você acha de algo um pouquinho mais atrevido?

— Atrevido?

Hesito, e o princípio de um sorriso começa a se formar nos traços de guerreira de Madrid.

— Não entre em pânico — diz ela. — Eu só quis dizer algo menos donzela e muito mais bucaneira.

Assinto, bem devagar. Na verdade, eu não estou nem aí para o que ela quer que eu vista, desde que a roupa aqueça os meus ossos frágeis, porque, agora, o frio os está pressionando com o peso de uma centena de ninfas.

Arrisco outra olhadela para Elían. Seu chapéu protege os olhos do sol do meio-dia, mas ainda posso senti-los em mim, vigilantes. Esperando. Que eu cometa um deslize e revele as minhas verdadeiras intenções ou, talvez, que eu faça algo para conquistar sua lealdade. Que ele me observe. Se depender de Madrid, na próxima vez que ele me vir, vou ser tão pirata quanto ele.



Não percebo o quanto estou agitado até Lira emergir de debaixo do convés do castelo, trajando tudo, menos uma perna de pau.

A tripulação cantarola algo baixinho e desafinado, e um Kye animado conversa com Torik sobre como velhas dívidas são difíceis de se esquecer. Ainda assim, há silêncio quando a vemos.

O cabelo da Lira está puxado para um dos lados em mechas longas, com uma fita trançada atravessando as camadas. Argolas enormes de ouro pendem de suas orelhas, esticando os lóbulos. Mesmo do tombadilho, consigo ver o sangue seco ao redor das argolas. Ela veste uma calça azul-petróleo e um casaco todo enfeitado, que combina bem com a outra peça, sulcado por botões de nós em formato oval. Os ombros são um floreio de franjas douradas, e as barras de uma longa camisa branca espreitam nos pulsos. Vejo remendas nos cotovelos, costuradas de qualquer jeito com linha preta.

Lira apoia a mão nos quadris e tenta fingir que não está constrangida, mas isso é a primeira coisa verdadeira que vejo em seu rosto desde que nos conhecemos. Ela pode parecer uma pirata, mas tem um longo caminho pela frente antes de conseguir se passar por um.

— Só pode ser brincadeira — diz Kye. — Eu falei para a Madrid dar um banho nela, não a vestir como uma princesa pirata.

— É fofó você achar que ela parece uma princesa — digo. — Não vou me esquecer de contar a ela mais tarde.

— Estou falando sério — diz Kye a mim, como se eu não pudesse ter percebido aquilo sozinho. — Primeiro, ela se infiltra no navio e, agora, está tentando parecer uma de nós? É como se a garota quisesse que a gente se esquecesse de que ela é uma forasteira e parássemos de vigiá-la.

— Você está enxergando conspiração demais em uma camisa e um par de botas novas.

— Não seja ingênuo — diz Kye. — Você sabe muito bem que não devemos confiar em estranhos.

Dou um meio sorriso, e ranjo os dentes. Me aconselhar a tomar cuidado é uma coisa, mas me dar bronca no convés do meu navio como se eu fosse uma criancinha é outra completamente diferente. *Ingênuo*. Esta palavra me é familiar demais para não me deixar irritado.

— Você parece o meu pai falando — digo. — Se eu quiser levar bronca, pode deixar que eu te peço.

— Estou tentando te dar um conselho.

— Você está tentando me contradizer, e estou ficando cansado disso. — Suspiro, sentindo a exaustão voltar de fininho, aquela que, geralmente, reservo para as minhas viagens a Midas. — Não sou um novato zarpando pela primeira vez. Sou o capitão deste navio, e gostaria muito que você pudesse parar de me tratar como um príncipezinho inexperiente que precisa de *conselhos*.

Os ombros de Kye enrijecem, mas estou frustrado demais para me importar com o jeito que seu rosto perde toda a expressão com a ajuda de uma calma praticada. Neste navio, não devo ser um nobre midano com uma legião de guarda-costas e conselheiros. Devo ser o maldito de um pirata.

É nessas horas que me lembro da oferta que o meu pai fez a ele: ficar ao meu lado como meu guardião, em vez de como meu amigo, me protegendo do mundo que estou ansioso para explorar. Mesmo Kye negando que seja este o motivo de ele estar aqui, vê-lo duvidando das minhas decisões e questionando minhas atitudes me faz pensar no meu pai e na corte dele. Me faz lembrar que Kye é filho de um diplomata, acostumado a *lidar* com nobres. E eu sou apenas outro príncipe expurgando a aventura do corpo antes de se tornar rei.

Deslizo escada abaixo, direto para o convés principal. Lira está com um coldre preso na coxa, acima das dobras de suas botas que vão até o joelho. No cinto de tecido vermelho que lhe aperta a cintura há um medalhão dourado do tamanho certo para embainhar uma espada. Ainda bem que Madrid não lhe deu armas que combinassem com a roupa.

— Você quase desaparece no meio da tripulação — digo.

O nariz de Lira se enrugou.

— Isso não é um elogio.

Tiro o chapéu e dou um passo na direção da minha espada, que está apoiada nos degraus. É um sabre que começa em um ouro fortíssimo e esmorece até um preto-acinzentado. O punho é uma peça elaborada com o mapa de Midas envolvendo o metal, e a lâmina em si se curva ligeiramente na ponta, para dar o mais letal dos golpes.

Aponto a arma para Madrid e digo:

— Empréstimo alguma coisa para a Lira.

Peço a Madrid, porque ela é mais apegada ao próprio arpão do que a qualquer outra coisa. E porque sei que o restante da tripulação hesitaria em me obedecer. Tentar separar um pirata de sua espada não é algo que sequer deveria ser considerado.

— Elian.

A voz de Kye me faz pausar. É um aviso para não fazer nada tolo ou imprudente, ainda mais se for apenas para provar um ponto.

— Madrid — digo, gesticulando para o sabre dela.

Ela o entrega sem nem hesitar, propositalmente evitando olhar na direção de Kye. Está ansiosa para ver o que vai acontecer, assim como o restante da minha tripulação. Sinto os olhos de todos nos rodearem, ouço o silêncio enquanto suas vozes perdem força e todos param de cantar para acompanhar o que está

acontecendo.

— Eu não sabia que você podia sorrir — digo, no que Lira estuda a nova lâmina.

— Você vai me ensinar a lutar.

Não é uma pergunta, e também não chega a ser um pedido. Ela está exigindo, como se eu já não tivesse oferecido muito, como se tivesse sido o seu encanto feminino que estimulou a atitude.

Como se ela tivesse algum encanto.

Não tenho o costume de ensinar meus truques a estranhos, mas se Lira for sobreviver junto da minha tripulação, vai precisar saber como empunhar uma espada. Vê-la confrontar o guarda em Eidýllio foi vergonhoso o bastante, e vou precisar dela se eu quiser acabar com a Rainha do Mar. Lira não vai contar nenhum de seus segredos, não os detalhes específicos do ritual ou qualquer outra nuance, até chegarmos ao topo da montanha. O que significa que preciso dela viva e sendo capaz de defender a si mesma caso eu não esteja presente. Ainda mais quando chegarmos ao nosso próximo destino. Se Lira acha que as arestas da minha tripulação precisam ser aparadas, então vai ficar em choque quando conhecer os xaprâres.

— Vou te ensinar a sobreviver — corrijo-a. — Primeira lição: não fique parada desse jeito.

Aponto para os seus pés, que estão próximos demais, para os joelhos tão retos quanto pregos. Se Lira disse mesmo a verdade sobre sua família, era de se esperar que ela estivesse a par dessas coisas. Guerreiros de Polemistés nada mais são que mercenários inatos. Mas, por outro lado, a garota disse que a família tinha morrido quando ela era criança, e isso poderia significar que ela era nova demais para ter sido treinada de forma adequada.

Endireito a postura, e Lira afasta os pés para me imitar. Ela parece um espelho, até mesmo erguendo os braços para copiar o ângulo do meu cotovelo.

— Se eu vencer, o que eu ganho? — pergunta ela.

— A habilidade de se defender.

Seu sorriso é letal.

— E se eu te matar?

— Falsa confiança não é amiga de ninguém — repreendo, em um eco perfeito da voz do meu pai.

Então, eu ataco.

Lira leva a espada para cima em um arco bem alto, bloqueando o meu primeiro golpe. Ela é rápida, mas insegura. Seus pés são desajeitados e, quando ela dá um passo para o lado, os joelhos se chocam um no outro. A garota não parece estar acostumada a andar, muito menos a ter o jogo de pés necessário para um duelo. Ataco outra vez, mais baixo e com menos força que antes. Nossas espadas tilintam juntas.

Giro para longe e ergo a espada acima da cabeça, dando a Lira abertura para que ataque. Ela não hesita. A lâmina desce na minha, com força. Se não vai ganhar por habilidade, vai ganhar por força bruta. Não importa que eu esteja

tentando lhe ensinar algo. Tudo o que quer aprender é a como ganhar.

Agacho para lhe dar uma rasteira, mas Lira pula no último segundo, e eu erro.

— Isso foi bom — digo. — Como você sabia que eu ia fazer aquilo?

— Você é muitíssimo previsível.

Reviro os olhos.

— Pare de recuar, então. Quando eu ataco, é trabalho seu me deixar na defensiva. Sempre troque de posição para que seja o seu oponente que tenha que recuar.

— Guerras não são vencidas fugindo — diz ela.

— Não se pode ganhar uma guerra — digo a ela. — Apenas a outra pessoa é que perde.

A espada de Lira tremula, e um olhar confuso atravessa os seus traços severos. Como se esperasse outro tipo de resposta de um príncipe-matador-de-ninfas. Quando Lira não fala nada, aponto minha espada para ela, incomodado com o silêncio prolongado.

— Me ataque — digo.

Ela avança com força o suficiente para que nossas espadas colidam. O barulho ricocheteia por um longo tempo depois que me afasto. Lira ataca de novo, repetidamente. Sem qualquer outro propósito, exceto causar algum dano. É o mesmo equívoco que todos os novatos cometem. Atacar com nenhum objetivo além da morte.

— Arranje um propósito — digo a ela, bloqueando outra tentativa.

A respiração de Lira fica difícil, ofegante.

— O que isso quer dizer?

— Você precisa decidir o que quer. O que vai causar o maior dano e como você vai conseguir isso? Você precisa *pensar* antes de atacar.

Avanço, e Lira recua, em seguida, dá um passo na minha direção. Seus pés batem e dançam no convés. Ainda não é lá muito gracioso, mas está melhor. Pelo menos, ela aprende rápido.

Desço o braço no dela, com mais força dessa vez. Um pouquinho mais de força a cada golpe, até eu conseguir notar que os braços dela começaram a vacilar. Assim que acho que a espada de Lira vai cair, ela gira para o lado e ergue o cotovelo esquerdo. Eu a bloqueio bem a tempo, centímetros antes de o meu nariz ser quebrado. Ela está se adaptando, usando tudo o que tem para vencer. Seria admirável, se não fosse tão perspicaz.

Empurro Lira para longe e ela cai no chão com um gemido. A garota vira de costas, os cotovelos cravam no convés, e solta um longo suspiro.

— Cavalheirismo não é o seu ponto forte — diz ela.

— Vou me lembrar disso na próxima vez que você estiver se afogando.

— Eu não estava me afogando. — Lira se levanta do chão. — Não tem como eu me afogar.

— Não — digo. — Você não sabe nadar.

Ela me olha feio, então ergue a espada, gesticulando para que eu faça a

mesma coisa. Para mim é um prazer imenso obedecer à ordem. Parece que, afinal de contas, não consigo tirá-la muito do sério.

Ela avança com a lâmina, mirando o meu coração. Pulo para fora do caminho, e bato o punho da espada na barriga da garota. Ela cambaleia para trás, mas seus dentes estão cerrados. Não há grito nem qualquer sinal de dor além do brilho maligno em seus olhos. Considero parar, mas não tenho chance antes de ela avançar para cima de mim outra vez.

Lira joga todo o seu peso no golpe seguinte, e eu me empenho para erguer a espada rápido o bastante. É inesperado, e demoro um segundo a mais para processar tudo, dando a Lira a abertura perfeita.

Seu punho estala na minha bochecha.

A dor é intensa, mas passageira, e a garota pisca, surpresa consigo. Estou menos surpreso com ela ter aproveitado a abertura do que com o fato de que eu a dei. Dou um chute, fazendo a espada da garota voar pelo convés. Ela tenta copiar o gesto, alinhando o pé diretamente para o meu coração. Mas não consegue manter o equilíbrio e, assim que o tornozelo está no ar, eu o seguro e o giro. Ela rodopia e cai bem em cima do quadril.

Dou um passo em direção a ela. As palmas estão achatadas no convés, mas quando vê que estou me aproximando, a cabeça de Lira se ergue com tudo, e ela estica a perna. Sinto meus pés sendo arrancados de debaixo de mim, mas me reequilibro antes de cair ao lado dela.

Eu me afasto, e Lira volta a ficar de pé. Nós nos encaramos, como caça e caçador, e ergo uma sobrancelha, desafiando-a a se aproximar. Lira dá um sorrisinho travesso em resposta e pega a arma caída.

Continuamos assim: espadas criando arcos no ar, fôlego irregular. Logo, o sol aparece na distância, ou talvez até seja a luz da lua. Tudo foi silenciado, e quando Lira desce sua lâmina contra a minha mais uma vez, abandono tudo. Minha missão, meu reino. O mundo. No momento, tudo isso existe em algum lugar diferente deste. Agora, há apenas isto. Eu, meu navio, e uma garota com o oceano nos olhos.

VINTE E QUATRO



Cantarolo em harmonia com o oceano, uma mão está enganchada no medalhão de espada vazio na minha cintura e a outra está fechada sobre a amurada do *Saad*. A noite acolchoa o céu com estrelas bordadas como os pontos tortos do meu casaco.

Uma nova terra nos espera em algum lugar ao nosso alcance, o próximo destino planejado na missão de Elian, e a tripulação dorme em paz lá embaixo enquanto navegamos em direção a ela. Na parte de cima, onde me demoro, o timão do navio se mantém firme, estremeando ligeiramente para fazer o *Saad* avançar. Mesmo sem um pirata acordado no comando, a poderosa embarcação de Elian segue, consciente, o curso determinado.

Fecho com força o casaco sobre o peito quando o vento aperta e acelero minha canção para acompanhar o ritmo. É uma sensação estranha poder cantar e ninguém sofrer as consequências do ato. Usar minha voz de um jeito totalmente diferente ao qual ela foi destinada, sem morte nem lamúrias em seu rastro. Deixando para trás nada além de uma melodia.

Eu me sinto em paz.

Há algo na rotina mansa do *Saad* que consola as partes terríveis arraigadas no meu coração. Noites são gastas admirando a tranquilidade do oceano, longe da ira de minha mãe; e a tripulação — até mesmo Kye, que não se incomoda nem um pouco por não ser nada acolhedor — oferece um tipo único de conforto. A relação descomplicada deles me lembra de casa. De Kahlia. Olham para Elian do mesmo jeito que minha prima olha para mim: com uma devoção que não se converteu em fidelidade cega, mas que foi conquistada através de algo muito mais profundo. Confiança. Amizade. Talvez até amor. Pelo menos posso fingir que não sou filha da minha mãe. Posso viver como se eu nunca tivesse matado, e passar a fio sem me preocupar com a possibilidade de que todas as minhas atitudes possam vir a ser usadas contra mim.

Quase consigo entender por que Elian optou por abandonar seu direito de nascerça para levar uma vida tão nômade. Apesar de eu ter planos de voltar ao mar de Diábolos e tomar o lugar da minha mãe, não posso negar o apelo de uma vida longe do fardo dos reinos. Essa, com certeza, não é a pior ideia que o príncipe já teve. Provavelmente. Ao menos, ele sabe o que quer.

A voz da minha mãe ecoa na minha mente, ordenando-me a desistir da esperança de tentar destroná-la e de tomar o coração de Elian antes que seja tarde demais. Se eu não conseguir recuperar o Segundo Olho de Keto, então não vou

apenas morrer, mas morrerei como uma traidora do oceano. Mas qual é a alternativa? Me curvar e rezar para que um dia ela me entregue o trono? E o tempo todo assistindo a Kahlia se encolher na presença dela? Se eu seguir as ordens da rainha, estarei condenando Kahlia e todo o resto do oceano ao governo dela. Mas se eu não as seguir, se eu ousar levar o meu plano adiante, então arrisco provar que sou mesmo muito defeituosa.

Agarro o navio com mais força, inalando o cheiro salgado da maresia.

Se ao menos a minha missão fosse tão simples quanto a de Elian, que está particularmente focado em ser o salvador da humanidade. Pode parecer uma tarefa grandiosíssima, mas não exige que ele traia tudo e todos que já conheceu. Se ele for bem-sucedido, a mãe pode até ficar orgulhosa. Se eu for bem-sucedida, a minha pode morrer.

Pensar em Elian faz a noite parecer mais fria. Sei que não importa o caminho que eu escolha, o plano resultará na morte dele. Ou eu tento matá-lo agora, ou espero para matá-lo depois, mas não há uma única rota que eu tenha planejado para mim que não termine ao mesmo tempo que a vida dele.

Toda ação será uma traição. Toda escolha, uma carnificina. Apesar do que a minha mãe diz, eu pareço ser exatamente o tipo de mostro que ela queria.

No exato momento em que penso nisso, uma melodia suave desliza pelo ar. Um acalanto distante, longe demais para ser compreendido, mas, ainda assim, familiar. Ela me embala e me seduz. Tanto que levo alguns segundos para perceber que o navio está tremendo. É como se o oceano tivesse ouvido a deslealdade dos meus pensamentos e mandado uma força grandiosa se chocar contra a lateral do *Saad*. Sou arremessada para frente, e minhas mãos espalmam a beira do casco da embarcação.

Mal consigo me segurar para não despencar na água. Engulo um grito e olho para baixo, para o oceano tranquilo. Não há sequer uma onda à vista, nem mesmo o borbulhar preguiçoso da espuma que surge após um movimento tão forte. Mas há uma sombra.

Pisco.

Ela se demora na escuridão empoçada, meio engolida pela água e se agarrando firmemente ao *Saad*. Semicerro os olhos, me inclinando ainda mais sobre a amurada para enxergar melhor.

Da escuridão, uma garra esquelética emerge.

As sombras se arrastam até mim, escalando a lateral do *Saad* com uma velocidade nefanda. Pulo para trás bem a tempo de a criatura se jogar no convés e sacudir as velas.

Sulcos ziguezagueiam por todo o seu corpo como cicatrizes, remendadas por partículas cinzentas que penetram a sua pele. Cada uma das barbatanas são agrupadas em navalhas, e o torso grande é entalhado em infinitas dobras, resultando em braços que terminam em garras muito, muito escuras. Metade tubarão, metade algo muito mais demoníaco.

O Comedor-de-Carne.

Caio de joelhos, e o monstro da minha mãe rugue. Ele salta na minha direção,

esticando as palmas escorregadias para passar a mão na minha bochecha.

— *Pórni mou* — grasna ele.

Não reajo à afirmação possessiva, nem à maneira repulsiva que ele optou por dizê-la. Suas garras arranham a minha pele em aviso. Conheço o Comedor-de-Carne desde quando eu ainda era uma ninfa, mas agora que sou humana, ele poderia me fazer em pedacinhos com muita facilidade. Talvez seja por isso que minha mãe o mandou. Me pergunto por que Elian e a tripulação não vieram correndo. Será possível não terem sentido o navio se inclinar? Volto a me concentrar naquela canção familiar que desliza com o vento, e que deixa os meus olhos mais pesados a cada verso.

A música de uma ninfa. Garantindo que a tripulação continue adormecida.

— *Anthrópinos* — late o Comedor-de-Carne.

Humana.

A palavra coxa do fundo da garganta dele, estilhaçando através das rachaduras em suas presas. Enojado. Curioso. Talvez achando graça, caso fosse possível tritões sentirem algo tão próximo da felicidade. O Comedor-de-Carne segura o meu queixo e inclina o meu rosto para que eu consiga sentir o cheiro do sangue azedo em seu hálito. Quando desliza os lábios viscosos nos meus, fico completamente parada. Meus dentes rangem, mas é apenas uma questão de segundos até eu sentir carne rastejando pela minha língua. Sinto o gosto da podridão nele.

O Comedor-de-Carne se afasta com tudo e cospe. Ergue a cauda de tubarão no ar e mostra as presas cheias de saliva. Ele sentiu o gosto da humana em mim, assim como senti o gosto do demônio nele. Em seu rompante, um riso alto vaza do oceano, ricocheteando no *Saad* e soprando as velas. A música escala, e meu coração se aperta.

Os longos tentáculos da minha mãe surgem no convés e se espalham como óleo; as familiares tatuagens tribais se espalham pela pele dela. A coroa está gloriosamente afiada, rastejando pelas suas costas em uma grinalda magnífica. Ela agarra o tridente e me encara com olhos que mais parecem fossas.

— Não fique tão afita, querida. — A Rainha do Mar exhibe as presas em um sorriso. — A mamãe chegou.

Eu me levanto da minha posição ajoelhada e encaro o chão com todas as minhas forças, para parecer que estou fazendo uma reverência. Quanto mais encaro os veios da madeira, mais a minha pele esquenta, o suor cola as minhas roupas e a raiva borbulha sob a superfície. Mal consigo suportar a ideia de olhar para ela. Depois de tudo o que me fez, ela aparecer aqui — no navio de Elian, de todos os lugares — é o pior insulto que minha mãe poderia ter me feito.

Um silêncio abrupto se estende entre nós e, por um instante, me pergunto qual vai ser o próximo som: o rugido do Comedor-de-Carne; a gargalhada da minha mãe; o bater errático do meu coração furioso.

Em vez disso, ouço a minha canção.

A cantiga letal de antes fica mais alta, e eu ergo a cabeça em um estalo, em repentino reconhecimento. Tropeço para trás. A coisa rasteja pelo convés,

esticando suas mãos delicadas para embalar o *Saad*. A melodia é tão sonífera quanto sempre foi, e mesmo eu mal consigo manter o equilíbrio no que ela ganha força. Ouvi-la é como estar perdida em uma lembrança, ou em um sonho do qual é impossível acordar. É como ter nascido em um mundo imaginário.

Com a ilusão da minha canção, não há possibilidade nenhuma de que qualquer membro da tripulação acorde de seu sono.

Minha mãe pressiona um longo dedo com membranas no peito, e sua concha do mar tremula na minha voz. Quando meus olhos começam a nublur, sua boca se curva.

— É só um souvenir — diz. — Vou devolvê-lo se você obtiver sucesso.

Desesperada, tento piscar para afastar a aflição dos meus olhos.

— Veio aqui para me insultar? — pergunto.

— Nada disso — diz a Rainha do Mar. — Vim ver como a Maldição dos Príncipes está se saindo. — Ela arqueia o pescoço. — Está com o coração do príncipe escondido em algum lugar desses trapos horrendos?

Não me surpreende ela ter vindo verificar se estou seguindo o plano dela. Sendo punida e empurrada na exata direção que ela planejou, bem como o navio de Elian seguindo o curso, mesmo enquanto o capitão dorme. Sou o navio da minha mãe. Ou, pelo menos, ela acha que sou.

— Não é tão simples assim — respondo.

— Ah, Lira. — Ela tira um pedaço de alga marinha do tridente. — Rainhas não inventam desculpas. Isso só prova ainda mais o motivo pelo qual você não se tornará uma.

— Eu mereço ser rainha — digo. — Sou forte o bastante para liderar a nossa espécie.

— Você é fraca — acusa ela. — Sempre foi fraca. Olhe para você agora, usando roupas humanas, com suas emoções humanas. Sabe o que vejo nos seus olhos, Lira? Não é morte, nem escuridão, nem mesmo raiva. São lágrimas.

Engulo em seco.

— Não sei do que você está falando.

— Estou falando da expressão no seu rosto — diz ela. — Da sua mágoa humana.

Quero argumentar, mas nem mesmo eu posso negar a tristeza que pinica o fundo dos meus olhos. Eu sentia raiva quando era ninfa, mas nunca senti pesar. Não desde que arranquei o coração de Crestell, com a mão da minha mãe pesando no meu ombro. Mas ao ouvir a minha canção flutuar pelo navio de Elian, sabendo que neste exato momento minha mãe ainda consegue me usar como arma sem o meu consentimento, parece que estou sendo trespassada. E o jeito com que ela me olha, nem um pouco preocupada, é um contraste gigante em comparação à preocupação que senti ao ver os machucados de Kahlia. Ou que Kye sentiu quando Maeve atacou Elian. Ou mesmo o olhar no rosto do príncipe quando me arrancou do oceano no qual a minha mãe havia me deixado para me afogar. Como a Rainha do Mar podia enxergar aquilo como fraqueza, sendo que era exatamente isso o que unia os humanos, garantindo sua força como se fosse

uma unidade? Como uma família.

O Comedor-de-Carne rosna, e minha mãe desliza uma garra pelo rosto dele. Ela corta uma linha na bochecha dele sem pressa nenhuma, com ternura, e o Comedor-de-Carne grunhe, satisfeito.

— O seu tempo está acabando, Lira — diz ela, levando o dedo aos lábios. — E se você não me trazer o coração do príncipe em breve, vou tomar o seu.



Quando olho no espelho, uma estranha me encara de volta.

Ela estuda o meu novo lado pirata e a minha nova humanidade: o rosto que o Comedor-de-Carne clamou como seu; e franze a testa de um jeito que ressalta seus traços inocentes com um entalhe bem profundo entre as sobrancelhas. Ela comprime os lábios e, sem cuidado nenhum, alisa o franzido com a palma da mão.

Minha pele está corada pelo sol e meu cabelo, duro com a brisa da maresia. Dou um passo à frente e toco o vidro com dedos pontudos, piscando rapidamente ao analisar essa versão de mim. Pernas e pés. Olhos, os dois da mesma cor. Um coração humano batendo em algum lugar debaixo disso tudo, pronto para ser roubado pela minha mãe.

No reflexo, vejo Elian. Ele está parado atrás de mim com uma expressão entretida, apoiado na moldura da porta e com os braços enrolados sobre o peito. Ele não fala nada, e continuamos a nos observar através do espelho até uma sensação estranha me consumir, algo pior que pavor.

Logo estaremos em Psémata, o que significa que Págos não vai estar muito longe. Depois, a Montanha Nublada. O Segundo Olho de Keto. A morte certa de Elian. Cada detalhe da minha traição foi tão perfeitamente planejado que eu deveria me sentir preparada. Mas não me sinto. Todos os que vou trair estão perto demais de mim. Minha mãe pode até estar me observando, e isso significa que há chances de ela descobrir o meu plano. Parece um milagre ela não ter farejado nada ainda, nem ter notado a velocidade com que o meu coração humano batia. E tem o Elian, que me deu uma espada em vez de me trespassar com ela, parado atrás de mim no momento. A misericórdia que ele demonstra e a lealdade que conquistou são dois dos ideais que a minha mãe arrancará de mim o mais cedo possível, pois a misericórdia nunca é uma opção, e lealdade é sempre tomada à força. Mas são exatamente essas emoções, que a rainha disse que me enfraqueceriam, que parecem fortalecer o príncipe. Ele é um guerreiro, o meu oposto de todas as maneiras possíveis, mas, ainda assim, de algum jeito, talvez apenas em relação à impetuosidade, somos iguais.

No espelho, Elian continua me olhando. Franzo a testa quando percebo que estou de costas para ele. Nunca fui capaz de dar as costas para a minha mãe.

Eu me viro para encará-lo.

— O que foi? — pergunto.

— Já acabou de se admirar?

— Jamais — digo, e verdade seja dita, estou grata por ser distraída de meus pensamentos.

— Estamos prestes a atracar em Psémata. Tente se lembrar do que eu te disse.

Como se eu pudesse esquecer. O que ele me disse foi para mentir, algo em que tenho muita experiência e em que não preciso nem pensar como algo que precisasse ser feito, mas como algo que sempre foi assim.

— Se Psémata é tão perigoso — digo —, por que vamos parar lá?

— Porque precisamos pegar uma coisa.

Lanço um olhar cheio de descrença para Elian.

— Você quer dizer que precisamos roubar uma coisa.

— Ótimo — diz ele. — Você está aprendendo.

Eu o sigo até o convés principal, onde a tripulação está reunida. Kye enfia a espada na alça que atravessa o peito dele e desliza uma pistola sob o casaco. Em vez de ir para o lado dele, Elian evita fazer contato visual com o guarda-costas, optando por ficar comigo. Kye também não se move para se transformar na sombra do príncipe, repentinamente preocupado em ajustar o colarinho.

— Era de se pensar que a terra das mentiras fosse um pouquinho mais misericordiosa quando se trata de roubo — diz Madrid. — Mas, ao que parece, não.

Lanço uma olhada mordaz para Elian.

— Você roubou algo da última vez em que estive aqui — digo. — E agora vai repetir a dose?

— Quem disse que fui eu que roubei alguma coisa da primeira vez?

A voz dele soa indignada, mas não me engana. Reviro os olhos para deixar o fato bem claro, e Elian suspira.

— Olhe — diz ele —, tudo o que importa é que o *Saad* não é bem-vindo.

— O *Saad* — repito. — Ou você?

— Você diz isso como se houvesse alguma diferença.

— É, acho que não tem. — Giro minha concha do mar entre os dedos. — Vocês dois são igualmente obtusos.

Elian ri. Alto, monotônico e de um jeito que praticamente zomba do meu comentário.

— Fala sério — diz ele. — Não temos tempo para você aprender a ser engraçada.



Psémata tem um tom bem peculiar de cinza.

Há cor, mas está diluída em uma camada lúgubre de preto. Como uma nuvem quase invisível cobrindo a terra com um tom de sombra e poeira. Me lembra de como é observar a água turva do oceano ao pôr do sol, ou da sensação de olhar dentro dos olhos da minha mãe. Uma escuridão que parece estar sempre presente.

Esfrego o olho com o nó do dedo e, quando a minha visão recupera o foco,

tudo parece mais escuro que antes. Quanto mais eu tento fazer a sombra desaparecer, mais forte ela fica. Não é de se admirar que essa seja a terra das mentiras e das traições, tendo um ar tão cinzento e enevoado quanto os escrúpulos das pessoas que o respiram.

O vento transpira conforme abrimos caminho pelas ruas, evitando o contato visual e a barulheira que Elian e a tripulação tanto gostam de fazer. Apenas uns dez deles estão com a gente; os outros esperam no *Saad*. Eles se movem feito espectros, flutuam em vez de andar. Deslizam pelo chão de pedra. Tropeço ao tentar acompanhá-los, não chego nem perto de ser tão graciosa quanto eles, mas passo igualmente despercebida.

No que avançamos pela praça, inclino o chapéu ainda mais para baixo em minha cabeça. É ridículo, percebo, porque não há nenhum humano vivo que seja capaz de me reconhecer. Se duvidar, sou a que chega mais perto de ser um fantasma entre toda a tripulação. Ainda assim, abaixo o chapéu, encantada com o pulinho que meu coração dá quando alguém passa tempo demais encarando o nosso grupo. Quando olho para Elian, o rosto dele está inexpressivo e estoico, mas seus olhos estão longe de parecerem sem vida. Cintilam com o mesmo deleite obsceno. É isso, percebo, que cativa a tripulação tanto quanto o oceano. O prazer de se tornarem tão elusivos quanto são notórios.

Viramos em um beco, onde um homem nos espera. Ele veste um longo casaco preto com uma camisa branca de colarinho. Sua mão carregada de anéis descansa sobre uma bengala que é do mesmo tom arenoso de seu cabelo.

Elian sorri para o homem, e quando este não corresponde, o príncipe joga uma bolsinha de moedas para ele. Um sorriso cheio de dentes se arrasta pelo rosto do estranho, e ele espalma a parede de pedras cinzentas. A parede desliza de debaixo dele, recuando como uma cortina.

O desconhecido entrega a Elian uma chavinha e gesticula para entrarmos. Assim que o fazemos, a parede fecha às nossas costas, deixando apenas sombras entre nós. A luz das tochas tremula enquanto colunas de ar sopram pela entrada de pedra. Nos agachamos aos pés de uma escadaria, a qual o cômodo estreito mal consegue conter. Ergo a mão para mexer na minha concha. O espaço é pequeno demais, e logo percebo que é o menor em que já estive. Até mesmo a cela de cristal parece confortável em comparação.

— O que é isso? — pergunto.

Elian lança um olhar sobre o ombro.

— Escadas — diz ele, e começa a subir os degraus.

Não desperdiço fôlego com uma resposta. Ao olhar para cima, para a espiral sem fim, suspeito de que vou precisar dele mais tarde. Não consigo imaginar que escalar a Montanha Nublada seja tão árduo assim.

Fico em silêncio conforme subimos, imaginando se vamos chegar ao topo antes de as minhas pernas cederem abaixo de mim. Mas, assim que sinto que não vou conseguir subir mais nenhum degrau, Elian para de repente, e uma porta enorme de carvalho emerge da luz que mal está presente.

— Que dramático — digo, me espremendo no espacinho ao lado dele. —

Alguém do outro lado vai tentar matar a gente?

— Desde quando você se tornou parte “da gente”? — pergunta Kye, e Madrid lhe dá uma cotovelada nas costelas. Ele resmunga, e diz: — Tudo bem. Mal posso esperar para te ver dando sua vida pela minha, camarada. — Bem neste momento, reflito se devo ou não o empurrar escada abaixo.

Observo Elian tirar a chave do bolso e girá-la na fechadura torta. Quando a porta se abre, espero ser atingida por uma onda de poeira ou pelo cheiro de cinza velha e de podridão. Em vez disso, sou atingida por luz. Ela chega em tons de cinza, ecoando de dezenas de tochas esféricas que piscam com chamas de um amarelo-vivo.

O cômodo é grande e bem aconchegante para um sótão escondido, com um corredor de portas que leva a cômodos diferentes. Um lustre pendurado baixo corta o meio do lugar, com contas que roçam o chão polido.

— Eu não estava esperando por isso — digo, surpreendida pela opulência descabida.

Elian avança pelo cômodo.

— Como você gosta de me lembrar — diz ele —, eu sou um príncipe. É para cá que os nobres que não querem ser encontrados vêm para nunca serem encontrados.

— Deveríamos ficar aqui para sempre. — Kye se joga em uma poltrona de pelo fofinha que está apoiada na parede mais distante. — Não tem rum, mas, que raios me partam, as camas são maravilhosas.

— Como se você fosse dormir nelas — diz Madrid, sorrindo. — Só tem camas para metade de nós, lembra? E acho que é a sua vez de esfregar o convés.

— Não podemos dividir? — Ele pressiona uma mão machucada no peito. — Um punhado de mulheres mataria para se deitar em uma cama comigo.

Madrid fica irritada.

— São camas de solteiro — diz ela, mordaz.

Determinado, Kye repousa a mão no joelho dela.

— Vamos tirar na moeda?

Madrid empurra a mão dele de sua perna.

— Cara, eu venço. Coroa, você é um idiota?

— Torik deveria dormir no chão — diz Kye, reacomodando-se na cadeira. — Ele sempre tagarela sobre como os confortos de casa são um risco para nos fazer acreditar que realmente temos um lar.

Torik o olha de soslaio.

— Eu conheço facas bem o bastante ao ponto de saber como enfiá-las exatamente onde o sol não brilha, se você não tomar cuidado.

Kye dá um sorrisinho.

— Dormir no chão não combina com alguém como eu. Sou praticamente um aristocrata.

Torik lança a ele um olhar inexpressivo, nada impressionado.

— Você é um aristocrata — diz ele.

Olho para Elian, parado como uma estátua ao meu lado. É surpreendente

não o ouvir entrar na troca carinhosa de insultos entre a tripulação, ou sorrir enquanto eles comemoram sem qualquer cuidado. Ele leva a mão à nuca, sem saber o que fazer consigo mesmo quando não está sorrindo.

— Então o nosso próximo passo é nos escondermos aqui? — pergunto.

— O nosso próximo passo é tentar pensar em como vamos colocar as mãos num artefato antiquíssimo sem revelarmos quem somos — diz Elian.

— Roubar — corrijo-o. — Como vocês vão *roubar* um artefato antiquíssimo.

— Não é roubo se você estiver roubando de volta. — Elian tira o casaco e o joga na mesa atrás dele. — O colar pertence à família páguesa. Fiz uma bela de uma barganha para botar as mãos no mapa que mostra a rota para subir a montanha, mas, sem o colar, nada disso importa. Ela me disse que o objeto é a chave para o domo escondido.

— Ela — repito. — De quem você está falando?

— Da princesa de Págos — diz Elian.

Seus olhos se fixam em Kye, e os dois trocam um olhar esquisito. Kye pigarreia.

— Você quer dizer que ela sacrificou os segredos da própria família por causa de uma joia? — bufo. — Que coisa superficial.

Elian ergue uma sobrancelha.

— Se eu me lembro bem — diz ele, com um olhar presunçoso demais —, você estava disposta a sacrificar a sua vida por um colar.

— Eu estava disposta a sacrificar a sua primeiro — digo.



Bem depois de o resto da tripulação ir dormir, Elian e eu nos sentamos juntos. Fazemos planos horripilantes, esquematizando cada detalhe do que ele tem em mente, inclusive de como pegar o colar da família da princesa sem acabarmos com uma bala no coração. Pontos importantes que estou disposta a deixar bem claros.

A luz do sol ameaça entrar pelas pequenas janelas redondas acima de nós, enterradas no arco do teto. As velas minguaram e viraram brasas atrofiadas, e seu brilho agora lança sombras borradas ao nosso redor. O cheiro do amanhecer nubla o ar, e com ele um tom de cinza rasteja para dentro, vindo do mundo lá fora.

— Ainda não entendi como você sabe que esses piratas estão com o colar — digo.

— Os xaprâres são conhecidos por roubarem da realeza — explica Elian, segurando uma tirinha de alçaçuz. — Se tem uma herança preciosa perdida em algum canto do mundo, pode acreditar que está na mão de Tallis Rycroft e do seu bando de piratas-ladrões.

— Mesmo se for verdade, já não o teriam vendido? De que adiantaria ficar com uma coisa dessas?

— Você está presumindo que o Rycroft precisa roubar para sobreviver — diz Elian. — Talvez ele tenha precisado um dia, mas, agora, rouba só para mostrar que pode. Um colar como esse carrega prestígio. Para ele, seria mais um troféu do que um tesouro. Apenas mais um artefato para provar o quanto ele é bom.

— Se ele é tão bom assim — digo —, como vamos roubar o colar? Acho que ele vai sentir você passando a mão nos bolsos dele.

— Distração. — Elian dá uma mordida no alçaçuz. — Eles olham para esse lado... — ele acena a mão dramaticamente —, enquanto eu furto desse lado aqui. — Ele sacode a outra mão para mim, parecendo satisfeito demais. — Desde que você consiga aparentar inocência e não levantar qualquer suspeita.

— E se não der certo?

— Eu tenho um plano B. — Com um floreio, Elian tira um frasquinho do bolso. — É menos capcioso, mas igualmente traiçoeiro.

— Veneno? — penso em voz alta. — Você estava guardando isso para a sua futura esposa?

— Não é letal — diz Elian. Para um assassino, ele parece estranhamente ofendido pela ideia. — E não. — Ele faz uma pausa, então se vira para mim com um sorriso de lado. — A não ser que você fosse a minha esposa.

— Se eu fosse a sua esposa, eu mesma beberia o veneno de bom grado.

— Rá! — Ele joga a cabeça para trás e volta a embolsar o frasco. — Ainda bem que não precisamos nos preocupar com isso.

— Porque você está noivo?

Elian hesita.

— Por que você diria isso?

— Você é da realeza — digo a ele. — É o que a realeza faz. Eles se casam por poder.

Me lembro do Comedor-de-Carne e de como a voz da minha mãe se transformou numa canção quando me disse que havia escolhido seu melhor guerreiro para dar continuidade à nossa linhagem. O sangue laranja e oxidado no canto dos lábios conforme a criatura me observava com uma mistura de fome e desinteresse regrado. E no *Saad*, há algumas noites, quando me reivindicou mesmo em meu corpo humano. A lembrança faz um mal-estar se rastejar por todo o meu corpo.

— Eu não quero que seja assim — diz Elian. — Quando eu me casar, não vai ser por poder.

— Vai ser por causa de quê, então?

— Sacrifício.

Sua voz soa firme. Tem algum tipo de certeza nela, como se tivesse se resignado, em vez de sentir orgulho daquilo. Ele engole em seco, alto o bastante para me pegar desprevenida, o que me faz estremecer, e o desconforto dele serpenteia pelo ar, vindo na minha direção.

Os olhos de Elian recaem para o chão, e sinto como se eu o tivesse exposto, ou como se ele tivesse se aberto e, agora, estivesse arrependido. De qualquer maneira, não sei o que devo dizer, e alguma coisa nesse momento parece pessoal,

tão pessoal que me pego procurando por algo com que preencher o silêncio.

— Você tem razão — digo a ele, tentando me livrar da melancolia na minha voz. — Passar a vida toda com você seria um sacrifício.

— Ah, é? — Um certo brilho volta aos seus olhos, e ele sorri, como se os últimos segundos não tivessem acontecido. Apagando quaisquer partes do passado das quais não quer se lembrar.

— O que você estaria sacrificando? — pergunta ele.

— Se eu me casasse com você? — Endireito a postura para ficar mais alta do que ele, empurrando para longe o que está se desdobrando dentro de mim. — Acho que a minha cabeça.

Eu me viro, e o ricochetear da gargalhada dele me segue quando saio do cômodo. Mas, mesmo com a melodia contagiosa, não consigo me livrar do olhar que atravessou o rosto do príncipe quando mencionei o casamento. Isso me deixa mais curiosa do que eu deveria estar.

Penso em coisas sinistras, mas sei que a mais provável delas é um casamento arranjado, encomendado pelo rei midano para unir seu reino a algum outro. Talvez o fardo que Elian carrega tenha nascido das correntes de uma vida real e de um reino que é indesejado, mas, ainda assim, necessário. É algo que compreendo. Mais uma semelhança entre nós que eu seria cega se não notasse. Nas profundezas da nossa alma, se eu me permitir abrigar a ideia de que *tenho* uma alma, Elian e eu não somos tão diferentes. Dois reinos que trazem consigo responsabilidades que cada um de nós dois tem dificuldade em carregar. Ele, as correntes de estar preso a uma terra e a uma vida. Eu, presa nos confins do legado assassino da minha mãe. E tem o oceano, que chama por nós dois. Uma canção de liberdade e de anseio.



Roubar é uma habilidade que dominei aos dezesseis anos, quando eu passava a maior parte do ano na ilha setentrional de Kléftes. Tudo era novo, e tinha que me segurar para não pedir a todos a quem encontrava para que me contassem um pouco da história deles. Uma habilidade ou uma lenda que só eles conhecessem. Eu queria saber de tudo.

Minha tripulação mal era uma tripulação, e eu mal era um homem, muito menos um pirata. Depois de Kye, Torik foi um dos primeiros homens que recrutei. Com sua chegada, meu pai insistiu em um navio que fosse capaz de aguentar a missão que eu havia inventado, já eu insisti em algo que fosse mais uma arma do que um barco.

Conquistei a lealdade inabalável de Torik em seu país natal, Ánthrakas, onde as minas são muito profundas e o carvão viaja pelo vento em uma canção. Mas, apesar de ele ser muito bom com uma pistola, e ainda melhor com uma espada, nem mesmo ele tinha estômago para a força bruta que era necessária para matar uma ninfa. E, conforme os dias foram passando, descobri que nem eu tinha. Precisei ganhar mais agilidade.

Kléftes cria ladrões, mas, mais do que isso, cria fantasmas. Homens e mulheres são negociados como gado, treinados para serem demônios e assassinos e qualquer outra coisa que seus mestres exijam. Sujeitados aos desejos dos escravizadores que preferiam vender o próprio povo a perder alguma quinquilharia. Eram treinados para serem tão invisíveis quanto letais, capazes de caminhar pela noite sem serem percebidos e de executarem atos que jamais poderiam ser cometidos à luz do dia.

Eu quis aprender com eles e, um dia, quando o manto do rei fosse imposto a mim, infligir a eles o mesmo sofrimento que eles infligiram ao mundo. Ninfas não eram o único inimigo. Humanos podiam ser tão demoníacos quanto elas, e me surpreendia o fato de o meu pai e dos outros reinos não terem se unido para declarar guerra contra Kléftes. Que bem faria um acordo de paz mundial se os reinos estivessem acabando um com o outro?

É claro, Madrid mudou isso. Quando entrei marchando em Kléftes e a vi tatuada e sangrando por causa de tantas feridas, ao ponto de ser difícil divisar o seu rosto debaixo daquilo tudo, foi que percebi que algumas coisas não tinham conserto. Em um mundo que criava assassinos com tanta facilidade, minha maior esperança era fazê-los serem meus. Assassinos não conseguiam reverter a morte, mas poderiam encontrar novas presas. Poderiam encontrar um tipo diferente de

dor para infligir.

Encaro os xaprâres prepararem seu navio para a viagem. São ladrões kléftos conhecidos por investigarem os reinos e partirem com as joias mais preciosas. Mestres do disfarce que têm roubado relíquias de mais nobres do que se pode contar nos dedos. Poderiam ser lendas, caso não fossem tão odiados pelas famílias governantes. Seria fácilimo oferecer uma recompensa pela cabeça deles, mas ninguém seria corajoso o bastante para sequer tentar. Ir atrás de um dos xaprâres era como ir atrás de um membro do *Saad*. Ou seja, suicídio. Isso sem mencionar que eles são ótimos em roubar dos nobres, mas ainda melhores em roubar *para* os nobres. Ladrões de aluguel que a maioria das famílias sequer considera enfrentar, por medo de precisarem dos serviços deles algum dia.

Felizmente, eu não tenho esse medo.

Observo um Tallis Rycroft despreocupado aos pés dos enormes degraus da doca. Descaradamente, ele conta o fruto do seu saque, os dedos deslizam com o tipo de velocidade que se adquire por passar anos ganhando nada, mas roubando tudo.

Não sou muito de ouvir histórias que correm pelo mundo como grãos de sal passando de uma mão para a outra, mas tem algo em Rycroft que sempre me deixa tenso. Ele é dono de um navio escravagista na ilha ao Norte. Não sei exatamente qual, e sei que é improvável que seja a mesma embarcação da qual Madrid teve que matar para escapar, mas não há nenhum membro da minha tripulação que não se enfureça ao ouvir o nome dele. A politicagem prevalece, apesar de tudo, e declarar uma rixa com os xaprâres não valeria a pena.

Olho para Madrid e Kye, que estão nos arbustos ao meu lado. Enquanto Kye se vira para mim com um olhar questionador, os olhos de Madrid continuam focados em Rycroft, sem nem piscar. Ela não arriscaria perdê-lo de vista; ela não arrisca nada quando o assunto são os seus compatriotas. É por isso que Kye insistiu em estar no pelotão dela, nem que fosse apenas para impedi-la de fazer algo, caso a hora chegasse.

Torik assumiu os flancos pelo restante do caminho com os outros membros da tripulação, armas a postos para qualquer coisa que possa dar errado. Aproximar-me de Rycroft com a minha tripulação, em qualquer outro lugar fora de uma taverna, levantaria suspeitas. Preciso ser cauteloso e esperto, ainda bem; já que gosto de achar que sou sempre essas duas coisas, não importa a hora nem o lugar.

Eu me viro para Lira. Ela parece uma pintura, com o cabelo acobreado-escuro longe do rosto salpicado por estrelas em forma de sardas, o que apenas confirma o fato de que ela não é capaz de passar despercebida. E de não dizer seja lá o que passe pela sua maldita cabeça. Lira sabe manter segredos para si, mas ela não consegue, em hipótese alguma, manter a paz. Enquanto tenho muita experiência em fingir, há calor demais nos olhos de Lira para que ela consiga fazer esse tipo de coisa. Algumas pessoas ardem com tal esplendor que é impossível apagar as suas chamas. Por sorte, é exatamente disso que eu preciso.

O capitão do *Saad* se aproximar de outro navio pirata com sua liga de

matadores de ninfas só poderia resultar em morte, mas Elian Midas, um príncipe e um filho da mãe arrogante, desfilando pelas docas com uma mulher diferente no braço, às vistas demais para ser um detetive ou espião... talvez dê certo. Rycroft talvez abaixe um pouquinho a guarda ao ponto de nos deixar subir a bordo de seu navio. E depois de estarmos lá, tudo de que preciso é que Lira confirme que ele está em posse do que estamos procurando.

— Se você estiver pronta — digo a Lira —, eu te dou permissão para arriscar a sua vida por mim.

Ela ergue o queixo. Há algo na maneira com que ela se comporta que me faz lembrar das mulheres na corte. Ela tem um ar de alguém que passou a vida toda tendo todas as vontades sendo satisfeitas. Sei disso porque sou igualzinho. Apesar de eu tentar esconder essa parte de mim, sei que continua ali. A altivez. A teimosia que nunca vai ser realmente perdida.

Não é uma expressão que pertence ao rosto de uma órfã perdida.

Quando vou segurar a mão dela e seguir em direção ao navio de Rycroft, Kye agarra a manga da minha camisa. Ele não precisa dizer nada; interpreto o olhar em seu rosto e sei que está me dizendo que preferia que fosse ele ao meu lado, caso fossemos bater de frente com Rycroft. Verdade seja dita, eu também me sentiria melhor tendo ele comigo. Mas a questão é outra; por mais lindo que Kye se ache, creio que Rycroft não teria a mesma opinião. E, agora, preciso é de uma companhia inconspícua, não de um holofote em formato de pirata.

— Confie em mim — digo a ele.

— Não é em você que eu não confio.

Lira ri, como se alguém preocupado com a minha segurança fosse a coisa mais engraçada que ela ouviu naquele dia.

— É melhor tomar cuidado — diz ela. — Pode ser que eu faça uma barganha com o xaprár e use aqueles três dias de treino com espadas para te apunhalar pelas costas.

— Como se você tivesse coragem de abandonar os luxos do *Saad* pelo barquinho enferrujado do Rycroft — digo, apontando para o navio dele.

Não é uma embarcação ruim, mas não chega aos pés da beleza fatal do *Saad*. Com um casco de sequoia e velas da cor das cinzas, é mais do que digno para pilhagens, mas para caçar a Maldição dos Príncipes e sua mãe, a bruxa do mar, ou até para abrigar um príncipe cujo coração não bate, mas arrebenta como as ondas do oceano... bem, o barquinho dele não serve para isso.

— Não estou vendo muita diferença — diz Lira. — Pinte a madeira com um tom mais escuro, dê ao capitão uma personalidade intragável, e eu não veria diferença alguma.

Arregalo os olhos, indignado, mas Lira apenas sorri.

— Só não se esqueça disso — diz ela, com os olhos azuis brilhando —, se quiser que aquele canalha acredite que estamos *juntos* — a voz dela ecoa com uma descrença despidorada —, você vai ter que se livrar desse seu chapéu ridículo.

— Só não se esqueça disso — digo, no que saio de detrás dos arbustos e me

aproximo do meu relaxado rival —, se formos pegos, não há a mínima possibilidade de que eu vá arriscar a minha cabeça para salvar a sua.

Rycroft nos vê assim que saímos da escuridão direto para a luz impiedosa do céu sarapintado de estrelas. Ele não fala nada enquanto nos aproximamos, nem sequer sai de sua posição esparramada nos degraus que levam ao seu navio. Mas sei que ele nos vê. Ele continua contando o tesouro, mas seus movimentos estão mais precisos. Só quando estamos bem acima dele, o homem se digna a olhar para cima com um sorriso cravejado de ouro.

Falando de maneira objetiva, Tallis Rycroft não é um homem bonito. Seus traços não parecem pertencer a ele, parecem ser apenas outra coisa que ele roubou. Os olhos são poços escuros perfurando a pele acinzentada, e os lábios são de um marrom-desbotado, finos e curvados para cima em um sorrisinho permanente, e cobertos por um bigode delgado. Um turbante cor de vinho está enrolado ao redor de sua cabeça e, dali, grandes peças de ouro e prata pendem como gotas, caindo pelo rosto e pescoço do homem. Ao me olhar, ele passa a língua pelos lábios.

— Cadê o seu cão de guarda? — pergunta ele, em um kléftês pesado.

— Qual deles? — respondo em midão, não querendo dar a ele a satisfação de me fazer usar a língua dos ladrões e escravagistas.

Rycroft se levanta e apoia as costas na corda dos degraus da doca.

— Se você está aqui, Kye e aquela vagabunda tatuada não devem estar muito longe. E deixe-me adivinhar: ela está mirando na minha cabeça? Bem do jeito que um príncipezinho de merda como você ousaria me matar.

Instruo a minha expressão a demonstrar surpresa.

— Que paranoico — digo. — Somos apenas eu e a minha amiga, sozinhos e desarmados. É sério, você não pode estar com medo de um príncipezinho de merda, não é?

Rycroft estreita os olhos.

— Quem é essa daí? — Ele lança um sorriso lascivo para Lira. Apesar de eu ter certeza de que ela não conhece a língua, não há muitos fora de Kléftes que conhecem, o rosto dela se contorce em uma aversão calculada.

— Não é um cão de guarda — digo a ele.

— É mesmo? — Ele troca para o midão e deixa um sorriso de gato vadio invadir o seu rosto. — Para mim ela parece uma cadela.

Sustento um sorriso altivo.

— Tão simpático como sempre. — Passo um braço indolente ao redor da cintura de Lira. Ela se eriça e, rígida, acomoda-se ao meu toque. — E logo quando a minha nova amiga e eu viemos admirar o seu navio.

— Admirar — repete Rycroft. — Ou roubar?

— Um barco inteiro? — Abro para ele o meu sorriso mais presunçoso. — É bom saber que você me considera tão bem assim. — Eu me viro para Lira. — Você acha que caberia na sua bolsa?

— Talvez — diz ela. — Nada aqui parece ser muito grande.

Ela lança um olhar cheio de significado para Rycroft, e eu tusso, cobrindo a

boca para disfarçar um possível riso.

Rycroft rosna.

— Tudo bem — diz ele. — Vou entrar na brincadeira. — O pirata abre os braços numa saudação perigosa, revelando todo o navio atrás dele. — Subam a bordo. Vamos conversar tomando um rum digno de um rei.

É um murro. Uma faca de dois gumes apontando o que eu ainda não me tornei e zombando do que, um dia, vou ser. Nunca um pirata, sempre um príncipe.

Aceito o convite de Rycroft com um breve aceno da cabeça, e mantenho um abraço protetor ao redor de Lira. Todos os meus instintos estão no limite, me dizendo para andar atrás dele, não em frente. Para observar suas mãos e olhos e as duas dezenas de homens que nos espiam enquanto nos acomodamos ao redor de uma mesa no convés do navio. Para nunca, nem sequer por um segundo, pensar que ele não me quer morto. E que não vai tentar fazer esse desejo se tornar realidade quando eu roubar o colar páguesso.

O rum que Rycroft nos oferece é de Midas, o que não deveria ter me incomodado tanto caso a bebida também não fosse da adega real. A garrafa é de vidro soprado, torcida na forma do nosso brasão, com ouro líquido gravando os detalhes intrincados. A bebida em si está cheia de ouro em pó que reluz contra o reflexo do vidro. Não sei quando ele a roubou, nem a razão; se foi apenas porque podia, ou se porque queria que *eu* soubesse que ele podia; mas as minhas mãos se fecham em punhos embaixo da mesa.

Rezo aos deuses para que o dedo de Madrid escorregue no gatilho.

— O que achou do sabor? — pergunta Rycroft.

Lira leva o cálice aos lábios e inala. Não sei se está tentando sentir o aroma de algum veneno, ou se realmente quer saborear a bebida, mas a garota fecha os olhos e espera alguns segundos antes de levar o cálice à boca. Há uma gotinha de sangue em sua língua quando ela lambe os lábios, por causa dos cacos de ouro que dançam dentro da garrafa.

Quando Lira passa a língua pelos lábios, minhas mãos afrouxam e a raiva escorre do meu corpo. Tudo o que ela faz é sensual, interpretando seu papel da forma mais perfeita que consegue. Ou, talvez, não precise atuar e simplesmente goste da forma lasciva com que os dentes de Rycroft arranham os lábios enquanto a observa.

— É muitíssimo agradável — diz Lira, a voz quase irreconhecível.

— Que bom. — O sorriso de Rycroft é tão afiado que cortaria até metal. — Longe de mim deixar a moça insatisfeita.

— Ah, eu não me preocuparia com isso — diz Lira. — Não agora que estou na presença de tão boa companhia.

Os olhos de Rycroft se enchem de um desejo calculado. Ele pisca para ela, depois se volta para mim.

— Vai me contar a razão da sua visita? — pergunta ele. — Ou devo continuar com esse joguinho?

Deixar de jogar nunca foi uma opção. Enrolá-lo e deixar que a suspeita

levasse a melhor, sim. Que ele pense que estou tramando umas das minhas enquanto Lira brinca com o ego dele e se derrete toda com todos os despautérios do pirata. Que ele acredite que precisa ficar de olho em cada movimento meu e vasculhar as docas onde minha tripulação nos espera. Espero que a atenção dele esteja em tudo, menos na recentemente recatada Lira. Meu apetrecho inocente que ostento na frente dele como o príncipe babaca que sou.

— Na verdade — digo, rodopiando o cálice de rum —, tem uma razão.

Rycroft se recosta e apoia os pés sobre a mesa.

— Desembuche — diz ele. — Se quiser fazer uma troca, podemos chegar a um acordo.

Seus olhos oscilam para cima de Lira, e ela abre um sorriso tímido. Não sabia que ela era capaz de parecer acanhada, mas parece que subestimei as habilidades dela para o engodo. A garota enrola uma onda do cabelo ao redor do dedo, é tão convincente que preciso olhar de novo para notar o punho cerrado que ela esconde debaixo da mesa. Seu rosto não deixa nada transparecer.

— Um amuleto de safira amarela desapareceu dos cofres reais de Midas — digo, lembrando-me palavra por palavra da mentira que ensaiamos. — Eu tinha esperanças de que você soubesse de algo.

Os traços estranhos de Rycroft se encham de prazer. Ele arqueia os braços por detrás da cabeça.

— Então você veio fazer acusações? — Ele parece satisfeito demais com o acontecimento.

— A peça é muito preciosa para mim — digo a ele. — Se ela reaparecesse do nada ou se você tivesse escutado algo sobre o paradeiro dela, a informação teria um valor considerável. Um valor inestimável, pode-se assim dizer.

Quase consigo ver Rycroft ponderando as opções: deveria ele fingir que tem algo que me pertence, só para me ver sofrer, ou deveria me oferecer ajuda para encontrá-lo pela quantia obscena que ele quisesse?

— Não está comigo — diz Rycroft a mim, como um inseto atraído pelo fogo. — Mas ouvi rumores.

Mentira, penso. *Que conversa mais fiada.*

— Talvez eu saiba onde está.

Engulo meu sorrisinho e finjo estar intrigado com a possibilidade de ele ter a localização da minha relíquia midana imaginária.

— O que essa informação me custaria?

— Tempo — diz ele. — Para que eu possa verificar se as minhas fontes têm razão. — Na verdade, para ele arranjar alguma fonte. — E acho que eu também gostaria do seu navio.

Eu sabia que ele falaria isso. Pois, para cada coisa imprevisível que Rycroft fazia, havia uma centena de outras facilímas de se adivinhar. Havia um jeito melhor de fazer um príncipe sofrer do que roubando o seu brinquedinho preferido?

Deixo um lampejo de irritação ensaiada atravessar o meu rosto.

— Nem pensar.

— É o seu navio ou o amuleto — diz Rycroft. — Você tem que decidir.

— E como posso ter certeza de que não é você que está com ele? — Cronometro a minha raiva em pulsações exatas. — Não vou te pagar para me devolver algo que você mesmo roubou.

Os olhos de Rycroft se tornam sombrios com a insinuação.

— Eu te disse que não está comigo.

— Não vou acreditar na sua palavra.

— Então, o que você quer? Que eu te leve abaixo do convés e deixe a porcaria dos seus dedinhos sorrateiros vasculhar o meu tesouro? — pergunta ele.

É exatamente o que eu quero. A única razão pela qual o convencemos a nos deixar entrar no navio foi para darmos uma olhada em seus espólios e confirmarmos que o colar de Sakura está ali no meio.

— Se você acha que isso vai acontecer — diz Rycroft —, você é mais burro do que parece.

— Tudo bem. — Eu o encaro. Malcriado, impaciente. Interpretando o meu papel do jeito que ele espera. Aceno, indiferente, para Lira. — Deixe que ela dê uma olhada, então. Não me importo. Mas, a não ser que um de nós dê uma olhada nas coisas que você está escondendo, pode ficar com o seu navio e observar o *Saad* zarpar em direção ao pôr do sol sem você.

É claro, desde o começo, era para ser Lira. Eu sabia que não havia qualquer chance de Rycroft deixar o capitão do *Saad* entrar na sua caverna do tesouro. Mas deixar uma das prostitutas cativantes do príncipe midano dar uma olhadinha? Talvez.

— Ela — repete Rycroft, com um sorriso venenoso. — Como ela vai saber o que está procurando?

— É uma safira amarela — digo a ele. — Ela não é tão idiota assim.

Lira me chuta debaixo da mesa, com força. Rycroft lança a ela um sorriso diabólico e se vira para uma das sombras que se aproxima. O homem é mais velho do que eu, e sua pele foi brandida pelo sol; não consigo evitar o pensamento de que ele me parece familiar. Um cutelo está embainhado em seu cinto, e brincos grandes criam abismos em suas orelhas. Ao se curvar para sussurrar algo no ouvido de Rycroft, ele tira um longo casaco de veludo do caminho.

Eu me endireito, lembrando-me de onde o vi antes. O homem do Ganso de Ouro. O que deu início a essa missão ao me apontar a direção da fraqueza da Rainha do Mar.

Ele é um dos xaprâres.

Foi Rycroft que me mandou atrás do cristal.

— Tenho uma nova oferta para você — diz Rycroft, com os dentes expostos. — Agora que os meus homens estão de olho na sua tripulação, o que você acha de nós dois sermos um pouco mais sinceros? Seus homens são muito bons em se esconderem, mas não são nenhum xaprâr. E, agora, estão ferrados. Vão acabar mortos se você não me disser exatamente como planeja roubar o Cristal de Keto.

Eu nem sequer pisco.

— Nunca ouvi falar nisso.

— A vida de quem eu deveria colocar em risco para fazer a sua memória funcionar? — Rycroft desliza o dedo pela borda do seu cálice. — A vadia tatuada com a arma? Ou, talvez, eu corte um novo sorriso no rosto daquele gigante? Escolha uma pessoa, e eu escolherei a parte do corpo.

Arqueio uma sobrancelha.

— Que dramático.

— Eu gosto de drama — diz ele. — Que tal a cabeça de Kye numa bandeja?

— Que tal eu te matar antes mesmo de a sua tripulação piscar os olhos?

Rycroft sorri.

— Mas, então, o que seria dos seus amigos? — Ele gesticula para um dos xaprâres, que lhe serve outra dose de rum.

— Quer dizer que você vai me matar em troca da vida deles? — pergunto.

Rycroft joga a cabeça para trás.

— Agora quem está sendo dramático? Eu não arriscaria começar uma guerra com o seu papai. — Ele acena com a mão. — Basta me contar o que quero saber.

— Que tal você me dizer por que, de repente, está tão interessado no cristal?

Rycroft se reclina na cadeira, deixando os dentes dourados se transformarem em um sorriso preguiçoso.

— Estou de olho nele faz um tempo. Todo pirata gosta de caçar tesouros perdidos e, quanto mais elusivos, melhor. Você sabe disso, não sabe, Vossa Alteza? — Rycroft puxa o colarinho de lado. Seu colar não é muito parecido com o das histórias. A pedra não é uma pedra, mas uma gota azul que balança na corrente como se estivesse prestes a cair. Cada fragmento dela dança, parecendo ter sido feito de água, com pequenas presas ornadas travando o diamante.

O colar perdido de Págos. Eu tinha razão. Rycroft está mesmo com ele.

— Coloquei as mãos nesta belezinha logo depois que ouvi dizer que era a chave — diz Rycroft, ajustando o colarinho de volta no lugar para esconder a joia.

— Como foi que você ficou sabendo disso?

De jeito nenhum Rycroft tinha conseguido a informação com facilidade, sendo que eu tive que vender o meu país, e a porcaria da minha alma, em troca daquilo.

— As pessoas me contratam para fazer as coisas — diz Rycroft. — E os páguesos estão sempre em busca de alguém para fazer o trabalho sujo deles. Tive uma conversinha com um dos príncipes de lá, há alguns anos, depois que completei um trabalho. Você ficaria surpreso se soubesse como a língua dele ficou solta depois de alguns uísques e algumas bajulações.

Fico enfurecido. Rycroft tinha interpretado o papel do sedutor, usado seu encanto conjurado sabe o demônio de onde, e eu havia arriscado o meu país. Ele não tinha nada a perder, então não barganhou nada. Já eu tinha um reino todo a perder e o havia oferecido como moeda de troca. Focado demais na minha cruzada para sequer parar para pensar. Patético. Eu estava começando a me sentir patético pra caramba.

— Por que você quer matar a Rainha do Mar? — pergunto. — Ser herói não

combina muito com você.

Rycroft rola os ombros para trás.

— Eu não dou a mínima para a sua guerrinha com a vadia de oito braços — diz ele. — E me importo ainda menos com o tempo de vida dela do que com o seu.

— Por quê, então?

Os olhos de Rycroft estão famintos.

— Todo o poder do oceano — diz ele. — Se eu conseguir o cristal, então vou controlar a mais antiga das magias que algum dia existiu. — Ele toma um gole de rum, depois bate o cálice na mesa, com força. — E se a Rainha do Mar me causar algum problema, mandarei Vossa Alteza do mar e suas cadelinhas de volta ao lugar a que pertencem.

Os lábios de Lira se curvam.

— É mesmo?

— É um fato — diz ele. — Deixe que elas tentem vir para cima de mim.

O tecido do vestido de Lira está amontoado nas mãos fechadas em punhos, e quando ela indica que vai se levantar, coloco a mão em seu joelho. Estamos em uma desvantagem muito grande para começarmos a socar todo mundo.

— Por que o teatrinho de enviar o seu homem para Midas e me passar informações? — pergunto. — Por que me colocar no meio disso?

— Eu não sou idiota — diz Rycroft, apesar de eu discordar. — Ninguém consegue escalar a montanha e sobreviver para contar a história. O príncipe do gelo até poderia estar disposto a me contar sobre um tal colar antigo que ninguém via há gerações, mas não a entregar o segredo mais bem guardado de sua linhagem.

— E você sabia que esse era o tipo de informação que eu poderia arranjar.

— Você é o príncipe de Midas — diz ele. — A realeza se ajuda, não é mesmo? Eu sabia que todos estariam a par dos segredinhos uns dos outros. Ou, se não fosse o caso, você poderia dar um jeito.

Ele tem razão. Consegui abrir o caminho até os segredos da família de Sakura, bem como Rycroft sabia que eu faria, descobrindo coisas das quais eu não tinha qualquer direito de saber, para uma missão que *ele* havia planejado. Toda a minha conversa sobre ser um capitão, dizendo a Kye que eu não era um príncipezinho ignorante que precisava ser aconselhado e influenciado... esse tempo todo eu estava bem na palma da mão de Tallis Rycroft e seu alegre bando de canalhas.

— Então você planejou me usar para encontrar um caminho para subir a montanha.

— Não só isso — diz Rycroft. — Também preciso arranjar um jeito de entrar. Não estou a fim de começar uma guerra com os páguesos por ter invadido a montanha deles. Eles saberiam da minha presença no exato segundo que eu comesse a escalada, e viriam para cima de mim e dos meus rapazes antes mesmo de eu ver o palácio de gelo. Pirata nenhum vai chegar perto daquele cristal.

Lira escorrega de volta para a cadeira, e, ao mesmo tempo que eu, ela deixa transparecer que entendeu tudo.

— Mas um príncipe talvez chegue — pontua ela.

Rycroft aplaude.

— Garota esperta — diz ele, em seguida se volta para mim, com braços abertos e acolhedores. — As suas conexões diplomáticas vão vir a calhar, garoto de ouro. Se as minhas apostas estiverem certas, você já fez algum acordo com eles. Ofereceu a eles algo em troca da sua entrada. Se eu for com você, posso passar direto, sem ninguém vir atrás de mim e, então, saquear todo aquele maldito lugar. Quando perceberem o que eu e o meu pessoal estamos fazendo, já terei o poder do oceano nas minhas mãos.

— Excelente plano — digo. — O único problema é que não vou te dizer nada, e a minha agenda está meio cheia demais para eu te levar a um passeio guiado pela montanha.

— Não pensei que fosse ser fácil — diz Rycroft. — Mas você não vai ter que levar ninguém; nós é que vamos levar você.

Os xapráres se aproximam, criando um círculo ao nosso redor.

— Quanto à informação, posso arrancá-la de você e da sua amiguinha, torturando os dois no caminho até lá. Vai me economizar tempo.

Sorrio e olho para Lira. Ela pisca, não em choque, mas parecendo considerar o que foi dito como uma proposta, não como uma ameaça. Se ficou com medo, está fazendo um belo de um trabalho escondendo o fato.

Ela pega o rum na mesa com um gesto lento e firme.

— Só para esclarecermos as coisas — diz ela, girando o cálice, indiferente. — Eu não sou nenhuma amiguinha dele.

Antes de eu conseguir me atentar à expressão no rosto de Rycroft, Lira se joga para frente e atira o líquido dourado direto no olho dele. O pirata solta um uivo descomunal, e eu salto de pé e saco a faca enquanto Rycroft agarra o próprio rosto, onde os diminutos pedacinhos de ouro o cortam a cada piscada.

— Sua *vagabunda* — rosna ele, desembainhando a espada, às cegas.

Lira pega a pequena adaga que escondeu na bota mais cedo, e pressiona minhas costas nas dela. As sombras de Rycroft nos rodeiam. E, pelo canto do olho, vejo atiradores se posicionando no tombadilho. Consigo enfrentar uns dez homens, talvez, mas nem mesmo eu sou à prova de balas. E Lira, apesar das chamuscas que correm em suas veias, não é invencível.

— Você acha que isso foi inteligente? — Rycroft limpa os olhos com a parte de trás da manga.

— Talvez não — diz Lira. — Mas foi engraçado.

— Engraçado? — Ele dá um passo na nossa direção, e vejo a raiva emanar dele como fumaça. — Vou te mostrar o que é engraçado.

Arqueio o corpo, mudando nossas posições para que Lira enfrente os xapráres, e eu fique cara a cara com Rycroft.

— Não adianta chorar sobre o rum derramado — digo a ele.

Por alguns segundos, Rycroft apenas me encara, letalmente imóvel. Seus

lábios se curvam para cima, e ele pisca para se livrar de uma gotinha de sangue em seu olho esquerdo.

— E pensar — diz ele — que, quando eu fosse te torturar, ia te deixar ficar com o seu membro mais precioso.

Quando ele ataca, empurro Lira para o lado e disparo para trás. Os xaprâres abrem caminho para nós, então nos circulam como abutres, prontos para bicarem os restos da carcaça da matança. Rycroft desce sua espada pesada, e quando minha faca a encontra, as faíscas nos cegam.

Chuto o joelho dele, e Rycroft cambaleia para trás, silvando, mas passam apenas segundos antes de ele vir para cima de mim de novo, brandindo a espada com golpes letais desferidos para matar. Recuo com um salto, e a lâmina dele talha o meu peito.

Não tiro o meu foco dele para sentir a dor. Ele estava louco para fazer isto: atacar não apenas um príncipe, mas um capitão. Derramar sangue real é passível de morte, mas derramar o *meu* sangue... bem, minha tripulação acharia a morte algo gentil demais.

Projeto o braço para frente, apontando a adaga para a barriga dele. Rycroft gira para longe, desviando por muito pouco, e sinto o meu tornozelo ceder. Resguardando o pouco de elegância que me resta, afundo a lâmina na coxa dele. Sinto o choque contra o osso no que ela se acomoda dentro da perna do pirata. Quando me afasto, minha mão está vazia.

Rycroft fecha a mão ao redor da faca. Ele não parece humano, como se até mesmo a dor estivesse com medo demais de tocá-lo agora. Sem qualquer cerimônia, ele puxa o punho com força, e a lâmina vaza para fora dele. Ela sai limpa e, por um momento, me preocupo com a possibilidade de Rycroft ver o brilho sobrenatural do metal, mas o pirata mal olha para a arma antes de arremessá-la para o outro lado do navio.

— E agora? — pergunta ele. — Chega de truques.

— Vai matar um homem desarmado? — Ergo um dedo provocador.

— Acho que nós dois sabemos que você nunca está desarmado. E que, quando eu te matar, será terrivelmente mais lento do que isso.

Ele inclina a cabeça, fazendo sinal para alguém atrás de mim. Consigo dar uma última olhada para Lira, absorvendo a luz ofuscante de seus olhos, acesos em alerta, antes de uma sombra se jogar na minha direção. Viro a cabeça um segundo tarde demais, e uma dor lancinante explode no meu crânio.

VINTE E SETE



Passo a língua pelo corte no meu lábio. Minhas mãos estão presas numa viga enorme e, do outro lado do cômodo, preso a uma coluna idêntica, Elian está largado no chão.

Ainda se parece com o príncipe bonitão, mesmo com a cabeça apoiada na madeira lascada, e a ferida tirando todo o brilho de seu cabelo. A mandíbula se move enquanto ele dorme, e quando os olhos tremulam, como se estivessem prestes a abrir, algo me causa um aperto no peito.

Ele não acorda.

Sua respiração está ofegante, mas estou surpresa de ele sequer estar respirando. Ouvi o barulho de osso triturado quando o taco encontrou a nuca dele. Um golpe de covarde. Elian estava ganhando e, mais uns poucos minutos, mesmo sem a faca que ele tanto ama, teria matado Tallis Rycroft. Com as próprias mãos, se fosse preciso. E eu teria ajudado.

Se eu tivesse a minha canção, jamais a teria desperdiçado em um homem como Tallis. Eu o deixaria afogar estando ciente do horror de sua morte, sem o conforto da beleza ou do amor. Elian tem um exército, e deveríamos tê-lo usado para atacar Rycroft, mas o príncipe prefere truques a guerras.

Sem sujarmos as mãos, disse ele. Antes que qualquer um note o que roubamos.

Olho para as minhas mãos manchadas pelo sangue de Elian. Parece que acabaram sujas do mesmo jeito.

No mar, as sereias cantam sobre os humanos. Tem uma canção que elas cantarolam como se tivesse sido feita para ninar as crianças, que tece a história do massacre de Keto. Nela, as sereias falam da bravura humana e de como conquistaram a vitória, mesmo contra todas as probabilidades, mas, antes de eu ser arrastada para o navio de Elian, nunca tinha visto coragem em um humano. Até mesmo os mais fortes dos homens cediam sob o meu feitiço, e aqueles que eu não seduzia sentiam medo demais para me desafiar. Elian é diferente. Ele tem coragem, ou imprudência mascarada sob algo parecido com ela. Também é misericordioso. Tem misericórdia por criaturas como Maeve, cuja vida ele roubou apenas como última opção. Ele não quis saborear o momento; apenas quis que acabasse logo. Como eu tinha feito com o príncipe kalokaíreno. Com Crestell.

Se eu tivesse sido criada como humana, seria esse tipo de assassina? Misericordiosa e hesitante em derramar sangue? Ou, talvez, eu nem sequer fosse uma assassina. Talvez eu fosse apenas uma garota, como qualquer outra que perambula pelo mundo. Keto criou a nossa espécie com base em guerra e

selvageria, mas foram as rainhas do mar que herdaram seu ódio e o transformaram no nosso legado. Rainhas como a minha mãe, que ensinavam as filhas a serem guerreiras vazias.

A família de Elian o ensinou a ser outra coisa. O tipo de homem disposto a tirar uma estranha da linha do perigo e enfrentar um pirata tirânico no lugar dela. Esse cavalheirismo que costumava me fazer bufar já salvou a minha vida duas vezes. É isso o que é ser humano? Empurrar alguém para longe do perigo e se jogar no lugar da pessoa? Todas as vezes que protegi Kahlia, a Rainha do Mar me repreendeu pela minha fraqueza e puniu nós duas, como se fosse possível quebrar a ligação entre nós. Passei a vida repensando cada expressão e ação, para ter certeza de que não houve qualquer afeição visível em nenhuma delas. Minha mãe dizia que isso me fazia ser inferior. Que emoções humanas eram uma maldição. Mas as emoções humanas de Elian foram o que o levou a me salvar. A me ajudar. A confiar que eu faria o mesmo por ele quando a hora chegasse.

Elian se remexe e solta um gemido baixinho. Sua cabeça pende, e os olhos estremecem ao abrir. Ele pisca, analisa os arredores, e leva apenas alguns segundos para ele notar as amarras que prendem suas mãos. Ele as puxa, não pondo muito empenho em escapar, em seguida, vira a cabeça na minha direção. Do outro lado do cômodo, vejo a mandíbula elegante dele ficar tensa.

— Lira? — Sua voz está tão áspera quanto areia. Deve ter visto sangue em algum lugar, parece que o fluido está por toda parte, porque a próxima coisa que pergunta é se estou machucada.

De novo, lambo o machucado no lábio, onde Tallis me acertou. O sangue está quente e amargo.

— Não. — Inclino o meu rosto para longe, assim ele não pode ver a verdade. — Foi você que sangrou em cima de mim.

A risada de Elian parece mais uma troça.

— Tão encantadora como sempre — diz ele.

Elian puxa uma boa quantidade de ar, depois fecha os olhos por alguns segundos. A dor na cabeça dele pode estar levando a melhor, mas ele tenta engolir e parecer ser um guerreiro corajoso. Como se fosse uma ofensa para mim vê-lo de qualquer outra forma.

— Vou matá-lo por isso — diz Elian.

— Você deveria se assegurar de que ele não mate a gente antes.

Elian puxa a corda de novo, girando o braço nos ângulos mais bizarros, tentando se livrar das amarras. Ele se move como uma enguia, escorregadio e rápido demais para que eu veja o que está fazendo de onde estou sentada.

— Chega — digo, quando a corda começa a deixar a pele dele vermelha. — Não está ajudando.

— Estou tentando — diz Elian para mim. — Sinta-se à vontade para desencaijar o seu polegar da junta. Ou, melhor ainda, o que você acha de usar aquele psáriin para chamar algumas ninfas e deixá-las nos matar antes que Rycroft tenha a chance?

Ergo o queixo.

— Não estaríamos aqui se você não tivesse cismado com um plano tão ridículo.

— Acho que ter levado uma pancada na cabeça prejudicou a minha audição.

— A voz de Elian perde a musicalidade de costume. — O que foi que você acabou de dizer?

— Você nem percebeu que ele estava armando para cima de vocês — digo. — E se colocou bem na palma da mão dele.

Os ombros de Elian estremecem.

— Ele está com o colar, então não importa se eu sabia ou não da armadilha, eu teria vindo de qualquer jeito. Sacrifiquei coisas demais para morrer na beira da praia.

— Como se você alguma vez tivesse de sacrificar alguma coisa — atiro de volta, pensando no reino que ainda tenho pendendo por um fio. — Você é o príncipe de um reino cheio de brilho e calor.

— E foi exatamente esse reino que eu sacrifiquei!

— Como assim?

Elian suspira.

— O meu acordo com a princesa envolveu muito mais do que só um mapa e um colar. — Sua voz soa arrependida. — Prometi que ela poderia governar ao meu lado se me ajudasse.

Meu queixo cai quando o peso das palavras dele atravessa o cômodo. Enquanto tento de tudo para roubar o trono da minha mãe, Elian está ocupado barganhando o dele em troca de um tesouro.

Como qualquer pirata.

— Você é idiota? — A descrença sai como uma bala da minha boca.

— Encontrar o cristal poderia salvar vidas — diz Elian. — E me casar com uma princesa páguesa não seria exatamente ruim para o meu país. Na pior das hipóteses, será uma coisa que o meu pai jamais sonhou que eu conquistaria. Serei um rei melhor do que ele poderia ter esperado.

Apesar do fato de que essas palavras deveriam estar cheias de orgulho, soam agressivas e amargas. Tingidas por um ressentimento enorme e a mesma quantidade de tristeza.

Penso em quanto tempo gastei tentando deixar a minha mãe orgulhosa. Tempo suficiente para eu ter me esquecido de como era sentir alegria ou qualquer outra coisa que não me deram permissão para sentir. Deixei a rainha me dar de presente para um tritão como se eu não fosse nada, senão carne que ele poderia devorar. E o tempo todo estaria argumentando que era algo que eu precisava fazer pelo meu reino. E Elian lançou esta mesma perdição sobre si mesmo. Para carregar o fardo do mundo e a responsabilidade de seu título, ele está disposto a perder as partes de si mesmo que mais valoriza: a liberdade, e a aventura, e a diversão. Partes que eu sequer me lembro de ter.

Desvio o olhar, desconfortável com quanto de mim mesma vejo nos olhos dele.

Mas nada disso importa, porque, de qualquer maneira, você vai ter que roubar o

coração dele, penso comigo mesma. *Que outra escolha você tem?*

— Se o colar é tão precioso assim — digo —, deveríamos simplesmente ter matado Tallis para pegá-lo.

— Você não pode sair matando todo mundo de quem você não gosta.

— Eu sei. Se eu não soubesse, você já estaria morto.

Mas não é verdade. Quase fico surpresa com o quanto isso não é verdade. Porque, mais de uma dezena de vezes, eu poderia ter matado Elian, ou ao menos ter tentado, e cumprido as ordens da minha mãe.

O teto chacoalha antes de Elian conseguir responder. Um ronco sussurra com o vento e, por alguns segundos, acho que pode ser as ondas arrebatando na embarcação patética que Tallis Rycroft chama de navio, mas, então, o ronco fica mais alto e um baque chacoalha a cabine. Poeira chove do teto e, abaixo de nós, as tábuas racham.

Há um coro de gritos, depois, nada, exceto o som de canhões e tiros. De gritos e morte. Do mundo se convertendo em caos.

Elian puxa as cordas com uma ferocidade renovada. Ele fecha os olhos, e escuto um estalar ressonante. Encaro, descrente, enquanto ele tenta arrancar as mãos das amarras, seu polegar agora mole. Por algum milagre, o dedo desliza por metade do caminho antes de a corda se agarrar à sua pele.

— Merda — cospe ele. — Está apertado demais. Eu não consigo me soltar.

A cabine toda range. Uma fenda imensa se abre na parede, e a moldura da janela racha com a pressão. Acima, passos atingem o convés, e o confronto estrondoso das espadas só perde para o rosnado ensurdecedor dos tiros de canhão.

— O que é isso? — pergunto.

— A minha tripulação. — Elian puxa a corda de novo. — Eu reconheceria o som dos canhões do *Saad* em qualquer lugar. — Ele me lança um sorriso que seria capaz de iluminar reinos. — Escute o rosnado do meu amor.

— Eles vieram por causa da gente?

— É claro que vieram por causa da gente — diz Elian. — E se estragarem o meu navio fazendo isso, vão ter que se ver comigo.

Assim que as palavras saem de seus lábios, uma bola de canhão chega quebrando a janela. Ela passa por mim e atinge a viga de madeira na qual Elian foi preso. Ele abaixa a cabeça numa velocidade parecida com a das ninfas, e lascas de madeira chovem em suas costas. Eu paro de respirar, e a náusea sobe pela minha garganta. E Elian levanta a cabeça e sacode a poeira do cabelo.

Solto um suspiro muito, muito longo, e o meu frenético coração humano volta ao ritmo normal. Elian estuda o massacre da madeira ao redor. Então, devagarinho, quase travesso, ele sorri.

O príncipe se levanta e sai de debaixo da viga quebrada. Dá um salto, passa as mãos presas sob os pés, direto para o peito, em um único movimento veloz. Rapidamente, escaneia o cômodo abafado, em busca de algo para cortar a corda, mas a cabine está devastada, exceto por seus dois prisioneiros.

Elian olha para mim, e seu sorriso desaparece ao notar as minhas amarras. A viga intacta prestes a me afundar com o resto do navio. Ele olha para as mãos

atadas, para o polegar ainda dolorosamente deslocado. Então para o cômodo que está vazio demais para ser útil. E para a garota que ele não vai conseguir salvar.

— Pode ir — digo.

Os olhos de Elian enrijecem. Escurecem. Aquele verde desaparecendo sob um redemoinho de raiva.

— Ser uma mártir não combina com você — diz ele.

— Vá *logo* — Sibilo.

— Não vou simplesmente te deixar aqui.

O som de tiros perfura o ar. Então, um grito, um rosnado furioso, tão alto que eu me encolho. Elian se vira para a porta. Lá fora, a tripulação dele pode estar morrendo. Os homens e mulheres que ele chama de família, abdicando de suas vidas para salvar o capitão. E para quê? Para ele entregar a própria vida e salvar o monstro que passou tantos anos caçando? Uma garota que tem planejado roubar seu coração bem debaixo do seu nariz? Uma traidora em todos os sentidos da palavra.

Nós dois colocamos nossa vida e nosso reino em perigo para encontrar o olho e destronar a minha mãe. Se nada mais, não vou ficar parada e ver outra pessoa perder seu reino só para que eu não fique sozinha quando perder o meu.

— Elian. — Minha voz assume uma calma fatal.

— Eu...

— *Fuja!* — grito, e, para a minha surpresa, ele obedece.

Seus dentes rangem por alguns momentos, a mandíbula pulsa sob o peso da decisão. Então, ele se vira. Tão rápido quanto uma flecha, o jovem príncipe dispara da cabine e me deixa à minha própria sorte.



Espero a morte chegar.

Há uma chance de que, quando eu morrer, eu volte à minha forma de ninfa. O cadáver da temível Maldição dos Príncipes, encalhado em um navio pirata. Talvez, um navio naufragado. Talvez, onde ninguém, exceto as sereias, vão me encontrar. Minha mãe pode até fingir lamentar a perda da herdeira, ou pode simplesmente mandar o Comedor-de-Carne ajudá-la a criar outra.

Estou sentindo pena demais de mim mesma quando Tallis Rycroft irrompe pela porta. Seus olhos atravessam a cabine gelada e vazia, e ele arranca da parede uma tábua de madeira, disfarçada de prateleira, os pregos enferrujados se partem com a força.

A calça está manchada de vermelho bem onde a faca de Elian entrou. Pelo rasgo, consigo ver pontos grossos e pretos entrecruzados, recolocando a pele no lugar. Um trabalho apressado, mas parece que deu para o gasto. Elian não deve ter atingido nenhuma artéria.

Os nozinhos das mãos de Tallis estão em carne viva e com arranhões rosados. Quando avança pelo cômodo, manca em passos irregulares. Ele vê a viga quebrada onde Elian estava e rosna, chutando as farpas para mim.

Eu nem sequer me movo.

— Cadê ele? — ladra Rycroft.

Cruzo uma perna sobre a outra, e deixo meus ombros caírem, despreocupada.

— Você vai ter que ser um pouquinho mais específico.

Em dois passos, ele cruza o cômodo e envolve o meu pescoço com as mãos enormes. Ele me ergue e rugue.

— Me diga onde ele está — sibila Tallis. — Ou vou quebrar o seu lindo pescocinho.

O peso de suas mãos ao redor da garganta me faz lembrar do aperto da minha mãe. Quero tossir e me desengasgar, mas não pareço ter ar o bastante. Tem uma fúria sem tamanho nas minhas veias, pressionando e empurrando minhas entranhas, e tudo o que resta é um poço profundo de aversão.

Torço os lábios num rosnado próprio.

— Você parece chateado — digo.

Tallis arranca as mãos de mim.

— Estão destroçando o meu navio — fervilha ele. — Quando eu encontrar aquele desgraçado... Não tenho nem palavras para o que vou fazer. Ele declarou

guerra.

— Acho que foi você que fez isso quando atacou o príncipe midano e o tomou como prisioneiro. Se você acha que isso aqui é ruim, imagine ter todo o exército de ouro devotado a te caçar.

Tallis estreita os olhos.

— Como é que eles falam mesmo, quando alguém ataca um membro de uma das famílias reais? Ah, é. — Meu sorriso poderia cortar até mesmo carne. — Traição à Humanidade. Ainda é passível de afogamento?

O rosto de Tallis perde a cor com a menção.

A última punição ocorreu muito antes de eu nascer, mas as ninfas ainda contam histórias. Humanos que se armaram contra a realeza, quebrando o pacto de paz entre os reinos. Eles foram ancorados no oceano e deixados para a minha espécie. Mas nenhuma ninfa atacou. Em vez disso, observaram os traidores ficarem sem ar e agarrarem a própria garganta. Então, nos últimos momentos deles, elas se aproximavam para que os humanos pudessem se afogar no medo. De acordo com a minha mãe, só quando os corações humanos deram sua última batida foi que as ninfas os arrancaram do peito.

Pela expressão no rosto de Tallis, ele ouviu esses mesmos contos dignos de causar pesadelos.

Ele desembainha a espada em um arco desleixado e pressiona a lâmina na minha bochecha.

— E por que você se importa? — sussurra Tallis. — Ele te deixou aqui, não deixou?

Ele diz isso como se eu devesse me sentir traída, mas nada na acusação me atinge. Elian foi embora porque eu mandei, e o príncipe teria ficado, caso eu tivesse pedido. Teria morrido, talvez, se eu tivesse permitido. Mas não permiti. Resgatei uma pequena parte de mim que eu havia esquecido que existia; uma parte que eu tinha certeza de que a minha mãe havia esviscerado de mim... e o deixei ir.

— Podemos continuar essa conversa depois que você me matar? — pergunto.

Tallis acaricia a minha bochecha com a lâmina. Então, antes de eu sequer ter tempo de estremecer, ele ergue a espada e a desce com tudo.

— Gosto de mulheres que lutam — ronrona Tallis. — Vamos ver do que você é capaz.

Não perco tempo sorrindo antes de transformar minhas unhas em garras.

Não importa o que Tallis esteja esperando, não é meu papel tentar arrancar o coração dele. Como um abutre, eu me atiro e arranho até meus braços ficarem pesados. O peito dele. Os olhos. Tudo e qualquer coisa em que eu consiga colocar as mãos. Quando o pirata me empurra para longe, mal fico no chão por um segundo antes de partir para cima dele outra vez.

Sou um animal, cortando com os dentes sua delicada pele humana. Posso saboreá-la na boca. Acre. Uma mistura estranha de metal e água. Mordo com mais força, até ele me arrancar de seu braço e um pedaço de pele vir junto.

— Sua vadia imunda! — grita ele.

Imagino o quanto devo parecer com o Comedor-de-Carne agora, com um pedaço de Rycroft manchando o cantinho dos meus lábios, e sorrindo como a deusa demoníaca que nos criou. Passo a língua pelos lábios, rosnando enquanto o sangue sujo dele coagula na ponta dos meus dentes.

Tallis marcha até mim, cada passo soa como um trovão sobre as tábuas gastas. Quando ele me alcança, me ergue pelos babados do vestido e me espreme contra a parede. Suas pernas prendem as minhas, joelhos pressionando as coxas.

Ele joga a minha cabeça para o lado com a palma da mão, e minha bochecha é arranhada por um prego torto.

— Vou te fazer pagar por isso — diz ele, soprando hálito quente na minha orelha.

— É claro que vai. — Reposiciono os quadris, mantendo as mãos firmes conforme as enfio sob o tecido do casaco dele. — Mas, primeiro, eu ficaria gráttissima se você pudesse não derramar seu sangue sobre mim.

Assim que sinto a empunhadura da faca debaixo das suas roupas, puxo a mão de volta e então a empurro para frente com violência. Meu pulso torce para a esquerda, e Tallis pisca. Quando ergo a mão com tudo, ele engole em seco, emitindo um som engasgado e laborioso.

Suas mãos largam a minha roupa, e ele cambaleia para trás.

Deslizo parede abaixo e solto um suspiro.

Distração, disse Elian. *Rápido demais para que eles percebam.*

Olho para Tallis. Seus olhos de demônio e a pele tão cinzenta quanto osso. Para a expressão de medo e surpresa que o atinge como uma tempestade marinha. E a faca, a faca dele, cravada em sua barriga. Não foi difícil. Ao que parece, não é fácil notar que alguém está roubando uma arma do seu cinto enquanto, por alguma razão, estão rasgando sua pele com os dentes.

A lâmina entrou tão fundo que a empunhadura mal aparece através da camisa. Um momento se passa antes de ele cair. São segundos nos quais ele franze a testa e arfa antes de a cabeça, por fim, atingir o chão.

Fico parada ao lado do corpo dele e engulo em seco. Há um vazio no meu peito, e a adrenalina, que geralmente chega com a morte, foi substituída por um poço profundo bem ao lado das batidas erráticas do meu coração. Esta é a primeira pessoa que mato desde que me tornei humana e, por alguma razão, pensei que não fosse importar, mas estou lavada em sangue, e Tallis está imóvel. Eu não sei por quê, mas estou tremendo.

Olho para baixo, para ele, mas tudo o que vejo é Crestell morrendo com o som dos gritos de Kahlia ao fundo. Minhas mãos tão lavadas em sangue, o que mais parece uma promessa suplicada entre nós.

Torne-se a rainha que precisamos que você seja.

Fecho os olhos e espero o momento passar. Espero que passe, ou vou acabar enlouquecendo nesta cabine. Não faz sentido pensar nela agora; não é como se Tallis fosse o meu primeiro assassinato desde então. Cerro os punhos e sinto o sangue coagular sob as minhas unhas. Mas Crestell foi o começo de tudo, foi quem a minha mãe usou para me fazer ultrapassar os limites. Como humana, eu

poderia fingir que tinha um passado limpo, se eu quisesse. Pelo menos, por um tempinho. Mas, agora, não. Não mais. Sou uma assassina em todas as minhas vidas.

Abro os olhos e, quando olho para baixo, Tallis voltou a ser Tallis, e o rosto da minha tia volta a ser uma lembrança. Suspiro, aliviada, então aperto os olhos quando algo brilha no canto da minha visão. Sob o sol nascente, tenho um vislumbre da corrente de metal ao redor do pescoço de Tallis. A luz pisca dali, como uma estrela minúscula que luta para se manter acesa. Instável, eu me agacho ao lado do corpo do pirata e puxo o seu colarinho.

O colar páguero ainda está preso ao redor dele. A chave para libertar o olho. Sorrio e torço o fecho, abrindo-o com cuidado, como se eu pudesse acordar o pirata de seu sono, então guardo o artefato roubado no bolso.

Quando a porta da cabine irrompe aberta, eu me assusto. Meus ombros ficam tensos, unhas prontas para se tornarem armas mais uma vez.

Elían nem sequer olha para Tallis Rycroft.

Ele atravessa o cômodo, vindo na minha direção. Olhos brilhantes, verdíssimos e cintilando de alívio. Seu cabelo aponta em todas as direções, despenteado na testa, caindo sobre o rosto. A camisa está rasgada, mas solto um suspiro quando vejo que não há nenhum machucado novo. Apenas sujeira e manchas de pólvora. Não sei se estou aliava porque ainda preciso dele caso eu pretenda destronar a minha mãe, ou se por uma razão completamente diferente.

A faca de Elían está presa ao cinto, sua magia ainda me parece forte demais. E, na mão dele, está uma espada, a espada dele, dourada e cinza cintilando contra o vidro quebrado. Quando me alcança, ele a joga no chão e segura os meus ombros. Seu sorriso é diferente de tudo o que eu já vi. Digo a primeira coisa na qual consigo pensar, refletindo as palavras que ele me disse em Eidýllio:

— Tenho quase certeza de que me livre de você mais cedo.

As bochechas de Elían ganham covinhas, e ele olha para trás. Kye, Madrid e Torik estão reunidos em uma fila apertada bem atrás dele. Eles vieram. Não apenas pelo capitão deles, mas pela naufraga. Pela garota estranha que encontraram flutuando no meio do oceano. Vieram por mim.

Quando volta a se virar para mim, seus olhos estudam o meu rosto. Os lábios viram uma linha fina e tensa quando ele nota os arranhões que queimam a minha bochecha. O sangue que me cobre, muito dele é meu e muito dele está bem longe de ser meu.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— O que eu faço de melhor.

— Me irritando?

— Te salvando — responde ele, recolhendo a espada. — É a segunda vez. Não que eu esteja contando.

Na verdade, é a terceira, se contarmos que ele me tirou da mira de Rycroft quando estávamos no convés do navio. Elían pode não estar contando, mas eu estou.

— Não acredito que você voltou por mim — digo.

Não me dou ao trabalho de esconder a gratidão da voz.

Elian dá um tapinha no cinto, onde a faca descansa feliz.

— Na verdade, eu voltei por isso — diz ele. — Te resgatar foi basicamente uma reflexão tardia.

Eu o encaro.

— Eu não preciso ser resgatada.

Pela primeira vez, Elian olha para o corpo estirado no chão apodrecido. É como se tivesse acabado de notar que o líder dos infames xaprâres, sequestrador tanto de piratas quanto de príncipes, está sangrando até a morte aos seus pés.

— Me lembre de não te deixar nervosa — diz Elian.

— Tarde demais.

Ele sorri. E ainda está sorrindo quando vejo a cabeça de Rycroft se erguer das tábuas. A mão do pirata vai parar na cintura, em pouquíssimos segundos, e quando ele a ergue no ar, fico surpresa ao ver que a pistola é tão preta quanto tinta de lula. Assim que Elian vira a cabeça, ao mesmo tempo que a tripulação avança em pânico, um tiro é disparado.

Não é a primeira vez que escuto uma arma sendo disparada, mas o som parece mais alto. Estremece os meus ossos e retumba no ritmo do meu coração. Tudo é um borrão de sons. O cheiro da pólvora e o grito terrível de aviso que dispara da boca de Kye. Então, Elian. O jeito como o sorriso desaparece ao notar o medo em meus olhos. Três dívidas de vida.

É quase um reflexo quando eu o empurro para longe do trajeto da bala.

Um silêncio instantâneo encobre o cômodo. Um fragmento de segundo no qual o mundo parece ter perdido todo e qualquer som. Então eu a sinto. A dor do metal escaldante rasgando a minha pele humana.

VINTE E NOVE



Eu morri uma vez e, desde então, não consegui morrer de novo.

Eu tinha treze anos na ocasião, ou algum outro número igualmente afortunado. A cerca de um quilômetro e meio da costa midana, há um farol numa pequena faixa de prado flutuante. Os guardiões do mar o usam como ponto de observação, e meus amigos e eu o usamos para provar a nossa bravura. A ideia era nadar esse quilômetro e meio, tocar os tufos de grama submersos e aparecer na superfície como um campeão orgulhoso.

A realidade era não se afogar.

Ninguém nunca nadou aquela distância, porque qualquer um idiota o bastante para considerar fazer isso era jovem demais, e qualquer um velho o bastante sabia da utilidade dos barcos. Mas o fato de que ninguém jamais tinha feito aquilo — e que, se eu o fizesse, seria o primeiro — serviu apenas para deixar a ideia ainda mais interessante. E o rugido do meu cérebro implorando para que eu não morresse se transformou em um sussurro discreto.

Cheguei ao farol, mas não tive forças para emergir. Tive, no entanto, forças para gritar antes de a minha boca se encher de água e eu deixar o ouro me levar embora.

Não sei por quanto tempo fiquei morto, porque o meu pai se recusa a tocar no assunto comigo, e nunca perguntei nada para a minha mãe. Pareceu uma eternidade. Depois, o mundo deve ter sentido uma baita de uma pena de mim, por causa de todas as coisas loucas e letais que fiz desde então, que são muito, muito piores do que um nado de um quilômetro e meio. E ainda estou vivo. Intocado por outra pincelada de mortalidade. Tornado invencível, de alguma forma, por aquela primeira fatalidade.

Assim que a bala zune pelo ar, e sinto as mãos geladas de Lira nas minhas costas, me empurrando para o chão, fico com raiva. Da minha invencibilidade. Do meu talento para sobreviver enquanto todos ao meu redor continuam morrendo.

— Não! — grita Madrid, jogando-se para frente.

Ela estoura a bota contra o queixo de Rycroft, e dentes voam em um punhado de direções. Não consigo me concentrar. Kye a segura pela cintura, prendendo-a, desesperado, enquanto ela tenta se soltar do aperto e acabar com o pirata. Que roubou o capitão dela. Que pode ou não ter vendido a garota para ser escravizada. Que acabou de atirar em uma menina diante dela.

Madrid grita e xinga. Lira não emite som nenhum.

Ela franze a testa, o que parece soar ainda mais alto, e pressiona a mão no buraco em sua lateral. A palma se afasta molhada e trêmula.

Ela olha para o sangue.

— Não está queimando — diz ela, e desaba no chão.

Corro até ela, derrapando por debaixo de seu corpo frágil antes que ele atinja a madeira. Seguro sua cabeça nas mãos, e ela solta um barulho sufocado. Tem sangue. Sangue demais. Toda vez que eu pisco, parece que ele empoça mais e mais até toda a lateral direita do vestido dela estar completamente encharcada.

Coloco a mão em sua costela e pressiono. Ela tem razão: não é quente. O sangue de Lira parece gelo derretido escorrendo pelos meus dedos. Quanto mais forte eu pressiono, mais ela treme. Convulsionando no que tento estancar o frio que escoo dela.

— Lira — digo, a palavra soa mais como um apelo do que um nome. — Você não vai morrer.

Resisto contra a vontade de olhar outra vez para o ferimento. Não quero fazer isso, por medo de que ela realmente morra e minhas últimas palavras para ela sejam uma mentira. Que coisa desprezível seria.

— Eu sei — diz Lira. Sua voz mais firme do que a minha, como se a dor não fosse nada. Ou, pelo menos, como se fosse menos intensa do que algo que ela já sentiu. — Ainda tenho uma montanha para escalar.

A cabeça dela pende ligeiramente, e firmo a minha mão, levantando-a. Se Lira perder a consciência agora, não tem como saber se ela vai acordar.

— Isso iguala o nosso placar, sabia? — digo. — Mas eu ainda tenho um ponto a mais.

Lira se move.

— Rápido — diz ela. Meus dedos estão colados com o sangue dela, a bainha da camisa está encharcada em meus quadris. — Pegue isso para compensar.

Ela ergue um braço trêmulo, e um pequeno pingente cai da mão dela na minha. Mais azul do que os seus olhos, e delicado demais para carregar tanto poder. O colar páguesso.

Ela o pegou.

Rio e penso em qual resposta espertinha eu poderia dar: poderia dizer a ela que o colar não faz o meu estilo, ou que, talvez, eu tenha um igual, só que em ouro. Mas logo os olhos de Lira estremecem, e não tem muito sentido ser engraçado se não for ela quem vai ouvir as minhas piadas.

— Capitão! — grita Madrid, com as mãos de Kye ainda presas ao redor de sua cintura. — Ela precisa de um médico.

Torik surge acima de mim, apertando o meu ombro com as mãos fortes e me trazendo de volta à realidade. Engulo em seco. Assinto. Levanto-me, com Lira leve demais nos meus braços. Corro pelos detritos do navio de merda de Rycroft, deixando uma trilha de sangue no meu rastro.

— Mexam-se! — grito, assim que coloco o pé outra vez no *Saad*. — E explodam aquele navio, mandem-no de volta ao Inferno em nossa esteira.

O *Saad* guina, e a minha tripulação mergulha em anarquia. Correm de uma

ponta do convés até a outra, puxando as cordas dos cabrestantes e prendendo a retranca outra vez no cunho. Ajustando as velas e procurando o vento. Continuo avançando, empurrando os que estancaram ao notar a garota encharcada de sangue nos meus braços antes de oferecerem ajuda.

— Elian — diz Kye. — Você está machucado. Deixe que eu a carregue.

Eu o ignoro e viro para Torik. Sua expressão está arrasada ao encarar Lira. Ela pode não ter sido uma de nós antes, mas estar quase morrendo por ter cumprido seu dever tem um jeito de assegurar a lealdade das pessoas.

— Certifique-se de que o médico esteja pronto — digo, e o meu imediato assente.

Rycroft está estirado sem qualquer cuidado no ombro dele, o sangue do pirata pinga pelas costas de Torik. Ele está vivo, mas por muito pouco e, se eu colocar as mãos nele, o pirata não vai continuar assim por muito tempo. Com Lira ainda inconsciente nos meus braços, grito para Torik buscar o médico, e ele arremessa Rycroft no chão sem nem hesitar antes de correr para o convés inferior.

Na verdade, não temos um médico, mas o meu engenheiro-assistente viajava com um circo plásmatês e isso vai ter que ser o bastante. No que levo Lira até ele, através das voltas e túneis do meu navio, sou pego de surpresa pela noção de que entre todos os príncipes, e piratas, e assassinos e condenados, um garotinho de circo é o único que pode nos ajudar. É engraçado, e penso em como Lira riria, sabendo que um engenheiro novato vai custurar a pele dela de volta ao que era antes. Imagino que comentário ácido ela soltaria e como ele entraria em mim como se fosse algum tipo maravilhoso de veneno. Como um tiro.

Abro caminho ao entrar no cômodo abarrotado, Kye está correndo atrás de mim. O suposto médico aponta para uma mesa no meio da casa de máquinas.

— Coloque-a ali — diz ele, apavorado. — E abra o vestido dela.

Faço o que ele manda e pego a minha faca. A coisa estranha é que, em um primeiro momento, não acho que vou conseguir ver mais sangue jorrando da ferida, parece estar tudo no vestido dela e em mim, então, quando vejo o sangue, não parece ser o bastante. Ou, talvez, todo ele já tenha saído. Talvez não haja mais sangue sobrando.

— Deuses. — Kye recua quando corto o vestido de Lira. — Ela vai sobreviver?

— E você se importa? — respondo, ríspido.

Não é culpa dele, mas gritar com Kye parece um pouco com gritar comigo mesmo, e preciso ser punido agora. Porque é culpa minha. Se Lira morrer, vai ser culpa minha.

Não acredito que você voltou por mim.

Mas eu a abandonei primeiro.

— Eu não quero que ela morra, Elian. — Kye aperta o meu braço, mantendo-me firme no lugar, enquanto os farrapos dentro de mim ameaçam me dismantelar. — Eu nunca quis. Além disso — Kye enfia a mão no bolso e suspira ao dizer as palavras seguintes —, ela te protegeu quando eu não consegui.

— Parece que foi um tiro certeiro — diz o médico, e eu me viro, a ironia

disso tudo me corroendo. Foi um tiro errado, sem qualquer sombra de dúvida. — Só pegou as costelas dela de raspão — diz ele. — Mas vou ter que verificar se algum órgão foi atingido. — Ele aponta um dedo enlurvado para Kye. — Não fique parado aí, bloqueando a luz. Traga algumas toalhas para mim.

Kye não se irrita com a ordem, nem argumenta que deveríamos deixar Lira morrer para nos certificarmos de que ela não nos traia. Ele se vira, sai correndo do cômodo, e nem perde tempo para me encarar com desgosto.

— Nada importante foi atingido — diz o médico.

Ele enuncia a última parte como se fosse um adendo, mas, quando se vira para mim, seus olhos estão esperançosos.

— Eu não sei — digo a ele. — Tinha muito sangue.

Ele dá de ombros e pega um aparelho que não parece exatamente legítimo em uma caixa de ferramentas ali perto.

— Ainda não me deparei com uma máquina que eu não pudesse consertar — diz ele. — O corpo humano é só mais uma delas. — Ele me encara com olhos seguros. — Uma vez, salvei a vida de um macaco que tinha levado uma facada nas costelas. Foi um acidente com um balão que estourou. Isso aqui não é tão diferente.

Acho que ele disse para me reconfortar, então assinto assim que Kye volta a entrar com tudo no cômodo com um punhado de toalhas limpas. Em seguida nós dois somos levados para fora pelo mesmo caminho que entramos, e não reclamo. Estou feliz por ter sido mandado embora para que o médico possa trabalhar, por não precisar mais encarar o corpo imóvel de Lira e pensar em como nunca a vi tão vulnerável. Tão capaz de ser finita.

Não me dou nem um segundo para respirar antes de voltar ao convés, indo em direção ao corpo de Rycroft. Minha tripulação dilata as narinas, esperando permissão. Ao meu lado, sinto a rigidez da postura de Kye. Mal capaz de se controlar e esperando, com desespero, que eu não lhe peça para conter os outros. Minha tripulação é assim. Eles não precisam ser amigos. Não precisam nem mesmo gostar um do outro. Estar no *Saad* é a mesma coisa que ser uma família. E, quando ela me salvou, Lira provou algo a Kye. Eu a prendi em uma cela e a fiz negociar o seu lugar no meu navio, mas ela, ainda assim, me salvou, acreditando que era a coisa certa a se fazer. Uma vida por uma vida. Confiança por confiança.

Tallis Rycroft me encara, e não está vivo o bastante para fazer com que o ato seja ameaçador. O olho esquerdo está fechado, um inchaço se erguendo como o topo de uma montanha, e os ferimentos em seu rosto deixam os lábios indistinguíveis. O buraco na barriga continua sangrando.

— O que você vai fazer com ele? — pergunta Kye. Sua voz longe de estar calma, e algo desequilibra aquele tom geralmente despreocupado. Ele quer vingança tanto quanto eu. E não apenas pelo pirata ter sequestrado seu capitão, mas pela garota ferida, agora deitada na escumalha do nosso navio.

— Eu não sei.

Um canivetezinho passeia pelos dedos de Madrid. Quando o objeto a corta, ela deixa o sangue pingar na perna machucada de Rycroft.

— Ele não merece viver — diz ela. — Você não precisa mentir para nós.

Um dos olhos de Rycroft pisca, devagarinho, quando ele compreende a tempestade que criou. O jovem príncipe em mim quer sentir pena dele, mas continuo olhando para as longas linhas em meia-lua que afundam em seu bíceps. Feridas criadas por Lira ao tentar afastá-lo. Marcas de unha muitíssimo parecidas com as que eu tenho no meu peito.

Hesito, pego de surpresa quando a imagem distorcida da Maldição dos Príncipes cruza a minha mente. Ela poderia ter quebrado o meu pescoço ou feito um sem-fim de coisas para me incapacitar, mas, em vez disso, ela permitiu que as garras rasgassem o meu peito bem devagarinho. Era esse o problema das ninfas. Sempre iam direto para o coração.

— Capitão — chama Madrid, e pisco para afastar a imagem.

— Eu vou achar um trecho de água infestada por tubarões — digo a ela, recuperando a compostura. — Então vou jogar o membro preferido dele lá.

Há um silêncio fleumático, enquanto todos que puderam me ouvir consideram as palavras. Rycroft volta a piscar com apenas um olho.

— Da próxima vez — diz Kye, pigarreando —, minta para nós.

— E Lira? — pergunta Madrid.

Dou de ombros.

— Depende do quanto ela vai estar boazinha ao acordar.

— O que eu quis dizer — diz Madrid —, é se ela vai mesmo ficar bem?

Olho para baixo, encarando Rycroft, e preciso usar até a última gota da minha força para sorrir.

— A minha tripulação não morre com tanta facilidade.

É uma frase clichê, mas preciso que todos acreditem nela. *Eu* preciso acreditar nela. Imagino Lira, e é como se eu pudesse sentir o sangue frio dela pingando das minhas mãos como gelo derretido. Se ela morrer, então o meu plano e toda a missão morre com ela. Acima de tudo, estou contando os minutos para que o nosso engenheiro novato apareça e me diga que está tudo bem. Que Lira não morreu por mim e que ela ainda pode me oferecer a última peça do quebra-cabeça para libertar o Cristal de Keto de sua cela.

Que talvez, apenas talvez, eu não precise cortar mais nenhum pedaço de Rycroft.



Eu acordo e na mesma hora desejo que não tivesse feito isso.

Sinto uma dor crua nas minhas costelas, como se uma criatura estivesse roendo a minha pele, e me sinto tonta, como acontece quando durmo demais.

O cômodo em que estou parece tão bagunçado quanto os meus pensamentos. Afasto minha camisa aberta do caminho e levo as mãos às minhas costelas muito bem enfaixadas. Rilho os dentes ao deixar minhas pernas balançarem na lateral do banco. Não passo mais de um segundo sentada antes de o rilhar se transformar numa mordida.

— Tem alguma coisa nas feridas por bala que também me faz querer pular para fora da cama.

Kye está lavando as mãos em uma pia ali perto. Estão cobertas de óleo e graxa. Quando termina, ele sacode a água para longe dos dedos e se vira para mim com um olhar condenatório.

— Isso daqui era para ser uma cama? — pergunto.

Ele apoia a mão molhada na minha testa, e luto contra a vontade de me encolher com o frio.

— Acho que você não está mais morrendo — diz ele.

— E eu estava morrendo antes?

Ele dá de ombros.

— Talvez. Mas o pequeno médico de circo deu um jeito em você. Ele até me ensinou a enfaixar a ferida para que ele pudesse se concentrar em manter o navio flutuando. — Kye aponta as bandagens com a cabeça, seu olhar está presunçoso. — Ficou perfeito, não ficou? Foi a minha primeira vez.

— Você não poderia ter me arranjado uma cama também? — pergunto, sem deixar de notar que alguém, espero que Madrid, e não Kye, me vestiu em algo mais simples e confortável do que a roupa com que eu estava.

— Madrid trouxe uns travesseiros para você. — Kye enxuga as mãos em um trapo ali perto. — É o melhor que pudemos fazer, pois te tirar daqui não era uma opção.

Olho para baixo, em direção ao lençol manchado e ligeiramente enrolado ao meu redor. Tem uma almofada de veludo preto onde a minha cabeça estava, macia o bastante para eu ter dormido pelo tempo que dormi, e outra fina, oval, com o formato dos meus pés marcado lá. Não é nada digno de uma rainha, mas para uma vítima de tiro que está a bordo de um navio pirata poderia ser considerado um luxo.

— Como você está se sentindo? — pergunta Kye, e eu sorrio.

— Você ficou preocupado? — Quando ele não responde, testo minhas costelas e solto um longo suspiro. — Me sinto bem — digo.

A bandagem está justa ao redor do meu corpo, e a roupa parece limpa e seca sobre a pele úmida. Deve ter sido trocada há pouco, percebo, o que significa que Kye tem estado de olho em mim.

— Esperava que fosse Madrid — digo a ele. — Entre todas as pessoas, não pensei que fosse ser você.

— Ela ficou aqui por um tempinho — diz ele. — Mais do que um tempinho, na verdade. Tive que mandar a garota dormir antes que ela tentasse grampear os olhos para ficarem abertos. — Ele olha para as mãos. — Ela ficou preocupada com a possibilidade de você ser outra garota que não conseguiria escapar.

— Escapar do quê?

— Do Rycroft — diz ele, então se mexe, desconfortável. — Estou feliz por você ter acordado.

O comentário não soa tão casual quanto ele queria. Apesar de toda a desconfiança entre nós, Kye e o resto da tripulação arriscaram a vida e voltaram por minha causa. E enquanto estive deitada e sangrando no navio deles, não me deixaram dormir sozinha. Ficaram bem ali. Foram atrás de mim, e ficaram.

— Então você confia em mim agora? — pergunto.

— Você quase morreu tentando salvar o Elian. — Kye pigarreia, como se fosse um esforço dizer aquilo. — Então, que nem eu disse antes, estou feliz por você ter acordado.

— Estou feliz por você não ter me matado enquanto eu estava inconsciente.

Kye bufa, sorrindo.

— Gostei do seu jeito de me agradecer.

Rio, então me encolho.

— Quanto tempo eu dormi?

— Alguns dias — diz ele. — Tínhamos alguns sedativos bem fortes, e pensamos que fosse uma boa ideia você descansar um pouco. — Ele pega o trapo na pia e o passa, desconfortável, entre as mãos. — Olha — diz ele, cauteloso. — Sei que dificultei a sua vida, mas foi porque o Elian gosta de brincar com a morte mais vezes do que o necessário, e o meu trabalho é impedir que isso aconteça sempre que eu puder.

— Como um bom guarda-costas — digo.

— Como um bom amigo — corrige ele. — E acho que você ter levado um tiro por ele significa que ganhou um descanso da minha chatice. — Kye suspira e joga o trapo no meu colo. — Acho que isso te faz ser uma de nós, oficialmente.

Levo um instante para processar. A ideia de o meu lugar ser ao lado deles em uma embarcação que navega para todos os lugares e para lugar nenhum. É o que eu queria, não é? Conquistar a confiança da tripulação para que não suspeitassem de mim. Mas, ainda assim, no instante em que Kye diz aquilo, não penso em como conquistei uma confiança que planejo quebrar. Penso no quanto é diferente

ser meio que um soldado, conquistando lealdade ao salvar vidas, em vez de as destruí-las. Lutando uma guerra no lado oposto.

— Eu não ouvi bem a sua desculpa — digo. — Pode repeti-la?

Kye me encara, mas de um jeito diferente de antes. Mais leve, sem nada hostil por detrás. Um sorriso se fixa em seu rosto.

— Acho que o Elian te ensinou a versão dele de humor — diz Kye.

Com a menção do nome de Elian, faço uma pausa.

Ele tinha prometido que não voltaria por mim caso algo desse errado, e fez exatamente aquilo. No segundo que se libertou das amarras e teve a oportunidade de partir, não quis fugir.

Fecho os olhos com força, e minha cabeça começa a latejar. Meu único propósito neste navio é matar o príncipe e, quando a oportunidade surgiu para que outra pessoa o fizesse, eu impedi.

Empurrei Elian para longe da bala do mesmo jeito que ele me tirou do oceano. Sem pensar nem ponderar o que aquilo poderia vir a significar ou como poderia me beneficiar. Fiz o que fiz porque parecia ser a única coisa a se fazer. A única coisa certa a se fazer.

No meu mundo, Kahlia é o que resta da minha inocência perdida. A única prova de que existe uma pequena parte de mim intocada pela minha mãe. Não sei por quê, mas Elian evocou o mesmo sentimento feroz que eu costumava deixar reservado apenas para a minha prima. O desejo de permitir que as fagulhas de lealdade e *humanidade* em mim assumissem o controle. Somos iguais, ele e eu. Assim como olhar nos olhos de Kahlia é quase o mesmo que olhar para uma lembrança da minha infância, estar perto de Elian parece ser estar perto de uma versão alternativa de mim. Reflexos um do outro: em um reino diferente, em uma vida diferente. Estilhaços de um mesmo espelho. Existem mundos entre nós, mas isso parece ser mais semântica do que uma evidência tangível do quanto somos dissimilares.

Tudo está mais turvo agora. E Elian deixou a situação desse jeito em apenas um segundo, com uma ação tão simples quanto respirar: ele sorriu. Não porque eu estava sofrendo, ou me curvando, ou sendo maleável a qualquer desejo ou ordem dele, como eu fazia com a minha mãe. Ele sorriu porque me viu. Livre e viva, e no caminho de volta para ele.

Estive tão focada em colocar um fim ao reinado da minha mãe que nem sequer pensei em como eu poderia colocar um fim à guerra dela. Mesmo se eu encontrasse o olho, ainda planejava roubar o coração de Elian, assim como a minha mãe havia ordenado, pensando que isso provaria algo ao meu reino. Mas o quê? Que eu era igual a ela, que valorizava a morte e a selvageria, em vez de a misericórdia? Que eu trairia qualquer um, mesmo quem era leal a mim?

Se eu encontrar o olho, talvez não sejam apenas as ninfas que não precisarão mais sofrer, mas os humanos também. Talvez eu possa acabar com o ressentimento antigo que começou em morte. Ser um novo tipo de rainha, que não transforma as filhas em assassinas.

Penso em Crestell protegendo Kahlia de mim e oferecendo sua vida no lugar

da dela.

Torne-se a rainha que precisamos que você seja.

— Eu deveria ir chamar o capitão — diz Kye, arrancando-me dos meus pensamentos.

Deslizo do banco, permitindo que a dor me encharque e, então, desapareça. Equilibro-me ao me levantar e foco na urgência recém-descoberta.

— Não — digo a ele. — Não faça isso.

Kye hesita à porta, a mão pressionando a maçaneta.

— Você não quer que ele venha? — pergunta o garoto.

Balanço a cabeça.

— Não vai ser necessário — digo. — Eu vou atrás dele.



Págos está próxima e, a cada légua, o ar fica mais rarefeito. Sentimos isso todas as noites, quando os ossos rangem com o navio enquanto o *Saad* desliza pela água que, logo, vai se transformar em neve meio derretida e gelo. Não importa quanto tempo ainda falta, pois Págos é algo que é sempre sentido de dentro de nós. Mais e mais a cada braça, o lugar se agiganta no horizonte. A parte final da nossa missão, onde o Cristal de Keto aguarda para ser liberto.

Rycroft é um fantasma agora, mais do que algum dia foi, escondido abaixo do convés com gaze e remédios quase insuficientes para mantê-lo vivo. O mínimo necessário para que aguentasse a jornada conosco. Ainda não desci até lá, mas deleguei a responsabilidade a Torik e aos outros membros da tripulação que podem lidar com ele de modo satisfatório, contendo-se muito melhor que eu.

Madrid não é confiável. Não em se tratando de um de seus compatriotas. As memórias dela tendem a macular sua moral, e eu entendo. Kye, também. Não há qualquer parte de mim que confie nele para ficar de olho em Rycroft e entregar comida que não esteja envenenada. E mais do que qualquer um deles, tem eu. A pessoa em que eu menos confio.

Lira pode estar viva, mas isso não coloca um fim nas coisas. O alívio se acumulou acima da raiva como uma camada fina, mascarando o ódio bem o suficiente para que não possa ser visto, mas nunca o bastante para fazê-lo desaparecer. Mas, não importa se eu vá ou não descer até lá, Rycroft sabe muito bem o destino que o aguarda. Até ele consegue ouvir o uivo baixinho de Págos. Das profundezas da cela de cristal, onde Lira um dia esteve, e onde ele vai permanecer até eu o entregar ao reino de gelo. Ele pode ouvir os assobios no vento, em um cômodo tão escuro quanto sua alma. E, quando finalmente chegarmos, vai viver com eles, enquanto apodrece numa cela tão fria quanto seu coração.

— Você não está bebendo.

Lira se demora nos degraus do convés do castelo. Um cobertor está enrolado frouxamente ao redor de seus ombros e, quando ele escorrega, ela se encolhe e puxa o tecido. Tento não notar como a garota estremece quando movimenta o braço rápido demais, esticando a lateral do corpo e perturbando a ferida.

Estendo a mão para equilibrá-la, e o olhar que Lira me lança não é nada menos do que venenoso.

— Você quer que eu corte a sua mão fora? — pergunta ela. Mantenho a mão pairando no espaço entre nós.

— Na verdade, não.

— Então afaste-a da minha cara.

Ela endireita a postura e se acomoda ao meu lado. As bordas do cobertor roçam meus braços. Sempre faz muito frio de noite, frio o bastante para que dormir de botas pareça ser a única maneira de preservar os dedos. Mas tem algo em estar ali em cima, com as estrelas e o som do *Saad* nadando em busca de aventura, que me mantém aquecido, mais do que eu poderia ficar caso estivesse encolhido na minha cabine.

— Estou longe de ser uma inválida — diz Lira.

— Você é um *pouquinho* inválida, sim.

Não preciso encará-la para ver seus olhos flamejando no ar entre nós. Lira tem um jeito de olhar para as pessoas, de olhar para mim, que pode ser tanto sentido quanto visto. Se seus olhos não tivessem um tom tão surpreendente de azul, eu poderia jurar que não passam de carvão em brasa por conta do fogaréu que arde dentro dela.

Toco o colar páguesso pendurado no meu pescoço, enquanto a concha pende do dela. A chave para tudo. Para pôr um fim à guerra que tem durado gerações.

— Se você levar um tiro — diz Lira. — Vou te tratar como se você fosse incapaz de fazer as coisas mais simples do mundo. — Ela envolve os braços ao redor dos joelhos para afastar o frio. — Vamos ver se você vai gostar quando eu estender o braço para te ajudar a andar, apesar de você não ter levado um tiro na perna.

— Eu ficaria lisonjeado — digo —, por você ter procurado uma desculpa para segurar a minha mão.

— Talvez eu esteja procurando uma desculpa para te dar um tiro.

Olho de soslaio para ela e me apoio nos meus cotovelos.

O convés do *Saad* está abarrotado pelos meus amigos derramando bebida na madeira envernizada e cantando canções que ricocheteiam nas velas com as rajadas de vento. Vendo-os desse jeito, tão felizes e em paz, sei que nada poderia ser mais forte do que o oceano que nos une. Nem mesmo o sangue.

— Madrid disse que você vai entregar o Rycroft quando chegarmos a Págos.

— Faz um tempo que anunciaram uma recompensa pela cabeça dele — explico. — Mas os serviços dos xaprâres eram valiosos demais para qualquer um dos reinos justificar um ataque contra eles. Agora que as trevas foram dizimadas por nós, não duvido de que ele se tornará um homem procurado. Se Rycroft não valer de mais nada, pelo menos vamos ter uma vantagem para garantir que o rei páguesso nos dê acesso à montanha, assim poderemos pegar o cristal e acabar com essa coisa toda.

Lira se reclina para ficarmos cara a cara com o outro. O cabelo dela está mais rebelde do que nunca, e o vento da tempestade que se aproxima não ajuda nada. Ele sopra em seus olhos e fica agarrado em seus lábios, prendendo-se às sardas nas bochechas pálidas. Cerro os punhos ao lado do corpo, resistindo ao impulso de esticar a mão e afastar o cabelo de seu rosto.

— Você realmente odeia tanto as ninfas assim? — pergunta ela.

— Elas matam a nossa espécie.

— E você mata a delas.

Minhas sobrançelas franzem.

— É diferente — digo. — Nós fazemos o que fazemos para sobreviver. Elas fazem o que fazem porque querem nos ver todos mortos.

— Então é vingança?

— É retaliação. — Endireito a postura. — Não é como se pudéssemos conversar com as ninfas. Não podemos simplesmente assinar um tratado de paz como fizemos com os outros reinos.

— Por que não?

A distância na voz de Lira me faz pausar. A resposta deveria ter vindo de forma rápida e fácil: porque elas são monstros, porque elas são assassinas, por um milhão de razões. Mas não digo nenhuma delas em voz alta. Na verdade, a ideia de isso não acabar em morte nunca passou pela minha cabeça. De todos os resultados e possibilidades que considere, a paz nunca foi uma delas. Se eu tivesse a oportunidade, eu a aproveitaria?

Lira não olha para mim, e odeio não conseguir interpretar a expressão em seu rosto.

— Por que você está me questionando quanto a isso? — pergunto. — Pensei que a Rainha do Mar tivesse roubado tudo de você, que você quisesse usar o Cristal de Keto para acabar com a guerra. Você quer vingar a sua família tanto quanto eu quero vingar o Cristian.

— Cristian? — Lira olha para mim agora, e quando ela diz o nome dele, o ar entre nós congela.

— Ele era o príncipe de Adékaros.

Passo uma das mãos pelo cabelo, de repente sentindo raiva e perdendo o foco. Um homem como Cristian ter morrido e um homem como Rycroft ter sobrevivido é mais do que injusto.

Lira engole em seco.

— Vocês eram amigos.

A voz dela parece infeliz, o que me distrai. Não consigo me lembrar da voz dela soando como nada além de irritada.

— Como ele era? — pergunta.

Há palavras incontáveis que eu poderia usar para descrever Cristian, mas a personalidade de um homem é mais bem compreendida por suas ações do que pelos lamentos de quem o amou. Cristian era cheio de provérbios e sentimentos que nunca compreendi, e gostava de zombarias tanto quanto eu gostava de ouvi-las. Não houve sequer uma situação na qual nos encontrássemos que Cristian não achasse precisar de um ditado. *Amor e loucura são duas estrelas no mesmo céu. Não se pode construir um telhado para manter a chuva do ano anterior longe.* Ele sempre tinha alguma frase pronta para acalmar o meu lado descomedido.

Penso no que Cristian diria agora, caso soubesse o que estou planejando. Qualquer outro homem desejaria vingança, mas sei que ele não veria o cristal como uma arma. Nem ia querer que eu o encontrasse.

Se a sua única ferramenta for uma espada, então você sempre atacará os seus problemas.

Em vez de dizer tudo isso a Lira, seguro o colar páguesso e falo:

— Você acha que ela vai sentir?

— Quem?

— A Maldição dos Príncipes — digo. — Você acha que ela vai sentir quando a Rainha do Mar morrer?

Lira solta um suspiro que vira fumaça em seus lábios. O ar está rarefeito e perigoso. O vento nos corta como adagas, enquanto uma tempestade ruga ao se aproximar. Posso sentir o cheiro da chuva antes de sua chegada, e sei que, dentro de momentos, o céu vai desabar sobre nós. Ainda assim, não me mexo. A noite relampeia e rosna, nuvens pesadas se arrastam uma em direção à outra, fundindo-se em uma sombra infinita que esconde as estrelas. Fica mais escuro a cada segundo.

— Eu me pergunto se ela sequer pode sentir alguma coisa — diz Lira. Ela se reacomoda e, quando se vira para mim, os olhos estão vazios. — Acho que não vamos precisar ficar nos perguntando essas coisas por muito mais tempo.

TRINTA E DOIS



À noite, sonho com a morte.

Os mares correm vermelhos com sangue, e corpos humanos flutuam junto com a espuma dos meus parentes mortos. Quando as ondas, por fim, elevam-se alto o bastante para afagarem a noite, elas arrebetam e os corpos são desfigurados contra o fundo do mar.

A areia explode abaixo deles, espalhando o meu reino em flocos dourados. No meio disso tudo, o tridente da minha mãe se liquefaz. Grito o nome dela, mas não faço mais parte daquele grande oceano, então ela não me escuta. Ela não me vê. Ela não sabe que estou observando sua queda.

Ela deixa o tridente definhar e derreter.

Elian está parado ao lado dela, e a água recém-iluminada pelo sol se abre para ele. Seus olhos são piscinas vastas, e a mandíbula foi moldada com pedaços de naufrágios e corais quebrados. Todo movimento que ele faz é tão rápido e fluido quanto uma onda gigantesca. Ele pertence ao oceano. É feito de oceano, assim como eu.

Semelhantes.

Elian encara o fundo do mar. Quero lhe perguntar por que ele está tão fascinado pela areia, sendo que há todo um mundo neste oceano que ele nem sequer pode começar a imaginar. Por que ele não vê isso? Por que não se importa o bastante para olhar ao redor? Eu vi o mundo através dos olhos dele; ele não pode vê-lo através dos meus?

A vontade de gritar ameaça tomar conta de mim, mas só consigo me lembrar das palavras em psáriin, e não ousou falar o idioma perto dele.

Eu o observo se voltar para a areia, o rosto tão claramente devastado quanto o da minha mãe.

Só então, quando tenho certeza de que vou enlouquecer com a angústia, é que, de repente, eu me lembro do idioma dele. Com pressa, esquadrinho o midão e encontro as palavras para dizer a ele. Quero explicar o quanto o meu mundo poderia ser cheio de magia e possibilidade se não fosse pelo reinado da minha mãe. Quero confortá-lo com a chance de paz, não importa o quão pequena. Dizer a ele que as coisas poderiam ser diferentes caso eu fosse rainha. Que eu não nasci uma assassina. Mas encontro as palavras tarde demais. Quando ficam claras na minha mente, enxergo a verdade do que Elian vê.

Ele não está encarando a areia, mas os corações que rebentaram dela.

Não olhe. Não olhe.

— Foi você? — Os olhos de Elian encontram os meus. — Foi você? — pergunta ele de novo, em psáriin.

As pontas afiadas do meu idioma são o suficiente para cortar a língua do príncipe, e me encolho quando sangue escorre da boca dele.

— Eu roubei muitos corações — confesso. — O dele foi o último.

Elian balança a cabeça, e o riso que escapa de seus lábios é um eco perfeito do da minha mãe.

— Não — diz ele. — Não foi.

Ele estica as mãos, e eu cambaleio para trás, horrorizada. Não estou mais no controle quando as minhas pernas cedem e me jogam no chão. Olho para o coração nas mãos de Elian, sangue se acumula entre a ponta dos seus dedos. Não é um coração qualquer. É o coração dele.

— É disso que você está atrás? — grita.

Ele dá um passo para frente, e eu balanço a cabeça, alertando-o para não chegar mais perto.

— Lira — sussurra Elian. — Não era isso o que você queria?

Eu acordo, ofegando por ar.

Minhas mãos agarram o lençol branco e fino, e meu cabelo escorre sobre os ombros nus. O navio balança de um lado ao outro bem devagar, mas o movimento que eu costumava achar reconfortante me deixa mais nauseada a cada segundo. Meu coração lateja descontroladamente no peito, tremendo mais do que batendo.

Quando descerro os pulsos e solto o lençol, há arranhões na minha palma. Traços vermelhos e raivosos ao longo das linhas da minha mão. Não importa o quanto eu tente, não consigo acalmar a respiração.

A imagem do coração de Elian se repete em um ciclo inconstante. A traição em seus olhos. O som punitivo da gargalhada da minha mãe.

Passei a vida toda me escondendo da possibilidade de ser algo diferente do que a minha mãe disse que eu deveria ser. Engolindo a criança com desejo de ser algo diferente. Eu era uma ninfa, então eu era uma assassina. Nunca foi certo ou errado; apenas foi. Mas, agora, minhas memórias são sonhos cruéis que se distorcem em visões impiedosas e me acusam de um passado que não posso negar.

A verdade do que eu sou se tornou um pesadelo.

TRINTA E TRÊS



A água é neve meio derretida quando o *Saad* atraca. O frio tem uma presença fiel aqui e, com o crepúsculo se aproximando rapidamente, o ar parece quase congelado com a iminente ausência do sol. Apesar disso, está tão claro como se fosse de manhã. O reflexo do céu enregelado na água branca, salpicada com tufos de gelo e neve, cria um reino que é lindamente desprovido de escuridão. Mesmo na calada da noite, o céu não fica mais escuro do que um azul manchado, e o chão age como luz para guiar o caminho. Neve, refletindo o cintilar eterno das estrelas.

Págos.

Sinto o bater do colar em meu coração quando pisamos na neve. Finalmente, o cristal está ao nosso alcance. Tenho a chave e o mapa para navegar pela rota, e tudo o que falta é Lira me contar os segredos do ritual.

Sinto o ar gélido na minha pele, e apesar de as minhas mãos estarem embrulhadas sob luvas grossas, ainda assim enfio os punhos nos bolsos. O vento penetra todas as camadas, inclusive a pele. Estou vestindo pelagens tão grossas que caminhar é um empenho, o que me faz ir mais devagar do que eu gostaria. E, apesar de saber que não há qualquer ameaça de um ataque iminente, ainda não gosto do fato de não estar preparado, caso algo aconteça. Isso me faz estremecer mais do que o frio algum dia seria capaz.

Quando me viro para Lira, as pontas do cabelo dela estão brancas com a geada.

— Tente não respirar — digo a ela. — Pode ser que fique emperrado no meio do caminho.

Lira ergue o capuz.

— Então você deveria tentar não falar — retruca ela. — Ninguém quer que as suas palavras sejam preservadas por toda a eternidade.

— Na verdade, tudo o que eu digo são pérolas de sabedoria.

Mal consigo enxergar os olhos de Lira sob o volume de pelo escuro em seu casaco, mas a curva descontente em seu sorriso nunca desaparece. Perdura numa diversão calculada, enquanto a garota considera o que vai dizer a seguir, preparando-se para ricochetear o próximo golpe.

Lira tira um fio de gelo do cabelo, engenhosamente indiferente.

— Se é isso o que pérolas valem hoje em dia, vou me certificar de investir em diamantes.

— Ou ouro — digo a ela, convencido. — Ouvi que vale o peso que tem.

Kye sacode a neve da sua espada e bufa.

— Assim que os dois puderem parar de me deixar com vontade de vomitar, por favor, não se abstenham.

— Você está com inveja porque não estou flertando com você? — pergunta Madrid, aquecendo os dedos no mecanismo de gatilho da própria arma.

— Eu não preciso que você flerte comigo — diz ele. — Sei muito bem que você me acha irresistível.

Madrid volta a guardar a arma no coldre.

— Na verdade, é muito fácil resistir a você nessas roupas aí.

Kye olha para o casaco vermelho lustroso que se acomoda confortavelmente no seu corpo ágil. O colarinho de pelo acaricia sua mandíbula e obscurece a ponta das suas orelhas, dando a impressão de que ele não tem pescoço. O garoto lança um sorriso para Madrid.

— É por que você me acha mais gostoso sem nenhuma roupa?

Torik solta um suspiro de desprezo e aperta a ponte do nariz. Não sei se por causa das horas que passamos sem comida ou se por causa da impossibilidade de usar bermuda no frio congelante, mas a paciência dele parece estar minguando.

— Eu poderia jurar que estou metido em uma missão de vida ou morte com um bando de crianças depravadas — diz ele. — Daqui a pouco, vocês todos vão escrever recadinhos de amor em garrafas de rum.

— Certo — diz Madrid. — Agora eu estou com vontade de vomitar.

Rio, mas o som se perde no ritmo dos tambores nômade que avançam em nossa direção. Acima, uma fileira de guerreiros se aproxima. Há pelo menos uma dezena deles, alinhados em uma formação militar perfeita, marchando impetuosamente na nossa direção. Mesmo com a nevasca, são fáceis de identificar. A neve faz um péssimo trabalho ao disfarçar suas silhuetas imponentes e a formação impressionantemente organizada. Eles escalam com passos em harmonia perfeita, esmagando a neve a cada batida dos tambores. Parecem gigantes, e seus uniformes são tão escuros que tingem a paisagem vazia.

Quando nos alcançam, há um silêncio momentâneo enquanto estudamos uns aos outros.

Mesmo sob as camadas de pelo e proteção, não é difícil distinguir a realeza dos soldados. Os quatro membros da família páguessa se posicionam como titãs, adornos de cabeça magníficos feitos com pele de caça e que escorrem pelas costas em capas gloriosas. Seus olhos espreitam sob as mandíbulas de seus respectivos animais: urso-polar, raposa-polar e lobo selvagem. E no meio dos guerreiros e seus irmãos: o leão da neve.

Cada animal é de um tom glorioso de branco que derrete na neve aos pés deles. É um contraste gritante contra as armaduras e armamentos pretos: lanças e espadas, todas no tom mais escuro de ébano. Brilham de uma forma que quase os fazem parecer líquido.

Os irmãos págueses afastam as peles de animal que os protegem do frio. Como esperado, o rei Kazue é o leão da neve. A mais letal de todas as criaturas. Apesar de mais alto do que alguns homens, o rei parece representar perfeitamente

o tamanho da criatura. Não parece nem um pouco diminuído pela carcaça gigantesca.

— Príncipe Elian — cumprimenta Kazue.

A pele dele é tão branca que quase parece azul. Os lábios se misturam com o resto do rosto como não mais do que uma variação do tom, e tudo nele é tão afiado quanto reto. Os olhos são pontos severos que arqueiam até o finalzinho das sobrancelhas, e o cabelo é feito de raios de mechas que parecem uma espada e que roçam em seu armamento.

Kazue leva a mão à barriga e se inclina para frente, fazendo uma reverência tradicional. Os irmãos seguem o exemplo, e os guardiões ao redor se mantêm firmes em sua posição. Em Págos não é comum os soldados se curvarem diante da realeza. É uma saudação feita apenas de um membro da elite a outro, e os soldados devem se manter parados, imparciais. Despercebidos até serem notados.

— Vossa Alteza Real — digo, devolvendo a saudação. — Eu gostaria de lhe agradecer por nos receber em seu reino. É uma honra ser acolhido aqui.

Eu me viro para os príncipes, os adornos de cabeça deles combinando com a idade de cada um, ou seja, de acordo com seu direito ao trono. O segundo mais velho, o príncipe Hiroki, é o urso-polar; Tetsu, o lobo selvagem; e o mais jovem, Koji, é a raposa-polar. Eu os cumprimento com formalidade e, em resposta, eles se curvam.

Imagino qual deles é a fonte ingênua de Rycroft.

— É claro, não são apenas os meus irmãos que te dão as boas-vindas — diz Kazue —, mas toda a nossa família.

Ele acena para atrás dele, e uma nova figura emerge de entre os soldados, vestida tão gloriosamente quanto a família real. Uma quinta, de estatura menor e com uma postura muito menos militar, mas com uma expressão de indignação parecida. Não é preciso que a adição inigualável afaste a pele de animal para que eu saiba quem é.

Sakura sorri quando vê o espasmo no meu rosto, e seus lábios azuis cintilantes combinam com a cor ímpia do céu. O cabelo está mais curto do que antes, com uma franja cortada de qualquer jeito para esconder a pontinha dos olhos. Uma corrente pesada de bronze escorre da testa até um osso branquíssimo que atravessa o lóbulo da orelha esquerda.

Ela não parece uma princesa; ela parece uma rainha. Uma guerreira. Uma adversária.

— Príncipe Elian — diz ela.

— Princesa Yukiko.

Ela sorri com o uso de seu nome verdadeiro.

Kye fica tenso ao meu lado, o ressentimento dele aumenta. Agora que a minha tripulação está diante da mulher que me manipulou a abrir mão do meu tempo no *Saad*, do meu tempo e do tempo deles, não posso esperar que sorriam.

Rapidamente, cutuco Kye antes que ele tenha chance de falar qualquer coisa. Quem sabe o que a princesa Yukiko contou à família sobre o tempo que ela passou em Midas? Teria ela contado que era a dona do ilustre Ganso de Ouro?

Que negociava tanto os meus segredos reais quanto licor, desperdiçando suas noites em apostas com os canalhas do meu reino? Duvido. Mas, mesmo que tenha dito algo, se Kye falar com ela de maneira informal, o fato não vai passar despercebido. Ele pode ter sido o filho de um diplomata um dia, mas sua deserção não é nenhum segredo. Além do mais, ela é uma princesa. Uma rainha em potencial. A *minha* rainha em potencial.

Eu me encolho com a ideia, esperando que a barganha com Galina seja o bastante para anular a barganha com Yukiko.

Sinto os olhares de toda a centena da minha tripulação nas minhas costas. Mas quero falar com a princesa o mesmo tanto que eles querem falar comigo. O acordo que eu quero discutir e a contraoferta que estou desesperado para oferecer. Mas isso não importa, pois agora não é a hora. Não com tantos olhares intrometidos e orelhas espichadas.

Eu me curvo, saudando-a.

— Olhe para você, tentando esconder a sua surpresa — diz a princesa Yukiko. — Não tem motivo para isso, você deveria saber. Nem a parte do esconder nem a da surpresa. Não somos velhos amigos? Aqui não é o meu lar? Onde mais eu estaria, senão com os meus queridos amigos e a minha família?

— É claro — digo, com firmeza. — Fiquei surpreso com a rapidez com que você chegou aqui.

— Nem todos os navios flutuam — diz Yukiko. — Alguns preferem voar.

A voz dela soa desnecessariamente confiante e, diferente da de Lira, não tem nada ali que me faça gostar da sua personalidade arrogante. Luto contra a vontade de revirar os olhos, e me contento com uma breve reverência de compreensão.

Os dirigíveis páguesos são uns dos melhores dos cem reinos. Variam de projéteis, que são balões disparados com tão pouco espaço interno que levam apenas meia dúzia de passageiros, a naves luxuosas: opulentas o suficiente para serem apelidadas de palácios flutuantes. Todos têm, pelo menos, oito rotores separados e se estendem por até três andares, dependendo da carga ou, mais comumente, da classe social dos passageiros.

Os páguesos sempre tiveram uma boa relação com os efévescos, que deram à luz as mais importantes invenções do mundo. É um reino que está na dianteira de quase todos os trunfos tecnológicos, e dificilmente existe hoje uma invenção que não possa ter sua origem traçada aos efévescos. Págos tem sido aliado deles há tanto tempo que nem sequer importa o fato de que existem em confins opostos do mundo. É difícil haver algo mais forte do que dois reinos unidos por uma aliança matrimonial de décadas. Isso significa que Págos estava a par de muitos dos avanços tecnológicos que os efévescos têm, ou seja, são um dos poucos reinos com recursos para limitar a maior parte de suas viagens ao ar, em vez de ao mar. Para o restante dos cem reinos, os dirigíveis tendem a não ser confiáveis. Falhas não são incomuns, e a não ser que a jornada seja mais longa do que um mês, gera mais problemas do que valem a pena.

— Você é a princesa? — pergunta Lira.

Por mais que seu desprezo por todos ao redor geralmente me divirta, lança um olhar cheio de significado para ela, avisando-a para não dizer nada que passe dos limites. Mas ela não percebe ou não se importa. Posso adivinhar qual dessas opções é mais provável.

Yukiko assente.

— Eu não sabia que o príncipe estava recrutando novos membros para o *Saad*.

— Ah, eu não sou uma recruta — diz Lira. — Só estou aqui para matá-lo. — Ela encara enfaticamente a princesa. — E qualquer um que fique no meu caminho.

Kye faz um péssimo trabalho abafando o som da risada com as costas da mão.

Desvio o olhar para Lira em um estalo, e cerro os dentes. O frio mexeu com a cabeça dela, ou a garota está tão acostumada com a nossa sintonia que acha que vai ser igual com todos os outros membros da realeza? Tento chamar sua atenção, mas Lira está concentrada em Yukiko.

Seus olhos estão tão gélidos quanto o vento.

— Ela está brincando — digo, arrastando Lira para trás de mim. — E, provavelmente, bêbada.

Lira bufa, e eu aperto o braço ao redor da cintura dela para silenciá-la.

— Não ligue para a minha tripulação — digo, lançando um sorriso despreocupado para o rei. — Quando a comida fica escassa, eles começam a viver de rum.

O rei Kazue dispensa o comentário com uma risada, apesar de soar tão preciso quanto sua postura militar. Ao lado dele, Yukiko olha para a minha mão na cintura de Lira.

— Temos coisas mais importantes para discutir — diz Kazue. — Venha, vamos conversar no palácio, longe das garras do frio. Pelo que a minha irmã me contou, temos uma barganha muitíssimo interessante a fazer.



Depois de sermos levados aos quartos de hóspedes e de nos darem comida o bastante para apaziguar o humor de Torik, sou escoltado ao grande salão. A pedido do rei Kazue, vou sozinho, mas, ainda assim, sete guardas marcham atrás de mim, enquanto o concierge real lidera o caminho. Encarei como um elogio quando vieram me buscar no novo quarto, armados até os dentes, com lanças que pareciam realmente ter sido feitas com dentes. Eles confiarem tão pouco em mim é quase uma prova da minha reputação.

O grande salão se esconde atrás de um conjunto de portas de iceberg que devem ser giradas via um mecanismo de rodas. Os dentes das engrenagens emitem uma quantia absurda de barulho ao puxarem as grandes portas para revelar a câmara ali dentro. Não é um espaço imenso, mas tudo nele é grandioso e opulento. Lustres pingam em gotas congeladas, e sincelos brotam do chão de gelo

sólido como ervas daninhas. Piso nele, meio esperando cair com as pernas para o ar, mas a superfície parece surpreendentemente seca sob os meus pés.

Os cinco irmãos de Págos me observam de seus tronos. Cada um veste trajes pretos e elegantes que escorrem como óleo. Detrás dos assentos extravagantes, há uma única janela arranhada pela geada azul que se arrasta pela vidraça como uma flor, obscurecendo os últimos poucos minutos de luz do sol que consegue penetrar a caverna.

— Espero que os seus aposentos sejam satisfatórios — diz o rei Kazue. — Devo admitir que estou feliz por você ter reduzido a sua tripulação. Cem piratas é o bastante, tremo só de pensar em como seria ter uma legião inteira no meu palácio.

— Seria diversão pura, aposto.

O jovem príncipe Koji murmura uma risada.

— As histórias falam por si só — diz ele. — Estou um pouco triste por não ter a chance de experimentar tudo em primeira mão.

— Fica para a próxima — digo a ele. — Trarei a horda toda. — Eu me volto para o rei. — Nosso acordo continua valendo?

— Não me lembro de algum dia ter feito um acordo com você — diz o rei Kazue. — Mas a minha irmã parece achar que ela tem essa autoridade. — Ele lança um olhar irado para Yukiko, mas ela o dispensa com um piscar dos olhos, como se o estorvo fosse ele.

O príncipe Hiroki se inclina para perto do irmão.

— Ela deu o mapa a ele — explica. — Espero que isso signifique que recebemos algo de igual valor.

— Vocês receberam — digo, e tiro o colar do bolso.

Deixo o objeto balançar no espaço entre nós, uma linda gota de azul que dança pendurada na corrente. Ainda manchada com o sangue de Lira.

Os punhos do rei Kazue se fecham ao redor dos braços do trono.

— Mas que objeto interessante para você nos apresentar com tanta despreocupação — diz ele. — Onde o encontrou?

— No mesmo lugar que encontrei aquele prisioneiro que você mandou prender nas masmorras.

O príncipe Hiroki se remexe no assento, e paro de me perguntar de qual dos irmãos do rei Rycroft falava.

— Os xapráres — rosna o rei Kazue. — Tallis Rycroft e seu bando de ladrões malditos. Eu deveria saber que algo perdido daria um jeito de ir parar nas mãos dele.

— Não está mais nas mãos dele agora — digo, apertando o colar. — Está nas minhas.

O príncipe Tetsu se inclina para frente, rugindo.

— E fará bem se o devolver a nós.

— Calminha aí, irmão. — O rei solta uma risada. — Tenho certeza de que esse é o plano dele.

— É claro — digo. — Assim que a oferta adequada for feita.

O sorriso de Yukiko é lento e tortuoso.

— Vocês têm que admirar a coragem dele — diz ela.

O rei Kazue se levanta.

— Você quer entrar na nossa montanha para encontrar o Cristal de Keto — diz ele. — E depois?

— Depois, devolverei o seu colar de valor inestimável e, assim que eu o tiver usado, devolverei o cristal também. Esta é a chance de Págos fazer história como o reino que ajudou a destruir as ninfas de uma vez por todas. Sua família será lembrada como uma lenda.

— Lenda? — A risada aguda e afiada do rei corta o ar. — E o que me impede de roubá-lo de você agora mesmo?

— Quando o Cristal de Keto for liberto, a Rainha do Mar vai saber — explico a ele. — E o senhor é um punhado de coisas, Vossa Alteza, mas não é um assassino de ninfas do mar. Se ela vai morrer, terá que ser pelas minhas mãos. Deixe-me escalar a montanha, e poderemos fazer história juntos.

— É uma jornada arriscada — diz o rei. — Mesmo pela nossa rota sagrada. O que o seu pai diria se eu colocasse o filho dele em um perigo desses? Mesmo sendo por algo tão nobre quanto salvar o mundo. Além do mais — ele assente na direção da irmã —, a Yukiko viajou até aqui, finalmente voltou para casa depois de tantos anos. Parece curioso, para mim, ela ter feito isso só porque acreditou na sua causa.

Yukiko me encara, achando graça, desfrutando da ideia de que eu posso começar a me contorcer. Como se eu fosse dar a algum deles essa satisfação. Não sei se o rei está me provocando, ou se Yukiko realmente não contou a ele sobre o nosso noivado, mas sei que não serei o primeiro a falar disso.

— É claro que não — diz Yukiko ao irmão. — Eu vim porque quero ser a primeira a vê-lo. Quero estar presente quando o Cristal de Keto for finalmente encontrado.

Minha mandíbula fica tensa quando ranjo os dentes. A última coisa de que preciso é de uma princesa assassina me seguindo Montanha Nublada acima.

— Acho que não seria muito seguro — digo. — Como o rei mesmo apontou, é uma jornada perigosa.

— Que ela já fez antes — intromete-se Hiroki. — Que todos nós já fizemos antes.

— Nem todos nós — corrige Koji.

Hiroki lança um olhar enternecedor ao irmão mais novo, então, volta os olhos pálidos ao rei.

— Se ela for com ele, então, pelo menos, teremos certeza de que não seremos traídos.

Tento não parecer ofendido.

— Assim, um dos nossos vai estar lá quando o cristal for enfim liberto das profundezas do domo — diz Tetsu.

Yukiko se reclina.

— Estou feliz por vocês estarem tão ansiosos para se livrarem de mim depois

de apenas alguns dias na minha presença.

O rei Kazue lança um olhar de soslaio para a irmã, em seguida me encara com uma expressão resguardada.

— Se você conseguir matar a Rainha do Mar e a Maldição dos Príncipes — diz ele —, você terá que contar ao mundo que tivemos um dedo nisso.

Não era um pedido, então curvo a cabeça em concordância, sentindo a fragilidade do momento. Estou tão perto que quase posso sentir algo no fundo da minha garganta, como uma sede.

— O cristal, o colar e a glória. — O rei Kazue desliza de volta ao trono com olhos famintos. — Quero que Págos tenha tudo isso.

— Falarei a eles o que o senhor quiser que eu diga — garanto. — Desde que a Maldição dos Príncipes esteja morta, nada disso importa para mim.

Os irmãos páguesos me olham, de cima de seus tronos de gelo e, um a um, sorriem.



Quando, por fim, saio do grande salão, Lira está me esperando com um pé apoiado nas portas de sinelos. O cabelo está molhado por conta do frio, e ela veste um suéter grosso de tricô que faz seus punhos esguios parecerem ainda menores. Quando me vê, ela solta um suspiro e se afasta da parede.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Lira dá de ombros.

— Me certificando de que você não está morto.

Lanço a ela um olhar desconfiado.

— Você estava escutando atrás da porta.

— E, agora, acabei — diz ela, erguendo as sobrancelhas, como se me desafiando a fazer algo a respeito daquilo.

Antes de ela ter a chance de se afastar, agarro seu pulso rapidamente e a puxo de volta para mim. Lira gira com tanta velocidade que o cabelo atinge todo o seu rosto. Ela sacode a cabeça para tirá-lo dos olhos, então olha para as nossas mãos entrelaçadas, e faz careta.

— Quero saber no que você estava pensando naquela hora — digo. — Ameaçando matar uma princesa no próprio reino dela... Não foi a sua melhor tentativa de piada.

Lira arranca a mão da minha.

— O Kye achou engraçado.

— Por mais que eu esteja feliz por vocês dois estarem se entendendo, você deveria se lembrar de que o Kye é um idiota.

Ela dá um sorrisinho.

— E você também, se confia nos páguesos.

— Eu não preciso confiar em ninguém. Só preciso que confiem em mim.

— Para um pirata, você não mente muito bem — diz ela. — E você não é muito bom em fazer barganhas. Tudo de que você abriu mão parece importante

demaís em comparação ao nada que recebeu em troca.

— Nada disso. É para pôr fim a uma guerra.

— Você não passa de um garotinho se acha que vai ser tão fácil assim.

— Você acha que abrir mão do meu reino em prol da princesa Yukiko foi fácil? — pergunto. — Não é simplesmente me casar com ela, sabia? Tive que abrir mão de todos os sonhos que algum dia tive e ficar preso às responsabilidades das quais passei a vida tentando escapar.

Minhas mãos cerram reflexivamente ao lado do corpo enquanto a observo, esperando uma reação. Quero que Lira entenda que não fiz aquele negócio por um impulso e que, cada dia desde então, eu me arrependo dele. Conheço bem as consequências das minhas ações, e farei de tudo para encontrar uma saída.

Lira olha para mim sem dizer nada, e não sei como espero que ela reaja, ou se eu sequer tenho o direito de esperar alguma reação, mas o silêncio dela é mais enervante do que qualquer outra coisa que eu poderia ter imaginado.

O relógio no grande salão badala, marcando o começo dos ventos noturnos. Lira espera um momento até todos os três sinos terem tocado, então, por fim, engole em seco. E isso soa alto demais.

— Você vai realmente se casar com ela? — pergunta, então, balança a cabeça, como se não quisesse saber a resposta. — É um plano inteligente, acho — diz ela. — Você sai com o Cristal de Keto e uma aliança com um reino poderoso. Mesmo se tiver que desistir da sua vida no *Saad*, você ainda vai sair por cima. — O sorriso forçado vacila um pouco na última parte, e, quando ela volta a falar, a voz soa baixa e severa: — Parece que você nunca sai perdendo, não é, Elian?

Não sei muito bem como responder a isso, pois sinto que tudo o que tenho feito recentemente é perder. E esse acordo com Yukiko é só mais um detalhe naquela realidade.

Suspiro, e quando Lira afasta o cabelo do rosto, sinto a necessidade de explicar o meu plano. Tudo o que orquestrei para escapar do meu acordo com Yukiko perdura na ponta da língua, como um impulso. Sei que não preciso me defender para Lira, nem para qualquer pessoa, mas sinto a compulsão de fazer exatamente isso.

— Não vai importar qual barganha fiz com ela quanto tudo isso acabar — digo. — Se eu sobreviver, então terei uma proposta que Yukiko não vai poder recusar.

— Você não acha que já fez propostas demais? — pergunta Lira.

Não tem nada de simpático no jeito com que ela me olha agora.

— Você está colocando o seu reino todo em perigo ao se deixar ser manipulado por uma princesa que tem fome de poder, que...

Ela para de falar e olha para o chão, com uma expressão ilegível.

— Lira.

— Não. — Ela ergue a mão, mantendo a distância entre nós. — Você não me deve nada, ainda mais se for uma explicação. Nobres nunca devem nada a ninguém.

O jeito com que ela usa a palavra *nobres* me machuca mais do que deveria.

Passei tanto tempo tentando fugir de ter esse pormenor como minha única característica... e ela dizer aquilo com tanta certeza, como se nunca tivesse me visto de uma forma diferente, dói. Sempre um príncipe, nunca apenas um homem.

Expiro com cautela e enfio as mãos nos bolsos.

— Eu nunca disse que te devia nada.

Lira se vira. Se ela me ouviu ou não, não tenho certeza, mas vai embora sem nem olhar para trás, e eu não a sigo. Parte de mim quer fazer isso, uma parte maior do que eu gostaria de admitir, mas eu não saberia o que dizer se a seguisse.

Passo a mão pelo cabelo. Esta noite está demorando demais para acabar.

— Eu não sou cega.

Yukiko sai das sombras como um fantasma. Sob a luz pálida das tochas, seus olhos parecem quase brancos, e quando ela se aproxima de mim, o brilho do fogo ameniza as linhas duras de seu rosto até ela parecer bondosa. Gentil.

É verdade que a luz engana a mente.

— É só que não importa para mim — diz ela.

— Eu tenho quase certeza de que não sei do que você está falando.

— Daquela garota — diz Yukiko. — Lira.

— Acho que é difícil ser cega em relação a ela.

— Sim. — O sorriso de Yukiko brilha mais forte que o fogo. — Está claro que você acredita nisso.

Esfrego as têmporas, nada a fim de outra conversa enigmática.

— Diga o que você tem a dizer, Yukiko. Não estou no clima para joguinhos.

— Para variar, então — responde ela. — Mas vou satisfazer o seu pedido, já que você é um convidado na minha casa.

Ela enrosca os dedos pelo cabelo e mordisca o canto dos lábios azuis. O gesto parece mais um mau agouro do que uma provocação.

— Você pode se preocupar com ela — diz Yukiko —, mas isso não muda nada. Amor não é coisa de príncipes e, com certeza, não é coisa de reis. Você me prometeu que ia se tornar um rei. O meu rei. Quero te lembrar dessa promessa.

O olhar selvagem nos olhos de Lira atravessa a minha mente. Ela nem sequer me olhou duas vezes antes de ir embora. A última coisa que ela parecia querer ouvir eram razões ou explicações. *Você está se deixando manipular*, disse ela. *Nobres nunca devem nada a ninguém*. Mas isso não é verdade. Devo um monte de coisas a um monte de gente, e Lira não é exceção. Talvez eu não deva uma explicação a ela, mas lhe devo a minha vida, e parece ser tudo a mesma coisa.

Eu estremeço, e quando percebo que essa era a exata reação que Yukiko queria, olho feio para ela.

— Eu não te prometi um rei — digo. — Acredito que a condição que te venderam foi um reino. Você sequer se importa com qual reino seja?

— Isso faz parecer que você quer *muito* quebrar o nosso acordo.

— Quebrar, não — digo. — Renegociar.

Yukiko sorri e se inclina sobre o meu ombro, roçando a mão felina no meu peito. Seu hálito gelado pressiona o meu pescoço e, quando viro a cabeça, ouço o

sorriso em sua voz.

— Tantos truques — sussurra ela. — Você vai precisar de uma manga mais robusta para esconder todos eles.

TRINTA E QUATRO



○ cume da montanha está escondido atrás das nuvens que lhe dão o nome, e uma nevasca sem fim obscurece a maior parte da sua magnitude. Sei que muito além do céu que esconde metade da lateral da parede rochosa há um pico infundável. Uma porta de entrada às estrelas. A Montanha Nublada de Págos é o ponto mais alto do mundo, o que está mais longe do mar e ainda mais longe do controle da minha mãe. Do meu. Se o Segundo Olho de Keto realmente estiver nessa montanha, então é o esconderijo perfeito. Muito mais longe do que eu poderia chegar. Até agora.

Meu rosto está coberto por camadas grossas de tecido que obscurecem tudo, exceto os meus olhos. Meus dedos coçam para afastar o pano e as peles de animais do meu rosto, mas o frio está mais forte do que eu poderia suportar. E não ousa largar os bastões de caminhada na neve que seguro com firmeza. Não sei nem se eu conseguiria, nem mesmo se quisesse. Minhas mãos parecem ter sido congeladas em punhos rígidos.

Seguimos a trilha montanha acima por dias que viraram semanas, com mais silêncio do que eu algum dia ouvi vindo da tripulação do *Saad*. Até mesmo Kye, que caminha em harmonia perfeita com Elian, olhando para trás de vez em quando, na direção de Madrid — para se certificar, talvez, de que ela não virou algum tipo de escultura de gelo ou de que não foi soprada do penhasco pelos ventos brutais —, permanece quieto. Elian não é diferente.

Por incrível que pareça, sinto-me reconfortada pelo fato de que não é apenas comigo que ele parece não estar falando. O príncipe permanece perfeitamente estoico, seguindo a liderança da princesa com fervor. Por alguma razão, essa parte é menos reconfortante.

Sei que o casamento é um efeito colateral da realeza. Tantas coisas são. Obstáculos infinitos astutamente mascarados como responsabilidades. Desafios transformados em soluções, e fardos criados sob medida especialmente para aqueles menos dispostos a suportá-los. Tudo aquilo nada mais é do que uma série de consequências decorrentes de ser herdeiro de um reino. Yukiko é o efeito colateral de Elian, assim como o Comedor-de-Carne era o meu. O garoto trocou o mapa por si mesmo numa tentativa nobre de salvar a missão, sacrificando o próprio orgulho. Coisas desse tipo são esperadas. Previsíveis. Mas também são um tormento.

Não sei o que eu esperava conseguir quando confrontei Elian no palácio, mas não eram semanas de um silêncio lacônico. Não sei por que perguntei sobre

Yukiko; não foi por esse motivo que o esperei terminar de conversar com os nobres páguesos. Mas não consegui me segurar. Ultimamente, tem parecido impossível até mesmo tentar. Talvez tenha funcionado a meu favor, porque minha razão original para falar com ele — para perguntar se, talvez, ele algum dia consideraria uma aliança — não era muito melhor. Era idiotice pensar que eu poderia simplesmente abordar o príncipe e perguntar a ele se estaria disposto a forjar a paz entre as nossas espécies. *Não vou te matar, se você não me matar.* É ridículo. É simples para mim considerar fazer um acordo com alguém que não me mostrou nada senão lealdade e uma forma de trilhar um caminho que eu não achava ser possível. Livre das sombras do reinado da minha mãe, uma nova era não determinada pela morte. Uma paz delicada, até. Mas como eu poderia esperar que Elian fizesse o mesmo, sendo que ele nem sequer sabe quem eu sou? Sendo que eu assassinei o amigo dele e muitos outros príncipes? Sendo que eu planejei assassiná-lo?

Escalo, com as costas de Elian voltadas para mim, mas o rosto dele continua nítido na minha mente. Enquanto o céu desvanece na escuridão e o sol volta a subir, seguimos adiante. Quanto mais alto subimos pela montanha, mais começo a enlouquecer com os meus pensamentos. Repassando conversas, e atitudes, e oportunidades. Perguntando-me quando foi que eu comecei a me sentir tão profundamente humana.

O céu exibe tantos tons de azul que perco a conta. É uma colcha de retalhos coloridos que se misturam perfeitamente entre as nuvens. Pintando a si mesmo como um cenário para o brilho branco da lua junto ao esplendor das estrelas que o guia.

— Temos que ir mais rápido! — grita Yukiko. Mal consigo ouvir a voz dela acima dos ventos gélidos. — Nosso próximo acampamento fica a duas horas daqui, e precisamos chegar antes do pôr do sol.

Elian para e ergue o mapa, e a nevasca o agita em suas mãos. As pontas estão enrugadas pelo frio, e quando os dedos agarram o pergaminho com mais força, tentando segurá-lo enquanto o vento ganha força, a folha se fragmenta.

— O pôr do sol é daqui a uma hora! — grita Elian, em resposta.

A respiração de Yukiko se transforma em fumaça entre eles.

— Por isso mesmo precisamos ir mais rápido.

O vento abafa a voz dos dois, mas até mesmo eu consigo ouvir o som do suspiro de Elian. Seus ombros caem um pouco, e ele lança um olhar breve para verificar se ainda estamos todos ali atrás.

— É viável — grita ele para nós, mas não sei se está falando conosco ou tentando convencer a si mesmo.

— Não sei se consigo andar sem os meus dedos do pé — diz Kye.

— A Madrid te carrega.

— Eu também não tenho mais nenhum dedo do pé. Nem qualquer dedo, na verdade. — Madrid ergue as mãos enluvadas e choraminga. — Acho que perdi alguns ontem.

— Pelo menos vão continuar bem conservados. — Kye pressiona a bota na

neve para ênfase. — Se os recolhermos na descida, um curandeiro deve conseguir dar uns pontos e colocá-los de volta no lugar.

Apesar de eu só conseguir ver os olhos de Madrid, tenho certeza de que ela está fazendo uma careta.

— Não temos tempo para isso — diz Yukiko. — Parem de gastar a energia de vocês e andem.

Madrid enfia um bastão de caminhada no chão e puxa a máscara de pelos para baixo. Gelo se acumula em seus lábios.

— Isso é um comando real? — pergunta ela.

Yukiko joga o capuz para trás, e parece que o frio faz parte da princesa. Ela comanda o frio, assim como eu o fiz um dia.

— Você está no meu reino.

— Mas não faço parte da sua corte — diz Madrid. Ela esfrega a bochecha tatuada, onde o vento começou a criar bolhas, e assente para Elian. — Nosso rei está bem aqui.

— Você está se esquecendo de algo, não está? Ele ainda não é rei.

Se o ar já não estivesse congelado, tenho certeza de que o último comentário teria feito exatamente isso. Kye fica tenso, e vejo a mão dele estremecer na lateral do corpo. Sem perder tempo, Elian lança um olhar afiado para ele e, com relutância, Kye permite que a postura relaxe. Ainda assim, as mãos continuam se contraindo.

Percebo que as minhas também.

Torik resmunga. Não parece capaz de traduzir as expressões de Elian tão bem quanto Kye e, bem quando Elian se joga a uma resignação hesitante, seu imediato avança com violência. No que Torik se aproxima de Yukiko, vejo a ameaça que é sua grande estatura pela primeira vez. Ele não é mais o gigante gentil que cuida do *Saad*. Ele vai em direção à princesa, chutando a neve a cada passo pesado.

— Sua criaturazinha...

— Chega.

A voz de Elian detém o caminho de Torik. Ele estende um braço, e o imediato para bem onde está.

— Capitão — diz ele.

— Eu disse que chega — repete Elian. Como sempre, sua voz não deixa transparecer nada, exceto o que ele quer. Calma e indiferença perfeitas. Mas, mesmo daqui, vejo os olhos dele piscando contra a nevasca, como uma porta de entrada feroz para o seu coração.

— Estamos resolvidos agora? — pergunta Yukiko.

A cada segundo que os lábios azuis dela sobem alguns milímetros, os meus se transformam em um rosnado sob a máscara. Dou um passo para frente e afasto o tecido do rosto. O ar queima.

— Ainda não — digo.

Yukiko volta seu olhar de aço para mim. De soslaio, vejo Elian se enrijecer de repente. Quando Yukiko dá um passo na minha direção, a mão dele se move devagar até a lateral do corpo. Até a faca que eu sei que está escondida ali.

— E o que falta resolvermos? — pergunta Yukiko.

Muitas coisas, penso.

O jeito com que ela olha para Elian sendo a pior delas, como se fosse melhor do que ele. Manipulando um príncipe para colocar as mãos no reino dele, do jeitinho que a minha mãe me manipulou para o meu reinado estender o dela. Do mesmo jeito que caí na armadilha da Rainha do Mar, Elian vai cair na de Yukiko. Talvez fosse diferente no passado, mas, agora, sei que não tem como eu roubar o olho e deixar o meu reino ascender enquanto o de Elian desmorona sob a dívida dele com a princesa. Deve haver um jeito de nós dois ganharmos essa batalha.

Não somos pequenos herdeiros inocentes a serem moldados conforme o capricho alheio. Somos guerreiros. Somos governantes.

— Elian pode não ser um rei — digo a ela —, mas você também não é uma rainha. A não ser que você mate os seus irmãos.

— E quem tem tempo para assassinatos hoje em dia? — caçoa Yukiko. — É melhor simplesmente reclamar outro reino do que ficar esperando por este aqui.

A insinuação não passa despercebida. Ela acha que pode me espicaçar com o acordo que ela e Elian fizeram. E acho que ela pode mesmo. Porque não consigo evitar odiar vê-lo parado todo submisso ao lado dela, não podendo controlar o próprio futuro. Usando-o em seus estratégias, assim como eu planejava. É basicamente uma lembrança muito clara da minha vida antes do *Saad*. Antes de Elian me fazer perceber como era ser livre. A pessoa que me deu um vislumbre de esperança está, agora, disposta a sacrificar a dele.

— Você deveria tomar cuidado — digo a Yukiko. — O problema de quando se rouba algo que não nos pertence é que vai sempre existir alguém disposto a pegar esse algo de volta.

— Acho que vou ter que ficar de olho na minha retaguarda, então.

— Não precisa — digo a ela. — Posso vê-la perfeitamente.

Yukiko morde o canto do lábio, meio entretida, meio curiosa. Quando me dá as costas, ousa olhar para Elian. Há uma curva perigosa no sorriso dele, e conto os segundos enquanto ele me encara. Verde trespassando o novo branco do mundo. Até que, por fim, Kye coloca a mão no ombro do príncipe e o empurra para frente.

Quando a noite cai, montamos o acampamento na parte mais plana da montanha. As tendas presas ao chão circulam uma fogueira de acendimento rápido. Nós nos amontoamos ao redor dela e cozinhamos a parca comida que ainda restava. O frio parece piorar mais quando ficamos sentados e parados, então aproximamos as mãos do fogo, chegando tão perto que arriscamos acabar queimados.

A lamúria do vento está mais forte, e a tripulação aquece a garganta com o rum que Madrid trouxe, no lugar de mais comida. Quando a noite se adensa e o riso da tripulação se transforma em respirações pesadas, escuto o som do vento, sabendo que não vou conseguir dormir. Não com o Segundo Olho de Keto tão perto. Minhas missões, tanto a de destonar a minha mãe quanto a que diz respeito ao destino de Elian, ameaçam se entrelaçar e não posso fechar os olhos

sem pensar em como essa guerra vai terminar.

Depois de um tempo, a neve começa a cair com mais leveza sobre a tenda e, no vento minguante, identifico um par de passos suaves se aproximando. Escuto-os antes de ver a sombra, desenhada no abrigo pelo brilho moribundo da minha lanterna.

Quando o zíper da porta se abre, não fico nada surpresa ao ver Elian agachado ali.

— Venha comigo — diz ele, e eu vou.



Eu nunca vi as estrelas. Não como Elian as viu. Tem tantas coisas que eu nunca fiz. Experiências que Elian parece ter, com as quais ninguém, principalmente eu, poderia sequer sonhar. As estrelas são uma delas. Elas são de Elian de um jeito que não são de mais ninguém.

Elian não apenas olha para as estrelas, ele também as imagina. Desenha imagens delas na mente, criando histórias sobre deuses, e guerras, e exploradores de almas. Elian pensa em onde a alma vai parar quando morrer, e se ele vai se tornar parte da noite.

Tudo isso, ele me contou quase no topo da Montanha Nublada, com a lua, e o vento, e o espaço vazio do mundo diante de nós. A tripulação está dormindo, assim como a princesa páguesa. Parece que o mundo todo está dormindo. E nós, apenas nós, finalmente estamos acordados.

— Eu nunca mostrei a ninguém — diz Elian.

Ele não se refere às estrelas, mas à forma como as vê. São o segredo dele, assim como o oceano é o meu, e quando ele fala delas, seu sorriso fica tão brilhante quanto elas. Me pergunto se algum dia me senti assim. Se os meus olhos cintilavam quando eu pensava no meu lar, me lavando como uma onda e me transformando do mesmo jeito que fui tão facilmente transformada antes.

— Acho que tem um monte de coisas que você nunca mostrou a ninguém.

Não falamos da Yukiko, nem do casamento que parece tão iminente quanto a nossa guerra. Não fazemos nada, exceto fingir que existe algo além da escuridão e das escolhas tecidas dos pesadelos que nos aguardam mais adiante.

Elian inspira. Sua mão relaxada ao lado da minha.

— Eu tinha a crença de que, quando eu encontrasse o cristal, eu sentiria alguma coisa — diz ele.

— Vitorioso?

— Em paz. Mas estamos tão perto, e eu sinto o completo oposto. É como se eu temesse o momento em que abriremos aquele domo.

Algo se remexe no meu peito. Esperança, talvez.

— Por quê?

Elian não responde, o que é resposta o suficiente. Apesar de tudo, ele não quer ser responsável por destruir toda uma espécie, não importa o quanto ele pense que somos malignas. Quero dizer a ele que sinto a mesma coisa: a sensação

de pavor se misturando com o puxão da responsabilidade. Quero dizer que nem todos nascemos monstros.

O Segundo Olho de Keto poderia destruir qualquer um de nós dois, e nenhum de nós quer ser o escolhido para empunhá-lo. Brinco com a ideia de revelar a verdade a ele, como se talvez isso pudesse trazê-lo para o meu lado, do mesmo jeito que parece que ele me levou para o dele. Mas parece mais um conto de fadas do que uma possibilidade, porque, se eu contar a Elian quem sou, ele jamais aceitará. Eu poderia prometer que mudei. Ou que não mudei, mas que voltei a ser quem eu era; quem eu fui e poderia ter sido, se não fosse a minha mãe. Essa humanidade me transformou de um jeito muito mais profundo do que barbatanas virando pernas e escamas virando pele. Sou tão diferente no interior quanto no exterior agora. Sinto o horror do que eu fiz, e o desejo avassalador de recomeçar. De me tornar a rainha que eu acho que Crestell sempre quis que eu fosse.

Eu me viro para Elian, deixando a neve molhar a minha bochecha.

— Certa vez você me pediu para te contar algo sobre as ninfas de que você não soubesse — digo. — Existe uma lenda entre elas que as avisa do que pode acontecer caso um humano roube o coração de uma ninfa.

— Eu nunca ouvi falar disso.

— É porque você não é uma ninfa.

— Nem você — diz Elian, imitando o meu tom amargo.

Abro um sorriso vazio para ele e continuo:

— Dizem que, se qualquer humano roubar o coração de uma ninfa, ele estará imune aos efeitos da canção por toda a eternidade.

Elian arqueia uma sobrancelha cínica.

— Imunidade contra a canção de uma ninfa morta?

— Contra qualquer canção de qualquer ninfa.

Não sei por que estou contando isso a ele, exceto pela esperança de que, se essa guerra não puder acabar, então o mínimo que ele pode fazer é sobreviver a ela. Ou ter alguma chance.

— De acordo com as histórias — digo —, a razão pela qual as ninfas se dissolvem tão rapidamente em espuma quando morrem é para prevenir que esse tipo de coisa aconteça.

Elian considera o que eu disse.

— E você acha que é possível? — pergunta ele. — Se eu, de alguma maneira, conseguir arrancar o coração de uma ninfa antes de ela derreter, então, de repente, vou conseguir encarar qualquer ninfa sem ter de me preocupar com a possibilidade de cair sob os encantos dela?

— Acho que isso não importa — digo a ele —, se você planeja matar todas elas de qualquer maneira.

Os olhos de Elian perdem um pouco do brilho.

— Acho que entendo o motivo de as famílias originais não terem usado o cristal quando ele foi criado — diz ele. — Genocídio não parece ser a melhor opção, parece? Talvez matar a Rainha do Mar seja o bastante. Talvez, assim, todas

elas parem. Talvez até a Maldição dos Príncipes pare.

Eu volto a olhar para o céu e, baixinho, pergunto:

— Você acha mesmo que assassinos podem deixar de ser assassinos?

— É o que eu quero.

A voz dele parece muito diferente da do príncipe confiante que conheci há tanto tempo. Não é o homem que comanda um navio, nem o garoto que nasceu para comandar um império. São os dois, e nenhum deles. É algo que existe no meio do caminho, onde apenas eu consigo enxergar. Uma fenda no mundo ao qual ele está preso.

Esse pensamento acende algo dentro de mim. Tiro os olhos das estrelas e os volto para ele, minha bochecha está molhada por causa do contato com o cobertor encharcado de neve. Elian é muito parecido com as águas que ele saqueia. Imóvel e pacífico na superfície, mas, logo abaixo, está a loucura.

— E se eu te contasse um segredo? — pergunto.

Elian se vira para mim e, de repente, o simples fato de olhar para ele machuca. Um anseio perigoso se avulta, e me desafio a contar a ele de novo e de novo na minha cabeça. Revelar a verdade e ver se os humanos são tão capazes de perdoar quanto de se vingar.

— E se você contasse?

— Mudaria o jeito que você me vê.

Elian dá de ombros.

— Então não me conte.

Reviro os olhos.

— E se você precisasse saber?

— As pessoas não contam segredos porque alguma outra precisa saber. Fazem isso porque elas mesmas precisam contar.

Engulo em seco. Meu coração bate forte o bastante para que eu possa ouvi-lo.

— Vou te pedir uma coisa, então.

— Para guardar um segredo?

— Para guardar um favor.

Elian assente, e me esqueço de que somos assassinos e inimigos e que, quando a minha identidade for revelada, ele pode muito bem tentar me matar. Não penso em Yukiko reclamando-o como um prêmio do qual ela não sabe o valor. E não penso na Rainha do Mar ou na ideia de traição. Penso no meu coração humano, de repente batendo rápido, rápido demais, e no vinco entre as sobrancelhas de Elian enquanto espera a minha explicação.

— Você vai me beijar?

Devagarinho, Elian diz:

— Isso não é um favor.

A mão dele sai de perto da minha, e eu sinto uma carência repentina. E, em um piscar de olhos, está na minha bochecha, segurando o meu rosto, e o polegar acaricia o meu lábio. Isso parece ser a pior coisa que já fiz e a melhor coisa que eu poderia algum dia fazer, e é mais estranho ainda que, de repente, essas duas

verdades são a mesma coisa.

O estranho é que, em vez de roubar o coração dele, eu tenha esperanças de que ele roube o meu.

— Você se lembra de quando a gente se conheceu? — pergunta Elian.

— Você disse que eu era mais encantadora inconsciente.

Ele ri, e está tão perto de mim que sinto o corpo dele tremer contra o meu. Posso ver todas as cicatrizes e sardas em sua pele. Cada risco colorido de seus olhos. Lambo os lábios. Quase posso sentir o gosto dele.

— Me pergunte de novo — diz ele.

Sua testa pressiona a minha, a respiração irregular sopra nos meus lábios. Fecho os olhos e sinto o cheiro dele. Alcaçuz e sal marinho. E, se eu me mexer, se eu respirar, o que quer que seja essa coisa frágil entre nós vai desaparecer com o vento.

— Me beije logo — digo.

E ele me beija.

TRINTA E CINCO



A trilha termina em água, assim como começou.

Tendo Yukiko como nossa guia, levando-nos por sua rota sagrada, cortamos a jornada ao meio, sem nunca nos perder nem hesitar. Ela nos levou a acampamentos com fogueiras brilhantes o bastante para abrirem um buraco na montanha, e por trilhas que cortavam o tempo bem como cortavam a montanha. Rotas mais rápidas, caminhos mais curtos e trilhas cheias de truques. Tecnologia que, às vezes, até nos levou por parte do caminho. Não é surpresa a realeza páguesa conseguir sobreviver à escalada com tantos truques nas mangas. Também não é surpresa que qualquer um que não seja da linhagem deles não sobreviva.

Apesar de eu odiar achar pontos em comuns com pessoas como Yukiko, até eu tenho de admitir que a farsa da família dela é inteligente. Usar tudo o que podem para perpetuar a lenda de suas origens, garantindo a lealdade do povo através da admiração e nada mais. Não é uma estratégia ruim. Como Elian e o sangue dourado dele. Ou eu e o poder fatal de Keto. Apesar de que, no meu caso, a lenda seja verdade.

Paro de repente, e o restante da tripulação se detém ao meu lado. A mão enluvada de Elian paira de forma perigosa perto da minha e, apesar de eu sentir o ar faiscar e a calidez entre nós, não olho para ele. Não posso. Consigo apenas olhar adiante, meus pés se enterrando cada vez mais fundo na neve quanto mais tempo fico parada. Mas também não consigo me mover. Adiante, há maravilhas. Ali está o palácio, esculpido dos últimos suspiros da minha deusa Keto.

Apesar de não estarmos a mais de duzentos metros do topo da montanha, estamos na base de um grande cânion rodeado por cascatas de água que despencam em um amontoado de pedras pretas. Parecem os resquícios de uma avalanche, e quando a água cai direto neles, cria um acumulado de vapor que sibila ao subir, antes de, por fim, se dissipar nas nuvens. Em meio a espuma, as rochas flutuam sem rumo nas raias de um grande fosso, fazendo vezes de borda para manter a água miraculosamente não congelada ali dentro. No meio, rodeado por ilhas de tufo de neve, está o palácio. É um iceberg que se eleva até a altura das cachoeiras, com janelas feitas de vento sólido e torres ornamentadas que se curvam e se sobressaem em ângulos estranhos. É um corpo de neve esculpida, uma fortaleza de inclinações e bordas que ofuscam a glória da montanha em si.

Uma trilha quebrada de gelo leva ao palácio, mas está fragmentada e instável demais para garantir a passagem segura de uma tropa de cem pessoas. Em vez disso, encontramos um agrupamento de grandes barcos a remo presos nos

arredores do fosso, onde ele parece mais calmo, no canto mais distante dos três lados de água caindo que nos circunda. Nos dividimos entre as embarcações e remamos em direção à boca do palácio, nosso barco empurrado metade pela força de Torik e metade pelas fortes lufadas de vento que nos impulsiona para frente em uma linha torta.

Quando desembarcamos, o palácio está léguas acima de nós, e tenho que arquear as costas para dar uma boa olhada. Mas não há tempo para absorver tudo, nem para imaginar como é possível um palácio construído de nevasca parecer, de alguma maneira, mais quente. Um grau ou dois acima do restante da Montanha Nublada. Yukiko avança na dianteira, cheia de propósito, e a seguimos até as profundezas do iceberg, usando a tocha dela para nos guiar quando a princesa anda rápido demais para que consigamos acompanhar o ritmo.

As paredes brilham como corredores de espelhos e, de repente, nossos números são dobrados. Triplicados. Tudo o que vejo são rostos e sopros de respiração que se misturam entre nós como neblina. Não conseguimos não nos demorar um pouco mais, caminhando mais devagar, no que tentamos decifrar o que é reflexo e o que é Yukiko. Quando ficamos muito para trás, e ela vira numa curva muito à frente, somos abandonados numa escuridão fugaz. A mão de Elian encontra a minha. Ele a aperta, apenas uma vez, e tudo em mim acelera. Aquece. Meu corpo se curva na direção do dele, e pressiono a mão livre nas paredes glaciais. Quando encontramos a curva no canto, a luz de Yukiko volta a iluminar o nosso rosto.

Eu não solto a mão de Elian.

Yukiko pausa perto de uma imensa parede de gelo que brilha contra o calor da chama, ecoando o nosso rosto de volta para nós. Ela engancha a tocha em um pequeno suporte e dá um passo para trás.

— Chegamos — diz ela.

Elian me lança um olhar breve, então tira a chave do pescoço e a entrega para Yukiko. Seus olhos estão impacientes enquanto a princesa a segura ao encontro de uma concavidade na parede. A depressão reflete os padrões do colar com perfeição, desde cada espiral ornamentada até os ganchinhos que a prendem. É o cadeado perfeito para a nossa chave, e quando Yukiko pressiona o colar na parede, ele estala, prendendo-se firmemente ao lugar.

Neve cai do teto e escorre pelas paredes como água. Há um ranger alto, então o grosso painel de gelo arfa e se afasta, revelando uma caverna grande demais para estar dentro desse palácio nem tão grande assim.

Elian entra como um explorador sedento. Eu o sigo de perto, sem me importar com a princesa pela qual eu passo. Tudo é azul. Troncos grossos de geada estão pressionados no teto, e caindo de volta ao chão em tufo folhosos. Eles brotam das paredes como galhos, e veios de gelo pavimentam o chão como raízes. É uma floresta de neve e gelo.

A tripulação caminha devagarinho e olha ao redor, boquiaberta de admiração. Ao contrário do resto do iceberg, a caverna é bonita de verdade. Um lugar tocado por Keto. Mas Elian não fica maravilhado pelos arredores. Ele

encara, resoluto, adiante, mirando o centro do domo.

Uma torre de água do oceano flutua em uma mistura perfeita de esmeralda e safira, e a reconheço no mesmo instante como sendo água do mar de Diábolos. Do meu lar.

No coração daquilo, está o Segundo Olho de Keto.

É diferente de tudo o que já vi. Nem mesmo o olho do tridente da Rainha do Mar se compara, com sua forma tão bruscamente criada e sua cor esmaecida pelas décadas debaixo d'água. Esta pedra não foi afetada por nada disso. Esculpida em um círculo perfeitamente geométrico, tingida pelos olhos vibrantes da minha mãe e pelos galões de sangue derramados em seu nome.

A torre que o abriga é uma escultura de gelo bruto, mas quando Elian estende a mão para tocá-la, ele não recua. Não está congelada, mas suspensa. No tempo, ali naquele lugar.

— Não podemos derretê-la, então — diz Elian.

— Não podemos quebrá-la — urge Yukiko. — Podemos acabar quebrando o cristal.

Ele se vira para a princesa.

— Duvido que, mesmo se quiséssemos, conseguiríamos quebrá-la. *Sinto* que é impenetrável.

Yukiko balança a cabeça furiosamente.

— Temos que abri-la — diz ela. — O ritual. Qual é o ritual?

Todos os olhos se voltam para mim, e eu respiro fundo, me preparando. Este é o momento que vim planejando. O motivo exato de eu ter manipulado a minha volta ao navio de Elian. Olho para ele e para a forma como seu cabelo se encarcara nas orelhas, espetado de um jeito que indica todos os momentos em que dormiu em uma tenda molhada. A careta que faz a mandíbula latejar. O cheiro ridículo de alçaçuz sempre que ele suspira.

Estou perto demais.

Pigarreio.

— Sangue de ninfa — digo.

Elian se vira para mim.

— Como assim?

— Você acha que qualquer um pode empunhar o Cristal de Keto? — pergunto. — Tem que ser um guerreiro digno de sua magia.

— Um guerreiro — diz ele.

— Um assassino de ninfas.

Mentiras e mais mentiras, todas se misturando com as meias-verdades na minha língua.

Kye joga as mãos no ar e marcha adiante.

— E onde é que vamos arranjar sangue de ninfa? — pergunta. — Por que você esperou até agora para nos contar?

— Não faria diferença ela ter nos contado antes — diz Madrid, encarando-me com uma expressão indecifrável. — Ninfas não têm sangue; elas têm ácido. Não podemos capturá-las, já que viram espuma do mar. Mesmo se pudéssemos,

corroeria qualquer coisa em que o guardássemos.

— A sua faca. — Aponto para o cinto de Elian. — A única coisa neste mundo que pode carregar o sangue de uma ninfa.

— Ela não carrega sangue nenhum — diz Elian. — Ela bebe.

— Ela absorve — corrijo-o. — Não me diga que você não percebeu que, a cada ninfa que você mata, ela fica um pouco mais forte. Um pouco mais pesada.

Elian fica em silêncio.

— Como você sabe disso? — Yukiko inclina a cabeça. — Tem alguma coisa em você que não me parece certa.

Ignoro-a e mantenho o foco em Elian. As sobrancelhas dele se unem, e sei que, neste momento, ele duvida de mim. Que mesmo eu estando ignorando Yukiko, ele não está. Ele suspeita, talvez sempre tenha suspeitado, e, apesar de ele ter todo o direito de pensar assim e de parte de mim se orgulhar dele por isso, dói do mesmo jeito. Não sou confiável, e o fato de que ele sabe disso me mata aos pouquinhos.

Ainda assim, não posso deixar que seja ele a libertar o olho.

Lanço um sorriso despreocupado para Elian.

— Eu te disse que seria útil me manter por perto.

Ele puxa a faca do bolso e a empunha sob a luz da caverna. Elian gira a lâmina na mão e dá um passo na minha direção. Considero me afastar, mas fico enraizada onde estou. Recuar agora apenas me faria parecer culpada.

— E então? — pergunto.

— Então nada — diz ele. — Eu acredito em você.

Ele pausa por um segundo, como se esperando que eu fosse contradizê-lo e falar que isso tudo é um erro. Ainda mais ridículo é o fato de que eu quero fazer isso. Tenho vontade de falar que ele nunca deveria fazer algo tão idiota como acreditar em mim. Mas não digo nada, então Elian se vira para as águas congeladas de Diábolos e mergulha a faca bem lá no meio.



Eu deveria ter ficado feliz quando aquilo falhou.

O sangue dentro da faca se foi para sempre. Bebido e transformado em magia, a responsável por ter mantido a arma invencível, por tê-la permitido absorver a vida de uma ninfa. Eu sabia disso, mas dei esperança a Elian, porque é isso que mentirosos fazem quando não querem ser pegos. E tive que os fazer pensar que eu acreditava que a faca poderia funcionar, pois por qual outra razão eu teria esperado até agora para contar que sangue era a chave?

Tive que deixar Elian falhar para que eu pudesse obter sucesso. Só não estava esperando me sentir tão mal por isso.

Horas passaram, e tenho certeza de que deve ser noite agora. De qualquer forma, a tripulação está dormindo em diversas câmaras fora do domo. Sentinelas e transgressores. Estão determinados a não irem embora até darem um jeito de libertar o olho. Se a determinação de Elian não for suficiente, a fúria de Yukiko

deve manter todos ali.

Tentem, disse ela. *Tentem partir sem a glória que vocês prometeram ao meu irmão.*

Pego a espada leve e encaro o Segundo Olho de Keto, suspenso na água do meu lar. Contra a minha pele, o colar de concha chama. Ele anseia ser reunificado com o mar poderoso que o criou. Posso sentir também, o puxão constante de Diábolos esticando os braços para me arrastar em seu rastro.

Agarro a minha espada e corto a palma da minha mão.

Fico indiferente enquanto sangue escorre pelo meu braço e pinga no olho. Não sinto nenhuma dor excruciante nem a acidez gelada infinita. É quente e vermelho e muitíssimo humano. Ainda assim...

Quando o sangue toca a água, ele dissolve. A parte de cima da torre se curva sobre si mesma, derretendo e criando uma abertura grande o bastante para que eu consiga enfiar o braço ali. Pego a pedra e suspiro. Parece tão pequena agora, mas posso sentir o poder correndo pelo meu corpo. O potencial da selvageria. Ela quase queima na minha mão.

— Esse tempo todo, eu senti algo em você.

Eu giro, e seguro o olho com força no meu punho.

— Eu sabia que algo não encaixava — diz a princesa Yukiko. Ela fareja o ar, como se pudesse sentir o cheiro do monstro em mim. — Você não é totalmente humana.

Embainho a espada e mantenho a voz baixa:

— Você não sabe do que está falando.

— Provavelmente não, mas, mesmo assim, vamos dizer em voz alta. Você é uma delas, não é? Uma ninfa.

Eu não respondo, e ela parece aceitar isso como resposta. A princesa sorri, seus lábios finos se curvam para criar maçãs em suas bochechas.

— Como foi que você conseguiu esse disfarce? — pergunta ela. — Como é possível?

Cerro os dentes, odiando a forma como ela me olha, como se eu fosse um peixe em um anzol. Como se eu fosse algo a ser analisado e estudado, em vez de temido. Ela caminha na minha direção, circulando até estar do outro lado da torre congelada.

Eu a fulmino com o olhar.

— A Rainha do Mar achou que seria mais uma punição do que um disfarce — digo.

— E roubar o cristal é a sua redenção? — questiona. Ainda curiosa demais, ainda destemida demais. — Eu me pergunto qual crime você cometeu para sofrer tal castigo.

— Tudo começou quando eu nasci — digo a ela. — A Rainha do Mar nunca gostou muito de competição.

Simple assim, o sorrisinho some dos lábios de Yukiko, e algo novo surge em seu lugar. Admiração, substituída pelo choque. Surpresa, pela incerteza. Curiosidade, pelo medo.

— Você é ela — diz Yukiko. — A Maldição dos Príncipes.

A expressão dela continua vacilando por mais um tempo, então, rapidamente, a hesitação deixa o seu rosto. A princesa sorri, ardilosa e perspicaz.

— Você, entre todas as pessoas, não sabia? — pergunta ela.

Demoro demais para perceber que ela não se dirige mais a mim.

Vira a cabeça para a entrada do domo, onde Elian está parado. Seu rosto está imóvel e inexpressivo, e os olhos perduram no olho na minha mão. Fico pálida, e o meu coração para no peito. De repente, nada parece sólido, exceto o ar que se aloja na minha garganta.

Eu acredito em você.

Por um momento, entretenho a lamentável ideia de que, talvez, ele não tenha ouvido. Mas, quando os seus olhos encontram os meus, sei que ele sabe. Sei que ele ligou os pontos que eu tentei, com tanto empenho, destruir. E quando ele leva a mão à espada, sei que esta noite vai acabar em sangue.

TRINTA E SEIS



Maldição dos Príncipes.

Não há nada além dessas três palavras. O mundo para, e eu busco nas minhas memórias algo: uma pista, um sinal, um *rastro*. Em vez de não encontrar nada, me deparo com a ideia de que sou um tolo.

Resgatamos Lira do meio do oceano, sem nenhum outro navio à vista. Quando ela recuperou a consciência, havia algo inexplicavelmente cativante naquela garota, que foi quebrado apenas no segundo em que ela tentou me atacar. Ela falou psáriin no convés do meu navio. E, pelos deuses, aquela ninfa. O que ela tinha dito? *Parakaló*. Ela implorou pela vida, e eu nem sequer pensei em questionar aquilo, apesar de nenhuma ninfa jamais ter feito tal coisa. É claro que ela imploraria. Não para mim, mas para outra da própria espécie. Para a sua princesa.

— Você, entre todas as pessoas, não sabia? — pergunta Yukiko.

Eu não respondo.

Eu sabia que Lira estava escondendo alguma coisa, mas nunca imaginei que fosse isso.

Minha mão voa para o meu peito, pressionando as cicatrizes que descansam sob o tecido da camisa. Cicatrizes muito parecidas com as que vi em Rycroft depois que Lira acabou com ele. Naquele dia em Midas, a Maldição dos Príncipes me encontrou quando eu não consegui encontrá-la. Ela deixou uma sereia afogar minhas forças, então arranhou as garras pelo meu coração enquanto se preparava para arrancá-lo do peito. Se os guardas reais não tivessem vindo, ela teria me matado.

Lira teria me matado.

Desembainho a espada no segundo que os olhos dela encontram os meus. De início, não tenho certeza do que planejo fazer além de agarrar a lâmina com tanta força que ela esmaga os meus ossos. Mas quando Lira não se move, mesmo enquanto avanço, chegando mais e mais perto, a atitude apenas inflama a raiva dentro de mim. A traição. Ela nem sequer tem a decência de recuar.

— Elian.

Ela diz o meu nome num suspiro, e eu perco todo o controle.

— Eu vou te matar — digo.

Mesmo como humana, Lira é rápida. Mais veloz que a maioria dos guerreiros novatos com que me deparei, e muito mais fluida. Ela é desleixada, mas tem algo primal em seus gestos. Desço a espada em cima dela, e ela gira os ombros para

trás em um movimento ligeiro. Lira parece chocada, mas se recupera o bastante para desferir um soco na minha direção. Agarro os seus punhos, a centímetros do meu rosto, e os giro. Dentes à mostra, ela chuta com uma força brutal. Giro para fora do caminho, mas o pé dela atinge a minha coxa e dor dispara perna acima.

Aponto o cinto dela com a cabeça.

— Sua espada — digo.

— Você se importa por eu estar desarmada? — pergunta ela.

— Não confunda honra com preocupação — Sibilo. — Se eu precisar, vou acabar com você, mesmo estando indefesa.

Volto a investir contra ela, e a garota gira, desajeitada, para longe do meu caminho. No segundo em que ela não está mais ao meu alcance, escuto o som de metal sendo desembainhado.

Lira ergue a espada num arco perfeito, do jeito que eu ensinei, e rosna.

É quando vejo o animal nela.

Nossas espadas gritam juntas. Metal contra metal.

Bloqueio, enquanto Lira desfere outro soco, e eu seguro o pulso dela outra vez. Quando o dobro, com força, para a esquerda, a espada dela cai de sua mão. Giro Lira para mim, prendendo seus braços junto ao corpo. Meu coração bate furiosamente nas costas dela, enquanto Lira se contorce contra as minhas mãos. Ela está fria, como sempre, mas o suor escorre entre nós.

— Acabe com ela! — grita Yukiko.

Engulo em seco e analiso a espada presa entre nós. Minhas mãos não podem soltar Lira para obter um bom ângulo, e a ideia de estar tão perto assim, perto a ponto de ouvi-la arfar e de sentir a vida abandonar o seu corpo, é demais.

Fico enojado.

Penso no sabor de seu beijo com uma imensidão de estrelas acima de nós. Uma galáxia toda observou o corpo dela se curvar no meu. Quando ela me pediu para beijá-la, e quando tudo o que consegui fazer foi me manter firme.

Lira inclina a bochecha na minha direção, e solta um suspiro baixinho.

Então ergue o cotovelo e o estoura na minha mandíbula.

Deixo as minhas mãos caírem, e ela se lança para frente para recuperar a espada. Com um riso sem qualquer alegria, pressiono a mão na boca.

— Você, com certeza, faz jus à sua lenda — digo.

— Acabou, Elian. — Ela aponta a espada entre nós, como uma barreira.

Cuspo o sangue no chão.

— Vai acabar quando você estiver morta.

Quando ataco de novo, ignoro tudo, exceto a traição que ruge pelo meu corpo. Desfiro golpe atrás de golpe, acertando a minha lâmina na dela. De novo e de novo. Cada ataque guincha pelo ar, e o tempo parece andar rápido demais e, ao mesmo tempo, estar totalmente parado. Segundos e minutos sem fim, até ela cair de joelhos e o cristal rolar pelo chão com ela.

Lira não tenta pegá-lo, e eu também não. Não consigo fazer nada, exceto imaginar por mais quanto tempo ela vai manter a espada acima da cabeça. Protegendo-se do meu ataque.

Ela recebe cada golpe com um olhar fatal no rosto. Então seus cotovelos começam a tremer, e o tornozelo, por fim, colapsa. A lâmina tilinta no chão frio. Lira se esparrama no chão, esperando, a expressão indiferente. Dando-me a abertura que eu achava que queria.

Ela aperta o colar de concha, e eu me encolho. É como se ela estivesse me provocando com cada dica que fui cego demais para ver. Ergo a arma de novo, sentindo o metal pesado nas mãos. Posso vingar Cristian. Posso vingar todos os príncipes que morreram no oceano e todos os que ainda podem vir a morrer. Posso matá-la e acabar com isso.

Deixo a espada cair.

Lira arfa. O suor escorre por sua testa, e o olhar desconcertado nos olhos me atravessa. Queria tê-la matado. Queria que ela tivesse me matado. Em vez disso, encaramos um ao outro, então Lira balança a cabeça e me passa uma rasteira.

Quando atinjo o chão ao lado dela, ela solta um suspiro frustrado.

— Da próxima vez que quiser matar alguém — diz ela —, não hesite.

— Não deveria ser eu dizendo isso para você?

— O que você está fazendo? — pergunta Yukiko. Eu me sento enquanto a princesa páguesa me olha feio. — Ela é a Maldição dos Príncipes.

Ela diz isso como se achasse que eu tivesse me esquecido. Como se fosse uma possibilidade eu deixar Lira viva porque sou burro demais e não porque sou realmente esse tipo de humano.

Eu me levanto e endireito as roupas.

— Sei disso — digo, e recolho as duas espadas do chão.

— Ela veio atrás do cristal — diz Yukiko. — Assim como nós.

— E, agora, ela vai embora sem ele.

Lira encara o Cristal de Keto a alguns centímetros de onde está sentada toda curvada no chão. Mas ela nem sequer tenta alcançar o motivo que a trouxe aqui.

— Levante-se — digo.

Yukiko avança.

— Você não pode fazer isso — diz ela, indignada. — Se a sua tripulação não estivesse dormindo, que nem cadáveres, no outro lado deste palácio, te diriam que você não pode simplesmente deixá-la ir embora.

Bem devagar, inclino a cabeça na direção de Yukiko.

— Você ainda não é rainha. Não pense, nem por um segundo, que pode me dizer o que fazer, não mais do que eles podem.

Limpo o sangue seco da boca. Sempre parece ter um pouco disso em mim, mas, hoje à noite, é uma das poucas vezes que é realmente meu. Da última vez, foi no convés inferior do navio de Rycroft. Da última vez, era o sangue de Lira.

Falando nela, Lira se levanta e fica de olho no que farei a seguir. Não quero parecer abalado, mas é o que acontece. Ela me vê parado ali, esperando a próxima ordem, como um membro leal da minha tripulação, e as correntes que me mantêm firme quebram como se fossem cabos.

— Volte para o lugar de onde você veio — digo a Lira. — Agora mesmo.

Eu me agacho para pegar o cristal no chão, e Lira vacila. Vejo a sombra dela

se mover, incerta, sob a luz fraca. O tempo se arrasta pelo lugar como lama.

— Eu queria que esse pudesse ser o fim — diz ela.

Soa mais como um aviso do que uma ameaça, se algum dia existiu alguma diferença entre os dois. Um pressentimento da guerra inevitável que virá. Não respondo. Em vez disso, espero os passos dela desaparecerem do domo e, só então, quando tenho certeza de que ela se foi, me levanto.

— Você não pode deixá-la viva — diz Yukiko, macabra.

— Ela vai ter muito tempo para morrer. — Seguro o cristal na palma da mão. — Bem ao lado da mãe.

Yukiko parece descrente.

— Eu te avisei — diz ela. — O amor não é coisa de rei. Você verá assim que estivermos casados.

— Você pode parar de falar de casamento agora — digo a ela. — Não vai rolar.

Yukiko imita o meu olhar com uma dureza adicional.

— Um príncipe que volta atrás em suas palavras? Essa é novidade.

— Eu disse que te daria uma alternativa. — Impaciência se infiltra na minha voz. — Posso não querer ser o rei de Midas, mas, com certeza, não quero que você seja a rainha.

— E que oferta você poderia me fazer que seria mais atraente?

Cerro os dentes. Reações são tudo o que Yukiko sempre parece querer, e Lira roubou a última que me restava.

— Aposto que você sabe da aflição da rainha Galina.

— Meu irmão me colocou a par da informação quando assumiu o trono.

— Kardiá está ganhando proeminência através dos negócios comerciais com outros reinos. A rainha deles está ficando bem popular no Norte. Galina não pode competir com isso se não puder interagir com o povo por medo de infectá-los. Eidýllio está sofrendo porque ela escolheu não ter outro marido para ajudá-la a governar.

O interesse de Yukiko parece bem ensaiado.

— E por que eu deveria me importar com isso?

— Porque ela não disse nada sobre arranjar uma esposa.

— Você quer que eu me torne a rainha de Eidýllio? — Yukiko gargalha, descrente.

— Uma das rainhas — corrijo-a.

— E por que Galina concordaria com isso?

— O poder dela não afeta mulheres. Você poderia entrar em contato com os outros reinos em nome dela, se encontraria com dignitários e diplomatas. Você veria o povo e inspiraria lealdade. Todas as coisas que Galina não pode fazer.

— E os herdeiros? — pergunta Yukiko.

— Ela não tem interesse nenhum em dar continuidade à linhagem amaldiçoada.

— Você pensou em tudo. — Yukiko praticamente ronrona. — Até falou com a rainha?

— Galina concordou que seria um acordo mutualmente benéfico, ainda mais se isso der a ela conexões tanto com Efévresi quanto com Págos. E, é claro, deixaria Midas em débito com ela.

— E se eu recusar?

Tensiono a mandíbula.

— Ou você se casa com uma rainha poderosa e governa ao lado dela, ou você fica em Midas com um futuro rei que vai questionar todas as suas decisões. — Guardo o cristal dentro do bolso, ao lado da minha bússola. — Será que vou sobreviver ao dia de hoje? Será que você quer realmente se casar com um príncipe condenado à morte?

Yukiko me estuda, e sei que é irrelevante o acordo ser bom ou não. Agora, tudo com o que ela se importa é ganhar, e se ela consentir com tanta facilidade, então não importa se vai receber um reino poderoso como prêmio. Para ela, perder é pior do que ganhar um reino.

— Eu tenho uma condição — diz ela.

— É claro que tem.

— Quando a hora chegar, quero que a Maldição dos Príncipes morra pela sua lâmina.

Minhas mãos cerram no bolso, os nós dos dedos estalam contra a bússola. Tal qual a dona do Ganso de Ouro, tão imoral quanto os clientes; tal qual a princesa, fazendo demandas com o futuro da humanidade em risco.

Pisco para afastar a imagem da sombra vacilante de Lira e do olhar em seu rosto quando percebeu que eu havia descoberto a verdade quanto à sua identidade. Como ela me tirou da frente do trajeto da bala de Rycroft e me pediu para beijá-la na beira da montanha. Me obriga a me lembrar que mentir é o melhor talento dela.

Instruo a minha expressão a ficar indiferente.

— Posso te garantir — digo a ela. — Na próxima vez que eu a vir, não vou nem piscar.

Sinto a bússola sacudir na minha mão e, devagarinho, o ponteiro se mexe.

TRINTA E SETE



Corro mais rápido do que eu achava que conseguiria. Pelo labirinto do palácio de gelo e pelos túneis onde a tripulação de Elian ainda dorme. Corro até não parecer que estou correndo, mas que estou flutuando. Voando. Nadando pelo labirinto, assim como eu fazia no oceano. Corro até sentir o cheiro da água e ver a luz espreitar no fim do caminho.

Elian me deixou viver, mas foi um pequeno ato de misericórdia que será desfeito na batalha que se aproxima. Fez porque sabia que não importaria? Porque queria que eu visse a minha mãe morrer primeiro? Não quero me agarrar à ideia de que possa ser qualquer outra coisa, mas não consigo evitar. Brinco com a possibilidade de que a traição da minha identidade não desfez qualquer ponte que tenha surgido entre nós.

Quando ele largou a espada, foi um gesto de tamanha exaustão que eu nem tenho palavras para descrevê-lo em qualquer língua. A ideia de que ele não me quer morta é impossível, mas me agarro a ela mais desesperadamente do que me agarrei a algo na minha perversa vida. Ele me beijou, afinal de contas. Acariciou a minha bochecha com tanta delicadeza e pressionou os lábios nos meus de um jeito que fez o meu corpo incendiar, derretendo qualquer pedacinho da montanha que deslizasse na minha pele.

Coisas como essas não podem ser esquecidas, não mais do que podem ser desfeitas.

Escapo do castelo de gelo e apanho os remos de um dos botes. Ofegando, chego ao outro lado do grande fosso, o tempo todo eu aperto o colar de concha. Os vincos grossos pressionam a palma da minha mão enquanto analiso as opções diante de mim. Elian vai pensar que pode usar o olho para matar a minha mãe e todas as ninfas do oceano. Vai arriscar a própria vida, acreditando que tem uma arma, quando, na verdade, aquela arma é inútil nas mãos dele.

Com o meu sangue a cobrindo, ela não pode ter nenhum outro mestre.

A Rainha do Mar me contou muitas coisas sobre o olho de Keto, mas a de que eu me lembro com clareza é esta: quem quer que liberte o olho se tornará o seu mestre. Não menti para Elian quando disse que precisávamos de sangue; só não precisava ser sangue de ninfa. Se Elian tivesse cortado a própria mão acima da água, o Segundo Olho de Keto teria sido dele. Isso teria dado ao príncipe os mesmos poderes que o tridente da minha mãe dá a ela. Foi assim que as famílias originais planejaram para que os humanos derrotassem a Rainha do Mar: uma justa batalha de magia.

Jogo o colar de concha no fosso, assim como fiz em Eidýllio, só que desta vez eu me concentro na imagem da minha mãe. Chamo-a dentro da minha mente, alto o bastante para que atravessasse toda uma montanha e se espalhe pelos mares. Num primeiro momento, não sei se vai funcionar, mas, então, a água começa a borbulhar. E, ao meu redor, o gelo espalhado sobre o fosso derrete.

Tudo chamusca como um fogo invisível, e uma lufada de água esguicha para o alto. O preto flui como sombras esparramadas na luz. Escuto um cantarolar conhecido, então o inconfundível som de riso.

Do abismo, minha mãe surge.

Ela continua linda, como todas as rainhas ninfas são, e assustadora de uma forma que apenas ela consegue ser. Seus olhos brunem os meus, e os longos dedos acariciam o tridente como se ele fosse um bichinho de estimação. Todo o poder do mundo na ponta dos dedos, pronto para domar o mar e seus monstros de acordo com os seus caprichos.

Por alguma razão, ela parece estranha para mim agora.

A Rainha do Mar sorri, há sangue fresco nos seus dentes.

— Você vai falar? — pergunta.

Olho de volta para o palácio, esperando Elian sair correndo dali a qualquer momento, mas a entrada continua vazia, e a água, imóvel aos seus pés. A Rainha do Mar simplesmente aguarda.

— Você sabe onde estamos?

Ela lança um olhar despreocupado aos arredores, descansando os dedos longos e membranosos no tridente. Mal vejo seus olhos cinzelados faiscarem quando ela diz:

— Na Montanha Nublada.

— Este lago — minha respiração chia entre nós —, é onde o Segundo Olho de Keto foi escondido. Segui o príncipe cujo coração você queria que eu roubasse, e ele me trouxe até aqui. Até aquilo que você tem procurado. Eu encontrei este lugar. Você, não. Você não conseguiu senti-lo mesmo com todo o poder desse seu maldito tridente?

É só quando ela pisca que percebo que estou gritando.

De repente, todas as mentiras e desculpas que eu tinha tanta certeza de que poderia tecer perderam a importância. Minha mente está vazia, exceto por um único pensamento: estou me sentindo injustificadamente virtuosa. Quando a água se abriu, pensei que havia algo estranho na minha mãe. Uma pequena mudança ocorrida durante a minha ausência que eu não conseguia identificar direito. Agora percebo que não é que a minha mãe esteja estranha, mas que ela é uma estranha.

A Rainha do Mar ri, e o chão racha aos meus pés. Ela se reclina, e a água borbulha, subindo no ar e envolvendo-a como um trono.

— Você continua sendo uma criança tola — ralha ela. — Posso sentir cada copo de água que um humano pressiona nos lábios? Você acha que o líquido faz parte do nosso mundo só porque flui do mesmo jeito? — A Rainha do Mar roça uma presa ao longo do lábio. — Tudo isso é um disfarce — diz ela. — Esta

montanha, este fosso... não é nosso. É deles. Os senhores originais desta infestação de reinos humanos. Feitos pelo homem; feitos com *magia*. Não há nada de nossa deusa nestas águas. Eu não teria conseguido aparecer aqui se você não tivesse usado a concha para me chamar. Eu não saberia que um lugar como esse poderia ser acessado.

— Agora você sabe.

— E quando você me der o olho, poderei destruir tudo e mandar cada parte para as profundezas de Diábolos.

Abro um sorriso fraco.

— O plano parece ótimo, mas não é o que tenho em mente.

A Rainha do Mar estende as mãos, os dedos tão afiados quanto ossos. Uma mão cheia de facas.

— Filha — ordena ela —, entregue o Segundo Olho de Keto enquanto ainda estou disposta a ser educada.

— Isso seria meio que impossível, já que não estou com ele agora.

O rosto esculpido da rainha quebra. Um leve tremor nas sobrelhas sulcadas, e um repuxar ríspido nos lábios, repentino demais para ser um sorriso. Ela angula a cabeça, estudando a minha postura rígida. Analisando a mudança inesperada em mim. Ainda uma criança insolente, mas com algo muito mais traiçoeiro nos olhos.

Devagarinho, a Rainha do Mar se inclina para frente. Seus olhos cintilam sob a luz.

— Cadê o cristal?

Convoco as partes de mim que mais aprenderam com Elian. A bravata muito bem treinada que vem do talento de sempre sobreviver e da ideia de que a sorte nunca acaba. Apenas desta vez, quero tirar algo verdadeiro dela. Uma reação que ela não mediu nem calculou.

— Está com o príncipe que veio procurá-lo — digo. — Eu o deixei com o cristal, em troca da minha vida.

Sinto o impacto do chão antes de ver o sangue. Quando abro a boca para respirar, ele escorre do meu nariz, direto para a minha língua.

— Seu lixo insolente! — guincha a Rainha do Mar.

Seus tentáculos se debatem loucamente, socando o ar entre nós. Sinto-a ferver contra a minha pele, e ela fecha um tentáculo ao redor do meu pescoço e o aperta.

— Você acha que a sua vida vale mais do que aquele olho?

Minha mãe avança, e suas unhas cortam os meus pulsos como lâminas. Tento me libertar, mas o aperto dela é inquebrável. Quanto mais eu luto, mais forte ela aperta, até eu sentir que, com mais um movimento, meus ossos se partirão.

Ela me arrasta pelo caminho, para mais e mais perto do castelo de gelo. Minhas juntas estalam a cada puxão violento, os pés sendo arrastados pela água. Minha garganta queima sob o tentáculo, mas não deixo o meu sorriso vacilar. Não faço nada, senão esperar até que ela pare e me jogue de novo no chão.

Nem sequer penso em contar a ela que fui eu quem libertei o Olho e que,

quando eu o reencontrar, o poder dele pertencerá a mim. Admitir isso colocaria a vida de Elian em risco. No momento, minha mãe o vê como uma ameaça, e é exatamente disso que preciso.

Distração, disse Elian. Ele vai ficar orgulhoso quando ver que eu aprendi direitinho.

A Rainha do Mar me olha como se eu fosse uma doença.

— Você acha que a sua vida vale alguma coisa?

— Talvez não para você — digo. Inclino a cabeça para o lado e cuspo. — Mas para ele, talvez.

— Eu sabia que você era fraca — diz ela. — Mas nunca percebi o quanto. A herdeira do reino marinho de Keto, que eu tive que fazer assimilar a brutalidade a soco. Que prefere ver um jovem príncipe se afogar a arrancar o coração dele enquanto ainda bate? Que chorou quando assassinou a minha irmã?

Com a menção de Crestell, meu peito aperta. A Rainha do Mar me olha como se eu fosse digna de pena, não mais sua filha do que qualquer outra criatura sob o seu domínio. O completo oposto do jeito com que Crestell olhou para Kahlia quando salvou a vida da filha.

— Pensei ter arrancado isso de você — diz a Rainha do Mar. — Ainda assim, olhe o quanto restou. Como uma praga, essa humanidade te infectou muito antes de eu roubar as suas barbatanas.

— Vou encarar como um elogio — digo. — Você queria que a sua punição me ensinasse uma lição, e ensinou. Sei que o príncipe não é meu inimigo. Na verdade, ele nada mais é que uma versão mais honrada de mim. — Encaro os olhos pétreos e vidrados dela. — E em uma outra vida, se eu tivesse opção quanto a quem ser, talvez eu teria sido como ele.

— Chega! — exige ela. — Você vai me dar o que é meu antes que eu te mate.

— Não — digo. — Acho que, primeiro, vou pegar o que é meu.

Um som escarnekedor sai dos lábios dela.

— Você quer a minha coroa?

— Na verdade, a coroa é minha.

As pontas de suas presas reluzem sob a luz do dia.

— Você acha que pode me matar, Lira? — pergunta ela. — Quem te trouxe para este mundo?

Nada de medo, apenas curiosidade. Encoberta tanto por divertimento quanto por descrença.

— Se estivéssemos no oceano, você teria um exército — digo. — Mas estamos na Montanha Nublada, o mais longe possível de casa. Aqui, com Elian e a tripulação dele, você é praticamente um cadáver.

— *Elian?* — Ela diz o nome dele com bile na boca. — Você e seu principzinho humano nojento acham que eu preciso do oceano para ter um exército? Não importa aonde eu vá, meu poder me segue, assim como eles. Se realmente quer pôr um fim a esta guerra, então ficarei feliz em cooperar. Como mãe, devo fazer as vontades da minha filha.

Ela abaixa o tridente fundo na água, observando o meu receio. Preto escorre da espinha do tridente como lágrimas. A coisa se acumula pelo fosso, então flutua a alguns centímetros acima da água, formando grandes círculos escuros ao longo do caminho. Portais até Diábolos.

Uma mão emerge do primeiro círculo, o que está mais próximo dos meus pés. Então outra. O equivalente a uma tropa aparece em seguida, e a água vocifera com a magia das trevas, sacudindo no que, uma a uma, as ninfas abrem caminho até a montanha. Garras, e dentes, e barbatanas, e olhos frios, muito frios.

Então, não muito longe de mim, uma visão muito pior.

Sinto o poder do olho antes de ver Elian sair do palácio com a tripulação, com um exército se enfileirando atrás dele. Ele estuda a tropa que cresce com um olhar igualmente admirado e aterrorizado. Deixo escapar um suspiro e, mesmo daqui, sinto seu cheiro de pescador na brisa. E isso arranca uma parte de mim que já está machucada.

Como se ele pudesse sentir o acontecido, os olhos de Elian encontram os meus. Ele parece cansado, mas pronto para a guerra. Sempre preparado para o que está por vir, mesmo que o “vir” seja a morte. Enquanto ele me observa, algo estranho atravessa seus olhos tempestuosos. Incerteza. Alívio. Algo muitíssimo conflituoso para o qual consigo apenas franzir a testa em resposta. Seja lá o que for, vai embora rápido demais para que eu possa decifrar.

Abro a boca para chamá-lo, para avisar que ele deve correr, ou se esconder, apesar de eu saber que o príncipe não vai fazer nenhuma das duas coisas. Mas, então, ele pisca, e sua expressão se aguça. Consigo notar, apenas por aquele olhar, que a Rainha do Mar arranhou um espaço em sua linha de visão. No segundo que eles miram um ao outro, meu coração dá solavancos nas minhas costelas.

As ninfas se erguem, preparando-se para o ataque, e sei que nenhuma delas vai usar suas canções para apaziguar Elian e a tripulação dele. Isso não é uma caçada; é uma guerra. E elas vão querer uma matança justa. Uma vitória brutal o bastante para deixar a rainha delas orgulhosa.

A Rainha do Mar se curva para baixo, os tentáculos roçando a minha mão, lábios parecendo vidro quebrado no meu ouvido.

— Garotinha tola — sussurra ela. Então, como se fosse a pior coisa que ela pudesse proferir, diz: — Garotinha humana tola.



A água está escura com as ninfas, e o mundo segue pelo mesmo caminho.

Elas cobrem a montanha de fuligem com sua presença quase demoníaca e, enquanto o sol luta para subir ainda mais alto, ele mancha o céu. Há uma sequência de sibilos e gritos infernais ao passo que as ninfas usam as garras para subirem até a superfície da água, com sorrisos ímpios e sedutores. Não posso evitar ficar hipnotizado. Criaturas tão lindas. Coisas tão encantadoras e fatais. Mesmo enquanto aguçam as presas nos lábios e passam as mãos com garras pelo cabelo líquido, não consigo desviar o olhar.

Tudo nelas é temível, mas nada nelas é horrível.

O fosso se alarga meio quilômetro em cada direção, e as ninfas parecem preencher todo o espaço. Deve haver umas duzentas delas, superando o nosso número, duas para cada um de nós.

— Pelos deuses. — A voz de Kye soa atordoada. — Elas estão por toda parte.

— A gente notou. — Madrid alinha a mira da sua balestra. — O que vamos fazer, capitão?

— Comportem-se direitinho — digo.

Ela abaixa a balestra e franze a testa.

— Como assim?

Assinto em direção ao centro do caos.

— Estamos na presença da realeza.

A Rainha do Mar é uma visão diante de nós, com os tentáculos longos e escuros como a noite, e a filha posicionada lealmente ao lado. Uma díade formidável. Apesar do novo disfarce humano de Lira, quando a garota se coloca ao lado da mãe, parece que estão prestes a carbonizar sob a luz do dia.

A Rainha do Mar flutua pela água, Lira segue um caminho oscilante ao lado dela. Quando a rainha me alcança, percebo que seus olhos são da mesma cor dos lábios.

— Assassino de ninfas — diz a Rainha do Mar, cumprimentando-me.

Quando ela fala, mesmo que apenas algumas poucas palavras, mesmo no meu idioma, é diferente de tudo o que já ouvi. Vil e odioso, sedutor e repulsivo. A melodia de sua voz me faz sentir um tipo cruel de melancolia. É como se ela falasse através de canções fúnebres.

— Vossa Majestade. — Faço uma reverência apenas baixa o suficiente para que os meus olhos não a deixem.

— Lira. — Madrid balança a cabeça, traição encharcando a sua voz. — Não

pode ser verdade, não é? Você é uma de nós.

O riso da Rainha do Mar borbulha como água.

— Logo, logo você vai descobrir que a minha filha não é leal a ninguém. — Ela vira os olhos para Lira. — Ela não passa de uma traidora.

— Eu sabia — diz Kye, apesar de não haver qualquer satisfação em sua voz. — Eu sabia que não deveríamos ter confiado em você, mesmo assim, confiei. Você nos usou esse tempo todo?

É uma pergunta, como se ele não pudesse acreditar. Como se não fosse acreditar, apesar de todas as suas suspeitas, até a própria Lira confirmar. Mas ela não responde. Se porque não se importa o bastante ou se porque não há muito o que dizer, não tenho certeza. Mas ela não olha para ele, para nenhum de nós, para mim. Seus olhos estão fixos na mãe. Vagueando por ela. Sempre que a Rainha do Mar se move, os ombros de Lira se contraem na nossa direção.

— Você tem algo que me pertence — diz a Rainha do Mar.

O cristal se agita no meu bolso.

— Não se preocupe. Tenho a intenção de te devolver.

A Rainha do Mar inclina a cabeça para baixo, braços abertos em um gesto zombeteiro.

— Então, por favor — diz ela —, vamos começar.

Avanço.

A Rainha do Mar desliza para fora da minha mira em um movimento elegante e, quando está fora do caminho, sua horda ascende. Ninfas jorram da água, pulando na minha tripulação e gritando enquanto unhas e dentes afundam em qualquer carne que conseguem encontrar.

Lira mergulha para o lado, e uma parte da minha tripulação vai atrás dela. Tento mantê-la no meu foco, mas há espadas e corpos demais, e levam poucos segundos para eu perdê-la de vista.

Mas ainda vejo a rainha. Ela flutua no centro do fosso, em um caminho de gelo que divide a água como uma pequena ilha. Com o Cristal de Keto nas minhas mãos, ela vai deixar as ninfas fazerem o trabalho sujo. Vai observar tudo enquanto elas se sacrificam pelo tesouro da rainha, sem ela nem chegar a arriscar o próprio pescoço.

Se eu pelo menos conseguisse me aproximar o bastante dela, então poderia usar o cristal para mandá-la de volta ao inferno de que veio.

Saio em disparada, desviando das ninfas aos pulos, com minha tripulação logo atrás. Descemos as espadas nelas, tomando cuidado para evitar os jatos de sangue ácido. Kye grita algo, e me viro bem a tempo de vê-lo cair no chão, uma ninfa retorcida em cima dele. Madrid a chuta para longe, antes de o sangue poder causar algum dano, e puxa Kye, levantando-o outra vez.

— Continuem! — grita Yukiko, apontando para a rainha com a espada. — Vamos distraí-las.

Ela é o epítome de uma princesa páguesa naquele momento, acima das amarras da inveja e da sede de poder. Uma guerreira bruta, pura, como cada um dos irmãos e reis e rainhas que vieram antes. Ela ergue a espada acima da cabeça,

circulando-a pelo ar, com força o bastante para criar uma tempestade. Está pronta para matar.

— Vamos! — ruge Kye.

Ele me puxa para frente, Madrid atira e dá cobertura para a nossa retaguarda. O som dos tiros e dos gritos sacodem a montanha. A cada passo que damos, outro membro da minha tripulação se afasta para travar guerra com uma ninfa que nos ataca. Elas estão por toda parte, brotando da água e deslizando pelo chão como cobras. Passo correndo por diversos corpos, minhas botas lisas com gelo e morte, até que uma legião de guinchos diabólicos me paralisa.

Um grupo de seis ninfas pula da água, com as unhas brilhando feito adagas. Pousam como gatos, barbatanas dobradas no meio e mãos arqueadas em garras.

— Cuidado! — grita Kye, e Madrid resmunga ao lado dele.

— Eu sei — diz ela, salpicando as criaturas letais com flechas. — Eu não sou cega.

As ninfas saltam para fora do caminho, enganosamente rápidas até mesmo em terra. Suas guelras expandem nas costelas nuas, revelando a carne viva por baixo.

— Você tem certeza disso? — pergunta Kye, e Madrid lhe dá uma cotovelada nas costelas e logo joga a balestra no chão e desembainha a espada.

Atacamos com mais brutalidade que nunca.

Vou direto para a garganta antes que qualquer uma delas possa abrir a boca para cantar. Ao nosso redor, canções se encontram e ecoam junto a gritos por misericórdia, mas há barulho demais para que cause mais que uma leve tontura. Há mortes demais para que as canções tomem forma. Ainda assim, não vou arriscar. Uma nota, e poderiam nos mergulhar em caos.

Ataco com a minha espada, cortando uma jugular. Então, outra. Elas surgem, numerosas e rápidas, como as cabeças da Hidra. Sempre que deixo uma ninfa decepada no chão, outra toma o seu lugar.

Uma delas apunhala Kye, as unhas deslizando até o joelho. O dedo vai tão fundo que eu quase espero ver o resto da mão dela fazer a mesma coisa, mas ele dá uma coronhada na têmpora da criatura e, quando ela cai sem vida no chão, ele liberta a perna sem nem hesitar.

— Vai logo! — grita Madrid, jogando o braço de Kye sobre o ombro. Ela mergulha a espada na boca de uma ninfa. — Pegue a rainha!

Saio correndo, rolando no chão ao me esquivar de outra ninfa que salta na minha direção. Consigo sentir a pele crepitar sob a manga da camisa quando a apunhalo. Sangue de ninfa, abrindo caminho feito ácido. Arranco o tecido e coloco um monte de neve na pele carbonizada antes de continuar.

Balas cascateiam ao meu redor, disparando pelo ar como fogos de artifício. A água está cheia delas, junto aos corpos flutuantes das ninfas. Ouço os gritos de batalha e os gritos da morte. Minha tripulação está morrendo, as ninfas estão morrendo, e não consigo distinguir qual grito pertence a quem.

Arquejo quando, por fim, chego à bifurcação de terra na água. Meus pés a atingem ao atravessar, mas eu mal tenho chance de chegar perto o suficiente da

Rainha do Mar antes de alguma coisa me acertar, me levantando do chão. Então, minhas bochechas estalam no solo.

Não é uma ninfa. É um tritão.

A criatura se joga outra vez na água e rugue com os dentes farpados de um tubarão. Me engasgo, mas, quando ele ataca de novo, estou pronto. Sou um tornado de metal e fúria, fazendo cortes precisos em sua pele borrachuda, atravessando o peito marcado e a barriga profundamente sulcada. Mas o tritão não desiste, não importa o quanto sangue.

Ele me segura pela garganta com a mão membranosa e rosna, alto o bastante para romper os meus tímpanos. Derrubo a espada. As pontas dos dedos espetados perfuram o meu pescoço, e ele me ergue do chão com um dos braços musculosos. Luto, me remexendo às cegas enquanto me engasgo para respirar. Quando as minhas mãos se prendem ao redor do clamor da lâmina, não perco tempo.

Cravo a faca na base do queixo dele, levando a lâmina para cima até o cabo attingir o osso. O poder volta a pulsar no metal, como nenhuma morte antes. É puramente animal e instintivo e, conforme a minha faca bebe tudo, eu faço o mesmo.

A criatura cai aos meus pés, e as narinas da Rainha do Mar se incendeiam.

— *Tha pethánete* — ela ladra.

— Foi mal. — Passo a mão pela garganta. — Eu não falo megerês.

A água fervilha furiosa ao redor dela.

— Quando você morrer — diz ela —, você acha que a minha filha vai chorar?

Ergo a faca.

— Mate-me, e você descobrirá.

TRINTA E NOVE



Chuto a espada, tirando-a do chão, e a empunho, exibindo ambas as lâminas diante da Rainha do Mar.

Ela sibila.

— Bem do feitio de um humano, depender de armas para matar.

Com uma das mãos erguida, ela iça uma massa de água e a lança para cima de mim. Mergulho para longe, mas a beira da onda gigantesca atinge o meu tornozelo e me faz voar pelo ar. Pousou derrapando, e o gelo queima através do tecido da minha perna.

Ela me observa com um olhar endiabrado de satisfação, então ergue a mão outra vez. Me preparo para o impacto, mas o golpe nunca chega. Em vez disso, ela envia um aríete de água na direção de uma fileira de meia dúzia de membros da minha tripulação. Aquilo os envolve imediatamente, e os arrasta direto para o poço apinhado de ninfas.

Rosno e jogo a espada na direção dela, mas o metal ricocheteia em sua pele envidraçada.

— Tolinho — cuspe ela. — *Ilthia anóitos*.

— Você já perdeu — digo a ela, colocando-me de pé. — O Cristal de Keto está comigo. Lira não conseguiu roubá-lo de mim.

Mas, mesmo ao afirmar o fato, sinto-me incerto. O cristal até poderia ter estremecido antes, mas, agora, parece mais um peso morto no meu bolso.

A Rainha do Mar se encolhe ao ver o cristal na minha mão.

— Vou me certificar de que Lira seja punida por isso quando acabarmos aqui — diz ela, deslizando para trás. — Na verdade, acho que já está sendo punida.

Sigo o olhar dela e congelo.

Na outra ponta do caminho, Lira está lutando com Yukiko. A princesa a empurra com força contra uma coluna de gelo, e Lira avança para cortar o peito da mulher com a espada. Não preciso ouvi-las para saber que Yukiko está rindo. Lira pode até ser uma assassina no oceano, mas Yukiko é uma guerreira páguesa e, na terra e na neve, especialmente nesta montanha, isso é muito mais importante. Os páguesos são treinados para serem impiedosos e, para Yukiko, Lira é apenas mais uma ninfa. Só que, agora, é uma presa fácil.

Alguns membros da minha tripulação a rodeiam, lâminas ansiosas para apunhalar a traidora. Perco Kye e Madrid de vista, mas, mesmo se estivessem por perto, não sei o que fariam. Se ajudariam Lira ou Yukiko.

Yukiko ergue a mão para manter a tripulação afastada. Sinalizando que quer

Lira apenas para si.

Lira gira o braço para dar um soco, mas a princesa páguesa se esquivava, e atingia com um forte cruzado de esquerda na bochecha. Quase sinto o impacto. Lira cospe e, no segundo seguinte, Yukiko a agarra com violência, rasgando o tecido ao longo do ombro. A garota chuta, mas quando Yukiko a acerta, desta vez, ela cai no chão.

A páguesa tira uma pistola do coldre, e a Rainha do Mar emite um som de repreensão.

— Viu? — ronrona ela. — Bem do feitio de um humano.

A falta de preocupação em sua voz me choca mais do que deveria. É um joguinho para ela. Tudo, desde a guerra até a morte da filha. Ela deixaria Lira ser morta apenas para que eu carregasse a culpa. Se recusaria a salvá-la só para que eu caísse em desgraça quando o fizesse.

Estou correndo na direção delas antes de sequer ter um bom plano, e a Rainha do Mar me deixa abandoná-la nas profundezas aquosas. Não preciso olhar para trás para saber que ela está me observando com um sorriso satisfeito. Sorrindo enquanto faço o trabalho sujo dela, tal qual qualquer um de seus súditos.

Chego tarde demais.

Algo atinge Yukiko, fazendo-a deslizar uns três metros pela neve. A ninfa rosna, cabelo amarelo se encaracolando diante dos olhos. Ela arqueia os ombros, umedece os lábios e, então, ataca outra vez. Disparos são feitos, mas a criatura é rápida demais para que as balas a alcancem.

O corpo de Yukiko é atravessado, e me engasgo quando a ninfa rosna e pressiona a mão contra o peito da princesa, pronta para roubar o coração ainda batendo como se fosse um troféu. Cerro os dedos ao redor da faca, respirando com um tremor baixinho, pronto para desferir o golpe final.

— Kahlia! — grita Lira.

A ninfa se vira com tudo para me encarar, gotas vermelhas no rosto e no cabelo.

Lira pula entre nós como um raio. Quase não consigo parar a lâmina antes de ela lhe cortar o pescoço. Arregalo os olhos, braços tremendo no que mantenho a espada pendendo, vacilante, sobre a garganta de Lira. Desafiando-me a deixá-la viva outra vez.

Lira engole em seco, o movimento atinge o metal, mas ela não recua. As bochechas estão coradas, e me esforço para desviar o olhar da marca.

— Ela não — diz Lira, inclinando-se entre a ninfa e eu.

Furioso, avanço até a minha sombra pairar acima de seu rosto.

— Você acha que vou deixar de matar qualquer uma dessas coisas só porque você me pediu? — pergunto. — Essa criatura acabou de tentar matar a princesa de Págos.

Lira lança um olhar para trás, na direção de Yukiko.

— Ela parece viva o bastante para mim — diz, e abre os braços nas laterais, protegendo a ninfa. — Era a princesa que apontava uma arma na minha cabeça.

— Eu não ligo.

Tento passar por ela, mas Lira pressiona as mãos no meu peito. É quase um empurrão, mas quando cambaleio alguns passos para trás, ela me segue, as palmas ainda planas na minha camisa. A conexão faz uma tempestade crescer dentro de mim.

Não é pele contra pele, mas poderia muito bem ser. Sinto o frio emanar dela, e o calor confuso que o acompanha. Quero esticar a mão e puxá-la para perto, salvá-la como salvamos um ao outro no navio de Rycroft. Mas esse instinto é o problema, e o fato de que ela tentaria usar isso contra mim, a fraqueza que ela mesma criou, faz o meu sangue ferver.

Abaixo os olhos até a mão de Lira, pressionada e espalmada no meu coração.

— Você é louca — digo. Não é uma pergunta.

— Elian — sussurra ela. — Você não pode fazer isso.

Arranco as mãos dela do meu peito e a olho feio.

— Você está errada.

Tento passar por ela outra vez, mas Lira me agarra, desesperada, dedos deslizando entre os meus, como se essa fosse a coisa mais natural do mundo. Eu os seguro.

— Elian — diz ela outra vez. Seu pulso martela no meu. — Ela é minha prima.

Recuo.

Quando volto a olhar para a ninfa, vejo que ela não pode ter mais do que quinze anos, um dos olhos do mesmo tom amarelo-leitoso que o cabelo, e o outro, igualzinho ao de Lira. *Primas*. Ela olha para cima, nos encarando com uma expressão confusa, mas não é a minha espada, nem a pedra cerrada no mesmo punho, que parece capturar sua atenção. Mas a minha outra mão, entrelaçada fortemente com a de Lira. Suas sobranceiras finas ondulam acima dos olhos arregalados e, de repente, parece muito mais uma garota do que um demônio.

Eu me afasto, minha mão solta a de Lira.

Ela tenta me segurar de novo, mas tensiono a boca e abro a palma para revelar o Cristal de Keto. Um aviso, penso, apesar de não saber se é para mim ou para ela.

Lira balança a cabeça, sem se deixar abater, e dá um passo determinado adiante.

O cristal cauteriza a minha mão quando ela se aproxima. Pulsando tão furiosamente quanto o meu coração.

— Pare — ordeno, e a minha voz falha.

Não pôr um fim a esta guerra agora colocaria a humanidade em risco. As ninfas mostraram que não são confiáveis e que nem se pode barganhar com elas. Deixar sua espécie assassina continuar existindo seria uma afronta a tudo em que acredito. E deixar a Maldição dos Príncipes viva... de todas as coisas que eu fiz, essa deveria ser a pior. Colocar tantas pessoas em perigo seria monstruoso. Ainda assim, uma olhada no rosto suplicante de Lira, e sei que é exatamente o que vou fazer.

Deixo as mãos caírem e olho para o chão, desonrado.

Ao me apaixonar por um monstro, me transformei em um monstro para ela.

— *Anóitos.*

A voz da Rainha do Mar soa cirúrgica quando desce na minha linha de visão. Lindamente grotesca. Fúria ferve pelo meu corpo, e o simples fato de vê-la é o que me faz ser tomado pela necessidade de mergulhar a faca em seu coração frio e sombrio.

— Lira. — A cabeça da Rainha do Mar se inclina em direção à filha. — *Parte to após ton.*

Lira me observa com cuidado, seus olhos como ímãs nos meus. Quando ela balança a cabeça, é de maneira lenta e quase imperceptível. Ela não olha para a mãe.

— Não vou fazer isso — diz ela, em um midão endurecido, me informando de que não está falando apenas com a mãe, mas comigo. Com a tripulação da qual ela se tornou parte. Com o exército de sua espécie que olha para cima ali da água. Desobedecendo qualquer que seja a ordem que ela tenha recebido para que todos possam ouvi-la.

A Rainha do Mar arqueia uma das sobrançelhas.

— Você ama essa língua mais do que a sua? — pergunta ela. — Talvez eu deva cortar a sua fora, então?

Um tentáculo atinge as costas de Lira, jogando-a para frente. O som de barbatana contra pele corta o ar como uma chicotada, e avanço na direção de Lira. Eu a seguro antes que ela atinja o chão, caindo no lugar dela. Minha perna queima contra a neve, tornozelos girando enquanto os braços a envolvem pela cintura.

As mãos de Lira se prendem ao redor do meu pescoço, e ela tomba em cima do meu joelho.

— Você tem reflexos bons — diz ela, e sorri, de uma forma que acaba comigo.

Seguro-a com ainda mais firmeza.

— Você, não.

A Rainha do Mar rosna e move os tentáculos ao redor em um floreio, para se dirigir ao restante de seus súditos. Tudo o que ela faz é dramático, cada ameaça disfarçada de espetáculo. Ela é uma atriz tanto quanto é uma rainha.

Ao nosso redor, a guerra faz uma pausa.

— Vejam como esses humanos podem colocar até o mais leal de nós contra mim — diz a Rainha do Mar, em midão, para que até a minha tripulação entenda. — Minha filha foi vítima de mentiras e encantos. Tanto que, agora, tenho que me desonrar com essa língua para que ela consiga me escutar. Vocês enxergam como os humanos podem nos matar com mais do que apenas lanças e facas? Este príncipe — ela aponta um dedo para mim, como uma pistola carregada — deve morrer nas mãos da ninfa que ele encantou. Então devolvarei à minha filha a sua antiga glória. — Ela se vira para Lira, com um sorriso serpentiforme, e ergue o tridente em um brinde. — Vida longa à Maldição dos

Príncipes.

Tudo acontece em segundos.

A Rainha do Mar ergue o tridente em direção ao céu e, quando seus braços não conseguem se esticar mais, o objeto ascende sem ela. Planando sobre sua cabeça e, depois, girando tão rápido que o brilho do rubi se torna um raio de luz perpétuo, cegando a todos nós. Então, tão repentinamente quanto antes, tudo para.

Lira arranca os meus braços de si e me empurra para longe. Caio para trás bem a tempo de a luz do tridente disparar como uma lança, direto para o peito dela. Então, explode.

Lira está de joelhos, e seus braços estouram como asas nas laterais do corpo.

Um grito inumano sai rasgando sua garganta e, de repente, Kye está ao meu lado, a mão se fechando brutalmente ao redor do meu pulso. É só então que percebo que me joguei para frente. Que eu estava prestes a correr até Lira de novo. Que, mesmo agora, com a mão dele me segurando com tanta força ao ponto de os meus ossos serem esmagados, não consigo tirar os olhos dela. Não posso perdê-la de vista.

A luz chega em uma explosão, mas, assim que não há mais nenhum grito restando nela, o brilho curva o corpo de Lira. Ela convulsiona, rígida e trêmula ao mesmo tempo. Os olhos reviram, então, fecham, e posso praticamente ouvir seus dentes rangendo.

Todos param. Minha tripulação faz uma pausa, horrorizada. As ninfas observam com fervor.

Algumas soltam arquejos que mais soam como pássaros, ansiosas, mandíbulas pendendo, abertas e famintas. Outras, observam com incerteza, olhos apertados em fendas e presas cravadas na borda dos lábios. A ninfa de antes, Kahlia, acompanha cada tremor de Lira. Quando o pescoço da prima volta a se erguer, ela empalidece.

Durante todo esse tempo, a Rainha do Mar saliva.

Contra o gelo triturado, as pernas de Lira grudam uma na outra. A pele derrete e se mescla até escamas irromperem de seus pés e subirem até a cintura. É uma cor que nunca vi antes, salpicada com tantos tons de laranja que é como se a luz do sol estivesse presa ali. As escamas se fundem perfeitamente com os quadris, logo abaixo da curva do umbigo.

Acima, a pele dela começa a brilhar.

Tudo tem início no arco das costelas, e então se curva como uma onda. Não que ela tenha ficado mais pálida, acho que isso nem é possível, mas a sua pele começa a cintilar. Luz líquida dança pelos braços e atravessa o peito. Encobrimdo o novo e delicado contorno da clavícula. O cabelo escorre pelos ombros como gotas de romã, e quando ela se joga para trás, com os braços abertos, a neve cai ao redor dela, formando um anjo.

Ela arqueia o tronco, saboreando o frio em seu corpo, abrindo as guelras que percorrem todas as costelas a cada curvatura. Ela se vira de lado, meio encarando a água, meio me encarando. Por um momento, fica deitada assim: olhos ainda

fechados, acomodada na neve que reflete sua pele, nunca deixando de parecer humana. E eu me sinto estranhamente em paz.

Então Lira abre os olhos, e vejo que apenas um deles é do tom azul de que me lembro. O outro é puro fogo infernal.

QUARENTA



Quase tinha me esquecido da minha força, da minha velocidade, mas quando mergulho na água, tudo explode por mim. Rujo um uivo de caçadora sob a superfície, e o frio gorgoleja garganta abaixo, cortando as minhas guelras. Pode não ser o oceano, mas basta. Água tão selvagem quanto eu.

Elian me observa quando emergo. Tem tanta coisa escrita no rosto dele, tanta coisa percorrendo o meu corpo, que não consigo distinguir uma emoção da outra, nem decidir qual delas pertence a ele e qual pertence a mim. Vê-lo agora é como vê-lo com outros olhos.

Ele parece mais brilhante, mais vívido. Olhos refletindo cada lampejo do sol, e a pele nada menos do que o ouro queimado de sua terra. Cada centímetro dele é um contraste, claro e escuro se misturando e virando apenas um, até eu mal conseguir pensar em desviar os olhos.

Apoio os braços na neve e o observo como uma caçadora.

— Traga-me o coração dele — diz a Rainha do Mar.

A ordem dela sibila pelo vento, e quando deixo de olhar para Elian, vejo os dedos dela se fecharem com força em torno do tridente, onde sua cota do olho de Keto espera ser reunido com a irmã. Consigo ouvir agora. O chamado das duas metades, enquanto pairam tão próximas uma da outra. É constante demais para ser uma canção, e selvagem demais para ser um ritmo. A batida de um coração, então. Socando impiedosamente o meu ouvido, enquanto manchas de sangue cobrem um deles e as manchas da magia da minha mãe, o outro.

— Roube-o — sibila a Rainha do Mar em nossa língua assassina.

Tem uma nota de desespero em sua voz, nascida do fato de que ela pensa que foi Elian quem libertou o olho do esconderijo. Teme o que vai acontecer se o príncipe tentar usar o olho contra ela, e se a magia do objeto vai sobrepujar a do tridente que ela tem usado para escravizar a nossa espécie, impondo a carnificina a nós.

Elian pode até não saber disso, mas, agora, a Rainha do Mar pensa que ele é seu rival.

Inclino o pescoço para o lado e estico uma mão, fazendo sinal para Elian avançar. Os olhos dele estremecem, mas ele não se aproxima, e eu sorriria, se não pensasse que o gesto quebraria a minha nova expressão dura como pedra. Em vez disso, jogo a cabeça para trás e respiro o vento, deixando o meu cabelo flutuar na água.

Atrás de mim, as ninfas começam a cantar.

Suas melodias se espalham e assumem o controle dos humanos. Refrãos delicados que fazem a tripulação balançar onde está, perdendo toda a noção do perigo. Ameaças se tornam sonhos, e os medos são uma lembrança distante, até os corações começarem a bater ao ritmo da ária fatal.

— É lindo — diz Madrid, com o corpo bambo.

Elian observa a tripulação enfeitiçada persistir na melodia do exército da Rainha do Mar, perplexo com a mudança repentina. Quando volta a me encarar, sua mandíbula pulsa, e só com aquele olhar, ele quase transforma o corpo de água impossivelmente não congelado em uma geleira.

Eu sorrio, abro os lábios, e deixo a música fluir.

Com o som da minha voz, Elian caminha para frente, e quando transformo o meu cantarolar baixinho em cantoria, ele cai de joelhos diante de mim. Elian continua tendo um plano para cada letra do alfabeto e, apesar de ele cumprir muito bem o próprio papel, posso sentir seu coração acelerar a cada batida. Seus movimentos estão ligeiramente rígidos demais. Praticados demais. E posso ver o fogo-fátuo ardendo em seus olhos.

Ele não é afetado pela canção.

Elian aperta o Cristal de Keto com força, como se a sua vida dependesse disso. Até onde ele sabe, esta imunidade recém-descoberta se deve ao pedacinho da minha deusa que está escondido na palma dele. Sorrio, pois Elian, entre todas as pessoas, deveria ter percebido. Deveria ter sido mais esperto e acreditado no mito e no conto de fadas.

Quando Maeve dissolveu e virou espuma do mar no convés do *Saad*, a pequenina parte de mim que acreditava nas histórias ficou grata pelo príncipe não ter tido a chance de arrancar o coração dela e garantido imunidade contra as canções das ninfas. Mas, quando contei a ele a lenda de quando a gente morre, eu soube que aquilo não era mais apenas uma história. Senti a verdade nelas. E, agora, essa verdade está ajoelhada diante dos meus olhos, com olhos selvagens recortados da terra e do oceano. Folhas e algas misturando-se em uma inundação.

Qualquer humano que roubar o coração de uma ninfa estará imune aos efeitos da canção delas.

Mas Elian não precisou roubar o meu coração; eu o entreguei a ele.

Estendo a mão para tocar o seu rosto, os olhos se fecham por um instante. Ele inspira, como se o ato de respirar estivesse marcando a lembrança em sua mente. Meus dedos percorrem as maçãs arqueadas de seu rosto. Elian continua quente e, não como antes, quando o sol fazia o meu corpo de ninfa rachar e pulsar, o calor de Elian me faz sofrer de um jeito completamente diferente.

Deslizo a mão ao redor de seu pescoço e puxo sua cabeça para mais perto, usando o seu peso para erguer a minha cintura da água. O desejo é mais forte do que posso suportar.

— Você sabe o que eu quero de você? — sussurro.

Elian engole em seco.

— Eu não vou te entregar o cristal.

Quando respondo, minha voz soa rouca:

— Não estou falando disso.

— Então o que você quer?

Sorrio, sentindo-me mais perversa do que me sinto há muito tempo.

— O seu coração — digo, e o beijo.

Não é nada parecido com o encontro hesitante que tivemos sob as estrelas. É selvagem e abrasador, uma territorialidade recém-descoberta. Seus lábios colidem determinados com os meus, quentes e macios, e quando sinto a sua língua deslizar na minha, todas as minhas partes animais ganham vida. Dentro dele também. O impulso predatório. Reivindicamos um ao outro, bem ali, à beira de uma guerra.

Elian passa as mãos pelo meu cabelo, e eu o agarro, puxando-o e trazendo-o para mais perto de mim. Até mesmo distância nenhuma parece distância demais. Suas mãos se firmam na minha mandíbula, e somos um emaranhado de dedos e dentes, e o mundo se extingue ao nosso redor. É tudo poeira estelar.

Mordo o seu lábio, e ele geme na minha boca. Devoramos um ao outro, arfando desesperados até exaurirmos todo o ar.

Elian se afasta, tão selvagem e brutal quanto o beijo em si. Ele não recua, mesmo quando se desata de mim, arrancando a boca da minha. Quando me olha, seus olhos são um espelho feroz dos meus. Atordoados e furiosos e muito, muito famintos.

Passo a língua pelo lábio inferior, onde o sabor de pescador dele ainda perdura.

Minha mãe nos observa de lado, reluzindo. Ela não nota que Elian não está enfeitiçado, assim como não percebe que o exército dele está prestes a ganhar outro soldado.

— Elian — sussurro, baixo o suficiente para que a Rainha do Mar não possa ouvir. Mantenho os dedos pressionados na base da sua nuca, trazendo-o na minha direção. — Você precisa ter mais fé.

— No quê? — pergunta ele, rouco e descrente. — Em você?

— No seu sonho — digo. — Que assassinos podem parar de ser assassinos.

Os olhos de Elian estudam os meus.

— Como posso acreditar em qualquer coisa que você diz?

— Porque você está imune à nossa canção.

Ele franze a testa, e leva alguns segundos, ele semicerra os olhos, e só então as minhas palavras fazem sentido. Praticamente vejo a lembrança atravessar a sua mente, e um novo tipo de incerteza aparece. Isso acaba comigo, mas não tem nada que eu possa fazer, exceto ter esperança de que ele vai se lembrar mais do que apenas da história e menos do que apenas da minha traição. Preciso que ele perdue no meu gosto e pense em como salvamos um ao outro. A facilidade que seria repetir o gesto agora, e levar o mundo todo conosco.

— Elian — digo, e ele umedece os lábios.

— Eu ouvi. — O rosto dele não deixa nada transparecer.

— E?

— E nada. — Devagarinho, Elian tira a minha mão do seu pescoço, olhos

fixos nos meus, como se fossem um alvo. Ele balança a cabeça, parecendo não compreender o que está prestes a fazer. — Eu acredito em você — diz ele, então coloca o olho na palma da minha mão.

No momento em que o cristal toca a minha pele, eu me sinto infinita.

O que senti dentro do palácio de gelo foi uma mera fração disso. Agora, sou uma floresta em chamas, queimando e queimando. Uma onda gigante que cresce e arrebenta e varre todo o mundo. Não só tenho poder; eu sou o poder. Ele me percorre, substituindo sangue ácido por magia sombria e pesada.

O Segundo Olho de Keto fala comigo através de centenas de idiomas diferentes, sussurrando todas as maneiras como posso usá-lo para matar os humanos. Uma imagem ganha vida na minha mente: o olho se fundindo com o tridente da minha mãe e criando uma Rainha do Mar com todo o poder de Keto. Uma deusa por si só, moldando um mundo onde as ninfas caminham e caçam com grama e cascalho entre os dedos do pé. Pele impenetrável, voz encantada e a infinidade de morte que se seguirá.

E, além disso, um sonho.

O oceano brilha, como se estivesse cristalizado, e um navio humano para no meio da viagem, sem qualquer terra à vista por léguas. A tripulação cansada e suja pula da beirada da embarcação, sentindo o vento suave bater asas em sua pele antes de atingirem a água. Ninfas pairam ali perto, mas não atacam. Não estão caçando nem analisando a situação, mas observando em um tipo de harmonia fortuita.

Paz.

— Dê-me o olho — ordena a Rainha do Mar, quebrando o meu transe hipnótico.

Fecho a mão ao redor dele.

— Prefiro te matar.

Elian solta um suspiro, há ali admiração, e surpresa, e algo parecido demais com orgulho. Lanço um olhar a ele, então volto a encarar a Rainha do Mar, de forma tão resoluta quanto esta nova força me permite.

— Você não tem poder para isso — diz ela.

— Ah, mas você está errada. — Sorrio para ela de um jeito que poderia deflagrar guerras. Ou, talvez, dar um fim a elas. — Veja bem, não foi o príncipe quem libertou o olho da câmara, mãe. Fui eu.

Quando ela grita, a montanha treme.

Sou o pior pesadelo dela ganhando vida. A filha para quem ela sempre relutou em repassar a coroa, pronta para usurpá-la. Percebo, agora, que a minha mãe não exerce nenhum poder sobre mim. Pela primeira vez, estamos em pé de igualdade. Cada uma com um dos olhos da deusa, e cada uma com a lealdade um tanto vacilante de nosso povo. Há um exército nessas águas, mas a submissão dele poderia ir de uma para a outra muito facilmente. Poderiam escolher o meu lado tão prontamente quanto o dela.

A Rainha do Mar rosna um olhar à esquerda e solta um rugido perverso em psáriin. Sua garganta se fecha e lateja e, em segundos, um talho cinza atravessa a

minha visão.

Me leva um instante para perceber que Elian se foi.

Giro a cabeça até a vasta massa de água atrás de mim, esquadrinhando-a com olhos de caçadora. Há um vislumbre ofuscante de movimentos tão rápidos e barbáricos que até mesmo eu preciso fazer uma pausa para focar o que vejo.

Elian está no meio do fosso, rodeado por ninfas que espumam pela boca quando o aroma dele salga a água. Derivam em sua direção, mas, quando chegam perto demais, ele é puxado com violência para o lado. Arrastado para ainda mais longe pelo colarinho da camisa.

Minha respiração estremece quando encaro o agressor.

O Comedor-de-Carne.

Sua cauda de tubarão é grossa, cinza, estriada e salpicada, como se um vírus o estivesse devorando lentamente. Igualzinho ao demônio de que me lembro, com o rosto de um verdadeiro assassino. Suas feições estão neutras, os olhos parecem buracos escancarados na cabeça, e os lábios, um mero talho ao longo do rosto. Estão cobertos por uma crosta laranja, vinda de quem quer ele tenha devorado em batalha.

O Comedor-de-Carne sorri, a saliva se agarra entre as fileiras de dentes de tubarão, a cauda de alfange a postos bem acima do coração do meu príncipe.

QUARENTA E UM



Sou contida por meia dúzia de braços. As ninfas me flanqueiam, unhas cravadas na minha pele. O Comedor-de-Carne já é fatal o suficiente na imensidão do oceano com os tritões que vivem em solidão brutal, mas ele é mais perigoso aqui. Sob o comando da Rainha do Mar.

Arfo, lutando contra as ninfas, mas não adianta nada quando há tantas delas, e com a tripulação de Elian vagueando hipnoticamente ao lado, ele vai ser despedaçado pelo Comedor-de-Carne em minutos.

O olho faísca na minha mão. A magia sombria me chama, implorando que eu me renda a ela. Aniquile todos os inimigos em meu caminho, ela canta, com a mesma cobiça vingativa que a minha mãe. Mas me deixar dominar por isso significaria seguir o caminho da atual rainha, e não posso permitir que algo assim aconteça. O fato apenas provaria aos outros que sou igualzinha a ela e a todas as que vieram antes. Se vão jurar lealdade a mim, será por outra razão além do medo.

— Deixe-me salvá-lo — digo.

Eu me viro e vejo a Rainha do Mar rastejar até mim, tentáculos se entrelaçando entre os soldados dela.

— Você realmente acha que eu te permitiria salvá-lo?

— Não estou falando com você — Sibilo.

Seu rosto fatal fica tenso.

— As ninfas não te seguem — diz ela. — Eu sou a rainha delas.

— Não por escolha — digo. Olho para trás, para as ninfas que me prendem. — É assim que vocês querem continuar? Lutando e morrendo sempre que ela mandar, sabendo que a vida de vocês não significa nada quando não a ajudam de alguma forma?

— Cale a sua boca!

A Rainha do Mar lança um tentáculo na minha direção. Meu pescoço estala para o lado quando ela ataca, desenhando uma linha fina e vermelha na maçã do meu rosto. Sinto as ninfas afrouxarem o aperto, chocadas pela explosão da rainha.

— É a chance de vocês — continuo, mais destemida do que tenho o direito de estar. — Se me seguirem, colocarei um fim a isso de uma vez por todas. Vocês poderão ser livres.

A Rainha do Mar ergue outro tentáculo.

— Sua vadiazinha — diz ela.

Então...

— Livre?

Uma das ninfas larga o meu pulso e tira um punhado de cabelo azul-escuro do rosto.

— Como seríamos livres?

— Fique quieta! — ladra a Rainha do Mar.

— O que mudaria? — pergunta outra, seu aperto em mim vacilando.

— O mundo — respondo, com sinceridade. — Poderia haver paz.

— Paz? — A Rainha do Mar arqueia uma sobrançelha. — Com aqueles humanos nojentos?

O olho queima na minha mão a cada palavra que ela pronuncia. Bastaria um movimento, e eu poderia lançar uma onda forte o bastante para fazê-la voar quase um quilômetro. Eu poderia fazê-la sangrar bem aqui, na frente de todos.

— Por que a Maldição dos Príncipes se importa com a paz? — pergunta uma ninfa.

— Porque enxerguei a verdade por trás das mentiras da rainha. — Olho direto nos olhos da minha mãe. — Passei tempo o bastante com os humanos para saber que eles não querem guerra. Só querem viver. Quanto antes isto aqui acabar, mais cedo poderemos todos parar de morrer em nome de uma rivalidade que nenhum de nós estava vivo para ver ter sido criada.

Uma discordância repentina se passa entre elas. Murmúrios jorrando e se transformando em gritos altos, claros e cheios de raiva. As ninfas sibilam a desaprovação junto da tentação, e eu pisco, tentando descobrir para qual lado a balança vai pender, e se eu ainda posso salvar Elian não importa o que aconteça.

À medida que o tempo passa, fico mais e mais impaciente. Cada segundo a mais que elas levam para decidir é outro segundo que Elian está nas mãos do Comedor-de-Carne, que está com os dentes a postos para perfurar o pescoço do príncipe.

— Eu estou com você.

Uma voz irrompe do caos, me viro e vejo a minha prima. Kahlia está rodeada por um grupo de ninfas jovens, a juventude imaculada e fresca em seus sorrisos marinhos. Crianças prontas para se rebelarem.

— Lira sempre foi a mais forte — diz Kahlia. — E, agora, ela tem o Segundo Olho de Keto sob o seu comando. Alguma de vocês realmente duvida de que ela vai ser uma governante digna? — A autoridade na voz dela me pega desprevenida. É clara e certa, como se a ideia de não ficar ao meu lado fosse absurda.

— Sua enguia amotinadora. — A Rainha do Mar ferve de raiva.

— Não é motim se estamos seguindo a nossa rainha — diz ela. — É lealdade. Lealdade à minha governante e à minha família.

Sei que ela está pensando em Crestell agora, porque eu também estou.

— A Lira já estava pronta para tomar o seu lugar depois de ter roubado alguns poucos corações — diz Kahlia, sua voz ficando mais alta, mais ousada, a cada palavra. — Isso só significa que, quando ela conseguir, seu primeiro ato como rainha será colocar um fim a uma guerra que matou muitas de nós. E quando ela pegar o tridente — o olho amarelo de Kahlia estremece com a

rebelia —, ela vai ter o dobro do poder que você teve um dia.

— Eu poderia usar o olho agora mesmo para forçar todas vocês a se curvarem diante de mim — digo. — Eu poderia acertar cada uma de vocês que está me segurando com todo o poder de Keto. — As ninfas se agitam, aumentando a distância. — Mesmo assim, estou tentando convencê-las. Pedindo pela sua lealdade, sendo que tenho todo e qualquer direito de simplesmente tomá-la para mim.

Ergo a cabeça e analiso cada uma delas, o fogo tremeluz no meu olho direito. Em um primeiro momento, o silêncio me obriga a fazer uma pausa, e começo a me perguntar se o aperto da minha mãe é forte demais. Então, devagarinho, vejo um novo tipo de compreensão aparecer no rosto delas.

Uma a uma, as ninfas inclinam a cabeça em reverência, e as que me rodeiam se afastam, as mãos soltam o meu corpo e vão em direção ao peito em uma demonstração de lealdade. Então, como se os meus olhos as atravessassem, o exército começa a se dividir, e uma linha se forma ordenadamente pelo fosso.

Um caminho desimpedido até o Comedor-de-Carne.

O soldado monstruoso lança um olhar para as ninfas traiçoeiras diante dele e arrasta Elian para baixo da superfície.

Eu o sigo em uma velocidade vertiginosa, como uma flecha voando em sua direção, braços abertos e cobertos mais por raiva que por água. Segundos se passam antes de eu alcançá-lo, mas é tempo demais para que eu me sinta orgulhosa. O Comedor-de-Carne encurrala Elian contra o seixo, mão fechada sobre a garganta do príncipe e pronto para parti-la em qualquer direção.

Ele me vê quando estou apenas a centímetros dos dois, e ergue Elian com suas garras tão escorregadias quanto óleo, como se ele fosse um troféu a ser contemplado. Ranjo os dentes, um rosnado gorgoleja na minha garganta. O Comedor-de-Carne é um monstro, e um guerreiro, e um assassino voraz. E ele não tem a menor chance.

Não preciso do olho para isso. Vou despedaçá-lo.

Ataco, e o Comedor-de-Carne joga Elian para longe, como se ele fosse lixo. Paro apenas pelo tempo que me leva para ver o príncipe nadar de volta à superfície e respirar antes de eu disparar em frente.

O punho do Comedor-de-Carne explode no meu rosto. Há um estalo e, depois, a sensação estranha de tudo estourando e se despedaçando antes de a dor chegar. Fúria e poder brutos ressonam de suas juntas, e quando a criatura me acerta de novo, o mundo se apaga por um momento.

Agarro o punho dele e sacudo a tontura para longe dos meus ossos. O tritão é forte, mas é uma força vazia que reside na ideia de dever e violência gratuita. Pela primeira vez, estou lutando por algo. O rosto de Elian roda pela minha mente e, assim que lembro que é a vida dele e a vida do meu reino, a dor desaparece.

Torço o braço do Comedor-de-Carne, e um estouro se estilhaça na água. Ele tropeja, a mandíbula se estende amplamente para exibir cada um dos dentes predatórios. Ele rola na minha direção, pronto para acertar o cotovelo no meu peito. Mas sou ágil e veloz, e quando giro para fora do caminho, ele rosna.

Dou o bote por trás, lançando o meu corpo no dele com tanta força quanto os meus ossos permitem. Ele colide contra o fundo do mar, com o rosto enterrado na areia. Tem sangue. Tanto sangue que posso saboreá-lo.

Ele se ergue e estende o braço para me atacar. Por um momento, fico surpresa por ele ter me agarrado em vez de me esmurrado, mas ele usa a decisão a seu favor. Me puxando para frente, percebo, um segundo tarde demais, o que ele está prestes a fazer. Ele morde o meu ombro, e sinto a carne ser arrancada dos meus ossos.

Grito e acerto a cabeça na dele, de novo e de novo, até a minha dor se misturar com a da criatura. Mas ele é implacável, me mastigando, e me rasgando, e me roendo. Me saboreando de um jeito que nunca pôde fazer antes. É só quando sinto uma apunhalada aguda, como um ferro quente atravessando a palma da minha mão, que me lembro do olho aninhado no meu punho.

O poder clamando para ser usado.

Com um único movimento ágil, lanço a mão fechada na barriga do Comedor-de-Carne e, quando ela a trespassa, a criatura fica imóvel. Empurro-o para longe de mim, não ousando olhar para a ferida no meu ombro. Ele pisca devagar, surpreso por, de repente, haver um buraco o atravessando de um lado a outro. Por algo ter perfurado com tanta facilidade aquele corpo forjado em pedra.

Atrás dele, Elian deriva mar abaixo.

O príncipe olha além do Comedor-de-Carne, e seus olhos se fixam no meu ombro, que, sem dúvida, parece tão horrível quanto o sinto. Faço a mesma coisa, observando o vermelho esfolado em suas bochechas e nos lábios rachados e como o braço esquerdo não se move direito conforme ele paira na água.

Estou prestes a nadar na direção dele quando o Comedor-de-Carne envolve o meu pescoço com uma garra calejada. É um ato final de brutalidade, e sinto a instabilidade em sua força. A cada momento que passa, o aperto ricocheteia entre insuportável e ausente.

Devagar, curvo a mão ao redor do pulso grosso dele e aperto.

Ao nosso redor, as ninfas imergem. Observam o soldado bárbaro se agarrar desesperado à princesa delas. Me veem esperar, corajosamente, ele ser reclamado pela morte. E quando Elian mergulha a faca na parte de trás do crânio do Comedor-de-Carne, elas simplesmente sorriem.



Quando irrompemos na superfície, um pedaço do Comedor-de-Carne sobe conosco.

Elian tira o naco de pele da lâmina e curva os lábios. Por alguma razão, acho graça do gesto. O guerreiro mais leal e invencível da Rainha do Mar destruído por um príncipe humano que sente náusea ao ver carne morta. Bufo, e Elian se vira para me lançar um olhar incrédulo.

— Você achou aquilo engraçado?

— O seu rosto é sempre engraçado para mim — digo.

Ele estreita os olhos, mas, sob a água, os dedos deslizam entre os meus.

Aperto a sua mão e me viro para a Rainha do Mar, que nos encara com um ódio fervilhante. Os tentáculos estão espalhados em todas as direções, criando um palanque que a ergue sobre a água, como se ela estivesse flutuando.

— Vocês dois vão morrer hoje — rosna ela.

A água começa a se agitar ao nosso redor, um turbilhão cuspidor bolhas pretas escaldantes. Elian se encolhe quando uma delas estoura na sua pele e, assim que vejo a carne viva que ela deixa em seu rastro, trago-o para perto de mim e aperto com ainda mais força o olho de Keto. Evoco a magia dali de dentro para nos proteger, respondendo aos seus chamados desesperados com o meu. Minha pele irradia, e meu corpo relaxa quando o poder jorra de mim, partindo a água como uma onda.

O preto se dispersa ao nosso redor, deixando um círculo de água fria e imaculada onde Elian e eu nos mantemos em segurança.

As ninfas pulam para fora da água escaldante, sibilando enquanto a pele começa a criar bolhas e a dissolver. Elas se jogam na neve, e a tripulação de Elian pula para trás, não mais sob o feitiço das canções.

Nem todas sobrevivem.

Ninfas no meio da água queimam como gravetos antes de eu sequer pensar em salvá-las. Não demora muito para todos os gritos se transformarem em lufadas de vento, e os corpos, em espuma. O caldeirão de água as clama, como se jamais tivessem existido.

As ninfas que restam se encolhem na neve e soltam uma legião de gritos dolorosos.

— Vamos ver como o seu exército desleal vai te ajudar agora — diz a Rainha do Mar.

— Elian, se abaixe! — O grito de Kye trespassa a ravina.

Nós nos viramos ao mesmo tempo e vemos Madrid apontar a arma para a Rainha do Mar. O tiro é dado e, fiel à habilidade de Madrid, acerta a rainha bem no meio das costas. Se fosse qualquer outro monstro, o tiro teria penetrado até o coração. Mas a minha mãe é forjada com algo que veio direto do quinto dos infernos, e quando a bala ricocheteia nela, ela ri.

Com um movimento veloz, a Rainha do Mar gira e aponta o tridente para eles. Um inferno é disparado de cada ponta do forçado, brasas disparam pelo ar até que uma linha de fogo incendeia a neve, encurralando o nosso exército. Eu mal consigo vê-los sobre as chamas.

A Rainha do Mar gargalha aos gritos.

— Nada pode salvá-los — diz ela.

Sibilo, apertando a mão de Elian com um pouco mais de força.

— Eu posso muito bem te matar sozinha.

— Mas você não está sozinha — diz ela. — Ainda.

Meus olhos se arregalam quando ela se vira para Elian. Uso todo o poder que tenho e o empurro para o lado. Ele arqueia pelo ar, a proteção do olho ainda perdurando como um orbe ao seu redor. Escuto o corpo bater na água bem a

tempo de os tentáculos da minha mãe me acertarem no peito. Minhas costelas estalam.

A rainha não perde tempo. Pequenos tornados rebentam no ar, circulando-a como súditos leais. Eles se movem como se tivessem vida própria, e quando a minha mãe aponta um dedo na minha direção, eles avançam para cima de mim. Sem pensar, ergo os braços no ar e arrasto a água como se fosse um escudo. Ela pula ao meu comando, então se curva em uma onda, engolindo os ciclones ameaçadores.

Minha mãe pode até ter truques, mas, agora, tenho tantos quanto ela. Assim que a onda aniquila a magia dela, sinto-me saciada. Como se cada vez que uso o olho, um pouco da minha fome fosse aplacada. Alimentando o poder interior.

A Rainha do Mar guincha, e o estrondo de um trovão dispara ao meu lado. Acima, as nuvens começam a roncar e a escurecer. Trovões rangem, e sinto o cheiro da eletricidade na tempestade que se aproxima.

— Você tem muito a aprender — diz a minha mãe.

Ela ergue o tridente no ar, girando-o e girando-o. A cada volta, o céu parece se distorcer, nuvens avançam e se aglomeram até todo o firmamento ser formado apenas por cinzas.

E é quando os relâmpagos caem ao meu redor.

QUARENTA E DOIS



Uma explosão acerta a água a centímetros da minha cintura. A descarga vibra pelo meu corpo como um atizador em brasa, e mais relâmpagos caem em círculo, prendendo-me em uma jaula de luz e fogo.

Elian grita o meu nome, e eu cerro os dentes. Ao ouvir a voz dele, a Rainha do Mar olha para o príncipe com indolência. Como se ele fosse uma mosquinha da qual acabou de se lembrar. Não sei quanto mais de proteção o olho pode oferecer a Elian enquanto ainda tenta me manter viva, mas o único pensamento claro que tenho é que não posso deixar que a minha mãe o machuque. Não posso deixar que ela o mate nas profundezas dessas águas escuras.

Outra explosão de relâmpagos cai do céu, e eu salto da água para recebê-los. Minha pele parece líquido contra o clarão estalante, e sei que não aguentarei por muito mais tempo. Mas não preciso fazer isso. Mais alguns segundos, tempo o bastante para mirar com uma precisão que rivalizaria com a de Madrid, e jogo-os no ar.

Eles explodem bem nas costelas da Rainha do Mar.

Ela solta um grito monstruoso. Pele, e osso, e sangue, e magia. Tudo retumba dela e se espalha como poeira estelar. A ferida está exposta, mas, mesmo que dor seja a única coisa que a Rainha do Mar possa sentir, ela não permite que o inconveniente a detenha. Ela ataca com uma pancada de água que me faz voar.

A força do impacto me faz afundar na água, e é quando eu sinto a mão de Elian na minha, arrastando-me de volta à superfície.

— Vá embora — digo a ele, enviando uma rajada de vento na direção da minha mãe.

Ela continua a se aproximar a uma velocidade preocupante, e, desesperada, procuro por algo, *qualquer coisa*, que possa fazê-la desacelerar. Meus olhos batem na estrutura do palácio de gelo, e não paro para pensar direito antes de erguer jatos de água e transformá-los em um bloqueio de icebergs. Eles sobem mais e mais alto, colunas ameaçadoras de gelo que nos protegem como as lanças de um muro.

— Preciso te levar para um lugar seguro — digo a Elian. — Podemos nadar por debaixo. Se eu apagar o fogo, você pode se proteger atrás da sua tripulação.

Elian me encara com selvageria.

— Eu não vou me *esconder* — diz ele.

Um estouro retumbante estremece a fileira de icebergs quando a minha mãe os acerta. Se com punhos ou magia, não sei dizer. Mas a força é suficiente para

fazer a água tremular, e sei que a nova parede não vai durar muito.

— Tudo bem — falo, ríspida. — Não se esconda; em vez disso, fuja. Eu não me importo, desde que você saia daqui.

Elían ri num som exausto, fora do comum.

— Você não entendeu — diz ele, segurando a minha mão. — Eu não vou te deixar.

— Elían, eu...

— Não diga nada heroico nem abnegado — diz ele. — Porque, daí, vou começar a achar que há mesmo um pouquinho de humanidade em você.

Sorrio.

— Seria uma chatice.

Ele assente, pressionando-se contra mim. Os icebergs que conjurei chacoalham, e blocos enormes de gelo tombam ao nosso redor em uma tempestade monstruosa de granizo. É como se o mundo estivesse desabando.

— Eu não gosto de você porque você é boazinha — diz Elían. Sua testa toca a minha, seus lábios pairam a um suspiro dos meus.

— Isso diz muito de você.

Então ele me beija. Só uma vez. Delicado de um jeito que experienciei apenas com ele. E os icebergs caem, e o impacto cria uma onda alta o bastante para nos engolir por completo. Jogo os braços ao redor de Elían e deixo que a minha magia nos cubra. Protegendo-nos das rajadas de neve que ameaçam nos esmagar no fundo do mar.

Quando tudo acaba, ergo a cabeça do conforto do ombro dele e solto um suspiro. Além do mundo dizimado de gelo esmagado, minha mãe acena.

— A sua lenda seria descredibilizada se você morresse em um abraço desses — diz ela. — Eu poderia fazê-los cantar sobre a poderosa Maldição dos Príncipes. Poderia fazê-los esquecer que você foi contaminada e lembrar apenas da glória do seu passado.

Empurro Elían para trás de mim, mantendo a mão entrelaçada na dele.

— Engraçado — digo a ela —, porque pretendo fazê-los esquecer você por completo. Exceto a sua morte. Vou me certificar de que dela eles se lembrem.

O vento ganha velocidade, a fúria da minha mãe espirala, agitando o ar e inflamando ainda mais as chamas que separam meu exército de mim. A tripulação de Elían. As pessoas que dariam a vida em troca da nossa. Mas não preciso que mais ninguém morra por mim. E não preciso que morram por minha causa. A matança e o sacrifício acabam aqui, e quero que cada um deles veja, para que possam confiar nas mudanças que preguei. Um novo mundo, com uma nova rainha ao leme.

Fumaça se espalha no ar, só que, desta vez, é a minha magia que a controla. Enrolo o vento em torno de si mesmo até que ele aumente e se transforme em um ciclone que se eleva até a altura do sol. Então faço outro. E um terceiro e um quarto. E, o tempo todo, enquanto a água se enfurece, minha mãe observa tudo com uma expressão fria e vazia.

O fogo se extingue e a fumaça desaparece. No abismo de neve carbonizada e

cascalhos derretidos, dois exércitos nos encaram. Humanos e ninfas, lado a lado. Esperando que seu príncipe e sua princesa cumpram o fim prometido.

— Desculpa ter que ser assim — digo à minha mãe.

Mesmo a odiando, uma angústia estranha pressiona meu peito, aliviada apenas pelo puxão gentil que Elian dá na minha mão enquanto permanece do meu lado. Prendendo-me a esse resquício precioso de humanidade.

A expressão da Rainha do Mar continua vaga.

— Você é fraca, então — diz ela, sem nenhum pinga de arrependimento. — Porque, se nós duas sobrevivêssemos, isso só mostraria ineptidão. — Ela desliza a língua bifurcada pelos lábios; há algo sombrio e implacável em seus olhos. — Eu nunca poderia te deixar viver.

— Eu sei — digo a ela. O vento fica mais forte. — Eu também não posso te deixar viver.

Projeto as mãos para frente, e os ciclones explodem contra a minha mãe, que se debate e rosna, com os tentáculos enfurecidos chicoteando as rajadas incontrolláveis. Seu tridente está aceso, mas ela não o usa. Mesmo quando é erguida da água e jogada pelo ar como um trapo.

Percebo, então, que ela não pode usá-lo. Meu corpo pulsa com poder, mas preciso de cada gota de foco para manter os ciclones girando. Tais coisas exigem tanto concentração quanto ferocidade. Um deslize da mente e a minha mãe poderia cair outra vez no oceano e aproveitar aquele milésimo de segundo para reconquistar terreno.

Extraio ainda mais magia da ponta dos meus dedos, ignorando os uivos nefários da Rainha do Mar. Os ciclones se unem como algodão-doce, fundindo-se enquanto a devoram.

Algo se quebra. Um ronco pesado que sacode a montanha. Então vem a sensação distinta de que o mundo está virando de cabeça para baixo.

Elian chama o meu nome, e eu abaixo as mãos, deixando os ciclones titubearem. Não vejo onde o corpo da minha mãe cai, mas há um estalo como nunca ouvi, e o tridente se choca no chão, perto da barbatana de Kahlia.

— Lira! — grita ela.

Uma sombra cai.

Olho para cima e vejo um cume ser arremessado na nossa direção.

Placas de pedra rolam das cachoeiras a uma velocidade assustadora, misturando-se à nevasca para formar rajadas gigantescas de fumaça branca. Sem perder tempo, fecho os braços ao redor da cintura de Elian e uso toda a minha força para jogar um cobertor de energia sobre nós.

Os destroços da geleira batem no escudo mágico. Eu não olho, minhas pálpebras ficam fechadas enquanto me agarro a Elian com desespero, rezando para que a proteção aguente. Grata pelos outros estarem seguros no lado mais distante da água.

Neve sufoca o ar, e tusso no peito de Elian enquanto os cristais de gelo deslizam para dentro das minhas guelras. Ele me puxa para mais perto, espremendo-me com tanta força que deveria doer. Mas os meus ossos já parecem

pó, e a cada pedra que martela o nosso escudo, meu crânio estoura.

Uma vida inteira gira ao nosso redor antes de o desmoronamento, enfim, parar. Um fardo é tirado do meu corpo definhado. Olho ao redor para me certificar de que os outros estão ilesos, mas o ar é apenas uma expansão branca. Elian passa as mãos pelos meus ombros, depois pelos meus braços. Por um momento, não sei por que ele faz isso, mas, então, percebo que ele está procurando machucados. Certificando-se de que estou bem antes que possa ver por si mesmo.

A mão desliza no meu cabelo, e tudo o que eu quero é que essa sensação de contentamento completo se mantenha como um abrigo sobre o meu coração. Mas, como todas as outras coisas, ela acaba, apagada tão logo o mundo volta a entrar em foco.

Quando o nevoeiro se dissipa, o corpo da minha mãe jaz quebrado na neve.

Nado até ela, Elian vem logo atrás. A tripulação dele nos iça da água. Madrid encara a minha barbatana, mas sua mão agarra a minha com firmeza. Quero explicar as coisas para ela, para todos eles, mas as palavras desaparecem da minha mente.

Elian se acomoda ao meu lado, acolhendo-me em seus braços. Quando ele me ergue, minhas mãos se enrolam ao redor de seu pescoço, como se isso fosse a coisa mais natural no mundo. Não penso em como me sinto com ele me segurando, enxergando cada centímetro meu. Não consigo me concentrar no quanto o meu coração bate no peito, porque sempre que vislumbro o tentáculo estropiado diante de nós, meu coração volta a parar.

As ninfas se reúnem ao redor da minha mãe, rastejando para longe quando Elian se aproxima comigo nos braços. Ele me coloca no chão, ao lado dela, e dá um passo para trás, dando-me o espaço de que preciso, mas que não quero.

A Rainha do Mar é um entalhe na neve.

Seus poderosos tentáculos pretos como piche se cruzam como a seda da teia de uma aranha, criando um padrão de membros fraturados. Não há sangue e, por um segundo, penso que não é possível ela estar morta. Não parece certo continuar tão pristina, como a estátua muito bem entalhada de uma besta assassina.

Encaro-a em um silêncio atordoado, barbatana cintilando contra a geada, o peso de dois exércitos nas minhas costas. Aguardo, como a filha obediente, que a espuma do mar surja de seus ossos e a derreta igual ao gelo no qual ela se deita. Segundos se passam com nada além do corpo esquisitamente deformado e o brilho vermelho e reluzente de seus olhos.

Ninguém fala. O tempo se torna algo que só existe além da montanha, longe, no mundo lá embaixo. Aqui, há apenas silêncio e a infinitude que vem com a espera. Leva uma vida antes de eu finalmente ouvir o diminuto arrastar da mudança e o cheiro que o aroma fresco de alcaçuz no vento.

Elian se agacha ao meu lado, seu braço envolve os meus ombros, cobrindo-me com o seu calor. Ficamos sentados assim por toda uma eternidade até que, por fim, a Rainha do Mar desaparece.

QUARENTA E TRÊS



A chuva chega em torrentes, fazendo meu cabelo grudar no pescoço. O sol continua alto, como uma lua crescente meio escondida atrás das nuvens, criando uma distorção de cores no ar. O reino da minha irmã cintila em algum lugar atrás de mim, apesar de que, com o nosso destino tão perto, poderia muito bem estar a um mundo de distância.

De certo modo, suponho que esteja mesmo a um mundo de distância.

— Não falta muito agora — diz Kye, acomodando a mão nas costas de Madrid. — Logo, você vai poder me aproveitar em toda a minha glória.

A garota arqueia uma sobrancelha para ele, com um sorriso nada tímido nos lábios.

— Afogado, você quis dizer?

— Não — diz ele, fingindo irritação. — Encharcado.

Madrid afasta a mão dele com uma careta.

— Prefiro te ver afogado.

Sorrio para os dois e tiro a bússola do bolso. O ponteiro gira loucamente em todas as direções, avisando-me que Kye tem razão. Estamos perto. Perto de um lugar onde a verdade e a mentira se misturam uma à outra, parecendo velhas amigas. Onde cada palavra dita está banhada em ambas e em nenhuma delas.

O *Saad* avança pela água, e eu caminho até a beirada do navio, enquanto Torik o direciona um pouco mais para a esquerda. Abaixo, nossas guias mantêm a velocidade tão facilmente quanto se estivessemos remando uma canoa. As barbatanas são como arco-íris que batem na água como flechas prismáticas. Borrões, e mesclas, e tons criando um escudo de cores ao redor do meu navio.

Elas nadam sem qualquer esforço, e quase quero me sentir insultado pelo ritmo do *Saad* ser tão facilmente equiparado. Em vez disso, encaro como um elogio. O *Saad* conseguir se manter na velocidade delas é a prova de sua glória.

Algumas das ninfas se separam da plêiade e seguem para a frente do navio, mostrando o caminho. Como se eu já não o tivesse memorizado. É um pouco engraçado vê-las se acomodarem nesses papéis tão precariamente cravados. Guiando marinheiros, em vez de perseguindo seus navios em busca de sinais de fraqueza. Ajudando-os, em vez de caçando-os.

A Rainha do Mar forjou um novo mundo, tanto na terra quanto no mar.

Assim que os olhos de Keto foram reunidos, criando um tridente sem qualquer limite, houve tantas decisões a serem tomadas quanto promessas a serem quebradas. Mas uma coisa se manteve clara durante todo esse tempo: o oceano

precisava de uma rainha. Passei a vida toda tentando evitar ser rei, sabendo que Amara seria uma governante muito melhor, o coração dela mantendo seu pé no chão por cada batida que o meu vagava, mas até mesmo eu compreendia que algumas coisas eram mais importantes do que os caprichos. Sonhos não poderiam sempre triunfar acima da responsabilidade, e compromissos eram a fundação de qualquer acordo de paz que prestasse.

Lira também sabia disso. Então, em vez de explorar o mundo, ela criou um.

Quando Diábolos abriu suas águas e o reino marinho de Keto escancarou os portões, os reinos humanos fizeram o mesmo. Pelo menos, a maior parte deles. A paz não vem fácil; no entanto, mais da metade do mundo aceitou a nova ordem e, com o apoio da nova rainha de Midas e seu irmão itinerante, a hesitação estava se tornando algo do passado. Novos acordos vinham sendo feitos e, depois que as primeiras dúzias voltaram do reino marinho de Keto com a vida intacta, outros fizeram o caminho em busca de uma audiência com a Rainha do Mar. Para oferecer negócios e tratados e para se deliciarem com as maravilhas de uma dinastia recém-aberta.

O reino número cento e um.

— Capitão! — grita Torik lá de baixo, sinalizando a nossa chegada.

Não preciso do aviso, porque sei quando foi o momento que atravessamos das águas humanas aos mares de Diábolos. A água se torna um fluxo infinito de safiras, misturando-se ao céu e refletindo cada raio de sol que desce e se dispersa. Não há mais chuva, nem escuridão. É mais brilhante do que qualquer coisa tem o direito de ser, mas não é quente. Nunca é quente. As safiras são afiadas e glaciais, e encharcam a ponta dos meus dedos. Um azul ártico nos encobre.

Abaixo, o coro de ninfas.

Seguimos em frente até chegarmos ao arco. O azul se torna um laranja empoeirado, e a formação rochosa se ergue até a altura de cem navios. Um indicador para o mundo, sinalizando o reino de Keto abaixo.

Estendendo-se pela largura de quase dois quilômetros, o arco é tanto um portão quanto qualquer outra porta. Os navios tendem a ser amarrados nos espinhos longos que descem da curva, vazios, exceto por alguns humanos deixados para ficar de olho no convés, caso algum pirata apareça. Por outro lado, os piratas parecem ter se tornado uns dos mergulhadores mais comuns aqui, e as ninfas desfrutam da companhia deles tanto quanto a rainha.

Há cinco navios no total, e reconheço pelo menos um deles como sendo nobre. A bandeira de Eidýllio balança uma saudação ventosa. Yukiko não me avisou que estava vindo, mas, também, ela não gosta de me contar muitas coisas, caso possa evitar. Se já não fosse adepta da arte do segredo, eu diria que Galina lhe ensinou direitinho. O casamento delas é marcado por colaborações e trocas constantes; ensinando uma à outra todo e qualquer truque que mantiveram escondidos até agora. Uma díade formidável, lentamente ofuscando os kardíanos que ameaçaram o reinado de Galina.

Não que eu espere que me agradeçam, mas, desde que o meu pai já enviou mais ouro do que seria considerado adequado, como compensação tanto pela

minha fuga astuta do casamento quanto pelas novas cicatrizes de Yukiko, pensei que estaríamos quites. Ou que pelo menos estivéssemos em um solo firme o bastante para ela me avisar que visitaria a Rainha do Mar. Assim, a outra parte poderia evitar a região.

Ao que parece, Yukiko ainda gosta de surpresas.

Atracamos o mais longe deles que podemos, e a minha tripulação prepara os equipamentos de mergulho. Vestem o traje como se fosse uma segunda pele, o qual, creio eu, se tornou mesmo. Demoro-me, observando-os preparar o aparato efévesco pesado. Algo de que nunca precisei; não com magia ao meu lado.

Sorrio quando as ninfas começam a cantarolar, pois sei mais do que todos o que aquela canção significa. A água espuma e se divide, ganhando um tom prateado glorioso ao redor de um pequeno redemoinho que se forma. Quando a canção chega ao ápice, a Rainha do Mar aparece.

Ela ascende do oceano de um jeito simplesmente celestial. A água a segue, formando um trono e elevando-a até a altura do meu navio. O cabelo encharcado pelo oceano escorre por todo o seu corpo, e ela conserva um brilho de outro mundo, que sempre parece iluminar a pele enlutarada. Só que, agora, ela é algo mais do que apenas uma ninfa, ou do que uma garota se fantasiando de pirata.

Ela é uma deusa.

Oito grandes pedras de ônix percorrem o corpo curvilíneo de Lira, parecendo mais asas do que tentáculos. Esferas violetas gloriosas formam uma aura abaixo e, quando ela se ergue alto o bastante para que os olhos encontrem os meus, eu sorrio. Seus olhos continuam iguais, como brotos afiados de rosas que florescem à noite, que só crescem e desabrocham quando me aproximo.

Ela não pode ver o mundo comigo, então concordamos que eu traria o mundo a ela. Não mais caçando, mas sempre em busca de algo. De experiências, de aventura e de histórias para guardar e trazer de volta. Para dias como este, que nunca chegam rápido o bastante.

— Vossa Majestade — digo.

— Você já chegou.

A voz dela é como música e, mesmo agora, acho difícil me acostumar. Cada palavra um verso, dito com controle régio.

— Se você quiser, posso ir embora e voltar.

Os lábios de Lira formam um sorriso, e o tempo se torna algo do passado.

— Você faria isso? — pergunta ela, imitando o meu tom provocador. — Eu teria mais tempo para me preparar para a sua chegada. Tinha planejado construir uma estátua.

Estendo a mão para ela.

— Que atencioso da sua parte.

A mudança é impressionante como sempre.

Em um momento, ela é a Rainha do Mar, não devendo nada aos contos de fadas que já li; no outro, ela é algo ainda mais milagroso. Seus tentáculos inundam um no outro e ganham a forma de pernas, e a tonalidade de ameixa se esvai para dar lugar à pele furiosamente pálida. A cintura se fecha e ganha curvas,

e os trevos queimados que cobriam os seios se transformam em uma blusa de gola plissada e mangas de franjas longas. O cabelo continua da cor do vinho, bem longe do castanho-avermelhado furta-cor com que eu estava acostumado, e os olhos ainda cintilam entre duas cores distintas. Uma combinação de Rainha do Mar e pirata, de um passado vivido e de um futuro a ser escrito.

Lira desce graciosamente até o *Saad* e segura, com firmeza, minha mão esticada. Trago-a aos lábios, com um sorriso provocador e, então, pressiono a mão em sua bochecha. É macia e angulosa e tão cheia de contradições quanto Lira.

— Você está pronto? — pergunta ela.

Eu a beijo em resposta, surpreendendo a mim mesmo por ter esperado um minuto completo. É uma demonstração nada comum de paciência da minha parte.

Lira sorri, seus dentes roçam meus lábios, e deixa a língua percorrer a minha. Ela agarra o colarinho da minha camisa, e eu envolvo os braços ao redor de sua cintura. É como se eu estivesse segurando uma história, em vez de uma pessoa; ela parece selvagem e infinita nos meus braços.

Ela prende minha mão na dela e me puxa para a lateral do navio. Os olhos entrelaçados de Keto pendem em seu colo em uma gargantilha ornamentada. Na Rainha do Mar que me cumprimentou há alguns minutos, parecia um colar grandioso, digno de uma governante do oceano. Em Lira, em sua humanidade enganosamente delicada, parece pesado o bastante para afundá-la no mesmo oceano que governa.

Lira flagra o meu olhar e arqueia a sobrancelha.

— Você está encarando o meu peito ou o meu colar?

Abro um sorriso nada envergonhado para ela.

— Qual dos dois não vai me fazer levar um tapa na cara?

— Estou apenas tentando decidir se você está planejando ou não roubar a joia. — Ela desliza um dedo esguio sobre a pedra. — Afinal de contas, você é um pirata.

— É verdade — digo. — Mas, se bem que... você também é.

Lira olha para as suas roupas. A calça azul-marinho e bufante nas pernas, as botas marrons que vão até os joelhos e que têm ouro o suficiente nas fivelas para comprar um reino. Ela ri, e o rubi brilha em seu busto. Sal e magia.

Ela me puxa para mais perto, seus dedos segurando firmes nos meus e, juntos, nós mergulhamos.

AGRADECIMENTOS

Você chegou ao fim! Obrigada por ler a história da Lira e do Elían e por agora ter virado a página para descobrir um pouquinho mais da minha própria história (a não ser que você tenha pulado tudo e vindo aqui sem ler o livro. Neste caso, aqui vai um *spoiler*: todo mundo morre).

Este livro só saiu da minha imaginação e se tornou realidade por causa de um punhado de pessoas incríveis e, por isso, vou me esforçar bastante agora para garantir que todos saibam o quanto elas são maravilhosas.

Aos meus pais, que nunca me disseram para parar de sonhar. Por serem hilários e esquisitos e que não se limitam a ser super gente boa, mas também são ótimos amigos. Mãe, obrigada por me ligar todos os dias para ver se eu ainda estou viva e por ser alguém com quem posso falar de absolutamente tudo (mas não para falar de tinta, já que sempre escolhe a errada. Todas. As. Vezes). Pai, obrigada por sempre ser o responsável por levar os sorrisos a toda parte e por solucionar todos os meus problemas, não importa o que seja (mas não por achar que você sabe colar papel de parede).

Ao restante da minha família (e, caramba, vocês são muitos), por serem uma fonte constante de encorajamento e loucura. E a Nick, principalmente, porque prometi que ia dar o seu nome a um personagem daquela vez, mas não cheguei nem perto de cumprir a promessa.

Aos meus amigos, a galera mais inspiradora do mundo. Jasprit e Rashika, vocês são o melhor tipo de pessoa — o que eu não consigo viver sem e que não me lembro de algum dia não terem estado presentes na minha vida. Obrigada por me apoiarem em tudo o que faço, por estarem sempre na mesma frequência que eu e por me fazerem rir mais do que nunca. E a Siiri, por ser uma rajada de positividade e uma das primeiras amizades verdadeiras que fiz no mundo dos blogs (e por ser alguém com quem posso conversar sobre K-Dramas quando estou procrastinando. Ou seja, sempre).

A Charles e Alan, dois dos professores de escrita criativa mais sinistros e talentosos que eu já tive. Vocês me fizeram esquecer tudo o que eu achei que sabia sobre escrita, e aprender todas as coisas divertidas.

Ao pessoal da Feiwei & Friends, por serem a equipe dos sonhos e por terem criado para mim a capa mais incrível da vida! E a Anna, por me ajudar a aparar as arestas e a contar a história que precisava ser contada, e por me fazer me sentir à vontade durante todo o processo.

À minha agente, Emmanuelle, cujo amor e empolgação por esse livro impediram que o meu amor e a minha empolgação nunca fraquejassem. Obrigada por torcer tanto pela Lira e pelo Elían e por ver potencial na história deles. E em mim. E a Whitney, por se certificar de que Lira e Elían tivessem a chance de viajar pelo mundo!

Por último, aos leitores, a todos vocês, por continuarem a se inspirar e a

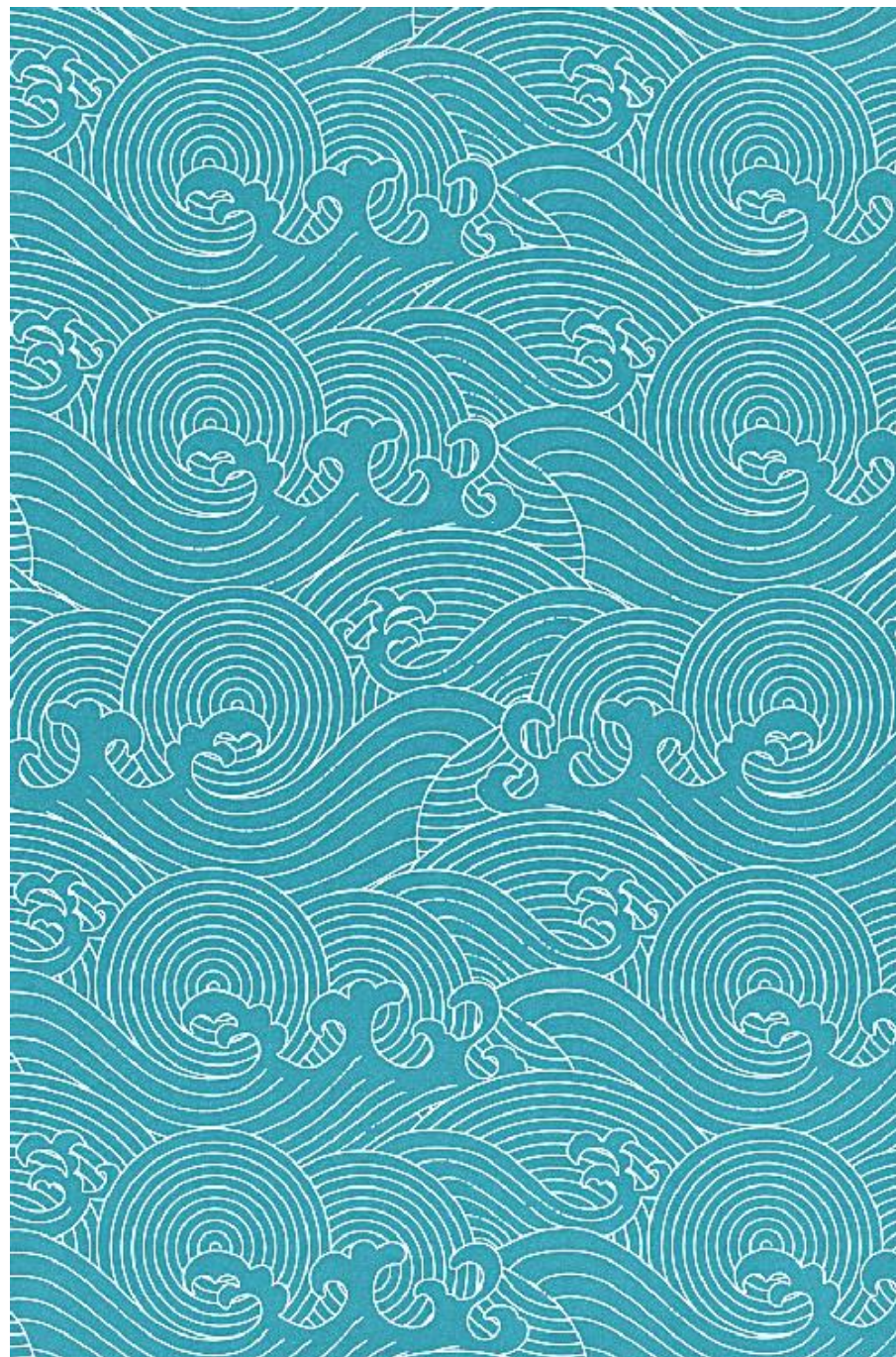
mergulhar de cabeça em novas histórias todos os dias. Por acreditarem na magia e na imaginação, tanto no mundo real quanto nos nem-tão-reais-assim.

SOBRE A AUTORA



Alexandra Christo decidiu se tornar uma escritora aos quatro anos de idade, quando uma professora lhe disse que ela não poderia ser uma fada. Ela é bacharel em escrita criativa e trabalha como preparadora de textos em Londres, o que faz ela parecer mais adulta do que realmente é.

Quando não está ocupada criando histórias, ela pode ser encontrada comprando almofadas demais ou explorando restaurantes por toda a cidade. Atualmente, ela vive em Hertfordshire, na Inglaterra, com sua coleção de cactos (as únicas plantas que ela consegue manter vivas).



Uma releitura sombria de *A Pequena Sereia*, best-seller internacional e sensação no TikTok

Princesa Lira é uma das ninfas mais letais de todas. Com dezessete corações de príncipes humanos em sua coleção, ela é admirada em todo o oceano até que uma reviravolta do destino a obriga a matar uma sereia. Enfurecida, a Rainha do Mar transforma Lira na pior criatura possível: uma humana. Agora, sem sua Canção, Lira tem até o solstício de inverno para entregar o coração do Príncipe Elian à Rainha ou permanecerá humana para sempre.

Príncipe Elian é o herdeiro do reino mais poderoso do mundo, mas o oceano é o seu verdadeiro lar e caçar ninfas é sua vocação. Quando ele resgata uma mulher misteriosa de um afogamento em alto-mar, ela promete ajudá-lo a encontrar um objeto capaz de destruir as ninfas de uma vez por todas... Mas será que ele deve confiar nela?

“Uma jornada épica de traição e romance.”

Ciannon Smart, autora de *Witches Steeped in Gold*

ISBN: 978-65-991661-5-0



9 786599 166150

LITERALIZE

www.literalize.com.br

Twitter: @ed_literalize

Instagram: @editoraliteralize